

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Artur Favaretto Pereira

**Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra
Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021**

Florianópolis

2022

Artur Favaretto Pereira

**Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra
Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pereira, Artur Favaretto

Movimento Negro em Florianópolis - SC : a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021 / Artur Favaretto Pereira ; orientador, Paulo Pinheiro Machado, 2022.

303 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. História. 2. Movimento Negro. 3. Juventude negra. 4. Luta antiboldsonarista. 5. Unidade política. I. Pinheiro Machado, Paulo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dezessete dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e dois, às dezessete horas e trinta minutos, no Auditório do Bloco B do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFSC, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Paulo Pinheiro Machado, Orientador e Presidente, pela Professora Amanda Koschnik, Titular da Banca, e pela Professora Azânia Mahin Romão Nogueira, Titular da Banca, designados pela Portaria nº 13/HST/2022 da Sra. Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Artur Favaretto Pereira**, subordinado ao título: **“Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021”**. Aberta a Sessão pelo Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Prof. Paulo Pinheiro Machado, a nota final 10, da Profa. Amanda Koschnik, a nota final 10, e da Professora Azânia Mahin Romão Nogueira, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva em versão digital ao Departamento de História até o dia vinte e quatro de maio de dois mil e vinte e dois. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 17 de maio de 2022. Banca Examinadora:

Prof. Paulo Pinheiro Machado



Documento assinado digitalmente
Paulo Pinheiro Machado
Data: 17/05/2022 20:58:27-0300
CPF: 415.676.840-68
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.a Amanda Rosa Koschnik



Documento assinado digitalmente
AMANDA KOSCHNIK
Data: 18/05/2022 17:04:48-0300
CPF: 098.034.239-24
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.a Azânia Mahin Romão Nogueira



Documento assinado digitalmente
AZANIA MAHIN ROMAO NOGUEIRA
Data: 18/05/2022 15:59:01-0300
CPF: 076.661.759-90
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Candidato Artur Favaretto Pereira



Documento assinado digitalmente
Artur Favaretto Pereira
Data: 17/05/2022 21:19:53-0300
CPF: 109.802.999-26
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto, para os devidos fins, que o acadêmico **Artur Favaretto Pereira**, matrícula nº 17101310, entregou a versão final de seu TCC, cujo título é **"Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021"**, não havendo alterações sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 22 de maio de 2022.



Documento assinado digitalmente
Paulo Pinheiro Machado
Data: 22/05/2022 15:07:26-0300
CPF: 415.676.840-68
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientador

À juventude negra de ontem, de hoje e que ainda virá.

Que nossos exemplos de luta se façam combustível para a revolta organizada.

AGRADECIMENTOS

Carrego comigo muita gente. Todo um passado e um presente de luta que, na certeza de um futuro melhor, lançaram-me não só ao desafio de batalhar nas ruas por um amanhã possível, mas de o disputar também em meio à vida tão dura na Academia. Nesse processo nada fácil, agradeço primeiramente às tantas pessoas que vieram antes de mim; ao povo brasileiro, que nunca se permitiu sucumbir ante a agressão das classes dominantes. Todas as graças à juventude negra e às pessoas mais velhas que ergueram esse país, aquilombaram-se nas matas, nas ruas e nas universidades, e me permitiram estar aqui. Todo respeito por quem constrói a UFSC e luta em defesa desta universidade tão importante. Toda reverência à nossa gente de garra e de afeto.

Cheguei ao curso de História da UFSC incerto de meus passos, confiante apenas em meu sonho de ser professor. Esses cinco anos de graduação me guiaram por diversos caminhos, desde não tão distantes semestres em que esse processo parecia não fazer sentido até tempos recentes que acenderam em mim uma chama de esperança, o que não veio ao acaso. Apesar de certa solidão que me tomou em momentos no curso, carrego nessa trajetória o suporte de gente que, hoje, mais do que nunca, agradeço por ter estado presente.

Agradeço à minha turma de 2017.1, que, em meio a tantos descompassos e destinos diversos, ainda me guardou muita gente querida. “Aos meninos”, “às meninas”, meu muito obrigado por serem pessoas tão boas. Especialmente à Kassia, ao Bruno, à Sara e à Laianny, meu carinho pela confiança de sempre e o apoio em tantas disciplinas. Ao Lucas, pela parceria tão importante em tantas lutas e conversas.

Agradeço, também, às turmas veteranas, especialmente à minha amiga Bianca, pelo acolhimento desde os primeiros dias e a orientação nas disciplinas e em tantos assuntos.

À tanta gente que chegou depois de mim, também tenho muito a agradecer: ao Rafa, meu querido calouro e afilhado de curso, pelas tantas e tão importantes trocas, do passeio de ônibus rumo a um ato até as mensagens aflitas sobre os tantos trabalhos difíceis. É uma alegria imensa ser veterano de uma turma como a de 2018.1. Ao Pedro, meu grande amigo e meu professor preferido, pela parceria dentro e fora da UFSC, pelo carinho e pela inspiração.

Ao PIBID, ao grupo de colegas bolsistas e aos professores André e Sandor, todo meu carinho e respeito pelas experiências oportunizadas. Destaco ainda um agradecimento às turmas com que trabalhei, pela receptividade e por tantas trocas.

Agradeço também, enormemente, à escola que é o Movimento Estudantil. Entrei nesse universo ainda quando calouro, aos 17 anos, e em um piscar de olhos passei daquele menino

perdido, que sequer sentia segurança para fazer a ata de uma reunião, a um jovem que se lançou a construir as greves gerais, o congresso da UNE e as gestões do CALH, e ainda assumiu a grandiosa responsabilidade de ser eleito Coordenador Geral da principal entidade estudantil catarinense dos últimos anos, o DCE Luís Travassos – UFSC. Desse turbilhão de lutas em 2017 até as batalhas de hoje, muita gente saiu e muita gente chegou à UFSC; muito trabalho foi feito, muitas experiências foram vividas, muitas amizades foram conquistadas. Nada foi fácil, e hoje destaco essa trajetória por saber, enfim, que também muito fiz, e que não o fiz sozinho.

Registro aqui meu “muito obrigado” a quem esteve ao meu lado na primeira e mais querida entidade que pude construir, o Centro Acadêmico Livre de História. A honra de fazer parte dessa história e entoar com propriedade o clássico “*O CALH, o CALH! O CALH, o CALH, o CALH!!!*” é indescritível!

Às grandes amizades e parcerias que o DCE Luís Travassos me proporcionou, meu profundo carinho. À Federação do Movimento Estudantil de História, à União Catarinense das e dos Estudantes e à União Nacional dos Estudantes, muito obrigado. Há muito a avançar, e seguiremos trabalhando para isso. Firmes na luta, ontem, hoje e sempre!

Diante desse caminho tão desafiador e tão engrandecedor, é claro, não poderia deixar de agradecer à aguerrida militância da Juventude Comunista Avançando. Se o Movimento Estudantil foi minha primeira escola de luta, foi nas fileiras da JCA que encontrei o sentido maior de minha vida, em que me construí e sigo em constante formação enquanto quadro comunista. Agradeço pela confiança e pelo exemplo; pelo amparo frente aos meus erros e pelas alegrias compartilhadas a cada acerto; pelo que aprendi e pelo que me permite contribuir. Agradeço, principalmente, pelas grandes amizades, pela camaradagem, pela partilha dessa escolha de vida.

Na luta, conheci muita gente; fortaleci e criei novos laços de amizade e camaradagem. Feliz ou infelizmente, são nomes demais para listar, mas agradeço profundamente a cada pessoa que faz parte disso. Entretanto, agradeço a alguns em particular, representando todo esse conjunto. À Kerolyn, por ser minha pequena grande dupla de CALH e da militância como um todo, que já passou por poucas (eu diria muitas) e boas comigo. Ao Marco Antônio, meu parceiro de tantas aulas, trabalhos, viagens e reuniões, pelas muitas tarefas, conversas e correrias compartilhadas de Florianópolis a Salvador. À Cecília, minha *palestrinha* preferida, querida amiga e grande referência, pela ternura e pelo acolhimento ímpares, e por tantos conselhos e memes pelos quais sou muito grato (rs). A esse trio amado, agradeço também pelos pousos, caronas e coquinhas que compartilhamos.

Ao professor Paulo, agradeço pelo carinho desde a primeira fase; pelos conselhos, pelas risadas e pelo acolhimento que vai para muito além dos muros da universidade. Agradeço também por aceitar esse desafio de me orientar com este tema, nestes tempos tão duros e em meio a tantas atribuições, e por ter como orientador mais que uma grande referência, mas também um amigo e companheiro de luta.

Agradeço, ainda, e do fundo do coração, à FREJUNA. A essa juventude que me trouxe um novo sentido de Movimento Negro, de parceria e de afeto revolucionário. De cada reunião a cada marcha organizada; do cansaço ao carinho compartilhado, essa frente foi fundamental para que eu pudesse encontrar a mim mesmo dentro dessa construção que é coletiva, e nutrir relações tão importantes para minha vida. Agradeço a toda e cada pessoa que passou por essas fileiras, principalmente à Azânia Mahin, e à minha gente querida que até hoje segue comigo nessa empreitada. Também, à Geovana e à professora Jeruse, de quem me aproximei a partir dessa experiência e com quem muito aprendo.

Por tudo que veio antes e pelo que vai além da FREJUNA, por aceitar o desafio de compor a banca avaliadora deste trabalho e dar outro sentido para a conclusão dessa etapa, deixo aqui meu agradecimento especial à Amanda. Agradeço pela inspiração, pela motivação, pela confiança; por acreditar em mim e me fortalecer quando eu próprio tinha dúvidas, desde o início da minha militância. A essa verdadeira irmã de luta, meu profundo carinho e admiração por cada ensinamento, cada afeto e cada desafio encarado junto.

Também não poderia deixar de agradecer à Evelin, minha parceira de todas as horas; minha maior amiga, que se fez presente para tudo e mais um pouco. Mesmo longe, sempre tão perto. Agradeço por tanto amor, por trazer um significado tão bonito para a nossa amizade e por se fazer e me fazer forte em meio às tantas durezas da vida. Pela parceria em tantas disciplinas, pela relação ímpar na militância, por me ensinar e querer aprender comigo. Um “muitíssimo obrigado”, também, por me dar a segurança e o incentivo que foram fundamentais para concluir este trabalho, nesses meses em que quase todo o restante das coisas pesava contra.

Por fim, agradeço ao meu porto seguro, minha família. À minha madrinha, Olidete, e ao meu padrinho, Lademir, pelo incentivo e pelo suporte em cada etapa; e à Alzira, pelo carinho de cada ação. Ao meu irmão, Vinícius, pelo exemplo de maturidade e por acreditar tanto em mim. Ao meu pai, Euclides, por não medir esforços para que eu pudesse ter ao meu alcance tudo que fosse necessário, participasse do que fosse possível e tivesse com quem contar independentemente da situação. À minha irmã, Elisa, pela cumplicidade; por cada colo e abraço, e por cada tarefa minha que assumiu. À minha mãe, Cleusa, pela entrega irrestrita; pela escuta, pelos conselhos e pela sabedoria. Por ser meu exemplo mais belo de amor.

A esse meu quarteto fantástico, em especial, agradeço pela força diante das tantas e tão duras doenças, complicações e preocupações que têm nos acometido no último ano. É neste exemplo de esperança e garra em que me seguro, e graças a isto que pude escrever este trabalho. Agradeço por cada manhã em que acordaram cedo para me chamar e por cada ida à farmácia quando eu estava mal; por cada lanche ou remédio levado ao meu quarto para eu não precisar parar de estudar; por cada dia de silêncio, para não me atrapalhar. Sou muito agradecido por segurarem todas as pontas; pela paciência em meio às discussões, às cantorias ou aos momentos de mau humor; por me acolherem como sou e aprendermos em conjunto a cuidar de nossa família. Feliz de mim que carrego essa gente comigo!

*“A gente anda com um balde de tinta vermelha nas
mãos
e vai pintando uma coisa aqui
e outra lá.
Mas já se sabe
que no meio do caminho
vão jogar uma tinta suja em cima da gente.
Suja de sujeira mundana,
carregada de ego,
de cansaço
e de síndrome do abandone-tudo.
O peso dessa sujeira toda
deixa o passo um pouco mais lento.
Mas a gente não para,
tem um coração que pulsa vermelho dentro do
peito.
Aí, camaradas
é que a gente, de fato, desiste de tudo.
Desiste de naturalizar um ser humano dormindo
numa caixa de papelão
Desiste de fechar os olhos pra criança pedindo
esmola na esquina
Desiste de fechar os olhos pra criança vendendo o
próprio corpo na esquina
Desiste de achar que tudo vai ser pra sempre
assim, desse jeito.
E por fim,
desiste de viver pra si.
Viver pra si é muito pouco,
quando se carrega o peso do amor pelo povo.”*

(Ingrid Oliveira)

RESUMO

O presente trabalho visa a contribuir para a discussão acerca do Movimento Negro em Florianópolis, Santa Catarina, a partir da experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) desde sua fundação, em 2019, até 2021. Diante disso, objetiva-se analisar o movimento de constituição e a atuação da frente nos movimentos negro, estudantil e popular locais, de forma a explorar as particularidades dessa construção, suas proposições políticas e os êxitos e as dificuldades neste processo, compreendendo o contexto político do governo Bolsonaro. Para tanto, na perspectiva de ampliação do rol de informações e narrativas acerca das diferentes experiências descritas nesta pesquisa, parte-se de uma revisão bibliográfica sobre a luta do Movimento Negro brasileiro e catarinense nas últimas décadas, bem como de uma breve discussão sobre a conjuntura política atual, para embasar o estudo sobre as fontes, que combina a análise de peças escritas e digitais (como relatorias de reuniões, a Carta-Manifesto da frente e suas postagens em redes sociais) ao trabalho com a História Oral, a partir da entrevista a militantes da FREJUNA e de sua base social ou rede de apoio. Neste processo de reconstituição das redes de relação, das formas de socialização e elaboração política, dos eventos organizados e do conjunto de outras experiências e das limitações vivenciadas pela FREJUNA, destaca-se o diferencial que a frente apresenta para a construção orgânica e a produção política dos movimentos negro e popular em geral. Pois, evidenciando-a como exemplo de unidade entre diversas organizações políticas, coletivos e militantes independentes sob uma orientação antirracista, anticapitalista e centrada no afeto, na parceria e na radicalidade revolucionária.

Palavras-chave: Movimento Negro; juventude negra; movimento estudantil; luta antibolsonarista; unidade política.

ABSTRACT

This research aims to contribute to the discussion about the Black Movement in Florianópolis, Santa Catarina, from the experience of the Front of Black Anti-Capitalist Youth (Frente da Juventude Negra Anticapitalista – FREJUNA) since its founding, in 2019, until 2021. In light of this, it aims to analyze the constitution movement and the performance of the front in the local black, student and popular movements, in order to explore the particularities of this construction, its political propositions and the successes and difficulties in this process, understanding the political context of the Bolsonaro government. To this end, in order to increase the range of information and narratives about the different experiences described in this research, it starts from a bibliographical review of the Brazilian and Santa Catarina's Black Movement struggle in the last decades, as well from a brief discussion of the current political conjuncture, to support the study of sources, which combines the analysis of written and digital documents (such as reports of meetings, the Front's Manifesto and its posts on social media) to the work with Oral History, based on interviews with FREJUNA activists and their social base or support network. In this process of reconstitution of the relationship networks, the forms of socialization and political elaboration, the events organized and the set of other experiences and limitations experienced by FREJUNA, the differential that the front presents for the organic construction and political production of the black and popular movements in general stands out. So, evidencing it as an example of unity among diverse political organizations, collectives and independent militants under an orientation centered on anti-racism, anti-capitalism, affection, partnership and revolutionary radicalism.

Keywords: Black Movement; black youth; student movement; antibolsonarist struggle; political unity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – militância da FREJUNA em sua primeira reunião	73
Figura 02 – militância da FREJUNA após a reunião de 08/06/2019	74
Figura 03 – militância da FREJUNA no ato de 06/11/2019	89
Figura 04 – “Jovens ativistas da Frejuna organizam marcha de protesto contra o genocídio da população negra”	96
Figura 05 – roda de capoeira ao início da 1ª Marcha da Consciência Negra (2019)	96
Figura 06 – militância da FREJUNA e pessoas apoiadoras a 1ª Marcha da Consciência Negra (2019)	97
Figura 07 – concentração inicial do ato “Vidas Negras Importam!”, de 07/06/2020	114
Figura 08 – fala de Artur Favaretto durante o ato “Vidas Negras Importam!”, de 07/06/2020	114
Figura 09 – jovens na marcha do ato “Vidas Negras Importam!”, de 07/06/2020	115
Figura 10 – mulher negra na marcha do ato “Vidas Negras Importam!”, de 07/06/2020	115
Figura 11 – presença da Polícia Militar no ato de 07/06/2020	116
Figura 12 – parada em frente ao morro do Mocotó, no ato de 07/06/2020	117
Figura 13 – fala de jovem liderança comunitária do morro do Mocotó, no ato de 07/06/2020	117
Figura 14 – ato pela população em situação de rua, de 11/09/2020	121
Figura 15 – 2ª Marcha da Consciência Negra (2020)	128
Figura 16 – concentração final da 2ª Marcha da Consciência Negra (2020)	129
Figura 17 – faixa dianteira do ato 13M	134
Figura 18 – militantes e ex-militantes da FREJUNA em ato no dia 26/06/2021	137

Figura 19 – registro da reunião de preparação do Dia da Consciência Negra (2021)155

Figura 20 – registro final da FREJUNA e pessoas apoiadoras no “Agita, Negritude!”159

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 8M SC – Frente Feminista 08 de março Santa Catarina
- 13A – Ato nacional da campanha “Tsunami da Educação” da UNE em 13/08/2019
- 13M – Ato nacional “Nem bala, nem fome, nem COVID. O povo negro quer viver!” em 13/05/2021
- 29M – Ato nacional convocado pela Frente Fora Bolsonaro em 29/05/2021
- ALESC – Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina
- APNs – Agentes de Pastoral Negros
- APUFSC – Sindicato dos Professores das Universidades Federais de Santa Catarina
- BPs – Brigadas Populares
- CADe – Centro Acadêmico de Design e Design de Produto da UFSC
- CALH – Centro Acadêmico Livre de História da UFSC
- CCJ – Centro de Ciências Jurídicas da UFSC
- CECUN – Coordenação Nacional dos Estudantes Negros Universitários
- CED – Centro de Ciências da Educação da UFSC
- CEU – Casa do Estudante Universitário
- CF – Constituição Federal
- CFH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC
- CIC – Centro Integrado de Cultura
- CMF – Câmara Municipal de Florianópolis
- CNAB – Congresso Nacional Afro-Brasileiro
- CNMO – Coletivo Negro Minervino de Oliveira
- COMCAP – Companhia Melhoramentos da Capital
- CONAPIR – Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial
- CONEB – Conselho Nacional de Entidades de Base da UNE
- CONEN – Coordenação Nacional de Entidades Negras
- COPPIR – Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial de Florianópolis
- COVID-19 – Doença do (novo) Coronavírus
- C.R.I.A. – Costeira, Recreação, Integração, Ação
- CRQ – Comunidade Remanescente Quilombola
- DAOM – Diretório Acadêmico Oito de Maio da FAED UDESC

DCE Antonieta de Barros/DCE UDESC – Diretório Central dos Estudantes Antonieta de Barros da UDESC

DCE Luís Travassos/DCE UFSC – Diretório Central dos Estudantes Luís Travassos da UFSC

DEM – Democratas

DJ – Disc Jockey

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EECUN – Encontro Nacional de Estudantes e Coletivos Universitários Negros

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENE – Encontro Nacional de Educação

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ENEN – Encontro Nacional das Entidades Negras

ENUNE – Encontro de Estudantes Negros, Negras e Cotistas da UNE

FAED – Centro de Ciências Humanas e da Educação da UDESC

FAFERJ – Federação das Associações de Favelas do estado do Rio de Janeiro

FAMERJ – Federação das Associações de Moradores do estado do Rio de Janeiro

FBP – Frente Brasil Popular

FENET – Federação Nacional dos Estudantes de Ensino Técnico

FFB – Frente Fora Bolsonaro

FOB – Federação das Organizações Sindicalistas Revolucionárias do Brasil

FOMOVEN – Fórum dos Movimentos Estudantis Negros da UFSC

FPSM – Frente Povo Sem Medo

FREJUNA – Frente da Juventude Negra Anticapitalista

HU – Hospital Universitário

JCA – Juventude Comunista Avançando

JRdoPT – Juventude Revolução do PT

LeGon – Coletivo Negro do Curso de Direito da UFSC Lélia Gonzalez

LGBT+ – Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e outras identificações de gênero ou sexualidade

MC – Mestre de Cerimônia

MN – Movimento Negro

MNDC – Movimento Negro em Defesa das Cotas

MNLM – Movimento Nacional de Luta pela Moradia

MNU – Movimento Negro Unificado

MNUCDR – Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NEAB – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UDESC
NEN – Núcleo de Estudos Negros
PAEP – Programa de Apoio Emergencial de Permanência
PCdoB – Partido Comunista do Brasil
PF – Polícia Federal
PL – Partido Liberal
PLANAPIR – Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial
PLC – Projeto de Lei Complementar
PM – Polícia Militar
PSL – Partido Social Liberal
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT – Partido dos Trabalhadores
RECC – Rede Estudantil Classista e Combativa
RU – Restaurante Universitário
SAAD – Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades da UFSC
SEPPIR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do governo federal da República Federativa do Brasil
SINDPREVS – Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina
SINJUSC – Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário do Estado de Santa Catarina
SINTE – Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina
SINTRAJUSC – Sindicato dos Trabalhadores no Poder Judiciário Federal no Estado de Santa Catarina
SINTRASEM – Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Florianópolis
SOMAR – Fundação Rede Solidária Somar Floripa da Prefeitura Municipal de Florianópolis
TISAC – Terminal de Integração do Saco dos Limões
TNT – Tecido não tecido
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFES – União Florianopolitana dos Estudantes Secundaristas
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UJC – União da Juventude Comunista

UJS – União da Juventude Socialista

UnB – Universidade de Brasília

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNEGRO – União de Negras e Negros pela Igualdade

UNIÃO – União Brasil

UP – Unidade Popular pelo Socialismo

UPPs – Unidades de Polícia Pacificadora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1 “NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE”: AS RAÍZES DA FREJUNA	31
1.1. O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS	31
1.2. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O POVO E O MOVIMENTO NEGRO LOCAL	42
1.3. UM BREVE OLHAR SOBRE O GOVERNO BOLSONARO	59
1.4. INQUIETAÇÕES INICIAIS E A NECESSIDADE DA FREJUNA	65
2 PRIMEIROS PASSOS: ESTRUTURAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA FREJUNA EM 2019	70
2.1. AS PRIMEIRAS REUNIÕES, A ORGANIZAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO INTERNA	70
2.2. OS PRIMEIROS TRABALHOS E INTERVENÇÕES NO CONJUNTO DO MOVIMENTO POPULAR	80
2.3. A 1ª MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA E A CONSOLIDAÇÃO PÚBLICA DA FREJUNA	89
2.4. ELEMENTOS GERAIS DA CONSOLIDAÇÃO DA FREJUNA	100
3 FUNCIONAMENTO, DINÂMICA E ATUAÇÃO DA FREJUNA EM 2020 E 2021	103
3.1. ASPECTOS GERAIS DO TRABALHO EM 2020	103
3.2. A FREJUNA NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021	130
3.3. O SEGUNDO SEMESTRE DE 2021 E O PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO DA FREJUNA	139
3.4. A CONSTRUÇÃO DO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DE 2021	149

4 AFETO, PARCERIA E RADICALIDADE REVOLUCIONÁRIA: UM OLHAR MAIS PRÓXIMO À FREJUNA, SUA IMPORTÂNCIA E SUAS LIMITAÇÕES	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
FONTES	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	178
APÊNDICE A – ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTAS	186
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	189
ANEXO A – CARTA DA MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DE 2019: CONTRA O GENOCÍDIO DO POVO NEGRO, EM DEFESA DOS DIREITOS	273
ANEXO B – CARTA DA MARCHA DA NEGRITUDE CATARINENSE: POR DEMOCRACIA, NENHUM DIREITO A MENOS	277
ANEXO C – CARTA DE APRESENTAÇÃO DO COLETIVO NEGRO DO CURSO DE DIREITO DA UFSC LÉLIA GONZALEZ	282
ANEXO D – CARTA-MANIFESTO DA FRENTE DA JUVENTUDE NEGRA ANTICAPITALISTA	285
ANEXO E – CHAMADOS PARA A CONSTRUÇÃO DA MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DE 2019	290
ANEXO F – DOCUMENTO “SALVE NEGRITUDE – ITAJAÍ – JOINVILLE”	293
ANEXO G – PANFLETOS DE MARCHAS E ATOS ORGANIZADOS PELA FREJUNA	295
ANEXO H – TEXTO PÚBLICO DA FREJUNA SOBRE O ATO DE 07 DE JUNHO DE 2020	301

INTRODUÇÃO

A trajetória de luta do povo negro no Brasil remonta a anos que se perdem de vista, atravessando duros séculos de brutal escravização e de consolidação, à força, de uma realidade de marginalização, desumanização e extermínio, que segue como norma. Edificadora de um arcabouço notavelmente extenso de táticas, estratégias e dinâmicas de associação e construção de sua resistência, a população negra reserva em suas gerações de pessoas guerreiras a esperança e o trabalho árduo pela conquista de novos dias, a concretização de um horizonte em que se possa comungar da verdadeira liberdade de nossa gente.

Perpassando momentos de intervenção via confrontos violentos; outros de buscas assimilacionistas, por integração à sociedade branca; e, ainda, períodos de aprofundamento de elaborações político-ideológicas, com reflexos no campo da teoria e da prática sob perspectivas revolucionárias, são muitas as variações a se constatar, mas também algumas as semelhanças e os legados a se perceber nessa história. Assim, ainda que não se possa concatenar e homogeneizar a agência pretérita do Movimento Negro (MN) brasileiro à que se experiencia hoje (LUZ, 2020), este percurso tão vasto e intenso lhe reserva, no cenário atual, significativos desafios, dilemas e necessidades. Estas questões que seguem colocadas, entretanto, não eclodem no acaso, mas demarcam movimentações conjunturais e desdobramentos políticos que atingem de maneiras variadas os períodos e os territórios.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, partimos de um contexto socio-histórico e espacial bastante definido, propondo a discussão acerca do Movimento Negro e do movimento popular em Florianópolis – SC em um período que compreende o governo de Jair Bolsonaro¹. A partir disto, é fundamental considerar os impactos do projeto político fascistizante que marcha a galope sob este governo federal, expresso no avanço do capital financeiro de maneira aberta e terrorista, exacerbando sua construção chauvinista e policialesca, e se lançando inclusive para além das vias institucionais, de forma a promover, em nome dos valores mais conservadores, reacionários, antipopulares e racistas, a verdadeira agressão das classes dominantes ante o povo e seus instrumentos de luta, que vão sendo desmantelados. Ademais, também é preciso considerar a história catarinense e florianopolitana, tal qual a composição racial e social do estado e de sua capital, para refletir sobre as dificuldades para estabelecer contrapontos, críticas e enfrentamentos a esse cenário.

¹ Jair Bolsonaro é o presidente da República Federativa do Brasil, tendo sido eleito em 2018, sob a sigla do Partido Social Liberal (PSL), e assumido o governo a 01 de janeiro de 2019, em mandato ainda vigente. Hoje, está filiado ao Partido Liberal (PL).

De modo geral, a conjuntura que vivemos resguarda duras tarefas a quem trabalha e luta em defesa da ciência, da História e da educação. Entretanto, este contexto permeado por conflitos, local e nacionalmente, também introduz potentes ações de resistência, de construção dos enfrentamentos, que são protagonizadas pela ala de juventude dos diversos movimentos; e, com isso, vão sendo abertos espaços para o fortalecimento de alternativas de elaboração e organização política a partir de ideais de ruptura, revolucionários. É nesta realidade que surge a Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA), objeto de análise desta pesquisa, que assim se apresenta em seu perfil do Instagram:

Somos a FREJUNA – Frente da Juventude Negra Anticapitalista, um espaço de encontro, discussão política e luta da juventude negra, formado em 2019. **Somos jovens integrantes de coletivos, organizações políticas ou mesmo independentes**, que atuam na luta contra o racismo, o patriarcado e o capitalismo, pela construção de uma outra alternativa pra nossa juventude.

Somando em meio às diferenças e construindo a unidade na luta, atuamos em apoio e em solidariedade aos movimentos populares da cidade e todas as manifestações protagonizadas pelas comunidades periféricas. Já temos acúmulos de experiências na idealização e realização da Marcha da Consciência Negra de 2019, em Florianópolis, e ainda no ato Vidas Negras Importam, de 07 de junho deste ano, também em Floripa. (FREJUNA, 2020h – 31/10/2020, grifo nosso)

Estas linhas introdutórias pincelam os debates centrais deste trabalho, que tem como objetivo geral analisar o movimento de constituição e a atuação da FREJUNA no Movimento Negro de Florianópolis – SC de 2019 a 2021. Para tanto, compreendemos ser necessário dispor de alguns objetivos específicos, a saber: caracterizar o contexto social e histórico de fundação da FREJUNA, as razões para sua criação e os objetivos traçados naquele contexto; apresentar a trajetória da FREJUNA desde sua fundação até o final de 2021 (sua organização interna, as mudanças em sua composição, os seus princípios e as suas bandeiras de luta); e discutir a produção política da frente e sua intervenção nos movimentos negro, estudantil e popular de Florianópolis – SC nessa conjuntura. Assim, nas próximas páginas, tratamos dos diversos entendimentos sobre esta experiência da FREJUNA e do contexto que a faz surgir e seguir intervindo, propiciados por discussões com, por e sobre as pessoas que vivem isso, de dentro e do entorno desta frente. Dessa maneira, visando a contribuir para seu registro e sua divulgação, bem como para a inflexão política e acadêmica de diferentes espaços a partir da atenção a uma iniciativa que provê relevantes subsídios para a reflexão e a ação diante do que vivemos.

Diante disso, este pesquisador, reivindicando seu lugar como historiador e também como militante da FREJUNA, combina sua trajetória e suas intenções para alavancar, neste bojo de disputa do espaço acadêmico como espaço também de militância, esses saberes

escanteados, conflituosos, desafiadores. E é nessa compreensão da construção militante imbricada à construção acadêmica que se agigantam também esses conflitos e desafios. Cabe advertir que não partimos aqui da ilusão de ser possível um distanciamento absoluto entre pesquisador e fonte, ainda mais neste contexto; mas do entendimento de que, justamente ao falar de dentro dessa experiência, este autor se vê tratando de relações também por si vividas e construídas, de laços fraternos² que, ao mesmo tempo em que embasam o interesse de pesquisa, confrontam-se às exigências da análise e da crítica. Desafio, afinal, tendo em vista que “a objetividade científica não consiste em nos ausentarmos da cena do discurso e em simularmos uma neutralidade que é tão impossível quanto indesejável. Essa objetividade consiste, antes, em assumir a tarefa da interpretação, que cabe aos intelectuais” (PORTELLI, 1997, p. 26). Para buscar atender com êxito a esta tarefa, com os ônus e os bônus de partir desse espaço privilegiado de discussão sobre a FREJUNA, lançamos mão de diferentes percursos metodológicos, potencializando o cumprimento dos objetivos de pesquisa e contribuindo, conjuntamente, para a formação deste pesquisador, que, para além da posição de uma testemunha ocular, coloca-se aqui como sujeito dessa construção militante-acadêmica.

É com esta visão que nos voltamos à análise das fontes, contando com um corpus documental que dispõe de peças de 2019 até 2021, sistematizadas no acervo particular deste pesquisador ou no acervo da FREJUNA, sendo integralmente cedidas para esta pesquisa. Nosso primeiro passo se dá com a análise de uma série diversa de documentos e arquivos escritos ou digitais que tratam da vida interna ou do trabalho público da frente, permitindo-nos explorar os elementos centrais acerca de sua composição, proposições políticas, desafios encontrados ou outros aspectos. Por meio do contato com materiais como a Carta-Manifesto da FREJUNA, que marca o lançamento da frente, exprimindo suas bases políticas; ou relatorias de reuniões, registros de debates virtuais via grupos de discussão e correspondências com outros movimentos, entidades etc., podemos nos aproximar das diferentes razões, objetivos e produções (considerando os aspectos positivos e negativos, os acertos, os erros e as reformulações) colocadas no desenrolar da consolidação da frente. Dessa maneira, temos acesso a variadas sínteses formuladas pela militância da FREJUNA a partir das necessidades e

² Cabe o destaque, ainda, ao fato de a FREJUNA congregar em suas fileiras uma série de organizações políticas, coletivos e militantes independentes, como já mencionado, o que coloca uma série de desafios para a construção da unidade em meio às divergências políticas que se desdobram das concepções teóricas à prática de cada setor da militância. Entretanto, adotamos aqui uma leitura de que os percalços (e o contorno a estes) que serão explorados ao longo do trabalho perpassam um esforço de lida fraterna entre as diversas partes, possibilitando caracterizarmos na dinâmica da FREJUNA, como desenvolveremos no decorrer da pesquisa, uma prevalência do trabalho em unidade ante atritos que se desdobram noutros espaços do movimento popular, mesmo entre a militância independente ou os diversos agrupamentos que atuam na FREJUNA.

mudanças em sua dinâmica interna ou na intervenção direta nos movimentos negro, estudantil e popular, de forma pública, alcançando o que apresenta essa experiência e seus feitos, percalços, progressos e incertezas aos olhos e posicionamentos dessa própria juventude, em meio a todas as suas dificuldades e êxitos.

Como complemento às visões internas e dos documentos internos, ao lançar mão da análise de materiais como os panfletos elaborados para as manifestações (disponíveis em forma física ou digital); as postagens em redes sociais (compreendendo desde cards e vídeos até eventos) como Facebook e Instagram; ou ainda notícias e reportagens sobre/com a FREJUNA, disponíveis em sites da internet, podemos alcançar elementos, por exemplo, sobre as estratégias de registro, divulgação, disputa de consciência e também mobilização, pela frente, no campo público. Neste processo, então, colocamo-nos diante da intencionalidade trabalhada pela frente com vistas a essa difusão e perpetuação de suas formulações, permitindo-nos também explorar acerca da reverberação de suas iniciativas, buscando elementos sobre a crítica pública, o aceitamento e o engajamento popular diante das diferentes defesas e proposições políticas.

Além disso, considerando as contribuições de Verena Alberti, que traz que

pode ser muito interessante comparar o que dizem as entrevistas com outros documentos de arquivo, pois às vezes há um deslocamento temporal ou de sentido que permite ao pesquisador verificar como a memória sobre o passado vai se constituindo no grupo (ALBERTI, 2006, p. 187),

e diante da possibilidade de trabalho com integrantes da FREJUNA e pessoas que atuam junto à frente, valemo-nos ainda da História Oral, por meio de entrevistas a estas pessoas (e respectiva análise), de modo a buscar complementos, apuramentos ou quiçá contrapontos às fontes escritas e digitais analisadas. Isto é, tomando por base o reconhecimento de quais são os entendimentos da pessoa entrevistada acerca da FREJUNA; “sua visão dos acontecimentos e de sua própria história de vida acerca do tema, de sua geração, de seu grupo, das formas possíveis de conceber o mundo etc.” (ibidem, p. 185).

Juntamente a cinco contatos que integram ou integraram organicamente a frente, buscamos entrevistar três pessoas que compõem sua base social ou sua rede de parceria, trabalhando com alguns contatos entre representantes de entidades estudantis ou de movimentos comunitários. Como recorte dentre estas possibilidades, conseguimos contatar uma representação da gestão “Araponga” do Diretório Central dos Estudantes Antonieta de Barros da Universidade do Estado de Santa Catarina (DCE – UDESC), tal como uma do Projeto C.R.I.A. (Costeira, Recreação, Integração, Ação)³, da comunidade da Costeira. Além destas,

³ Projeto sem fins lucrativos voltado à promoção de arte, cultura e integração para as crianças da comunidade.

também trabalhamos com entrevista à professora Jeruse Romão, referência na construção do Movimento Negro catarinense. Para tanto, com vistas a assegurar nosso preparo e rigor no desenvolvimento do trabalho, partimos de uma entrevista semiestruturada, com a produção de um roteiro geral e sucessivas adaptações e aprimoramentos, conforme o desdobramento dos diálogos, para alcançar resultados mais frutíferos em cada coleta de depoimento, considerando o trazido por Tânia Regina de Luca, de que

os resultados dependem das perguntas que lhe forem dirigidas e que estas, por sua vez, relacionam-se com o momento vivido pelo historiador, os interesses de sua época e também com o instrumental analítico que ele tem a sua disposição. (LUCA, 2020, p. 21)

As intenções desse percurso metodológico multifacetado se fundamentam, especialmente, na perspectiva de ampliação do rol de informações e narrativas acerca das diferentes experiências relatadas ao longo deste trabalho, visando a considerar elementos ora esquecidos, ora sequer vivenciados por diferentes sujeitos que atuaram de diferentes formas e em diferentes momentos na ou junto à FREJUNA; afinal, como é a própria iniciativa da frente, vemos um enriquecimento do estudo em sua construção a muitas mãos – ainda que sob escrita individual –, objetivando também potencializar esse trabalho enquanto instrumento de luta para a conquista da igualdade social e a garantia do direito às identidades (PORTELLI, 2000).

Ademais, a combinação de fontes, para além da pretensão de enriquecimento do aporte informacional e analítico acerca da FREJUNA, atende também ao anseio por maior nível de segurança quanto à possibilidade real de obtenção dos elementos para trabalho. Em tempos marcados pelas dinâmicas virtuais, em especial no atravessamento da pandemia da doença do (novo) Coronavírus (COVID-19), a efemeridade de discussões, posicionamentos públicos ou outras expressões de acúmulos também é algo presente, de modo que é nas redes sociais em que se registra boa parte das informações (em alguns casos, quase a totalidade) acerca das diferentes iniciativas, e por vezes essas são mais suscetíveis a perdas⁴ – e, com a FREJUNA, não é diferente, havendo materiais exclusivamente em meio virtual. Em compasso, não se pode esquecer o debate político que motiva a existência dessa frente, tampouco o impacto disso no dia a dia de quem constrói as lutas nesta ou junto a esta. Com isso, na procura por entrevistas, também se considera a realidade de haver um número reduzido de pessoas que partilham dessas vivências, e de buscar pessoas que, em alguns casos, já superam as expectativas fundamentadas nas acachapantes estatísticas registradas em documentos como os Atlas da Violência e os

⁴ O debate sobre fontes digitais e o que trazem de potencialidades e riscos em seu manejo ou processo de análise tem crescido no campo da História, como se pode ver em Almeida (2011), Neta e Dantas (2021) e Silva (2015).

Anuários Brasileiros de Segurança Pública acerca da precoce morte (vale dizer: do assassinato) da juventude negra⁵, mas ainda estão suscetíveis a toda a ordem exploratória e opressora que as reserva o temor do amanhã. Ou seja, acessar pessoas negras militantes – e mais: antirracistas e anticapitalistas, ou mais ainda as que constroem ou se relacionam com a FREJUNA – para tomarem para si (e partilharem) o discurso sobre suas vidas e empreitadas é algo dificultado e de possibilidade consideravelmente mais incerta que o usual, pelo conjunto das condições estruturais e conjunturais que perpassam a realidade brasileira.

São essas algumas das vicissitudes de um trabalho em que se desafia a lidar com uma história escrita no presente e sobre este presente, com um período muito recente, de modo que, para fugir a construções mecanicistas, deterministas, que desconsiderem as condições todas já aqui apresentadas, é importante ressaltar a natureza dialética, contraditória, processual desta iniciativa que é a FREJUNA e seus desdobramentos políticos, ainda em curso, assim como entender as conexões em âmbitos mais gerais e mesmo pretéritos que são possíveis de realizar a partir da sua contextualização socio-histórica.

Então, também, à luz do que Verena Alberti (2004) pontua sobre o trabalho com a História Oral, perpassando discussões sobre histórias de vida, história política e história de experiências, buscamos alcançar em cada relato da militância da FREJUNA (ou próxima a esta) uma concentração de características que identificam a realidade de toda essa juventude negra e do povo negro em geral; as particularidades que enfrentam, suas necessidades, suas dificuldades e as ações que tomam para sobreviver e lutar por dignidade. Ademais, reconstituir suas redes de relação, formas de socialização, as particularidades do agrupamento que é a FREJUNA, também explorando como experimentaram o cenário que se apresentava ao Movimento Negro local e as iniciativas que eram construídas, de modo a, junto da pesquisa bibliográfica que elaboramos, tentar colocar em cheque as limitações e engessamentos de análise que imperavam em muitas discussões do MN e sobre este, refletindo então sobre o que levou à criação da FREJUNA e o diferencial que esta apresenta.

Mais do que isso, no entanto, ao estudar uma iniciativa tão viva no presente, em contato com experiências e sentimentos de uma gente que nunca teve sua história contada, podemos acessar muitas das respostas – ou, ao menos, das tentativas de resposta – ao cenário calamitoso que vivemos. Mais do que aos documentos oficiais da frente, veiculados nas suas mídias ou resguardados nos seus arquivos próprios, essa consulta às histórias e às memórias vividas por quem dá sentido a essa luta, e exprime nas suas contradições, nas certezas e incertezas, a

⁵ Aprofundaremos essa discussão nas seções seguintes.

condição real da luta pela vida digna ao povo negro; a “recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (ALBERTI, 2004, p. 16), permite-nos vislumbrar novas potências dessa construção da frente e deste estudo.

Assim, ainda, este trabalho é parte de um esforço de apresentar um contraponto ao projeto político, econômico, societário que avança com furor sobre nossas vidas; à histórica obliteração da contribuição negra para a construção nacional, das lutas populares, da disputa por espaço das escolas até as universidades – e além. E, também, por pautar a defesa do conhecimento crítico, imbricado às demandas e anseios populares, bem como suas experiências e lutas de resistência. Na tentativa de contar a “história que a História não conta”, como entoado pela Estação Primeira de Mangueira no carnaval carioca de 2019, assumimos aqui esta que é uma tarefa histórica colocada às gerações de pessoas historiadoras que sofrem e lutam neste presente, e nos lançamos a explorar uma temática pouco debatida em seu aspecto macro, tal qual original em seu objeto – a ainda pouco conhecida Frente da Juventude Negra Anticapitalista.

Em meio a isso, toma-se também um posicionamento político, que vê e não abdica de lembrar o lugar da universidade enquanto um espaço historicamente marcado pelo apagamento, silenciamento e escanteamento do povo negro, seus movimentos e suas contribuições; mas, ainda, passível de disputa. Destarte, a pesquisa que aqui apresentamos tem a pretensão não apenas de auxiliar a compreensão do momento em que vivemos, das alternativas de resistência negra que se forjam neste, como a FREJUNA; mas também de registrar esta experiência, estudá-la, de modo a propiciar, a partir dessa iniciativa de origem bastante demarcada quanto à sua classe, raça, faixa etária e perspectiva política, a instrumentalização de debates necessários em diversos meios. Busca-se, então, inflexionar o ambiente do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tal qual da instituição universitária, a debates, trocas e construções de conhecimentos que muitas vezes são negligenciados, marginalizados ou mesmo não acessados nestes, de modo a contribuir para uma produção científica que ajude a desvendar os dilemas do presente e orientar as formulações necessárias ao espaço acadêmico e aos demais que se puder alcançar.

Outro elemento particular à experiência da FREJUNA, que suscita a discussão desenvolvida neste estudo, dá-se considerando em grau mais próximo este cenário de desafios e necessidade de construção de lutas, compreendendo, então, que a conjuntura política reserva diversos percalços à práxis militante sob a perspectiva revolucionária adotada por esta frente. Soma-se a isso a análise de sua composição: jovem, negra, trabalhadora e também,

predominantemente, LGBT+⁶, pobre e periférica. Dessa maneira, partir a esta pesquisa enquanto agentes e sujeitos deste trabalho é, ainda, um processo de afirmação – não apenas de capacidade intelectual, política, acadêmica, como também humana, de vida, de possibilidade de esperança. Num país em que mais do que uma educação de qualidade é negada ao povo negro, mas, principalmente, em que a juventude é impedida de sonhar, de crescer – seja pela superexploração⁷ de sua força de trabalho desde cedo, seja pelo verdadeiro projeto de genocídio que se agudiza –, tomar este espaço, reivindicar estas vivências, é também um processo de resistência, buscando aproximação com jovens pessoas negras que fazem de seu cotidiano na militância e boa parte na trajetória acadêmica um impulso à luta por uma vida mais justa – a si e a toda a humanidade.

Diante disso, há muito a ser analisado e pacientemente apurado. Aliás, também grandiosos são os desafios e os questionamentos que se desenrolam ao estudar uma empreitada ainda tão recente, pouco discutida e ainda em marcha; e, ademais, sob a calamitosa especificidade pandêmica com que lidamos, pela própria limitação de condições possíveis à existência e ao trabalho da frente, assim como deste pesquisador. Afinal, o que essa experiência conseguiu exprimir para sua militância e nas lutas recentes a nível local, nessa conjuntura? Sem pretensões de encerrar o debate e dar por pronto um desenvolvimento que segue pujante e ainda muito tem a se estudar, propomo-nos a buscar respostas às questões anteriormente comentadas, visando a suscitar elaborações ainda mais vigorosas a partir destas construções iniciais.

Dessa maneira, no primeiro capítulo deste trabalho, exploramos a trajetória e as relações do Movimento Negro brasileiro no contexto republicano, abordando elementos das

⁶ Sigla popularmente empregada em referência a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou de outras identificações de gênero ou sexualidade.

⁷ Tomamos as sínteses de Cristiane L. Sabino de Souza acerca da categoria de superexploração: “Na América Latina, dada à condição dependente referenciada pelas independências formais do século XIX, aparece a essência da particularidade da economia dependente: a superexploração da força de trabalho, ou seja, as relações de expropriação diretas e indiretas que colocam a remuneração (preço da mercadoria trabalho na condição de alforria aparente) abaixo do valor, como característica *sui generis* de extração de valor no capitalismo dependente, dada a subordinação externa e a dominação interna imposta pela relação imperialismo dependência, sob a qual a transferência de valor às economias dominantes é compensada com uma forma particular de extração de valor” (MARINI, 2011 apud SOUZA, 2019, p. 40). “De acordo com Marini (2011, p. 149), a superexploração tem como mecanismos de apropriação do mais-valor: a ‘intensificação do trabalho, o prolongamento da jornada de trabalho e a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho’. ‘Além disso, importa assinalar que, nos três mecanismos considerados, a característica essencial está dada pelo fato de que são negadas ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho: nos dois primeiros casos, porque lhe é obrigado um dispêndio de força de trabalho superior ao que deveria proporcionar normalmente, provocando assim seu esgotamento prematuro; no último, porque lhe é retirada inclusive a possibilidade de consumo do estritamente indispensável para conservar sua força de trabalho em estado normal. Em termos capitalistas, esses mecanismos (que ademais podem se apresentar e normalmente se apresentam, de forma combinada) significam que o trabalho é remunerado abaixo de seu valor e correspondem, portanto, a uma superexploração do trabalho” (MARINI, 2011, p. 150 apud SOUZA, 2020, p. 156).

lutas nacionais e da consolidação de entidades e outras iniciativas de luta em âmbito local, de Santa Catarina e Florianópolis, para apresentar de onde vem e onde se insere a FREJUNA. Neste mesmo sentido, aproveitamos para caracterizar a conjuntura política sob o governo Bolsonaro e a realidade de Santa Catarina e de Florianópolis nesse período, de forma a introduzir as razões e os objetivos traçados para a criação da FREJUNA, compreendendo as demandas políticas e organizativas da juventude negra local.

O segundo capítulo, por sua vez, traz o momento de aprofundamento na experiência da FREJUNA, em que trabalhamos o processo de consolidação da frente, em 2019, perpassando seus princípios, bandeiras, forma organizativa e atividades iniciais. Destarte, são trazidas considerações sobre as disputas, as divergências e as convergências estabelecidas entre a militância; a caracterização dos processos de luta junto ao movimento estudantil universitário; e, principalmente, o desenrolar dos trabalhos para a consolidação pública da frente, expressa na construção da Marcha da Consciência Negra de 2019, sobre a qual apresentamos e discutimos o processo das reuniões de preparação, a execução do evento e os momentos de avaliação coletiva.

Em sequência, o terceiro capítulo parte da leitura da frente enquanto uma experiência de certa forma consolidada, em suas questões mais basilares, mas ainda em vagaroso desenvolvimento. O foco desta seção se dá na produção política da FREJUNA, abordando suas elaborações e intervenções nos diferentes espaços do movimento popular local, e ainda suas relações, alianças e conflitos na construção das lutas populares. Assim, analisamos a construção dos atos de rua como o “Vidas Negras Importam!”, de junho de 2020, e os atos pela derrubada de Bolsonaro, em 2021, entre outros. Em mesmo sentido, para compreender os trabalhos externos da frente, exploramos sua dinâmica interna, seus fluxos e refluxos, as entradas e saídas de militantes, para discutir as condições de militância neste espaço, as novas demandas que foram sendo apresentadas de 2020 a 2021 e as possibilidades vislumbradas e trabalhadas para a continuidade e aprimoramento desta iniciativa que é a FREJUNA.

Já o quarto capítulo retoma de forma mais detida, em uma síntese de visões internas e externas à frente, as diversas facetas de contribuição e de limitações da FREJUNA; o diferencial que apresenta na construção de sua combatividade e dos laços fraternos entre a sua militância, e o que isso representa, inclusive, para a construção das lutas que ainda virão.

Com isto, portanto, este trabalho é apresentado como uma contribuição à difusão e ao registro histórico sobre esta experiência, mas também na análise da importância dessas articulações que dão base à FREJUNA para a construção de uma nova forma de trabalho no Movimento Negro, no movimento popular e nas lutas da juventude. Logo, explorando esta

experiência de unidade em meio à diversidade e sob perspectiva revolucionária, bem como de reivindicação do legado de solidariedade, garra e resistência do povo negro brasileiro – compreendendo também nisso a suscetibilidade a intempéries organizativas, a instabilidades e a dificuldades na construção da luta, haja vista a realidade histórica dessa parcela –, inspirando estudos que aqui são iniciados, mas que podem (e se almeja conseguir fazer) ser desdobrados em muito mais.

1 “NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE”: AS RAÍZES DA FREJUNA

1.1. O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

A formação socio-histórica brasileira resguarda especificidades brutais ao povo negro. Sob um Estado de exceção⁸ permanente, do escravismo colonial ao desenvolvimento do capitalismo dependente⁹ no Brasil, esta parcela de nossa população – sua maioria – é lançada à pobreza, à superexploração sistemática de sua força de trabalho e a uma realidade excludente, na qual a marginalização, a desumanização e o extermínio são a regra. Dessa maneira, ao menor esforço de análise crítica da realidade brasileira, o véu da democracia racial cai por terra: o povo negro tem sua integridade atacada desde a infância, atingindo por toda a vida os maiores índices de insegurança alimentar e nutricional, analfabetismo, desescolarização, desemprego, informalidade, mortalidade e outros.

É diante desta compreensão histórica e política que entendemos que se deve discutir sobre o Movimento Negro no Brasil. Para além de batalhas pontuais, deve-se compreender uma agência coletiva de resistência ao longo do tempo e diante das tensões da ordem, com reorientações tático-estratégicas e dinâmicas associativas diversas. Sob esta leitura, contudo, é necessária uma rápida discussão sobre o que entendemos por “Movimento Negro” e de onde este vem. Segundo Hamilton Cardoso, as entidades negras,

são consequência direta de uma confluência entre o movimento abolicionista, as sociedades de ajuda e da alforria e dos agrupamentos culturais negros. Seu papel é o de legitimar a existência do negro dentro da sociedade, diante da legislação. Elas reúnem os negros oficialmente, de forma independente, para praticar o lazer e suas culturas específicas. Escondem no seu interior pequenas organizações familiares de ajuda e solidariedade, para o desenvolvimento social. Reproduzem, em muitas de suas atividades sociais, os sistemas dominantes de organização social. (CARDOSO, 1981, p. 15 apud GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p. 21)

Alargando esta noção de MN para além das entidades é que chegamos à síntese aqui utilizada, à luz das elaborações de Joel Rufino dos Santos, que assume o Movimento Negro como

⁸ Em resumo, pode-se caracterizar o Estado de exceção como a suspensão do Estado de direito, isto é, sob cerceamento de direitos, concentração de poderes, em contextos anunciados como de crise ou emergência (OLIVEIRA; CHACON, 2013). Aqui, atribui-se tal definição partindo do entendimento de que a construção racista de nossa sociedade submete o povo negro a esse Estado de direito suspenso como regra, não mera exceção em períodos de crise.

⁹ “O escravismo colonial, dialeticamente, gestou as bases estruturantes do capitalismo dependente, ou seja, a forma da propriedade privada dos meios de produção e da terra e as classes-raças proprietárias e não proprietárias, a partir das quais serão determinadas a dinâmica das relações de produção particularizadas pela relação dependência-imperialismo” (GORENDER, 2016; MOURA, 2014 apud SOUZA, 2019, p. 40).

(...) todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros (...). Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como ‘clubes de negros’], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos ‘centros de pesquisa’] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro. (SANTOS, 1985, p. 17)

Situada a base de nossa compreensão deste conceito, é importante considerar que, dos diversos esquemas de embate logo após o aportamento violento nos cais da então colônia portuguesa, até maiores conquistas e lutas incisivas que marcam os dias atuais, há vasto e fundamental arcabouço de lutas por direitos. É assim, com uma longa trajetória de aquilombamento¹⁰, confronto armado, enfrentamento aos senhores de engenho e ao colonialismo genocida que se alastrou por duros séculos, que o povo negro assegurou, não sem muitas dores, sua existência e exemplo de luta até hoje.

É certo, todavia, que, ao passar dos séculos e décadas, o Movimento Negro assumiu posturas variáveis, mas que nos permitem traçar similitudes entre conjunturas um tanto diferentes. Analisando tal realidade histórica do povo negro, Lélia Gonzalez evidencia que este é jogado a condições de existência material que lhe imputam condicionamentos psicológicos profundamente violentos, condicionamentos estes que precisam ser atacados e desmascarados, com vistas a contrapor a reinterpretação racista da teoria do “lugar natural” de Aristóteles. Esta reinterpretação, por sua vez, é vista como fundamento para a evidente separação do espaço ocupado por dominadores e dominados; a divisão racial que relega ao grupo racial branco a boa condição de vida, ao passo que à comunidade negra se reserva a precariedade da vida. Nesse sentido, a autora destaca como sempre se foi garantindo às camadas brancas as boas moradias, bem localizadas e sob policiamento protetivo, ao mesmo tempo em que o povo negro é condicionado à violência, ao medo e a uma sistemática repressão policial, de caráter racista, que visa a instaurar sua submissão, cujo lugar natural é dado como o da subalternidade, o das prisões, o das margens (GONZALEZ, 1984b).

¹⁰ Partimos das elaborações de Beatriz Nascimento, resgatadas no documentário “Ôri” (GERBER, 1989), que atribui à ideia de aquilombamento o entendimento do retorno às raízes e do encontro da força individual em meio ao coletivo, na procura da fuga como uma consciência libertadora, e da estratégia, da luta, como marca de resistência, busca por território e constituição enquanto nação; uma conexão histórica, territorial e coletiva, de fortalecimento entre pares, que extrapola o período escravista e avança pelos tempos atuais, sob a ordem capitalista.

Discutindo também esses traços comuns vindos desde o período escravista, tal qual exemplos de luta como o Quilombo dos Palmares, Clóvis Moura apresenta que o povo negro historicamente se dinamiza política e socialmente em oposição às amarras colonialistas ou capitalistas, sob um desafio permanente de organização, mobilização e resistência na luta (MOURA, 1996). Dessa forma, destaca-se a centralidade dessa ação combativa do povo negro para a superação de tais condições descritas também por Lélia, compreendendo a demanda histórica que esta população tem de alcançar novas formas de convivência humana, à procura de alargar suas conquistas de até então e encontrar de soluções para os problemas ainda vigentes (idem, 1977).

Esses aspectos gerais garantem relevantes entendimentos acerca dos desafios históricos diante dos quais o povo negro se ergue em luta. Contudo, é ainda necessário explorar os diferentes períodos da história nacional, bem como suas particularidades no tocante à organização negra, para compreender os fluxos e refluxos que se desdobram ao longo desta, de modo a discutir os dilemas e o legado colocado às novas levas do MN que despontam hoje.

Tendo em vista a luta secular empenhada pelo MN brasileiro, em adaptação da divisão fásica proposta por Petrônio Domingues em seu artigo “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos” (2007), discutiremos aqui a agência negra sob o contexto republicano, enfocando as lutas a partir dos anos finais da ditadura civil-militar, de forma a contextualizar este que é um período marcado pelas alterações mais caras ao entendimento do cenário atual do MN, bem como pela leva de militância que ainda segue ativa nos diálogos junto à FREJUNA e ao restante da juventude dos dias atuais.

Para partir a uma reconstituição propriamente dita da trajetória do MN nacional, vale antecipar o panorama de que, com crescente participação política na luta contra o regime ditatorial, circulando no meio sindical, estudantil e noutros, o Movimento Negro foi ampliando seu raio de ação e absorvendo ideias, valores e exemplos de intervenção nessas décadas finais do século XX, bem como pôde contribuir para o fortalecimento dos demais movimentos sociais. Contudo, sempre teve um desafio e necessidade pujante: a defesa de sua autonomia, dos seus limites enquanto parcela do movimento social e popular brasileiro. Nesse sentido, como trataremos adiante, ressalta-se as redes construídas pelas mulheres negras nos círculos de mobilização feministas e LGBT+s, avançando também na compreensão do entrelaçamento entre raça, classe e gênero, como destacado nas obras de Lélia Gonzalez (RIOS, 2012), elemento central a se frisar para compreender o que vem a ser a FREJUNA, também.

No bojo da oscilação com a dureza da repressão e na procura por uma reorganização e fortalecimento, podemos marcar como pontapé para os debates centrais ao MN atual a

articulação do Movimento Negro Unificado (MNU, na época MNUCDR (Contra a Discriminação Racial)), já encerrando a década de 1970 (mais precisamente, em 1978). Diante desse fôlego militante, os anos 1980 chegaram marcados por uma subversão crescente, com o movimento soul, da afirmação cultural, resgates de vestuário e da aparência inspirada pela cultura black dos Estados Unidos da América, e evidentes “demonstrativos de inconformismo e confrontação” (NASCIMENTO, 1978, p. 131), bem como sob a “consciência de que a luta racial não se esgota em si mesma mas que cabe a todos os setores explorados, unidos por uma concepção de sociedade independente das classes dominantes” (KÖSSLING, 2007, p. 250)

Nesse período, aprofundou-se, também, a relação do Movimento Negro com o campo da esquerda, adquirindo vigor na luta internacionalista: a referência noutros países era também teórica, política, ideológica, a partir da influência marxista(-leninista) dos exemplos revolucionários africanos e da luta dos Panteras Negras nos Estados Unidos da América (EUA). O próprio MNU, por exemplo, bebia da concepção marxista, e organizava sua luta em consonância aos movimentos de esquerda, no debate sobre classes, o conflito entre burguesia e proletariado, a necessidade de libertação da exploração do homem pelo homem, de derrota do imperialismo e superação da posição alienada etc. O trabalho do MN também dialogava com ideias leninistas de vanguarda e de direção às massas (KÖSSLING, 2007). Em geral, também os pensamentos leninistas sobre a autodeterminação dos povos; as ideias sobre negritude que floresciam na América, na Europa e em África, e o ideário comunista em amplo senso circularam pelo Brasil, potencializando a construção do que seria a “pessoa negra brasileira”, valorizando-a, com este povo negro se orgulhando da tomada de consciência sobre a dominação e a discriminação que sofria e se organizando na busca de sua reafirmação política e de sua identidade. Assim, pautava-se a reivindicação de direitos sociais e da emancipação humana, usando-se de diferentes estratégias para trabalhar a autoestima e a humanidade da pessoa negra, sob a herança das lutas e culturas africanas que foram legadas ao povo brasileiro (ibidem).

Esses anos também foram marcados pela busca por reintegrar e valorizar a estética negra e as origens africanas (O NEGRO..., 1977), sem desatrelar isso da luta com viés socialista, na esperança de um novo mundo. Desse modo, recorrentemente, surgiam menções da militância negra brasileira a referenciais africanos e estadunidenses de identidade e luta negra, buscando uma identidade racial positiva, referenciada na força empenhada pelas pessoas negras nas lutas emancipatórias e anticolonialistas, pela conquista de melhores condições de vida, ao redor do globo (PEREIRA, 2007). Para compreender melhor o peso de se disputar uma afirmação da identidade negra na realidade brasileira, então, podemos resgatar as contribuições do sociólogo Oracy Nogueira (2006), que trata que no nosso contexto, em que vigora um

preconceito de marca, a procura da pessoa negra se dá pela aprovação social entre seu grupo e frente às pessoas não-negras, especialmente; assim, almejando ostentar aptidões, características e toda uma individualidade que compense suas marcas raciais. Assim, como ressalta Hebe Mattos, “a emergência de uma identidade negra no Brasil atual só pode ser entendida como construção política” (MATTOS, 2007, p. 30 apud PEREIRA, 2010, p. 66), de modo que mesmo a luta por afirmação, ao longo da trajetória do Movimento Negro brasileiro, vai adquirindo progressiva força e criticidade.

Com isso, em meio a iniciativas musicais como o bloco afro Ilê Aiyê em Salvador (de 1974), ou do campo teatral e literário, com o Grupo Palmares, também floresciam alianças reivindicativas, como caldo das greves do ABC Paulista. Aliás, para “Vovô”, fundador do Ilê, o conflito cultura *versus* política não encontrava nexos, uma vez que atrair e conscientizar as pessoas trabalha em ambos sentidos, divulgando informações e manifestando opiniões políticas por meio da música (PEREIRA, 2010). Ademais, tampouco a luta negra podia se restringir ao solo brasileiro, sendo característica crescente no MN a procura por compreender a identidade racial e cultural como herança forjada na luta, em cada gota de suor e de sangue do povo negro, evidenciando a necessidade de viver como povo e como cultura. Pois, articulando uma identidade étnica que transpassa fronteiras, debatendo a situação racial dos países americanos aos africanos (KÖSSLING, 2007).

Essas movimentações contribuíram para o enfoque na população negra em outros espaços, passando a trazê-la para o centro de interesses e preocupações, apresentá-la também como criadora, para além de figura ligada ao Carnaval ou ao futebol (o que tampouco era prática absoluta). Pôs-se a discutir o que a sociologia estava produzindo sobre relações raciais, valorizando o saber negro, inspirando as novas levadas; passou-se a pesquisar para a pessoa negra (não meramente sobre a pessoa negra), e conhecer, pensar e discutir suas problemáticas (O NEGRO..., 1977). E, assim, a fundamentar um movimento mais consciente e promissor, que crescia conforme as relações da militância com outros movimentos, autoridades civis e, em caráter internacional, agências de fomento a pesquisas ou até a Organização das Nações Unidas (ONU) (RIOS, 2008). Contudo, essas discussões sempre foram muito atreladas ao campo acadêmico e institucional como um todo, o que veio a apresentar outros dilemas ao MN.

Frente a um processo de institucionalização, vinculando-se ao Estado (como via secretarias e órgãos específicos dos governos), o Movimento Negro passou a uma crescente burocratização e inoperância de seus trabalhos. Em compasso, foi gradativa a cooptação e a legitimação do *status quo* por parte de lideranças negras, sob silenciamento de posições mais radicais e amortecimento de tensões. Elementos importantes dessas movimentações são as

Organizações Não Governamentais (ONGs), que vêm a ter, em geral, limitações políticas e um caráter assistencialista, acobertando pontualmente obrigações do Estado que deveriam ser atendidas como direito de toda pessoa cidadã (DOMINGUES, 2008). Outro exemplo disso se deu na atuação sindical por parte de pessoas negras, que também se viu mais intensa desde a década de 1980, mas em geral tanto sendo escanteada, tendo a pauta secundarizada (RIOS, 2008), quanto influenciando em um personalismo crescente entre as lideranças negras, cujas redes de influência iam se profissionalizando. Diante de exigências cada vez mais profundas acerca de saberes técnicos, acadêmicos e científicos, bem como no tocante à assistência burocrática, pouco se quis ou conseguiu avançar nos trabalhos mais basilares de disputa de consciência e construção política coletiva, desde as bases; destacando, pois, uma vanguarda um tanto restrita (ibidem).

Vale pontuar que o período em questão também demonstrou outras possibilidades ao MN. Com a maior ocorrência de encontros, seminários, plenárias, fóruns e conferências protagonizadas pelas organizações do Movimento Negro a nível nacional, ia-se articulando a denúncia contra o racismo ao fortalecimento das organizações negras, bem como das suas ligações a outros setores e atores sociais que disputavam o poder político, com vistas a construir uma nova hegemonia política no Brasil, compreendendo a particularidade do capitalismo dependente e do atraso de desenvolvimento que marca nosso solo. Sob essas alianças no meio sindical, partidário, com ONGs etc., em boa parcela com ideais socialistas de fundo, alavancou-se as proposições do MN para o início do século XXI (NOGUEIRA; PASSOS, 2014).

Esses laços institucionais também permitiram maior atenção à temática da educação, que se tornou prioridade do Movimento Negro, que chegou inclusive a se esforçar para criar uma escola de formação de quadros (com o MNU, no estado de Minas Gerais), promovendo também uma formação qualificada de sua militância, ao final da década. Ainda, foram os movimentos do campo da educação que se aliaram e muito pautaram a luta das mulheres negras. Em um primeiro momento, denunciava-se o racismo e a ideologia escolar dominante, que perpassavam os materiais e os regramentos todos; e, em seguida, verteu-se a ações concretas mais contundentes, adentrando a década de 1990 (GONÇALVES; GONÇALVES E SILVA, 2000).

Com esses acúmulos, é possível destacarmos importantes amadurecimentos alcançados neste período, como caldo das lutas travadas anteriormente: o MN avançava na unificação de suas pautas em torno do combate à violência policial, do acesso à educação e ao mercado de trabalho, e também dava passos importantes no processo constituinte, culminando na promulgação da Constituição Federal (CF) de 1988 com os artigos de criminalização do

racismo e garantia da titulação das terras Quilombolas (NOGUEIRA; PASSOS, 2014), após uma luta costurada por décadas (FERNANDES, 2019). Contudo, este próprio pacto também trouxe problemas ao MN, como veremos mais adiante. Por fim, na década de 1980, ainda houve a criação da Fundação Cultural Palmares, fruto da luta do MN, com vistas a produzir uma política cultural negra, articulada à cultura dos movimentos sociais e populares (NOGUEIRA, 2004).

Em todo esse processo de retomada e fortalecimento ao final dos anos 1970, com repaginações nos anos 1980, não podemos deixar de ressaltar a contundente presença de mulheres negras na criação e direção de diversos movimentos e episódios de luta. Segundo Lélia Gonzalez, essas mulheres, articuladas no Movimento Negro e no Movimento de Favelas (com a Federação das Associações de Favelas do estado do Rio de Janeiro (FAFERJ); ou a Federação das Associações de Moradores do estado do Rio de Janeiro (FAMERJ), nos bairros), mobilizavam e dirigiam os grandes contingentes negros na luta por moradia, saneamento básico, educação, saúde etc., também influenciando os movimentos e associações de moradores da classe média (GONZALEZ, 1984a). As relações da militância de mulheres negras com o movimento de mulheres em geral, contudo, eram conturbadas. Foi no Movimento Negro, e não no movimento de mulheres, que encontraram o espaço necessário para suas discussões e trabalhos políticos (ibidem), o que não significa que não havia sérios problemas no MN, mas sim que encontravam ali maior condição de disputa e prioridade de intervenção.

Gonzalez ainda afirma que, no MN, as mulheres negras se desenvolviam num plano mais igualitário, cujas raízes provinham de um mesmo solo: a experiência histórico-cultural comum, alcançando também a discussão sobre suas especificidades em espaços amplos do movimento; em contrapartida, no movimento de mulheres, que “se esquecia” da pauta racial (o que ia na contramão do entendimento e da práxis imbricada quanto às questões de gênero, raça e classe para a luta de lideranças negras como ela), ou na militância de esquerda em sentido mais geral, pouco conseguiam verter ao debate racial, devido à titubeação exorbitante. Firmes em suas colocações, preparadas para a disputa, as mulheres negras muitas vezes eram vistas também como agressivas ou não feministas; pessoas que geravam mal-estar – isso pelo simples fato de denunciarem as violências sofridas por pessoas negras em geral, sempre tão ou mais intensas que os grandes contingentes não-negros, segundo a autora. E então, independentes destes outros movimentos, essas mulheres negras se reuniam e discutiam as marcas da discriminação racial e do machismo em suas vidas, com peso acentuado para o debate sobre o machismo negro, haja vista a dinâmica de compensação diante do racismo no Brasil (como discutido por Oracy Nogueira, anteriormente). Com isso, reforçava-se os laços de solidariedade

característicos ao feminismo negro, pautado nas experiências históricas comuns dessas mulheres e suas famílias, potencializando inclusive as discussões no MN em geral, quando traziam seus acúmulos para os grupos com seus companheiros, para que o conjunto refletisse acerca da condição da mulher negra. (GONZALEZ, 1984a).

Com estes trabalhos, também, foram amadurecendo os diálogos entre o MN e o Movimento de Favelas, inclusive lançando candidaturas oriundas destes às eleições locais, trabalhando uma profunda consciência dos problemas e das necessidades concretas das comunidades, bem como da discriminação racial e sexual enquanto articulação da exploração de classe (ibidem). A falta de êxito nas eleições não encerrou o contato próximo, mas o alavancou: foram criadas organizações do MN com maior inserção nas comunidades periféricas; houve participação de mais mulheres faveladas nos encontros promovidos pelas mulheres negras; e, com forte ação de Benedita da Silva, e articulação dos movimentos de mulheres, de favelas e negro, realizou-se o I Encontro de Mulheres de Favelas e Periferias, em julho de 1983. Como saldo dessas mobilizações, ainda, no II Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, houve representação de uma mulher negra favelada (GONZALEZ, 1984a). Destarte, podemos ter algum contato com movimentações de profunda relevância à história do Movimento Negro nacional, que potencializam as construções acadêmicas e militantes atuais.

A década de 1990, por sua vez, veio mostrando certo fortalecimento do protesto negro, em um cenário de novas organizações e coletivos de mulheres negras, alcance institucional e especialização sobre as demandas da saúde, trabalho, direitos humanos, educação. Com maior experiência, aporte e espaço, pôde-se alçar novos passos para travar as disputas (RIOS, 2008). Na contramão das tensões e desconsideração pelos governos, que não tomavam o MN como ator importante nas mudanças vividas no país, a militância negra se lançou à luta, organizando o I Encontro Nacional das Entidades Negras (ENEN), em 1991, que contou com uma intensa participação da maioria dos estados. Assim, pode reforçar orientações como o conceito de entidade negra e definir objetivamente a construção de fóruns estaduais, as intenções de construção de um projeto nacional para o MN em seus diversos espaços de atuação, sintetizado na luta contra o racismo e no fortalecimento das variadas ações do MN. Em consequência, essa estratégia impulsionou as teses e reivindicações do MN para dentro dos movimentos sociais e dos partidos políticos, finalmente alcançando políticas mais consistentes para a questão racial, marcando a história republicana (NOGUEIRA, 2004).

Em consonância, também as movimentações de rua foram intensas. No caldo das marchas do centenário da abolição, a Marcha do Tricentenário de Zumbi dos Palmares (em 1995) repaginou as mobilizações anteriores ao estampar maior apoio de diversas comunidades,

entidades e movimentos populares, bem como partidos políticos, na passeata. Sua proposta, aliás, pretendia superar a relação pontual do governo no atendimento às demandas do povo negro, propondo ao Estado a destinação de verbas específicas para os trabalhos relacionados a isto (RIOS, 2008). Além desta, a Marcha Noturna pela Democracia Racial, ocorrida em 1996, trouxe um novo perfil para o protesto negro brasileiro (ibidem).

Gradativamente, apresentava-se novas capacidades de aliança, e se foi alcançando também a admissão, por parte das autoridades nacionais, da existência de um problema racial no país, que necessitava da criação de condições efetivas para sua resolução. Afinal, mesmo o maior trânsito institucional conquistado pelo Movimento Negro não culminava de pronto na abertura e interesse dos governos no atendimento de suas pautas, como se vê pelas disputas acerca das ações afirmativas (RIOS, 2008) e na necessidade de tamanha agência e luta do povo negro até hoje. De fato, essas movimentações trouxeram impactos ainda turvos sobre as relações entre raça e política na sociedade brasileira, e, “com efeito, o significado da democratização para os movimentos e os afro-brasileiros é uma história em aberto” (ibidem, p. 150).

Este processo de “redemocratização”, aliás, legou também uma atomização do MN, que se fragmentava e multiplicava pelas variadas regiões, diluindo o MNU e enfraquecendo sua força aglutinadora como frente única da luta antirracista no país. Em compasso, outras organizações nacionalizadas foram surgindo, como: Agentes de Pastoral Negros (APNs), com ligação à Igreja Católica; a União de Negros pela Liberdade (UNEGRO), vinculada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB); o Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB); o Fórum Nacional de Mulheres Negras; a Coordenação Nacional dos Estudantes Negros Universitários (CECUN); a Coordenação Nacional dos Remanescentes de Quilombos; a Coordenação Nacional de Entidades Negras (CONEN) e o Movimento Nacional pelas Reparações (DOMINGUES, 2008). Com estes impasses, há descompassos que seguem vigentes. A CONEN, que funciona como um espaço de articulação das organizações afro-brasileiras de base e dos Fóruns Estaduais de Entidades Negras de todo o país, por exemplo, não veio sendo construída pelo MNU; pois, ainda que alcançasse lutas internacionais, com eventos diversos, não deixou de demarcar limitações na construção unitária mesmo em meio a múltiplas diferenças (ibidem)¹¹.

De todo modo, as trajetórias construídas na década de 1990 propiciaram também incrementos ao Movimento Negro, seja diretamente, seja em análises e processos de autocrítica

¹¹ Hoje em dia, o MNU tem protagonismo na construção de outra articulação nacional do MN, a Coalizão Negra por Direitos. Para saber mais, pode-se conferir sua plataforma em: <https://coalizaonegrapordireitos.org.br/>.

mais tardios. Como síntese dos anos imediatamente anteriores e prova do saldo para os tempos que se avizinhavam, podemos ressaltar diferentes contribuições. Uma, na participação de algumas lideranças negras em momentos expressivos da disputa democrática, por perspectivas de mudanças profundas na realidade brasileira, como nas Diretas Já, no processo constituinte e nas eleições presidenciais de 1989, combinando forças, radicalidade e negociações para dar nova direção e espaço à luta pelo poder na perspectiva dos movimentos negro e popular (NOGUEIRA; PASSOS, 2014). Organizado por todo o país e sob diversas características culturais, comunitárias e políticas, o MN foi então tendo diferentes expressões e êxitos, tendo como outro exemplo o movimento Hip Hop, que, por meio da linguagem da periferia e da expressão rebelde da militância jovem, trabalha a necessidade de superação do tradicionalismo das entidades negras (ibidem) – mas ainda sem conseguir apresentar um programa político bem definido e avançado (DOMINGUES, 2007).

Já nas últimas duas décadas, passando dos anos 2000, as movimentações pouco mudaram, apresentando maiores conquistas institucionais e formulações acadêmicas da militância negra, apesar da luta nas ruas não ter deixado de ocorrer (mas focaremos nestas mobilizações mais adiante, em especial sob o recorte temporal a partir de 2016). Um dos principais marcos da luta do MN foi a Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata, realizada em Durban, na África do Sul, no ano de 2001. Entretanto, mesmo a nível nacional houve conquistas: em 2003, foi criada a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), assim como foi aprovada a lei nº 10.639/2003, imprimindo conquistas quanto à obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira" dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. Junto disso, houve avanços no campo da elaboração de materiais didáticos para Comunidades Remanescentes Quilombolas, estudos da História e cultura afro-brasileira, entre outros temas correlatos (CUSTÓDIO; COSTA; COUTO, 2017).

Em sequência, com o desenvolvimento dos trabalhos da SEPPIR, o Movimento Negro nacional se reuniu na I Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CONAPIR), em 2005, podendo discutir, entre outros temas, as políticas de ações afirmativas (ibidem). Como desdobramento dessas discussões, em 2009, foi aprovado o Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PLANAPIR). Também, em 2010, mediante a lei nº 12.288/2010, foram garantidas diversas questões quanto à igualdade de oportunidades, à preservação de direitos e ao combate à discriminação, com o Estatuto da Igualdade Racial. Em passos semelhantes ao já traçados pelo Movimento Negro do século XX, na vertente institucional, pôde-se, naquele

contexto, galgar melhores resoluções mesmo a partir de secretarias, programas, institutos etc. (CUSTÓDIO; COSTA; COUTO, 2017).

Com este apanhado de idas e vindas, altos e baixos, é que visualizamos e podemos apresentar a trajetória do Movimento Negro brasileiro, de forma bastante sintetizada. Para Petrônio Domingues (2008), entre diversos dilemas e desafios próprios a um movimento social e popular, este MN, que, como já apresentamos, outrora se encerrava nas práticas culturais, tomando-as como fins em si mesmo, sempre sofreu para alcançar o ganho concreto de políticas e direitos civis à população negra. Para o autor, prova disso também se deu diante da fragmentação do campo nas décadas finais do século XX, assim como do descolamento de lideranças frente às suas bases (como com a profissionalização e “liberação” sindical), de modo que se dificultavam trabalhos políticos de maior fôlego, especialmente no cenário eleitoral (DOMINGUES, 2008).

Em complemento a essas considerações, vale ressaltar mais um elemento da contribuição de Domingues, este ainda não tão explorado aqui, e que remonta a questões mais estruturantes do Movimento Negro brasileiro: para o autor, o enfraquecimento político, estratégico e mobilizador do MN se relaciona à agência estatal com as políticas de branqueamento e a pressão ao assimilacionismo do Movimento Negro, que limitou o desenvolvimento de uma firme consciência racial – que, por sua vez, legou certa apatia popular, uma falta de disposição da população negra e periférica em encampar a luta de forma coletiva. Afinal, sob uma realidade nacional construída como harmoniosa, de contradições raciais mascaradas, dificulta-se a identificação dos inimigos e problemas comuns, bem como a elevação da insubordinação popular (DOMINGUES, 2008).

Com isso, também, que se fizeram tão grandes as barreiras à intervenção do MN, que precisava repaginar suas estratégias de ação, como na lida com pessoas não-negras, afinal

[...] a luta contra a desigualdade racial é antes uma tarefa democrática (FERNANDES, 1989), que deve ser travada pelo conjunto da sociedade, perpassando, evidentemente, pelo apoio efetivo dos não-negros. Tem-se que atrair o maior número de pessoas à defesa de uma sociedade mais igualitária, educando os negros e reeducando os brancos. Em realidade, a política de alianças com os não-negros é fundamental para qualquer projeto consequente de superação das desigualdades raciais. (DOMINGUES, 2008, p. 116)

E essa política de alianças, sob protagonismo negro, reforça sua relevância diante deste cenário que apresentamos: de que houve e há, permanentemente, uma tensão entre o interesse (e as ações) das instituições burguesas com o objetivo de asfixiar socialmente o povo negro, mesclando diferentes mecanismos de repressão, em diferentes graus. E isso mesmo sem haver conflito agudo, violento, com o todo das pessoas não-negras (MOURA, 1983).

O que explica todo esse cenário, segundo contribuições de Joel Rufino (1985), é um estágio de crise, que se manifesta em toda a sociedade brasileira e, consecutivamente, também em seu Movimento Negro, dado o descompasso da crença na democracia racial com a realidade racista no Brasil. O MN, em sua crise interna, dada a limitação de crescimento, também não consegue se enxergar como aspecto da crise nacional, pecando no fortalecimento da luta antirracista, muitas vezes se restringindo meramente à pesquisa e ao debate cultural. Entretanto, para o autor, é preciso pensar o MN para além, no contraponto do pacto de uma falsa democracia racial, considerando a real interação racial brasileira e o MN como uma ruptura com essa ordem (RUFINO, 1985). Dessa maneira, a tarefa colocada ao Movimento Negro, pensando a superação da crise, sua própria sobrevivência enquanto movimento e sua capacidade de crescimento, é refletir sobre o que sustenta e o que se desdobra com tal crise, imprimindo ação contundente para superá-la (ibidem) – noção que será cara à discussão sobre a FREJUNA que traremos adiante.

1.2. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O POVO E O MOVIMENTO NEGRO LOCAL

Desde o início de um aprofundamento nos estudos sobre a população negra em SC, está evidenciada na história uma leitura de inexpressividade da atuação negra e de um caráter mais brando da escravidão, reforçando a imagem de um desenvolvimento econômico garantido pela imigração europeia e com pouca importância da pessoa escravizada, como aponta Miranda (2013). Estudos como o de Cardoso e Ianni em “Cor e Mobilidade Social em Florianópolis” (1960) sustentam uma falta de organização econômica na província e a falta de necessidade do emprego da força de trabalho escravizada em larga escala, uma vez que a conformação das propriedades comportava o trabalho das próprias famílias senhoriais, que legavam então aos sujeitos escravizados os serviços domésticos no meio urbano.

Ao passar do século XX, entretanto, a busca por combater a invisibilidade da pessoa negra e o suporte ao branqueamento que propagavam as análises similares a essa, como traz Ilka Boaventura Leite (1996), impulsionou um novo olhar à inserção socioeconômica do povo negro catarinense, valorizando as informações sobre a expressividade de pessoas escravizadas na constituição populacional e trazendo acúmulo para o apaziguamento das tantas incompreensões decorrentes da falta de peso dado ao processo escravista (ou, em estudos mais atuais, seu reflexo no presente e o próprio fato do Brasil ter sido o último país do mundo a abolir a escravidão negra), como resgata Clóvis Moura (1986). Assim, também se passou a analisar a integração da economia da província ao comércio transatlântico de sujeitos escravizados e o

próprio crescimento econômico das senhorias com a exploração da força de trabalho escravizada na produção de alimentos.

A inserção das pessoas negras na cidade, por sua vez, veio sustentando mais abertamente as marcas do racismo e da desigualdade. Postas frente a uma negação à instrução e à especialização, foram empurradas aos ofícios braçais e domésticos, às regiões periféricas das cidades e a uma condição de incapacidade. Aos quatro cantos do estado, a repulsa à cor da pele (evidentemente, maior conforme mais retinta) e ao fenótipo em geral delimitava o lugar social destas. Vanessa da Rosa (2006) traz como os jornais, por exemplo, contribuíram para firmar o preconceito em relação ao povo negro, servindo como instrumento de ação política e ideológica, beneficiando as classes dominantes, difundindo ideias e padrões de conduta, reforçando o caráter de exclusão e impedimento à ação negra na sociedade – fosse esta no campo de seu ofício, fosse em manifestações culturais, de costumes e raízes.

O universo dessa exclusão da pessoa negra do meio social não se restringe ao regime escravocrata em si, mas se expande ao próprio processo abolicionista também. Rosa (ibidem) retoma em seu estudo a falsidade impressa no discurso da elite branca catarinense, que discursava à época sobre a igualdade de direitos de cidadania e a importância de garantia de letramento e inserção social ao povo negro, mas nada fazia para tal. Logo, avançou o processo de substituição de força de trabalho e se intensificou a marginalização negra. Sem garantias pelo Estado de sua sobrevivência e reprodução e sem efetiva alteração do quadro social, mantendo-se em papel subordinado – agora na cozinha, na copa, na arrumação e no sistema artesanal do meio urbano –, restava às pessoas negras o respirar de resistência.

Por estarem jogadas ao léu e sem mais tantas oportunidades de emprego, pois, pode-se pensar que a organização social negra viria a se dificultar ou até a ruir. Entretanto, os laços estabelecidos entre as comunidades negras – fossem elas nas periferias das cidades, fossem em Quilombos – edificaram um novo pilar de resistência e luta do povo negro por seu espaço no mundo. Se em uns espaços se fez voltada à inserção ao meio branco, noutros semeou a revolta e o anseio por reconhecimento, honra e afirmação das suas origens e tradições. Clóvis Moura aponta esta parcela como “um componente dinâmico permanente no desgaste ao sistema, através de diversas formas, e que atuavam, em vários níveis, no processo de seu desmoronamento” (MOURA, 1986, p. 8). E assim, ora mais sutis, ora mais vorazes, as pessoas negras avançaram e avançam na construção de novos dias em Santa Catarina.

Mais do que na dimensão nacional ou estadual, é central a esta pesquisa tratar do Movimento Negro também no contexto de Florianópolis – SC. Para elaborar acerca das particularidades colocadas a este âmbito, além do que já foi trazido, ressaltamos o diálogo sobre

a presença negra e o Movimento Negro local com um breve olhar às contribuições de Jeruse Romão (LUZ, 2020) e Azânia Nogueira (2018), que abordam que houve e há nestes cenários uma participação social negra muito mais firme do que se costuma abordar na historiografia tradicional, destacando a agência, a forte atividade negra na construção do estado catarinense (e de sua capital), e demarcando seu potencial político e de resistência às agressões intrínsecas à ordem racista, partindo de variadas formas de associação que se transformam e reorganizam, perdurando até os dias atuais.

Sem se diferenciar muito da dinâmica nacional, o Movimento Negro local teve interessante expressão histórica com os Clubes Negros, como no caso da União Recreativa 25 de Dezembro (o Clube 25), a Sociedade Recreativa Brinca Quem Pode e o Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, desenhando-se a partir de 1915, com o ativista negro Ildefonso Juvenal (LUZ, 2020). Nestes espaços, as pessoas negras, barradas do convívio no meio branco (ibidem) desfrutavam de reuniões, momentos festivos e outras articulações. Em entrevista à professora Jeruse Romão¹², pudemos alcançar, ainda, que, apesar da construção de narrativas focalizando nos papéis masculinos nestes espaços, a agência feminina ali também era algo muito forte:

quando você chega num Clube Negro, você percebe que é uma história protagonizada na maioria por homens, não mulheres. Criciúma tá tendo a primeira mulher negra presidente de um Clube Negro de Santa Catarina, sabe... tem quase 50 anos de distância. Então a gente tá vendo que, bom, vamos escrever essa história, contar um pouco mais dessa história, e contando a tua história vamos escrever mais sobre as outras, invisibilizadas. Porque eram negros, homens negros, mas não eram só eles... a gente sabe que as mulheres faziam dentro dos clubes... imagina, um homem ia varrer, cozinhar, ia fazer as festas, decorar os clubes e ia na rua vender rifa pra conseguir dinheiro? Nunca que os homens iam fazer isso, entendeu? [...] E elas pensavam, influenciavam eles em casa, mulher faz isso. [...] Quando elas não conseguiam participar da mesa das reuniões, elas escutavam as reuniões em volta, e depois na casa papapapa [risos], e aí no outro dia ele já voltava 'ooopa', entendeu? Essa estratégia dessas mulheres, de nós mulheres negras, eu acho importante. (ROMÃO, 2021)

Dessa forma, podemos compreender alguns elementos de continuidades e rupturas do que já discutimos anteriormente sobre o espaço das mulheres no Movimento Negro, o que vai influenciar as compreensões e a construção da FREJUNA, também.

No tocante aos espaços festivos do MN, sua principal expressão se dava com o Cacumbi, com forte realização no litoral catarinense pelas pessoas egressas do cativo, mas também por descendentes. Esta expressão, comum no período de Natal e Ano Novo, constituía-se de um grande emaranhado de danças, cantos, músicas e encenações de coroação, em atos de

¹² Jeruse Romão é uma mulher negra de 61 anos, pedagoga pela UDESC e mestra em Educação pela UFSC. É referência no Movimento Negro e no movimento feminista catarinense, com sua atuação em entidades como o Núcleo de Estudos Negros – NEN e para além destas. Entrevista concedida em 15/12/2021.

devoção à Nossa Senhora do Rosário (SILVA, 2013). As festas sempre tinham garantido o elemento da música, do canto, havendo ainda relatos de formações de bandas de afrodescendentes em São José, diversificando as expressões culturais do povo negro, principalmente na Grande Florianópolis (SILVA, 2011). Indo além destas celebrações mais regionais, o espaço e a atmosfera do carnaval eram cruciais para a vivência negra no estado de Santa Catarina também. O povo negro, aqui, pôde tomar as ruas, fazer-se notado e se sentir aceito na sociedade; assim, “na cadência do samba, ao ritmo do bumbo, dos pandeiros e tamborins essas populações levavam as representações das suas tradições culturais para a rua” (MARIA, 1997, p. 159). Em Florianópolis, tomavam a frente do bloco Brinca Quem Pode (da região central da cidade), e ainda tiveram sua marca na edificação de importantes escolas de samba, como a Sociedade Recreativa e Cultural Unidos da Coloninha (Unidos da Coloninha) (ibidem).

Como outro elemento de disputa, o futebol em Santa Catarina era uma alternativa para algum destaque do povo negro. Embora sistematicamente ignorados ao se tratar em relatos oficiais sobre a importância do esporte ou seus clubes, os homens negros apareciam em alguns arquivos digitalizados, que comprovavam sua ampla maioria na ocupação deste círculo, como no Itaúna Atlético Clube, do sul do estado, em 1965. Sendo então o destaque nesse meio, ainda “nem sempre [eram] tratados de maneira igualitária, mas vistos, lembrados e homenageados” (ZUCHINALLI, 2016, p. 227-229). Ademais, vale pontuar a histórica identificação negra com o Figueirense Futebol Clube, “o time do povo florianopolitano”.

No campo da religião, principalmente por meio das irmandades, o povo negro em Santa Catarina promovia desfiles, buscava viabilizar a compra de alforria às pessoas escravizadas, organizava sessões de “missa”, encontros celebrativos e etc. Exemplo marcante era a Irmandade Nossa Senhora do Rosário, funcionando na Igreja Matriz de São José até 1950 (SILVA, 2011). Outros importantes espaços de socialização do povo negro eram os terreiros. Na constituição da organização popular, o terreiro se fez o “local por excelência dos cultos e rituais africanos, [e onde] a cultura negra firmou-se mais efetivamente” (ZUCHINALLI, 2016, p. 81). Assim, ressalta-se o terreiro da Mãe Malvina, um dos primeiros e poucos terreiros da Grande Florianópolis aos meados do século XX.

Além disso, na busca por uma nova consciência no tocante à cultura e à identidade africana (ALBUQUERQUE, 2014), o MN também desdobrou raízes, dentre outros, na luta

Quilombola, em territórios como o Quilombo Vidal Martins¹³, comunidade remanescente alocada no bairro Rio Vermelho, em Florianópolis.

Apesar de expressões históricas mais longínquas (como as acima apresentadas, do início e meados do século XX) que ressaltam importantes experiências de luta, o Movimento Negro catarinense chegou aos últimos anos ainda bastante confuso em sua direção, misturando entidades, coletivos e organizações em uma ação bastante desconexa e que ainda não ruma a um enfrentamento efetivo da ordem. Em nossas entrevistas, pudemos constatar uma percepção geral das pessoas depoentes de que, apesar da valorosa contribuição histórica das diversas gerações do MN local para as que travam batalhas na linha de frente hoje, e do impacto na afirmação de que há povo e há luta negra na história de Florianópolis, ou ainda na elaboração e pontuação de políticas públicas ao povo negro, o passar dos anos ainda pouco permitiu alcançar no tocante à autonomia, organização coletiva e unidade do movimento, marcando também descontinuidades geracionais na apresentação de alternativas de fôlego à luta negra.

Ao ressaltar elementos já trabalhados sobre o âmbito nacional, como acerca da fragmentação e da institucionalização do MN, as análises das pessoas entrevistadas sobre a realidade local pontuaram, ainda, a dificuldade de se estabelecer uma dinâmica de construção mais radical e pautada pelas bases, reconhecendo a potencialidade de diferentes espaços de atuação e diálogos programáticos, sem abdicar da luta nas ruas. Assim, podemos associar também aqui a realidade do MN a um processo de certo apassivamento, indicado como fruto das mudanças nacionais (por exemplo, sob os governos petistas) que levaram as principais entidades e agremiações em geral a se ligar a esses projetos de governo, seja em termos programáticos, seja também nos próprios órgãos institucionais, carecendo de ação nas ruas.

Junto disso, a professora Jeruse Romão (2021) coloca em sua entrevista outro elemento importante: a preocupação com o distanciamento do movimento geral das ações locais em comunidades, ou ainda da articulação entre os diversos setores do MN no estado. Segundo nossa depoente, esse processo foi agravado nas últimas décadas e contribuiu para perdas estratégicas nos sentidos de firmar redes entre o movimento, bem como de movimentações políticas e ideológicas que impulsionassem projetos e ações do Movimento Negro em conexão nos diversos territórios. Em uma breve análise sobre sua fala, ainda que sem dados quantitativos sistematizados, podemos alcançar a pertinência de suas preocupações – e das críticas que constrói em sua militância cotidiana – ao constatar o cenário já apresentado a nível nacional, que de fato relegou novas dinâmicas e propósitos organizativos e de ação ao Movimento Negro.

¹³ Para conhecer mais, consultar o perfil do Quilombo no Instagram: www.instagram.com/arqvima/.

Afinal, tratamos de um quadro de maior inserção negra na burocracia sindical, realização de eventos em escala nacional e internacional com maior recorrência, priorização de disputas como a da Constituição Federal de 1988, tal qual outras mudanças, num processo que deveria se dar como acúmulo de mobilização desde as bases, mas não se deu, como traz a professora. Dessa maneira, os dilemas seguiram sendo vários.

Uma experiência um pouco mais promissora, contudo, apresenta-se nas lutas da educação. Para Jeruse Romão (ibidem), tem-se nesta área um potencial grande de reconexão da juventude com suas comunidades, de apresentação de um futuro a estas. E isso, em muito, pelo cuidado e firmeza política que se emprega nas lutas, considerando também que

esse lugar é um lugar de muitas mulheres, e muitas mulheres negras. Eu sempre penso que há uma adesão mais rápida dessa pauta porque as professoras já estavam nos seus lugares de atuação, e estavam fazendo as suas reflexões sobre as relações raciais. Algumas estavam nos clubes negros, em Criciúma, em Lages, em Joinville, em Itajaí, Laguna, Tubarão também... esses territórios também foram importantes. E nós temos alguns ícones que são referência, dentre eles Antonieta de Barros, mas também a professora Maria Laura, que é nome de um coletivo. Professora Clotildes Lalau, enfim... a gente tem um conjunto de histórias de negros na educação em Santa Catarina, capitaneada por Antonieta de Barros, que vai nos constituir como um lugar de mulheres negras que pensam a educação, e que a partir da educação, assumem pensamento em torno de outras políticas públicas. Então nós que vamos dialogar com os sindicatos, os partidos, com as secretarias de educação; nós que vamos dialogar com os movimentos políticos da cidade. E aí nós ainda não tínhamos médicos negros como temos hoje; advogados como temos hoje. Então esse povo da educação, por ser um povo que atravessou esse universo acadêmico mais cedo, também era quem estávamos à frente dessas pautas todas, como política pública. Então, assim, a pauta das mulheres estava colocada. Eu, por exemplo, fui coordenadora do Fórum de Mulheres Negras do estado de Santa Catarina, e foi na presidência desse fórum que nós implementamos o programa Antonieta de Barros na Assembleia Legislativa; política pública única no Brasil, não tem em lugar nenhum. E tá aí ainda, há mais de 15 anos, funcionando. Eram as professoras, as mulheres negras, olhando pra uma juventude nas comunidades negras, [...] [e] a gente não pensa só no sujeito, individualizado; a gente pensou numa política em que tinha muitas estratégias articuladas, sabe... e felizmente ainda tem, porque a gente sabe que hoje o programa sofre muito assédio político, mas ainda continua com a mesma legislação assim né, e isso dá um conforto pras entidades, porque elas veem que por enquanto ainda não tiraram da gente esse poder que a gente tem, que é um poder, né, de dizer que é autor do processo dessa política pública. (ROMÃO, 2021)

Estas percepções nos permitem retornar a outra discussão, a saber, acerca da agência de mulheres na elaboração e conquista de políticas públicas voltadas ao povo negro; seu espaço no cenário político. Em âmbito local, como relata Jeruse, o quadro não se difere do histórico nacional já analisado por Lélia Gonzalez:

esse ideário do movimento feminista não nos abraça, até porque a maioria das mulheres do movimento feminista branco, como todo o respeito que tenho à causa que elas defendem, são mulheres de outra classe social, diferente da

gente. São mulheres que vivem outro status econômico, diferente do nosso; elas não moram nas comunidades onde nós moramos; os filhos delas não correm o risco de serem mortos como os nossos correm, independente da condição social que nós tenhamos. Elas são reconhecidas rapidamente, porque são mulheres e brancas; ou seja, o privilégio de ser branca, a branquitude, confere a elas uma estrada que avança muito mais que a nossa, das mulheres negras, que precisamos estar sempre demarcando o discurso de exclusão e de violência inclusive no campo de gênero. Então eu me sinto muito bem como uma mulher do movimento de mulheres negras de Santa Catarina, embora, nos últimos tempos, o movimento não tenha alcançado a visibilidade que ele merecia alcançar, pra fora do estado. (ibidem)

Não curiosamente, esses apontamentos se mostram uma análise comum das mulheres negras entrevistadas para este trabalho. Das mais velhas às mais jovens, destacou-se nos relatos como ainda não se dá o devido reconhecimento às mulheres negras, principalmente nos movimentos feminista e partidários em geral. Sempre mais presentes nas comunidades, nos terreiros, nos Quilombos, nas ocupações e até no trabalho com pessoas migrantes, em situação de rua ou vulnerabilidade em geral, Jeruse aponta que as mulheres negras, nesses espaços,

fazem um trabalho pesado, fisicamente falando e mentalmente falando; que exige um compromisso com cronograma danado... e daí quando chega no final do mês elas tiram 100 reais do trabalho do mês inteiro pra sobreviver. Então a gente não entendeu ainda o protagonismo de um trabalho que inclusive já foi reconhecido internacionalmente¹⁴. E eu digo que: e se fulana fosse uma mulher branca? Nós estaríamos em outros lugares... porque nós fazemos coisas que ninguém faz... e por que que nós, fazendo coisas que ninguém faz, não estamos no lugar que nós deveríamos estar? (ROMÃO, 2021)

Adentrando a discussão do Movimento Negro periférico, fica mais evidente tal situação. Segundo Geovana Mota¹⁵, liderança de projetos nas comunidades da Serrinha e da Costeira, em Florianópolis,

às vezes a gente até esquece que a maioria das mulheres (negras) que tão ali atuando politicamente são líderes comunitárias, muitas vezes, e elas tão ali frente a frente com a comunidade, tão fazendo trabalho muitas vezes diretamente aonde elas tão. E por isso muitas vezes elas não conseguem estar em vários lugares, se expandir, ser um nome que é conhecido em vários lugares, assim... ser uma pessoa que tem um alcance maior, porque muitas vezes ela tá ali naquele trabalho regional, que é essencial, que é muito importante, que é o principal, que tá diretamente ajudando as pessoas, mas que é, bem... muitas vezes mal reconhecido, né. [...] Pra cada morro de Florianópolis, pra cada comunidade, eu conheço uma mulher que faz um projeto social, ou arrecadação de alimento, ou pras crianças com as mães... se mapear, a gente consegue uma rede enorme de pessoas que tão ali atuando sozinhas, localmente, que não têm esse alcance que deveriam ter, ou a valorização que deveriam ter. E aí é difícil a gente ter essa conexão; muitas vezes a gente tá no dia a dia tentando só conseguir o nosso, mas se a gente

¹⁴ Aqui, Jeruse faz alusão ao trabalho empenhado no projeto Revolução dos Baldinhos, sobre o qual se pode conferir mais em: <https://www.facebook.com/revbaldinhos/>. E em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/revo-lucao-dos-baldinhos-de-florianopolis-ganha-premio-de-agroecologia-na-alemanha>.

¹⁵ Geovana Mota é uma jovem negra de 21 anos, graduanda em Geografia pela UFSC. Integra o Projeto C.R.I.A. e atua em comunidades periféricas de Florianópolis. Entrevista concedida em 17/12/2021.

conseguisse fazer essa conexão muitas vezes poderia ser mais fácil né, mais tranquilo. A gente esquece... e acho que o Movimento Negro ele é exatamente pra isso: a gente lembrar que é um movimento, que tá junto, que tem também ali fortalecimento, porque a gente tá num ambiente hostil que é Florianópolis; a gente já tem também outra ideia do que é ser negro por estar no sul... um pensamento que a gente vai tendo, pra viver melhor muitas vezes, de simplesmente deixar pra lá, ou tentar não levar em consideração todo o racismo que a gente vive e tudo isso.. e aí o Movimento Negro é exatamente pra isso, fortalecer, mostrar pra gente que a gente tá junto, que a gente tem também outras formas de conseguir as coisas.

E aí eu acho muito importante realmente a gente ter esse olhar pras mulheres no Movimento Negro, principalmente entendendo o quanto é difícil, mas também entendendo o quanto elas têm várias iniciativas próprias, de conseguir, por já não ter um espaço, já ser negado esse espaço a elas nos movimentos políticos, nos projetos sociais; muitas vezes elas se auto organizam, como foi a batalha C.R.I.A, se auto organizam entre elas, as próprias mulheres fazendo eventos que muitas vezes são pra comunidade. Então esse alcance é muito difícil, às vezes, porque são eventos pras mulheres, muitas vezes; são eventos pras crianças, pras famílias, mas que vão, de certa forma, influenciar em toda a comunidade, com jovens, a comunidade LGBT. (MOTA, 2021)

E não se encerram aí os percalços. Como pontuado na entrevista de Jeruse Romão (2021), pensar o MN nas comunidades locais perpassa também entender a expulsão de diversas lideranças comunitárias pelo tráfico, e a dificuldade de se estabelecer um elemento unificador e de reconhecimento entre as pessoas negras como Movimento Negro, o que também é trazido no depoimento de Geovana Mota (2021). Com isso, podemos compreender mais sobre a especificidade da luta da mulher negra nos diversos territórios locais, corroborando com os apontamentos históricos de diversas militantes dos variados cantos deste país. Resgatando, ainda, um relato de Geovana Mota, é possível captar na firmeza das palavras e da análise algumas chaves importantes que devem nortear o entendimento das carências, potencialidades e necessidades do Movimento Negro em geral e, particularmente, das mulheres negras, o que também veremos se desenrolar na análise própria da FREJUNA, mais adiante:

É muito difícil ser mulher, ser negra, ser periférica, e ainda ter que lutar pela sua sobrevivência, pela sobrevivência de toda sua comunidade... mas aí a gente entende que **essa é a essência da nossa existência. Se a gente não tá aqui pra também tá ali fortalecendo aqueles que tão com a gente, não faz sentido pra gente tá vivendo.** É uma outra visão, é uma outra construção. A mulher já tem essa construção, principalmente como mulher negra, do cuidado. E aí quando a gente tá falando da comunidade, das coisas que ela vê no dia a dia, gente sofrendo, as crianças que ela percebe ali no dia a dia e que muitas vezes não conseguem ter perspectiva de vida... quando a gente tem essa outra realidade, então é um cuidado muito maior, pra além da própria casa, mas pra população realmente. E isso é um movimento político, é um movimento muito grande... eu acho que é uma ressignificação do que é esse olhar, essa indicação de que a mulher tem que sempre ter esse papel do cuidado. **É uma ressignificação, porque a gente tem ali também uma liderança. A gente tá ali pra além do cuidado, tá pra uma organização, pra uma mobilização, pra uma outra forma de enxergar e ser vista também.** E aí eu acho que a gente tem mais alcance quando a gente fala de

levar o movimento pra base, pra comunidade... quando a gente chega a partir dessas mulheres; acho que talvez a gente consiga ter mais alcance, mais acesso, e realmente pode também se fortalecer como movimento. (MOTA, 2021, grifo nosso)

É com estas dificuldades e perspectivas, com as diferenciadas inserções do MN, que, como traz Azânia Nogueira¹⁶ (2021), as mulheres negras também vêm sendo os rostos dos diversos agrupamentos negros locais há algumas décadas. É este o caso de grupos como o Núcleo de Estudos Negros (NEN), o MNU, o Coletivo Negro de Serviço Social Magali da Silva Almeida (Coletivo Magali) e outros, de que trataremos a seguir. Todavia, ressaltamos que há ainda outras iniciativas, anteriores, simultâneas ou posteriores a algumas das que serão expostas a seguir; contudo, com menor relevância para esta pesquisa.

Uma primeira menção cabe à Marcha da Negritude de 2016, evento que visava a manifestar a importância e reivindicar visibilidade à resistência negra, reunindo entidades, organizações políticas e militantes em geral para denunciar as agressões à democracia que se vivenciou em 2016, bem como clamar por políticas para o povo negro (G1 SC, 2016). A marcha foi um importante momento de luta contra o genocídio da juventude negra, a violência contra as mulheres negras e às pessoas LGBTQ+, a intolerância religiosa; por políticas afirmativas e melhorias na saúde e educação direcionadas à população negra, com a aplicação real da lei 10.639/2003. Além destas, outras reivindicações foram pontuadas em uma carta¹⁷, que seria entregue às autoridades políticas locais (SANTOS, 2016). O relato da professora Jeruse Romão (2021) para esta pesquisa destaca, ainda, a reunião de tantas pessoas, que se entendiam como diversas, na construção de uma pauta comum, pressionando “por democracia e nenhum direito a menos” com a carta, com os gritos, com a união negra nas ruas. Para a professora, aliás, a movimentação de focar na ação negra naquele dia, pensando os sujeitos que tomariam as ruas de Florianópolis e a força coletiva que apresentaria as demandas ao governo catarinense, fez a diferença também para mostrar como há um profundo descaso das autoridades locais frente às pautas do povo negro, que há cerca de 30 anos não recebe espaço para diálogo coletivo entre o poder institucional e as organizações culturais, religiosas, sindicais, partidárias etc. da negritude.

Em relação a agentes do Movimento Negro, há a União de Negras e Negros pela Igualdade (UNEGRO), “entidade” fundada em 14 de julho de 1988, na Bahia, por militantes do atual PCdoB, para a qual a luta pela superação do racismo vem, por concepção política

¹⁶ Azânia Nogueira é uma jovem negra de 32 anos, licenciada e mestra em Geografia pela UFSC, e atualmente cursa doutorado na UFBA, na mesma área. Integra o Núcleo de Estudos Negros – NEN e construiu a FREJUNA desde sua fundação até a metade de 2021. Entrevista concedida em 15/12/2021.

¹⁷ O documento está disponível na íntegra em anexo.

fundamentada no marxismo, aliada à luta pela superação do capitalismo, como defendia também Clóvis Moura, seu principal referencial político. Assim, para a “entidade”, um projeto de superação do racismo sem a articulação das questões de classe e gênero não é coerente com a realidade brasileira e inconsistente em sua totalidade: “isto é, é atual a luta pela construção de uma sociedade socialista pautada no fim das desigualdades de raça e gênero [...]” (BRAGA, 2018, p. 14). Contudo, esta apresenta sérias limitações na prática, não havendo clareza a pessoas externas ao agrupamento sobre o que este de fato é (se é entidade, organização ou movimento), inclusive por confusões em materiais do próprio grupo¹⁸. A dúvida se coloca também pela forma de disputa interna, visto que sua organização se dá através de direções, além da realização de congressos, mas, ao que parece, a disputa dessas direções não é feita entre diferentes grupos ou forças políticas, pois é composta por quadros do PCdoB, assim como quadros de sua organização juvenil, a União da Juventude Socialista (UJS), e alguma parcela de militantes independentes. Por fim, na Grande Florianópolis a articulação da UNEGRO dentro das universidades é muito tímida ou nula, e no todo do movimento popular não se tem visto efetiva expressão, uma vez que raros são os eventos promovidos, seja de apresentação, seja de discussão e aglutinação do Movimento Negro da região. Em vias institucionais, veio atuando através de uma suplência no segmento de raça e etnias/povos tradicionais do Conselho Estadual da Juventude.

Localmente, o MNU atua desde 1993, com forte trabalho no campo da educação, em diversos projetos conectados à juventude negra e pobre (mas não somente), principalmente na discussão de acesso à universidade e permanência nesta, como no Projeto de Educação Comunitária Integrar, que abarca, dentre outras questões, cursinho pré-vestibular e acompanhamento dos ingressos nas universidades. Ainda, tem participação em feiras escolares sobre as questões de gênero e raça. Já no âmbito universitário, estiveram compondo ativamente o processo de reativação do Diretório Central dos Estudantes Antonieta de Barros – UDESC. O diálogo com a universidade e a busca por propagação dos conhecimentos acumulados dentro do movimento não se resumem nisso, realizando também palestras em semanas estudantis, como dos cursos de Ciências Sociais e de História da UFSC, trazendo a pauta Quilombola, por exemplo. Nesta, aliás, apresentam protagonismo por todo o estado, como no caso Gracinha¹⁹ e

¹⁸ Em seu artigo “UNEGRO, um projeto de raça, classe e gênero no Brasil”, Alexandre Braga (2018) narra a história do grupo e elementos acerca de sua constituição, mas de forma a evidenciar essa dificuldade de concepção entre organização e entidade. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/re-sources/anais/8/1535365699_ARQUIVO_Abpntexto.pdf. Último acesso em: 11 dez. 2021.

¹⁹ Quilombola da Comunidade Remanescente Quilombola (CRQ) Santa Cruz/Toca que teve as duas filhas arrancadas de si em 2014, em uma perda de guarda marcada por racismo e violação de direitos Quilombolas.

na luta por projeto adequado de habitação e fomento às atividades produtivas rurais em quilombos, também na mesma comunidade, em 2017. Ainda, na articulação das variadas Comunidades Remanescentes Quilombolas do estado, do oeste (como a Invernada dos Negros) ao sul (com lutas na comunidade situada em Paulo Lopes, por exemplo). Outro ponto importante foi a atuação durante a ocupação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA – SC) pelos movimentos sociais e principalmente por Quilombolas em 2017²⁰, em defesa da demarcação, delimitação e desenvolvimento das terras destes. Também veio atuando em diversas outras questões, como no movimento de mulheres e em atos de rua. De modo geral,

o MNU sempre teve uma atuação junto às comunidades, lutando pela população em situação de rua, pelo serviço de transporte público em comunidades carentes e contra a violência policial. Atuamos em atos contra privatizações (Eletrosul e COMCAP²¹), em debates sobre racismo no mercado de trabalho, em defesa da libertação de Mandela, com palestras em escolas públicas [...]. (PINEDO, 2020 apud LUZ, 2020, p. 3)

Outra forte expressão do Movimento Negro local é o Núcleo de Estudos Negros (NEN). Criado em 1986, por uma segunda geração de militantes do MN, o NEN impulsionava programas e formações de professores em áreas como a educação, a história, a cultura, o direito etc., articulando e organizando o MN no estado e na região sul como um todo, articulando seminários diversos (GONÇALVES; GONÇALVES E SILVA, 2000), voltando-se a uma intervenção mais estrita ao meio acadêmico à chegada da década de 1990, com apoio da Fundação Ford²² para seus programas (LUZ, 2020). Como trazido em uma das entrevistas para este trabalho, o NEN também se destaca porque

Mais informações podem ser encontradas nas várias notas do MNU sobre o caso, em sua página do Facebook: <https://www.facebook.com/mnusantacatarina/>.

²⁰ Algumas informações podem ser obtidas em: <https://www.facebook.com/jornalistaslivres/videos/580369878753560/>. E em: https://www.facebook.com/notes/movimento-negro-unificado-santa-catarina/a-luta-quilombola-e-a-ocupa%C3%A7%C3%A3o-do-incrasc/1093769180758438/?_tn_=HH-R. Último acesso em: 11 dez. 2021.

²¹ A COMCAP, Companhia Melhoramentos da Capital, é uma autarquia ligada à Prefeitura Municipal de Florianópolis. Tem sofrido duras investidas de sucateamento e privatização por parte das forças políticas de direita, especialmente sob o mando de Gean Loureiro. Sua defesa é recorrente junto aos movimentos populares florianopolitanos, em especial pelo sindicato a que suas parcelas trabalhadoras se associam, o SINTRASEM, em cujas redes sociais é possível acompanhar mais acerca da luta contra o desmonte da COMCAP. Já Gean Loureiro é o prefeito de Florianópolis pelo segundo mandato, tendo sido reeleito em 2020, sob a sigla do partido Democratas (DEM), e reconduzido ao executivo a 01 de janeiro de 2021. Para concorrer ao governo de Santa Catarina, renunciou à prefeitura em 31 de março de 2022. Hoje, está filiado ao partido União Brasil (UNIÃO).

²² A Fundação Ford é sediada nos Estados Unidos da América, mas renomada mundialmente pelo seu caráter de financiadora de programas de defesa e promoção da democracia, dos direitos humanos e pela redução da pobreza e do racismo. Neste bojo, segundo seus documentos, apoiou a criação do Núcleo de Estudos Negros “para [este] fornecer informações sobre racismo e desigualdade racial para professores de escolas pública” (ADORNO; CARDIA, 2002, p. 230). Aqui, cabe considerar que a fundação é um dos principais expoentes no fomento à pesquisa no campo das relações étnico-raciais no Brasil; contudo, que há uma série de disputas

Santa Catarina ainda é um estado muito invisibilizado no aspecto das políticas de combate ao racismo. E isso é uma coisa que não é de sempre. Quando o NEN surge, nós passamos a ter visibilidade nacional, e muita, por sinal... não foi pouca não! Primeiro porque Santa Catarina está no polo, é um dos primeiros estados que tem lei pra tratar sobre história e cultura afro-brasileira nas escolas; a primeira lei de Santa Catarina é de 1992, então é importante né você ter essa... porque a 10.639 é de 2003, é a primeira política nacional, e a gente já tinha esse debate, essa compreensão política, e já tinha uma articulação e uma certa força política no sentido de se fazer aprovar, né. Porque não basta ter a intenção da lei, precisa aprovar nas câmaras de vereadores de Santa Catarina, e nós aprovamos! Itajaí, Florianópolis, Criciúma. Em algumas transitou e não tiveram tempo de serem aprovadas, porque acabavam não sendo bem pautadas. Mas acho importante destacar assim. (ROMÃO, 2021)

Além disso, segundo o depoimento da professora Azânia Nogueira (2021), o NEN também produziu muitas contribuições ao governo federal, via SEPPIR, Ministério da Educação (MEC), Fundação Cultural Palmares e outros espaços institucionais.

Enveredando mais pelos setores do Movimento Negro local atuantes no âmbito universitário, vemos principal expressão na UFSC e na UDESC, ainda que, segundo Jeruse Romão (2021), pouco se dê atenção às produções locais sobre questões étnico-raciais. Na UDESC, há um histórico forte na discussão da questão racial, principalmente nas ações coletivas de jovens integrantes do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB UDESC), um projeto de extensão reconhecido por todo o Brasil. As ações, entretanto, possuem um viés acadêmico um tanto estrito, trazendo importantes contribuições teóricas a diversos campos das discussões sobre raça, mas não instigando uma efetiva mobilização estudantil.

Em 2017, houve uma tentativa de fundação do Coletivo Ponta de Lança, composto por discentes e docentes; contudo, a iniciativa não conseguiu se desenvolver, e o que restou foi apenas uma rede de contatos entre estudantes do Campus 1 (Itacorubi). No ano de 2018, houve um grande escândalo a partir da descoberta de diversos abusos e estupros realizados pelo coordenador do NEAB ante bolsistas e uma secretária do núcleo²³, o que levou a uma intensa

políticas e interesses de dominação ideológica por trás de tais projetos, carregando consigo a política imperialista dos EUA. e impondo um conjunto significativo de orientações questionáveis acerca da produção científica oriunda de projetos apoiados pela instituição – isso, todavia, sem desconsiderar que neste trabalho nos valem e encontramos também obras importantes, de cientistas a quem temos algum grau de proximidade ideológica, que trazem apoio da fundação. Para compreender melhor a agência desta, sua relação com os órgãos de Estado dos EUA. e como trabalha a questão étnico-racial, pode-se conferir os estudos de doutorado de Wanderson Chaves (2011), sob o título “O Brasil e a recriação da questão racial no pós-guerra: um percurso através da história da Fundação Ford”, e a série de reportagens do portal Esquerda Online (2016; 2017), que se encontra disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2016/12/10/discutindo-a-fundacao-ford-parte-1-de-4/>. Último acesso em: 25 mar. 2022.

²³ “Em março de 2018, ao menos oito alunas da Udesc procuraram a polícia para denunciar o professor [Paulino de Jesus Francisco Cardoso], que atuava no Departamento de História, por assédio sexual. Os abusos, segundo as vítimas, aconteceram em um laboratório onde o docente coordenava o Neab (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros). As investidas transcorriam durante orientações particulares em seu gabinete a portas fechadas. Em abril do mesmo ano, ele foi afastado do cargo pela primeira vez. O afastamento foi recomendado pela comissão de sindicância interna da Udesc, que foi composta por quatro servidores, e acatado pela reitoria. Com o fim da

série de protestos a nível municipal. Na época, fortaleceu-se a articulação com a UFSC e também a visibilidade da pauta racial na cidade, acendendo faíscas de alguma articulação efetiva do Movimento Negro; todavia, com o lento desenrolar do processo e a falta de um horizonte traçado, o corpo estudantil negro da UDESC foi perdendo esperanças desde então. De todo modo, vale ressaltar o protagonismo feminino negro na construção das denúncias e da luta como um todo, dirigindo o apoio universitário (e popular em geral) para garantir o suporte às vítimas e alavancar o debate sobre as diversas violências sofridas no meio institucional e para além dele, em continuidade da histórica luta das mulheres negras.

Atualmente, a universidade tem algumas iniciativas, em que se destaca o Coletivo NEGA (grupo de teatro formado por mulheres negras, proveniente de um projeto de extensão), como grupo que discute as questões raciais, mas sem aprofundamentos maiores sobre a vinculação da luta negra à luta contra o sistema capitalista. Entretanto, sempre são proporcionadas ações de suporte à população negra no contexto universitário (ou visando ao acesso a este), com grande abrangência, alcançando também grande sucesso, como nas produções teatrais organizadas em 2021, por exemplo. Ademais, pensando o movimento estudantil desta universidade, na última eleição do Diretório Acadêmico Oito de Maio (DAOM), do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), a chapa eleita (“Sankofa”, 2017/2018) era composta apenas por pessoas negras, e de início teve grande protagonismo dentro do movimento estudantil da FAED e na defesa das vítimas abusadas pelo coordenador do NEAB. Porém, suas articulações foram esmorecendo. Atualmente, a gestão “Araponga”, do DCE Antonieta de Barros, tem levado adiante os debates mais caros ao corpo estudantil negro, intervindo institucionalmente e no movimento popular sob um programa antirracista.

Na UFSC, a organização do Movimento Negro veio preponderando sob atuações geralmente dispersas, mas ora conjuntas, de coletivos negros. O Coletivo Kurima – Estudantes Negras e Negros da UFSC surgiu em 2011, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre temas relacionados ao povo negro brasileiro e em diáspora, dentro ou fora da universidade. Promovia projetos como ciclo de palestras, feijoada e samba no Restaurante Universitário, e participou da criação do Fórum dos Movimentos Estudantis Negros (FOMOVEN), ao lado do Coletivo 4P – Poder Para o Povo Preto, em 2012. Ao início do ano de 2017, houve uma expressiva intervenção dentro do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), organizando

comissão de sindicância, foi aberto em 9 de novembro de 2020 um PAD, formado por três professores efetivos da instituição e concluído nesta semana [24/02/2022]” (STROISCH, 2022), resultando na demissão do professor. Pode-se entender melhor o caso em: <https://ndmais.com.br/educacao/professor-da-udesc-acusado-de-assediar-alunas-e-demitido-da-instituicao/>. Último acesso em: 25 mar. 2022.

um mês inteiro de performances, exposições e debates sobre o racismo e o significado do 13 de maio. Neste período, foi possível estabelecer alguma aproximação coletivo-entidades, como com o Centro Acadêmico Livre de História (CALH), principalmente para apoio e denúncia frente a represálias e ataques racistas de alunos e professores do centro. Desde então, numa visão mais ampla, a atuação do coletivo na universidade tem decaído, além de ter se distanciado da articulação com o movimento estudantil.

Já o Coletivo 4P foi formado no segundo semestre de 2013, por pessoas negras de diversos cursos da UFSC, com o objetivo de atuar na luta antirracista dentro e fora da universidade e discutir a Lei de Ações Afirmativas. Além de sua atuação no Fórum dos Movimentos Estudantis Negros (sobre o qual comentaremos adiante), o 4P organizou o pré-Encontro Nacional de Estudantes e Coletivos Universitários Negros em Florianópolis, em 2015. Foram para este encontro (EECUN) mais de 80 pessoas de Florianópolis, e o evento teve como objetivo a discussão do racismo na academia, as políticas de ações afirmativas e questões correlatas. Segundo uma das militantes da FREJUNA entrevistadas para este trabalho, Amanda Koschnik (2021)²⁴, os trabalhos do Movimento Estudantil Negro na UFSC se potencializaram também após estes eventos, com a procura por estabelecer espaços de diálogo entre as pessoas negras, conquistando a Sala Quilombo e realizando duas edições da Virada Antirracista, que comentaremos adiante.

Atuando firmemente na organização da denúncia das fraudes nas cotas em 2017, bem como na organização da Calourada Negra em 2018 e 2019, e na organização de seminários sobre permanência estudantil e ações afirmativas, o Movimento Negro em Defesa das Cotas (MNDC) é uma articulação recente na UFSC, de modo que não se possui muitas outras informações sobre tal. Este movimento, que ao longo dos anos acabou por oscilar bastante em sua expressividade, até quase não aparecer nos dias atuais, apresentava também uma composição bastante confusa e difícil de se analisar, reunindo em certos momentos organizações que atuavam inclusive no DCE Luís Travassos – UFSC, e noutros apenas poucos militantes ligados à Rede Estudantil Classista e Combativa (RECC). Em geral, o diálogo deste movimento com as entidades (incluindo também algumas de base, não apenas o Diretório Central dos Estudantes) se resumiu a apoios financeiros para atos e eventos, ou a escassos momentos de elaboração e reivindicação junto à Reitoria sobre as bancas de validação de ações afirmativas. Por fim, o MNDC bastante se mobilizou para a reivindicação da Sala Quilombo,

²⁴ Amanda Koschnik é uma jovem negra de 27 anos, licenciada e bacharela em História pela UFSC. Também militante do Coletivo Alicerce, integra a FREJUNA desde sua fundação até o presente momento. Entrevista concedida em 10/12/2021.

situada no Centro de Convivência – espaço que já ocupara junto a outros coletivos. Além disso, a articulação com os movimentos da cidade, principalmente da UDESC, foi fortalecida em campanhas de solidariedade às vítimas e repúdio aos casos de assédio que ocorreram nesta outra universidade, por exemplo, e buscando maior interação com o DAOM.

Como movimentação dos grupos ligados ao MNDC, especialmente a RECC, também foi suscitado na UFSC, de 2017 a 2018, um princípio de ações pela criação de um Diretório de Estudantes Negros “Quilombo Beatriz Nascimento” da UFSC. A criação do diretório era defendida com concepções equivocadas e sectárias de entidade, tática e estratégia, em que afirmavam que não havia representatividade negra nas entidades estudantis existentes e era necessário formar um contrapoder a estas. O diretório teria uma assembleia semestral, enquanto instância máxima de deliberação, para reunir as pessoas negras e seus coletivos; reuniões gerais ordinárias mensais, que seriam as instâncias organizativas e deliberativas sobre questões imediatas; e secretarias executivas com reuniões semanais (finanças, acesso e permanência, comunicação etc.). Ou seja, o Diretório seria uma entidade estudantil paralela ao DCE, voltada somente para as pautas do corpo estudantil negro, e com sérios desvios teóricos, políticos e de concepção, de tendência anarquista e pós-moderna, do que são, de qual o papel e como se disputam as entidades estudantis. Além disso, sua possível existência muito contribuiria para a fragmentação observada historicamente em diversas tendências do Movimento Negro que negam a existência da sociedade de classes e do horizonte socialista para a superação da discriminação racial e do racismo.

Congregando de modo amplo esses diferentes movimentos, o Fórum dos Movimentos Estudantis Negros da UFSC (FOMOVEN) seria a instância reconhecida pela universidade e consultada por sua Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades (SAAD) para intervir em determinados assuntos, tais como as bancas de validação das cotas. O Fórum, denominado "entidade" por seus membros, foi constituído inicialmente pelo Coletivo Kurima e militantes que fundariam o Coletivo 4P, em 2012, para atuar a partir de demandas institucionais, como as alterações na resolução da Política de Ações Afirmativas. Era considerado pelos coletivos negros como o meio legítimo e formal para articulação com a instituição, encaminhando demandas; definindo representantes para atuarem em diferentes entidades, setores, comissões, comitês na universidade e comunidade; organizando, de forma legítima e democrática, o movimento; estudando, discutindo e definindo o que fosse do interesse de quem participasse daquele espaço. Tendo estado desativado por um bom tempo, contou com iniciativas de reativação em 2018 e 2019, sob atuação de novas pessoas e coletivos; contudo, sem êxito real.

Outros dois coletivos importantes de serem mencionados são o Coletivo Negro do Curso de Direito da UFSC Lélia Gonzalez (LeGon)²⁵ e Coletivo Negro de Serviço Social Magali da Silva Almeida. A militância do LeGon e do Coletivo Magali atuou junta em algumas ocasiões nos entornos de 2019, sobretudo na organização de seminários, palestras, leituras em grupo e debates na UFSC, sobre temas como racismo institucional, cotas raciais e atividades acadêmicas e de integração no mês de novembro. A princípio, estes coletivos têm sua atuação mais voltada para debates na universidade, e ao longo do ano de 2018 tiveram protagonismo com o debate de cotas por meio de importantes intervenções visuais dentro do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) e, após ampla discussão e pressão frente à instituição, a garantia das ações afirmativas com recorte racial para a pós-graduação do curso de Serviço Social.

Diferentemente das características até então observadas e já comentadas sobre o caráter dos coletivos do Movimento Negro, estes sempre promoveram maior diálogo e melhores relações com as entidades estudantis. Atualmente, o LeGon segue com atividades mais pontuais, e o Coletivo Magali tem expandido suas áreas de atuação, sendo composto por pessoas já graduadas e atuantes na Assistência Social também, liderando importantes lutas antirracistas na UFSC e se integrando, ainda, a mobilizações do todo da cidade e para além dela. Ainda que tenham alcançado importantes vitórias para o corpo estudantil, os coletivos encontraram também barreiras na lida em seus cursos e com o movimento estudantil em geral.

Essas dificuldades de articulação entre Movimento Negro e movimento estudantil são uma constante na realidade da UFSC e da UDESC, com sérias debilidades das entidades, sejam elas de base ou gerais, quanto ao diálogo e à vazão às demandas estudantis negras. Isso se insere, ainda, no contexto histórico abordado no capítulo inicial, haja vista os embates longínquos entre o Movimento Negro e o todo dos movimentos sociais acerca da consideração, elaboração e priorização das demandas e demais pautas negras dentro das esferas políticas. Sob uma ordem racista e uma realidade de significativa dificuldade organizativa dos movimentos sociais, este seria mesmo o único resultado possível, ainda que não possamos nos conformar com isto. Nesse sentido, os últimos anos têm sido marcados por uma tentativa de dar nova tônica às ações do MN em diálogo ao movimento estudantil, ou até se reconhecendo neste conjunto maior, quando se tratando de fato de estudantes. Nacionalmente, lideranças negras têm despontado no movimento estudantil, tal qual na realidade da UFSC e, em alguns momentos, da UDESC.

²⁵ A carta de apresentação do coletivo está disponível na íntegra em anexo.

Perpassando ainda alguns desses conflitos, e movimentações de certa forma dissociadas, os últimos anos foram palco dos eventos da Virada Antirracista, especialmente problematizando conflitos, silenciamentos, episódios brutais e agressões em geral desenroladas no cotidiano da UFSC, pelo racismo institucional, de modo geral, e também por práticas mais individualizadas, de violência direta, alusão ao nazismo e outras, como em 2016. Na UFSC, timidamente, visando a superar essa condição fragmentada e rumar a uma reorganização coletiva, de 2017 até o momento atual, as duas últimas gestões do DCE Luís Travassos vêm buscando organizar atividades mais direcionadas às pautas do MN, bem como conseguiram importantes vitórias para a garantia de permanência e assistência estudantil, mesmo em meio a duros tempos – essas sim de maior relevância, sendo fundamentais também ao corpo estudantil negro. Contudo, os desafios seguem grandes, com uma participação ainda minoritária da juventude negra nos principais espaços de decisão do movimento estudantil, mas um cenário, desde o surgimento da FREJUNA, de maior intervenção negra na esfera representativa estudantil, pelas diversas entidades ou mesmo com seus coletivos próprios.

Logo, como já exposto, o Movimento Negro que se formou e se desenvolve no Brasil reserva uma gama diversificada de leituras da realidade e formas de intervenção diante desta. Entretanto, percebe-se, em sua trajetória, a confluência na busca por tomar para si uma história roubada; por resgatar, na união, na valorização cultural, na reivindicação da importância do povo negro para a construção do Brasil que vemos hoje, a consciência e a força coletiva deste se entender não como sendo propriedade de outrem, como desajustado à ordem, mas sim como capaz de construir um novo horizonte. Ademais, é também partindo dessas confluências que se mostram pontos de intensa discussão e progressivos consensos no meio acadêmico e militante, como acerca de alguns conceitos fundamentais ao entendimento dos desdobramentos do capitalismo dependente e da conjuntura de escandaloso acirramento da retirada de direitos do povo. Um destes, fundamental para as discussões que atravessam este estudo, é o de genocídio. Para esta definição, recorremos a Abdias do Nascimento (1978), que toma por genocídio

o uso de medidas deliberadas e sistemáticas (como morte, injúria corporal e mental, impossíveis condições de vida, prevenção de nascimentos), calculadas para a exterminação de um grupo racial, político ou cultural, ou para destruir a língua, a religião ou a cultura de um grupo (WEBSTER, 1967 apud NASCIMENTO, 1978, p. 14)

ou “[a] recusa do direito de existência a grupos humanos inteiros, pela exterminação de seus indivíduos, desintegração de suas instituições políticas, sociais, culturais, linguísticas e de seus sentimentos nacionais e religiosos” (MEC, 1963, p. 580 apud NASCIMENTO, 1978, p. 15).

Com isto, podemos partir a uma análise específica da conjuntura que atravessa a criação da frente e dá a tônica à sua necessidade e aos seus trabalhos.

1.3. UM BREVE OLHAR SOBRE O GOVERNO BOLSONARO

Revestido de um discurso neocolonialista, pautado na defesa do racismo como algo alheio à nossa história, o chefe do Executivo federal, junto de sua corja, não mede esforços para atacar o povo negro, Quilombolas, trabalhadoras domésticas e todas as camadas populares – e dizimar suas conquistas. Assim, o momento atual é marcado pelo negacionismo e pela desordem, e por uma investida sumária sobre as políticas de acesso à informação e monitoramento, os censos e os trabalhos sobre indicadores sociais²⁶. Em não outro estado senão de pavor, também nos deparamos com a crescente omissão, incompletude e deturpação das investigações das polícias promovida por Bolsonaro e seus pares, na intenção de mascarar a realidade e sustentar seu controle sobre as instituições. Contorcemo-nos diante da brutal ofensiva de desmonte do serviço público e de instituições como as universidades federais. Lamentamos pelos anos de história, cultura e tanta tradição popular, negra, brasileira que se perdem nas chamas que destroem o Brasil, sob incêndios reais ou simbólicos que acometem dos museus à Fundação Cultural Palmares, hoje comandada por um “negro de direita, antivitimista, inimigo do politicamente correto”²⁷, que não hesita em destruí-la. Das formas veladas às agressões escancaradas, a realidade que vivemos escancara o esmagamento dos direitos, o descrédito à ciência e a banalização da vida e da trajetória de um povo que ousa lutar pela sua emancipação.

Se é amplamente registrado e comprovado que os tempos pretéritos foram de dura labuta do povo negro para sua própria existência e resistência ante tamanhas agressões, é fato também que os últimos anos têm assegurado investidas vorazes contra o povo em geral, e que atingem substancialmente as parcelas negras. A ascensão do governo Bolsonaro ao poder vem para carimbar a guinada fascistizante sobre o Estado autocrático burguês²⁸ brasileiro. Incapaz

²⁶ Como exemplo, o governo federal promoveu a diminuição em 96% do orçamento para o censo do IBGE que seria realizado em 2021, como se lê em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/26/corte-do-orcamento-pode-inviabilizar-censo-2021-entenda-a-importancia-da-pesquisa.ghtml>. Último acesso em: 22 mar. 2022.

²⁷ Autodescrição apresentada na “biografia” do perfil de Sérgio Camargo na rede social Twitter. (CAMARGO, 2020)

²⁸ Partimos das contribuições de Florestan Fernandes nesta conceituação, como no seguinte trecho: “O Estado se diferencia e, ao mesmo tempo, satura sua estrutura constitucional e funcional de uma maneira tal que fica patente ou que se pratica, rotineiramente, uma democracia restrita, ou que se nega a democracia. Ele é, literalmente, um Estado autocrático e oligárquico. Preserva estruturas e funções democráticas, mas para os que monopolizam simultaneamente o poder econômico, o poder social e o poder político, e usam o Estado exatamente para criar e manter uma dualidade intrínseca da ordem legal e política, graças à qual o que é

de ganhar maiorias em torno do seu projeto de sociedade, o núcleo duro fascista, sob violência e coercitividade, forja os consensos que garantem sua dominação. Assim, sob uma forte militarização dos ministérios²⁹, de modo a dar sustentação à agenda política do governo, vemos operar o sufocamento dos pactos de direitos humanos, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e de conquistas sociais básicas, engatando a marcha de um projeto de fome, miséria, desemprego e violência – em curso acelerado. Isso tudo como desdobramento ainda das tensões sociais e imposição das elites, como sob o pacto democrático instituído com a CF de 1988, que assentou a tutela militar como elemento de uma contrarrevolução preventiva e prolongada, que vem avançando com furor e legando um fechamento do regime expresso no processo de fascistização do Estado³⁰ em curso, que se desdobra atrelado ao golpe à democracia e à

oligarquia e opressão para a maioria submetida, é automaticamente democracia e liberdade para a minoria dominante” (FERNANDES, 2005, p. 406 apud ROSSO, 2015, p. 82).

²⁹ “Em menos de um ano e meio de mandato, Bolsonaro já nomeou mais de 2200 militares para cargos de alto e médio escalão no Executivo. Os uniformizados controlam oito dos 22 ministérios.” (JCA, 2020). Disponível em: <https://jcabrasil.org/a-militarizacao-nem-tao-silenciosa-do-brasil/>. Último acesso em: 01 out. 2021.

³⁰ Partimos da compreensão apresentada nos materiais “O que é fascismo?” e “O que é fascismo? (parte 2)” produzidos pela militância da Juventude Comunista Avançando – JCA Florianópolis a partir de contribuições principalmente, dos intelectuais Georgi Dimitrov e Florestan Fernandes. Segundo esta organização política: o processo de fascistização acontece não só pela eleição ou ascensão de um governo fascista (ou de núcleo duro fascista), mas pela ação consciente do capital financeiro em garantir suas posições e direção na sociedade de maneira terrorista, chauvinista, policialesca, e isso acontece para além da institucionalidade do governo. Dessa maneira, o fascismo rompe com as próprias concessões e os acordos dentro do campo estabelecido pelas correlações de força na sociedade; que não quer disputar com a oposição, mas sim liquidá-la em defesa dos valores mais conservadores, reacionários, antipopulares e racistas. Este processo é visto com o atrelamento da estrutura sindical brasileira ao Estado – tratado como uma herança muito conservadora, retrógrada e antidemocrática, carregada desde os governos Vargas –; a perseguição, criminalização e tentativa crescente de extermínio dos movimentos sociais de trabalhadores, estudantes, camponeses, de pautas emancipatórias e que dizem respeito a um outro projeto de sociedade, como a luta contra o racismo e o patriarcado; ou a instituição de uma intolerância generalizada contra posições que mostrem contradições com o capitalismo. Há uma grande diferença entre a escalada fascista nos países de capitalismo central e nos de capitalismo dependente – que é o caso do Brasil, como comentado anteriormente. Nesta realidade dependente, a burguesia local nasce coordenada e submetida aos interesses do imperialismo, uma situação histórica muito diferente da formação social nos Estados Unidos e em boa parte da Europa, onde o desenvolvimento de uma burguesia nascida da luta e da vitória contra o antigo regime produziu uma sociedade muito diferente. Assim, enquanto a escalada fascista tem um conteúdo verdadeiramente nacional na Itália, na Alemanha e nos Estados Unidos, na medida em que controlam e organizam setores determinantes da burguesia internacional, a fração hegemônica que dirige esses países é a sua própria burguesia financeira nacional – então, quem “manda e desmanda” é a burguesia do próprio país. No caso dos países dependentes, como o Brasil, entretanto, a dinâmica é outra: a fração hegemônica do capitalismo dependente brasileiro é o imperialismo. Então são as potências estrangeiras e o capital financeiro internacional que, em última instância, organizam a exploração da força de trabalho brasileira e articulam, junto com as elites brasileiras, o sistema político e o seu fascismo de uma maneira própria, vira-lata, entreguista e pseudopatriota. Em um período de fascistização do Estado se radicaliza a agressão das classes dominantes em todas as esferas da sociedade civil, como o que se vê no Brasil. Cada vez mais embutida nas vias institucionais – desde os elementos ditatoriais da constituição de 88, até traços comuns da cultura em geral –, a fascistização se acelerou com a eleição do Bolsonaro pra presidência, e os ataques à saúde, educação e ao povo mais pobre vem apenas como um começo do governo desastroso. O núcleo duro, mais próximo do presidente – este sim um fascista – almeja e planeja um autogolpe, uma virada para liquidar qualquer mediação da semidemocracia, muito limitada, que vivemos. Prova disso é que em menos de três anos como presidente, Bolsonaro e seu governo entreguista se aliaram ainda mais ao imperialismo norte-americano, reforçaram os privilégios dos militares e da burguesia nativa, acirrando ainda mais as contradições de classes e fazendo de tudo para sabotar e liquidar a organização do povo – com perseguição aos sindicatos, com a

presidenta Dilma Rousseff, efetivado em 2016, e marca intensamente a política brasileira até hoje, especialmente após a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República, em 2018.

Também não é ousado ou inovador apontar tal governo como o governo da morte. Sem medir esforços, as classes dominantes incrustam seu programa de morte nos meios institucionais, e, para dar conta de sua meta maior, a insuficiência de políticas públicas de incentivo ao povo negro e as diversas agressões se combinam ao patrocínio das milícias e à corrupção de agentes estatais para instaurar um verdadeiro estado de terror. Dessa maneira, reina o medo, que assola os jovens, que têm seus sonhos encerrados numa bala; as mães, que nunca obtêm amparo ou respostas; e as crianças, que, quando não são assassinadas, batalham para driblar as estatísticas e a sociabilidade maculada pela morte precoce de seus irmãos.

Alicerçados nas políticas armamentistas do governo e em propostas espúrias como o “pacote anticrime” de Sérgio Moro, o aumento expressivo de registros de armas na Polícia Federal (PF) (205% em 2020) e a lógica devastadora de “produtividade” das incursões militares nas comunidades se associam à alegação de “autos de resistência”, usualmente empregada pelas polícias para sustentar o massacre do povo negro, dado o excludente de ilicitude em suas ações. Cada vez mais protegida pelas armas, ou inocentada pelas esferas jurídicas e políticas, a polícia se vê com “carta branca” para matar. E, nesse cenário, a lógica do “atira primeiro e pergunta depois” é que o predomina quando mencionamos a juventude negra: cerca de 79% dos homicídios cometidos pela polícia foram contra jovens negros. Os dados sobre o período de ascensão de Bolsonaro trazidos pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2020) também destacam a sobrerrepresentação negra entre as vítimas de mortes intencionais: em 74,4% dos casos as vítimas são negras. Ao retratar as ocorrências contra LGBT+s e por feminicídio, o Atlas da Violência (2020) destaca também o mesmo perfil: se, em 2018, uma mulher foi morta a cada duas horas, 68% delas eram negras. Entre 2008 e 2018 houve um crescimento de 12% na taxa de feminicídio entre as brasileiras negras. Não há para onde fugir sob esta realidade nua e crua: a juventude é mira inconfundível da bala “perdida” e de um sistema que apaga sua história, violenta seu corpo e esmaga seu futuro, em que a morte matada vira sina.

Desde o início de seu governo, fazendo jus à campanha difamatória e agressiva, Bolsonaro também apresenta como inimigos claros os movimentos sociais. Se hoje parece uma

reforma sindical, agressão constante à UNE [União Nacional dos Estudantes] e às universidades e vários outros ataques, tudo isso junto de um forte obscurantismo ideológico –, não sendo também à toa que o posicionamento favorável do presidente a iniciativas como o “Escola Sem Partido”. Logo, o fascismo não precisa carregar as semelhanças estéticas da Alemanha e da Itália do século XX, afinal, a crise estrutural do capital, o entreguismo, as privatizações generalizadas e a autocracia do governo já demonstram esse processo acontecendo no Brasil e na América Latina como um todo, como já aconteceu antes. (JCA, 2020)

constante a avalanche de perseguições, desaparecimentos, atentados e tantas outras violências contra militantes dos movimentos populares de diversos segmentos (vale frisar, de esquerda), não podemos ignorar os primeiros passos dados pelo governo contra o MN e o movimento estudantil. Em 2019, ainda antes das mobilizações que marcaram o país como “Tsunami da Educação”, Bolsonaro e sua equipe avançaram sobre universidades promotoras ou apoiadoras dos principais eventos estudantis do início daquele ano, como o XV Conselho Nacional de Entidades de Base da UNE (CONEB, ocorrido na Universidade Federal da Bahia (UFBA)), o III Encontro Nacional de Educação (ENE, ocorrido na Universidade de Brasília (UnB)) e, claro, o 6º Encontro de Estudantes Negros, Negras e Cotistas da UNE (ENUNE, ocorrido na Universidade Federal Fluminense (UFF)). Assim, declarando abertamente que seu projeto era a total desarticulação da oposição, especialmente a juventude.

Voltando-nos ao contexto catarinense e florianopolitano, é importante trazer mais algumas considerações. Em uma série de reportagens sobre a questão de gênero, violência contra a mulher e feminicídio, cabe o destaque a um tópico de matéria do Portal Catarinas, contendo a contribuição de uma militante da FREJUNA sobre indicadores sociais locais:

Em Santa Catarina, 80% da população de 7,1 milhões de pessoas (estimativa do IBGE [(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)] em 2019) se declara branca, 16,5% pardos e 3% se reconhecem como negros. Por este motivo, SC tem suas especificidades quanto ao índice de assassinatos de mulheres pretas em relação a outros estados brasileiros. Mas ter menos pretos, não quer dizer que aqui eles morrem menos.

‘Se formos olhar os dados isoladamente nos parece menos representativo do que eles são, mas esse número de homicídios e feminicídios em proporção são ainda mais preocupantes. E ainda tem outra questão, até ser considerado feminicídio, qual caminho de inúmeras violências essas mulheres sofreram? Como elas são recebidas, acolhidas e atendidas nos espaços institucionais? Quanto não acesso a determinados direitos experienciam essas mulheres?’, questiona Amanda Rosa Koschnik, militante do Coletivo Alicerce e da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA).

[...] De acordo com o Atlas da Violência publicado em 2020, do total de mulheres assassinadas em 2018 no Brasil, 68% eram pretas. Com a crise sanitária, econômica, política e ambiental que o país vive a sociedade mais pobre é a que sofre mais.

‘Com essa crise, aumenta o desemprego, aumenta o trabalho informal e sem direitos, aumenta a fome, isso gera muita violência. Em primeiro lugar temos que entender o aumento dos homicídios enquanto parte do genocídio negro e, portanto, uma política de morte’, completa a militante. (RABELO, 2020)

Dessa forma, podemos ver como o projeto de asfixia das “minorias” se desdobra sob o comando de Bolsonaro, atingindo de forma brutal a juventude e as mulheres negras. Em compasso, são essas as mais agredidas em suas iniciativas de organização e luta.

Esse clima e mobilização do aparelho estatal para desmobilização, perseguição e encerramento da luta popular, das comunidades às instituições, é o que se estende até hoje. Se, em 2019, as ruas foram tomadas com fôlego por milhões de pessoas em todo o país, na defesa da educação e tantas outras pautas, o ano de 2020, com a chegada da pandemia, escancarou sérias debilidades no campo da esquerda.

Em Florianópolis, nosso foco de estudo, as centrais sindicais e os setores organizados tiveram muita dificuldade de pautar e mobilizar para as lutas nacionais – reflexo, por exemplo, da desarticulação do Fórum de Lutas em Defesa dos Direitos (espaço de unidade construído por diversas entidades, organizações etc.) e dos esforços voltados às eleições gerais, especialmente no segundo semestre do ano. Houve, é claro, empenho local por parte de entidades como o Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Florianópolis (SINTRASEM) e o Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina – Regional Florianópolis (SINTE) em lutas mais específicas que dizem respeito às suas categorias, ou ainda dedicação, especialmente do SINTRASEM, em dialogar e apoiar demais segmentos em suas manifestações, mas sem grandes mobilizações nacionais em torno da defesa do serviço público; por medidas adequadas de combate à pandemia; contra a fome, a miséria, o desemprego e a fascistização; enfim, contra o projeto das elites e o governo Bolsonaro. Ainda, sem a presença em grande escala do movimento estudantil, tendo pesado especialmente a ausência da juventude da UFSC e da UDESC, setor dinâmico que vinha contribuindo na mobilização massiva, o que também contribuiu para arrefecer a luta.

Apesar do refluxo desses setores, houve considerável expressão de movimentações e protestos populares em Florianópolis, em lutas de caráter mais espontâneo empreendidas pela população após episódios específicos. Comunidades de morros como o do Quilombo, do Mocotó e da Costeira se levantaram contra o racismo e a violência policial que tirou a vida de sua juventude; a militância das ocupações urbanas, junto de pessoas aliadas, lutou contra o Projeto de Lei Complementar (PLC) 1801/2019³¹, de despejos sem ordem judicial, para defender seu direito à moradia; a população em situação de rua, com o Movimento Pop Rua, encabeçou lutas por dignidade e assistência social garantidas pelo governo. Além disso, vimos a repercussão do caso Mari Ferrer, que gerou indignação pelo tratamento dado na justiça, escancarando o machismo e a “cultura do estupro”. Apesar de não terem obtido conquistas substanciais, tais mobilizações foram importantes momentos para o reconhecimento entre as

³¹ Projeto de Lei Complementar apresentado à Câmara Municipal de Florianópolis pelo grupo do prefeito Gean Loureiro, que tinha como objeto central de apreciação a aprovação da demolição sumária de construções irregulares. O processo de mobilizações contra sua aprovação será comentado mais adiante.

forças do movimento popular, de diálogo com a população e de agitação de pautas tão caras à vida do povo.

Dessas mobilizações, salvo os atos contra a “cultura do estupro”, organizados pelo 8M SC³² e organizações políticas, ou das ocupações urbanas, em que há trabalho consolidado do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM), as demais não foram puxadas pelos setores organizados, havendo um acompanhamento mais ou menos esparsos de iniciativas das comunidades. Isso não tira a justeza ou importância da luta espontânea, uma vez que exprime a saturação ou indignação desses setores com dada situação de exploração e opressão, e que intencionou – e em alguma medida conseguiu – trazer o debate para a opinião pública. Porém, sem uma luta organizada e reivindicações mais concretas, tais manifestações encontram limitações quanto aos resultados e às conquistas possíveis a longo prazo. Nesse sentido, seguiu (como segue até hoje) pujante a importância de articular um trabalho consciente, de vinculação dos problemas nacionais com os locais, aprofundando a unidade do campo progressista na construção estratégica de novos rumos para a cidade – trabalho que não vem do nada, e extrapola responsabilidades individuais. É aqui que entra nosso objeto de estudo.

A Frente da Juventude Negra Anticapitalista se origina neste contexto de 2019, vivenciando os episódios citados sobre 2020, e tendo como espaço de atuação a capital do estado que, percentualmente, é o mais branco do país³³ e que mais apoiou a eleição de Jair Bolsonaro³⁴. Este estado, aliás, como pontuado em entrevista pela professora Jeruse Romão (2021), retrata, com suas raivosas e racistas forças de direita, expressas também no governo de Carlos Moisés³⁵, que não apenas não se aceita o avanço da luta negra, como se arranca quaisquer políticas e direitos conquistados no tocante à questão étnico-racial negra e de povos originários (ao contrário de etnias de ligação europeia, quase glorificadas no solo catarinense).

Em consonância, essa capital repete a expressividade de maioria branca e apoiadora de Bolsonaro³⁶, o que relega desafios particulares na construção de uma agenda antirracista e

³² O 8M SC é uma frente/movimento feminista catarinense cujo nome faz referência à data do 08 de março, Dia Internacional da Mulher (Trabalhadora), sendo o principal expoente do movimento feminista estadual.

³³ Segundo o último censo do IBGE (2010), como apresentado em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/censo-revela-que-santa-catarina-e-estado-com-maior-percentual-de-pessoas-que-se-declaram>. Último acesso em: 01 out. 2021.

³⁴ Pode-se conferir mais em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/28/estado-que-mais-votou-em-bolsonaro-no-1o-turno-ve-vantagem-diminuir-na-reta-final>. Último acesso em: 01 out. 2021.

³⁵ Carlos Moisés é o governador de Santa Catarina, tendo sido eleito em 2018, sob a sigla do Partido Social Liberal (PSL). Hoje, está filiado ao partido Republicanos..

³⁶ Como se pode ver por meio do resultado das eleições, noticiado em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/floripa-nopolis/pesquisa/23/25888?detalhes=true>. E em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/mapa-eleitoral-de-presidente-por-municipios-2turno/>. Último acesso em: 11 mar. 2022.

anticapitalista. Ademais, em compasso ao restante do país, como já pontuamos, Florianópolis tem sido protagonista de significativas mobilizações populares por direitos, que, por sua vez, encontram na juventude a ala-dianteira de manifestações, ativa na organização da luta em unidade na cidade; entretanto, pouco se tem estudado acerca disto, o que evidencia, é claro, a dificuldade de trabalho com questões ainda tão recentes e pouco amadurecidas, mas também certa falta de prioridade e iniciativas nesse sentido nos espaços acadêmicos.

De modo geral, esse cenário apresentado sobre a desmobilização do movimento popular e a dificuldade de elaboração e proposição política das vanguardas se combina ao que pontuamos em momentos anteriores acerca da “crise brasileira” para pintar o quadro de descrença, certa apatia e incômodo das massas com a luta. Longe de resumir tal panorama aos problemas próprios do campo de esquerda, haja vista a agência intensa do imperialismo e das classes dominantes para dismantelar sua oposição, não podemos, entretanto, deixarmo-nos confortar ante tal contexto. Diante da dureza da vida, do agravamento de indicadores sociais em níveis precários e do extremo sofrimento do povo, a única alternativa se apresenta na organização popular em luta, objetivo pelo qual a FREJUNA se originou.

1.4. INQUIETAÇÕES INICIAIS E A NECESSIDADE DA FREJUNA

Estampada já no convite à primeira reunião de militantes que dariam corpo ao agrupamento hoje conhecido por FREJUNA, a necessidade de tal empreitada se justificava sob densa proporção de informações e análises sobre o Movimento Negro local – em partes já discutidas acima. Rememorando acúmulos da 1ª Marcha da Negritude Catarinense sua importância e, em contrapartida, descontinuidade de articulação após o evento; ou ainda do 1º Encontro da Negritude Catarinense (em 2018), a luta contra o esmagamento de direitos da juventude negra e a escalada da barbárie no país, o texto trazia que “este grupo tomou para si a tarefa de não apanhar calado” (FREJUNA, 2019a – 11/05/2019), de modo que, reconhecendo a luta negra até então, aquelas pessoas se colocavam “dispostos e dispostas – partindo da herança, do legado, das experiências de nossas camaradas e companheiros mais antigos – a constituir uma nova safra de militantes negros e negras revolucionárias” (ibidem).

O convite ainda reforçava que tal possibilidade de trabalho só se tornava possível pelo duro e honroso legado do Movimento Negro brasileiro na luta por dignidade, que, como vimos, elevou também a força, a autoestima e o espaço político e cultural do povo negro diante de toda a sociedade. Entretanto, que o trabalho de organização a se realizar ainda era enorme, dada a fragmentação e individualização das ações do MN, bem como a negligência do Estado no atendimento das demandas da população negra. Ainda, tomando isso como um movimento de

crítica e autocrítica às experiências do MN sob os governos petistas e diante da renovação da militância negra após as políticas das cotas, como pontuado por Azânia Nogueira (2021).

Amanda Koschnik (2021) também relata que o pontapé para essa experiência se deu, ainda, pela necessidade de se reorganizar o movimento e os instrumentos de luta da classe trabalhadora, superando o histórico de cooptação de lideranças e movimentos sociais e o apassivamento da luta pela canalização institucional. Muito atrelado ao histórico petista, o MN das primeiras décadas do século XXI também viu sendo transformados seus objetivos, em tom reformista, não mais revolucionário, e, como complementa Rita Souza (2021)³⁷, estudante da UDESC e militante da FREJUNA, era necessário ampliar os debates e a formação política com vistas a trazer mais pessoas à luta pela construção de uma outra sociedade, à luta revolucionária. Com isso é que se pretendia reunir aquele grupo, pautando a força do povo negro enquanto força organizada, para se estar onde a luta negra está e potencializar o que se estava fazendo no Movimento Negro de base (NOGUEIRA, 2021). E, também, o reconhecimento do potencial de cada militante independente e de cada organização de, no trabalho em unidade nessa forja de um agrupamento de militantes de juventude sob caráter anticapitalista, construir uma resistência ativa e coletiva. Afinal,

o racismo [...] não opera somente no emocional e psicológico, muito menos se mantém sem uma base material, uma estrutura que o sustenta. Não dar a devida atenção a qualquer um desses aspectos significa ir ao combate despreparado, desconhecendo o inimigo. É necessário enfatizar que a estrutura que sustenta a realidade que nos assola é o capitalismo, e ecoando a voz de nossas camaradas históricas: a luta antirracista é, necessariamente, anticapitalista. (FREJUNA, 2019a – 11/05/2019)

Sob estes entendimentos, a militância se apresentava com ideias explícitas:

Somos herdeiros do legado daquelas e daqueles que ousaram entrar em conflito com uma classe dominante racista de um país dependente como o Brasil, que ousaram através da luta em todas as frentes possíveis sonhar e caminhar rumo a uma sociedade sem desigualdade social, sem discriminação racial.

Queremos construir um instrumento de organização e luta da população negra que opere sobre as tarefas revolucionárias atuais, construindo também resistência aos ataques que viemos recebendo historicamente enquanto povo negro e que são sentidos de maneira ainda mais violenta em períodos de crise econômica e política como o que passamos hoje.

Pensando em nossa atuação, aliás, é preciso dizer que a Frente pretende colocar sua política na rua, viver a experiência da prática política cotidiana, formando politicamente sujeitos, militantes revolucionários, de forma a compreender e intervir na própria realidade. Ou seja, formação (estudo, debate e experiência) e autonomia como formas de atuação. Queremos criar uma

³⁷ Rita Souza é uma jovem negra de 35 anos, licenciada em Letras Português-Inglês, ex-graduanda em Serviço Social e graduanda em Artes Visuais na UDESC. Integrou o Coletivo Negro de Serviço Social Magali da Silva Almeida e constrói a FREJUNA desde 2020 até o presente momento. Entrevista concedida em 19/12/2021.

prática política baseada em uma forma de ver e entender a realidade brasileira, compreendendo a formação sócio-histórica de nosso país e os movimentos de resistência da nossa classe como elementos centrais em nossas análises, debates e exposições. Entendemos que compreender e intervir na realidade politicamente, de forma revolucionária, é necessariamente um processo ligado à consciência. Consciência daquilo que somos, daquilo que podemos ser e daquilo que nos é indicado pela ideologia dominante. Enquanto nos queremos submissos, contidos, conformados e alienados, entendemos a consciência negra, aquela relacionada à negritude, à positividade da identidade política do Ser Negro como fundamental para a tomada de consciência revolucionária. A consciência negra a ser enfrentamento e disputa contra a ideologia da classe dominante, então, também como forma de atuação. [...] A consciência negra que defendemos, portanto, é também uma consciência de classe.

O que nos une é o objetivo estratégico que ultrapassa nosso tempo de vida: a superação do capitalismo, do racismo. Estamos construindo esse instrumento de luta com a premissa da unidade entre coletivos e militantes negros de Florianópolis.

[...] Um instrumento de luta aberto a sujeitos negros que sentem em si a vontade de se levantarem contra o racismo e o capitalismo. (FREJUNA, 2019i, p. 2-5)

Com isto, como traz Azânia Nogueira (2021), estamparam-se legítimos anseios de uma juventude que se viu diversa e dispersa, ansiosa pela construção de uma luta em unidade que fizesse sentido aos ideais que apresentavam as pessoas que viriam a integrar tal iniciativa. Gabriela Buffon (2021)³⁸, diretora geral do Diretório Central dos Estudantes Antonieta de Barros – DCE UDESC, relata também que sempre foram várias as demandas da juventude negra local, dentro ou fora da universidade, entendendo-se como trabalhadora e tendo a necessidade de espaços de elaboração política e construção coletiva das lutas, como em defesa das cotas. Como complementa Lucas Guari (2021)³⁹, militante da FREJUNA também entrevistado para esta pesquisa, era necessário atenção a isso; pautar sempre uma perspectiva de mudanças concretas, aprofundando os debates, respeitando o movimento histórico e as condições e anseios atuais, de forma a dar continuidade às motivações de luta, mesmo que repaginando as ações tomadas. Diante disso é que se fazia necessária uma iniciativa como a que veio a ser a frente.

Então, por fim, é essencial demarcar ainda algumas bases políticas da FREJUNA, de modo a facilitar a compreensão sobre as diferentes questões de seu desenvolvimento. Nisto, a discussão sobre uma luta antirracista e anticapitalista é central, e reivindicamos para esta

³⁸ Gabriela Buffon é uma jovem branca de 20 anos, graduanda em Artes Visuais pela UDESC. Integra a gestão “Araponga” do Diretório Central dos Estudantes Antonieta de Barros – DCE UDESC desde seu início, em setembro de 2021, estando à frente da Diretoria Geral da entidade desde então. Entrevista concedida em 23/12/2021.

³⁹ Lucas Guari é um jovem negro de 27 anos, graduando em Agronomia pela UFSC. É militante da FREJUNA desde o segundo semestre de 2021. Entrevista concedida em 13/12/2021.

pesquisa os entendimentos trazidos na própria Carta-Manifesto da Frente da Juventude Negra Anticapitalista:

De tudo que podemos dizer sobre o espectro dos lutadores identificados com a luta antirracista e anticapitalista, apontamos o fim da exploração e da opressão como premissa destes dois conceitos. Em outras palavras, se lutamos pelo fim desta forma de organização da vida – o capitalismo – e desta forma de hierarquia social – o racismo –, entendemos como determinante orientar nossa atuação e nossos horizontes na destruição daquilo que estrutura o sistema em que vivemos: a exploração. Da exploração e suas consequências é que entendemos mais a funcionalidade das opressões como peça chave no mecanismo de dominação. (FREJUNA, 2019i, p. 03-04)

Estes posicionamentos apresentavam, inclusive, uma mudança contundente da regra do Movimento Negro de maior destaque nos últimos tempos, em Florianópolis. Azânia Nogueira relata que,

frente à negritude de Florianópolis, discutir relações raciais não significa necessariamente ter uma postura anticapitalista, uma postura à esquerda. A gente tem muitas experiências, até por ser uma cidade bastante conservadora, em que as experiências governamentais que por exemplo sempre levam aos espaços de poder que a militância conquista, como a COPPIR (Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial), têm sempre pessoas negras, mas pessoas negras que se posicionam no centro ou na direita do espectro político. Eu acho que a FREJUNA tem muito a ver com essa ideia de disputar pela consciência negra, as pessoas negras para o campo da esquerda. (NOGUEIRA, 2021)

Dessa maneira, como complementa Amanda Koschnik (2021), a FREJUNA vinha para atender ao anseio não só de setores socialistas ou comunistas, mas de toda a juventude negra que batalhava pela ruptura revolucionária, pela superação de uma ordem comprovadamente falida, entendendo a luta do povo negro como entrelaçada à totalidade das lutas populares, à defesa dos direitos e à contraposição aos vícios e ao afastamento da base que se tinha legado.

Em consonância à articulação da luta contra o racismo à luta contra o capitalismo, pontuamos ainda a compreensão da necessidade de enfrentamento intransigente e imbricado a essas lutas também quanto ao patriarcado, como alude Lélia Gonzalez em obras como “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1984b), de forma que só assim se conseguirá avançar para a edificação de qualquer alternativa de emancipação humana e construção de uma nova sociabilidade. Esta compreensão do entrelaçamento desses sistemas se pode discutir mais a fundo também a partir das elaborações acerca da interseccionalidade de gênero, raça e classe que Angela Davis traz em obras como “Mulheres, Raça e Classe” (2016) e dos escritos de Heleieth Saffioti como “Gênero patriarcado violência” (2015) e “O Poder do Macho” (2001), em que vale ressaltar a seguinte passagem-síntese:

Com a emergência do capitalismo, houve a simbiose, a fusão, entre os três sistemas de dominação-exploração, acima analisados separadamente. Só mesmo para tentar tornar mais fácil a compreensão deste fenômeno, podem-se separar estes três sistemas. Na realidade concreta, eles são inseparáveis, pois se transformaram, através deste processo simbiótico, em um único sistema de dominação-exploração, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo. (SAFFIOTI, 2001, p. 60)

E essas bases políticas, ressalta ainda Koschnik (2021), eram fundamentais para apresentar uma alternativa à demanda de uma experiência local de MN comprometido com a luta política nas ruas, junto ao povo, exercendo um trabalho de base que testasse suas orientações no cotidiano, junto a quem constrói os diferentes espaços, e visando a alcançar os objetivos de renovação e reorganização da luta revolucionária. A juventude brasileira, e especificamente a florianopolitana, vivia uma sequência de mobilizações políticas intensas, passando pelas jornadas de junho em 2013; o episódio do “Levante do Bosque” na UFSC, em 2014⁴⁰; a luta contra os megaeventos; as ocupações secundaristas e universitárias em 2016; a greve geral de 2017; os movimentos de mulheres pelo #EleNão, em 2018; a greve estudantil na UFSC, em 2019⁴¹, junto do Tsunami da Educação e da luta contra o Future-se; ou seja, uma constante de lutas, que inclusive dava continuidade às movimentações em defesa das ações afirmativas, que foram formando coletivos negros, exigindo espaços de politização e debate sobre os direitos. Era, como segue até hoje, um cenário de muita dificuldade, descaso dos governos, falsas promessas de ascenso por meio da educação, e uma realidade de desemprego, apassivamento das lutas e precarização geral da vida (KOSCHNIK, 2021). “Ou a gente coletivizada e lidava com as questões de sermos estudantes negros na universidade, na sociedade, ou a gente ia continuar tomando paulada sem uma organização coletiva nossa” (ibidem). Destarte, dadas as raízes políticas da frente, podemos, agora, explorar sua história.

⁴⁰ Ver “O ‘Levante do Bosque’ na UFSC”, de Jeffrey Hoff (2015). Disponível em: <https://desacato.info/o-levante-do-bosque-na-ufsc/>. Último acesso em: 25 mar. 2022.

⁴¹ A greve estudantil da UFSC de 2019 foi uma ampla mobilização em defesa da UFSC e de seu caráter público, gratuito e de qualidade, com garantia da permanência estudantil. Assim, tinha como pontos centrais a contrariedade ao programa Future-se, apresentado pelo governo federal, e ao sufocamento orçamentário que estava em vias de impossibilitar a continuidade da abertura dos Restaurantes Universitários da instituição, já profundamente sucateados. Congregando um processo de assembleias de cursos, assembleias gerais estudantis e uma mobilização potente, contando com mais de 70 cursos e milhares de estudantes aderindo mesmo individualmente à greve, o evento durou de setembro a outubro daquele ano, e obteve êxitos de mobilização e garantia de direitos estudantis no retorno às aulas, devido à forte intervenção das entidades, especialmente o DCE Luís Travassos – UFSC. Pode-se conferir mais sobre a greve em uma série de postagens do DCE UFSC em: <https://www.facebook.com/dceluistravassosufsc>. Ou: <https://www.instagram.com/dce.ufsc.luistravassos/>.

2 PRIMEIROS PASSOS: ESTRUTURAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA FREJUNA EM 2019

2.1. AS PRIMEIRAS REUNIÕES, A ORGANIZAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO INTERNA

Após convite puxado por uma militante independente, um militante do Movimento Negro Maria Laura (de Joinville) e seis militantes do Coletivo Negro Minervino de Oliveira – Florianópolis, a primeira reunião de coletivos negros, organizações de juventude e independentes foi realizada dia 11/05/2019, e durou aproximadamente 3 horas.

Reuniram-se, ao todo, 17 pessoas jovens, negras e que estudavam em universidades locais (mas muitas também já trabalhavam); destas, 11 eram mulheres e 6 eram homens. Ademais, 3 dessas 17 pessoas eram militantes independentes (estudantes da UFSC, sendo 1 de Ciências Sociais, 1 de História e 1 de Psicologia), e as demais 14 eram organizadas nos seguintes grupos: Juventude Comunista Avançando – JCA Florianópolis (2 estudantes de História na UFSC); Coletivo Negro Minervino de Oliveira – CNMO Florianópolis (4 estudantes da UFSC, sendo 1 de Serviço Social, 1 de Design, 1 de Antropologia e 1 de Direito); EducAfro (1 estudante de Ciências Sociais na UFSC); Núcleo de Estudos Negros – NEN SC (1 estudante de História na UFSC); Coletivo Alicerce – Florianópolis (2 estudantes da UFSC, sendo 1 de História e 1 de Pedagogia); Movimento Negro Unificado – MNU SC (3 estudantes, sendo 2 de Geografia na UDESC e 1 de Psicologia na UFSC) e Movimento Negro em Defesa das Cotas – MNDC/Rede Estudantil Classista e Combativa – RECC (1 estudante de Direito na UFSC representando os dois grupos). Justificaram ausência na reunião 2 indivíduos, estudantes de Pedagogia e de Letras-Francês na UFSC, e 7 agrupamentos: Coletivo Negro Lélia Gonzalez; Coletivo Negro de Serviço Social Magali da Silva Almeida; Unidade Popular pelo Socialismo – UP; Coletivo Kurima; Quilombo Raça e Classe; Coletivo 4P; Movimento Negro Maria Laura.

A reunião começou com uma apresentação das pessoas presentes, para se conhecer seus nomes, se eram organizadas e, se sim, em qual grupo atuavam. Após esse momento, houve uma breve contextualização sobre o surgimento do chamado da reunião, que propunha uma unidade de agrupamentos negros. Em seguida, foi apresentada a proposta de construção de pauta e se amadureceu coletivamente a ideia de discussão de 1) Informes; 2) Análise de conjuntura; 3) Unidade na ação + calendário.

Para o ponto de análise de conjuntura, decidiu-se tanto socializar as leituras da realidade de cada pessoa, apontar os principais desafios para a população negra naquele

contexto histórico, quanto apresentar propostas de atividades que se poderia construir a partir do grupo que se conformava, para destrinchá-las no ponto seguinte. Na discussão, ganhou destaque inicial a lembrança e diferenciação desta articulação em relação ao que se vivenciou na construção da 1ª Marcha da Negritude Catarinense (de 2016), entendendo que havia ocorrido uma série de erros e limitações naquela construção que a fizeram um tanto restrita; mas, ainda, que isso poderia ser corrigido, e o saldo positivo da experiência poderia servir como guia para novas ações. Isso pela leitura, na reunião, de que havia um processo de anos, frente ao apassivamento de algumas lutas populares sob os governos petistas, bem como uma ofensiva mais contundente das classes dominantes, de cooptação de muitas referências militantes negras, com estas vertendo a uma linha política à direita, especialmente devido à ausência de uma alternativa à esquerda no MN (FREJUNA, 2019a – 11/05/2019).

Em continuidade, os acúmulos sobre a conjuntura ressaltaram o contexto de crise do capitalismo e o desdobramento do caos econômico e social que atinge, em especial, a população negra, mas a classe trabalhadora no geral. Comentando-se acerca dos cortes na educação, contrarreformas, genocídio da população negra e encarceramento em massa, foi possível debater de modo mais amplo sobre o projeto de ataque da burguesia internacional e brasileira às vidas negras. A caracterização de que isso não começa com o governo Bolsonaro também foi muito firme, compreendendo que esse projeto perpassa os governos de Fernando Henrique Cardoso (FHC), Lula e Dilma, e intensifica-se com Temer e, ainda mais, com Bolsonaro – nessa esteira, comentou-se sobre as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), a lei antiterrorismo, a crescente repressão e criminalização aos movimentos sociais, o apassivamento e cooptação de movimentos para a institucionalidade na era do Partido dos Trabalhadores (PT) e as reformas trabalhistas e congelamentos de gastos com Temer (ibidem).

Com o avançar dessas críticas e reflexões, o debate ganhou novos rumos, adentrando controvérsias sobre a autonomia e a institucionalização do MN ao analisar o período dos governos petistas e o legado de fragmentação ocorrido até então. Apesar das limitações e problemas, contudo, também se pautou a necessidade de diferenciação da crítica à institucionalização dos movimentos e da negação das instituições, ressaltando a importância de se seguir com uma agenda que não seja negociada, mesmo em atuações mais institucionalizadas. No entendimento de que este debate merecia bastante tempo a mais de discussão, e lembrando o convite para esse encontro, que já demarcava um posicionamento anticapitalista, à esquerda – o que demarcava já algum diálogo e convergência entre as forças e militantes –, resolveu-se aprofundá-lo noutro momento.

Isso, contudo, não significou o cessar de conflitos ou discussões mais densas, haja vista que eram processos necessários para o estabelecimento do trabalho em unidade. Então, o foco se voltou a discutir a abrangência que o próprio encontro trazia, entendendo o caráter universitário da maioria das pessoas presentes; assim, problematizou-se sobre a representatividade que se abarcava ali. As defesas mais firmes, no entanto, levantaram que, ainda que se tivesse o objetivo de alcançar nessa articulação (e com seu trabalho) as camadas da juventude periférica, as pessoas presentes não deixavam de ser parte da juventude negra, trabalhadora e sofredora dos males do patriarcado-capitalismo-racismo por estarem na universidade. Mesmo sendo o grupo reunido um setor reduzido dentre o todo da juventude negra (pela falta de possibilidades de acesso à educação superior), foi trazida a importância de mobilização e organização também dessas pessoas presentes para darem cabo à tarefa histórica de reorganização do Movimento Negro da cidade e do estado. “Nosso dever é justamente estimular, impulsionar a organização da juventude negra e periférica para encabeçar a luta da população negra, ombro a ombro a nós” (FREJUNA, 2019a – 11/05/2019).

No tocante ao debate da unidade na ação e à proposição de um calendário, foram diversas as propostas, que acumularam sobre focos de atuação e próximos passos em termos organizativos. Destacaram-se as sugestões de ação no campo da educação, com perspectiva de construção de encontros estudantis negros da Grande Florianópolis, ou ainda no campo de moradia, para aglutinar setores da população negra que não se articulam com maior vigor como Movimento Negro; ademais, de se construir uma marcha, reavaliando o que se fez em 2016 e aprimorando concepções, e de se articular uma frente ampla da negritude – proposta da qual se desdobrou a ideia de convidar estudantes de universidades privadas para os próximos debates, também.

Para a próxima reunião, encaminhou-se ainda a discussão sobre a concepção político-ideológica do grupo de juventude negra revolucionária em formação, assim como a proposição de ideias para a construção de uma marcha. Em relação ao convite que se estenderia a outras pessoas, resolveu-se reduzir o chamado inicial, de forma a pontuar apenas o que era central aos próximos passos que se buscava construir nos debates vindouros.

Refletindo acerca dessas elaborações, é interessante perceber como o debate girou na compreensão de se estruturar um campo que conseguisse elaborar política e consolidar suas tarefas a partir da coletividade, da leitura corriqueira da realidade do próprio grupo e da conjuntura nacional, entendendo o lugar do Movimento Negro diante desta. As ideias de aprofundamento coletivo sobre os acúmulos individuais e consecutivo diálogo e mobilização do povo negro, em especial a juventude, acerca das especificidades dos ataques das classes

dominantes sobre esta, também ganham força na compreensão do projeto totalizante de extermínio que apresentam as elites.

Ademais, estes passos iniciais também demonstram a maturidade dessa articulação da militância negra ao traçar a perspectiva de fortalecimento orgânico para uma disputa de consciência de forma coesa e promissora, que indicasse para a ampliação da inserção do agrupamento na base de um MN ainda tão confuso e atravancado (no sentido das ações pulverizadas e dispersas) como o de Florianópolis. Se com um primeiro encontro já se demarcava o anseio de conformação de um grupo que não se findasse na discussão de identidades – resguardando seu espaço, mas discutindo também as determinações do sistema em que vivemos e da luta por sua superação –, podemos vislumbrar de pronto a vontade de se dar um salto de qualidade no debate político do Movimento Negro.

Figura 01 – militância da FREJUNA em sua primeira reunião



Fonte: acervo particular do pesquisador.

Foi com este acúmulo que se partiu ao segundo encontro, realizado em 08/06. Aprofundando a discussão sobre a debilidade organizativa do MN, foram levantadas preocupações sobre a fragmentação a nível estadual e o prejuízo que isso acarretava à resposta unitária e firme contra os ataques (lei anticrime, contrarreforma da previdência, privatização de presídios etc.) e a marginalização da população negra. Em compasso, com o amadurecimento das discussões na primeira reunião e as subsequentes reflexões de cada militante sobre a empreitada que nascia, consensuou-se que era importante a materialização dessa articulação através de experiências construídas em unidade, forjando o instrumento de luta (então incipiente) na elaboração e no trabalho coletivo de alguma atividade, como uma marcha – sempre ressaltando a solidariedade e o respeito entre a militância, compreendendo-se como “camaradas na diferença da militância!” (FREJUNA, 2019b – 08/06/2019).

Então, acerca do caráter organizativo, combinou-se de sempre priorizar a discussão conforme fosse necessário, usando do debate intenso para se alcançar concordâncias e possíveis consensos, e fazendo isso em reuniões, ainda que se fosse criar um grupo de e-mails e de Facebook para interações mais rápidas. Pelo compromisso e acúmulo dos debates até então, decidiu-se também integrar apenas as pessoas participantes das reuniões até aquele momento nos grupos. Por fim, encaminhou-se que toda a militância refletiria sobre “o que fomos?”, “quem somos?”, “o que queremos (e como conseguiremos)?”, “onde atuaremos?” até o próximo encontro, em julho, e se sintetizou os acúmulos da seguinte forma:

Caracterizando a luta racial no Brasil, se faz necessária a presença intensa do movimento negro e juventude dentro das lutas e movimentações populares da cidade. Um papel de vanguarda na construção e elaboração de espaços e intervenções; construção de um projeto político suprapartidário para a população negra, entendendo sua gênese na sociedade capitalista, tendo alguns princípios e bandeiras pré estabelecidos:

Princípios: Suprapartidário. Caráter Anticapitalista.

Bandeiras:

Identidade Negra

Independência – *ter independência enquanto as linhas políticas de coletivos e partidos.*

Institucionalidade – *é entendido a necessidade que algumas pautas, como as ações afirmativas, atravessam a institucionalidade para sua materialização, porém nossa condição de indivíduos negros na sociedade capitalista não se bastam apenas nesta instância, reafirmando a forma como se luta pelas políticas públicas, por exemplo.*

LGBTs Negros e negras

Contra o genocídio da juventude negra

Mulheres negras que ocupam os lugares basilares da economia

Movimentos Sindicais Negro

Moradia e Ocupação

Educação Quilombola

Saúde Mental, Luta antimanicomial

Encarceramento em massa

Luta pelos direitos. (FREJUNA, 2019b – 08/06/2019)

Figura 02 – militância da FREJUNA após a reunião de 08/06/2019



Fonte: acervo particular do pesquisador.

Já à época da terceira reunião, em 27/07, houve desencontro no chamado à militância de outras cidades para a construção dos debates sobre o que seria o novo grupo e como se desdobraria a marcha, de modo que foi reavaliada a intenção da articulação em construção e se acordou que não havia fôlego, ritmo de militância e gente disponível para desempenhar um bom trabalho estadualizado; e, assim, esta iniciativa seria ligada apenas a Florianópolis. Também foram colocadas dúvidas quanto à marcha, sobre a pertinência de se construir algo como o que se fez em 2016. Já sobre as áreas de atuação, destacou-se ainda a possibilidade de trabalho no campo da cultura. Neste contexto, em relação à militância de outras cidades,

foi proposto que devemos esclarecer através de uma carta ou conversa virtual sobre os rumos e acúmulos que este grupo está construindo. Explicando que o intuito não é excluir quem está disposto a somar, mas estamos nos preparando para a construção de um instrumento mais sólido. Pontuamos que temos que compreender esse momento da nossa mobilização está sendo construído para comportar esses militantes e organizações e mais tarde, em outros locais no Estado, no entanto, ainda não estamos com essas possibilidades. Portanto, devemos ter cuidado com não afastar esses companheiros e companheiras. (FREJUNA, 2019c – 27/07/2019)

A saída encontrada para isto foi a produção de um documento, “Salve Negritude – Itajaí – Joinville”⁴², assim como a realização de uma conversa virtual com a militância das demais cidades para apresentar as decisões do grupo de Florianópolis. Com estes dois passos, foi possível estabelecer um diálogo fraterno e interessado na luta em unidade por todo o estado, ainda que não se pudesse, no momento, assumir a responsabilidade de pautar uma construção orgânica de forma estadualizada. Discutiu-se, ainda, sobre a necessidade de um documento, um manifesto que comportasse as sínteses das discussões e trouxesse de forma clara o objetivo político daquele grupo, partindo do ponto central de unidade – a luta pela vida da população negra. Com isso, também foi pontuado que o documento deveria servir para apresentação do grupo, cuidando-se então de forma e linguagem para abarcar os conhecimentos científicos de modo acessível, instigando novas pessoas à ação e à junção ao grupo. Adotou-se, pois, a seguinte metodologia:

- 1) **Debateremos cada pergunta até esgotar o debate** e finalmente, adicionar os elementos que devem ou não conter em cada parte do Manifesto.
- 2) Após refletir e debater sobre todas as perguntas, preencher os elementos centrais de cada uma, iremos **tirar uma comissão para redigir o texto**.
- 3) Estabelecer o prazo desta comissão finalizar a proposta inicial e após, **submeter ao grande grupo a proposta para possíveis modificações** e finalizar o manifesto. (FREJUNA, 2019c – 27/07/2019) (grifo no original)

⁴² O documento está disponível na íntegra em anexo.

Como desdobramento dessa metodologia, foram elencadas as perguntas e as respostas possíveis naquela reunião, para reflexão e amadurecimento até a ocorrência das próximas.

O debate sobre “o que fomos?” tratou de ressaltar o legado do MN brasileiro desde as revoltas das pessoas escravizadas e sua herança para a luta de classes até as marchas realizadas no estado e nacionalmente. Quanto a “o que somos?”, o destaque foi sobre o caráter popular de atuação coletiva, não pautando cada espaço de intervenção individual, mas as caracterizações do que se entendia, a partir daquele momento, como uma frente antirracista e anticapitalista. Com isso, partiu-se à delimitação do que seria tal práxis anticapitalista, entendendo a superação de tal sistema e a construção de algo novo que emancipasse a humanidade, livrasse-a da exploração e da opressão; e que a consagração de tal objetivo seria algo para além desta geração, ainda. E, diante disso, a intervenção da frente seria pautada por buscar construir uma unidade solidária em cima das divergências, com capacidade de crítica e autocrítica que fizesse daquele espaço algo acolhedor (mas diferente de um grupo de amigos) ao seu perfil de juventude da classe trabalhadora, LGBTQ+, de mulheres e homens em compromisso com a luta revolucionária.

Por fim, abordando “o que queremos (como conseguiremos)?”, levantou-se a necessidade de estudo e compreensão da realidade brasileira e sua complexidade a partir das transversalidades dos debates, construindo um instrumento de organização e luta, um elo de unidade entre coletivos e a militância negra da cidade, que se propusesse a formar politicamente sujeitos para intervirem em sua realidade, disputarem a consciência contra a ideologia dominante (FREJUNA, 2019c – 27/07/2019). Com tais debates, também se viu a necessidade de aprimoramento dos entendimentos coletivos acerca de “igualdade racial”, “discriminação racial” e fim da racialização; assim, encaminhou-se um espaço formativo. A indicação da próxima reunião ficou para a metade de agosto, em que se discutiria “como queremos?”, “onde atuamos?”, o nome da frente e, ainda, elementos mais profundos e organizativos da marcha que se pretendia construir.

Um elemento interessante desse processo inicial de construção da frente é que se pode constatar, pelos registros de presença nas reuniões feitos nas relatorias, que em todas as reuniões até então (e até a conformação da FREJUNA) se teve presença ativa de JCA, CNMO, MNU, Coletivo Alicerce, NEN e EducAfro. Da militância inicialmente independente, uma pessoa se afastou da construção, outra seguiu construindo enquanto tal, e outra se organizou no MNU, seguindo também na construção por todo o período de pontapé para a construção da frente. A RECC e o MNDC deixaram a construção da frente no período dos dois primeiros encontros, em uma movimentação já costumeira desses agrupamentos em não buscar a unidade das forças

de esquerda se não for sob seu programa específico ou sua direção de forma mais aberta⁴³. E, no quarto encontro, em 17/08, foi feita a apresentação da iniciativa ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU):

Enquanto grupo, nos reunimos para construir uma ferramenta, constituída por coletivos diversos e unificada pela luta antirracista e anticapitalista, dando suporte a reorganização do movimento negro da cidade em atividades coletivas e ao atendimento das demandas dos novos tempos de repressão à população negra. (FREJUNA, 2019e – 17/08/2019)

O partido passou a integrá-la e se somou à discussão que se iniciava com as perguntas elencadas na reunião anterior.

O debate sobre “o que queremos?” e “como conseguiremos?” pontuou a importância de se explicitar a abertura da frente a quem se somasse nessa luta contra o racismo e o capitalismo, e de se fortalecer atividades e espaços da militância que a aproximassem do movimento popular, pensando em financiamento para a garantia de autonomia também política e, com essa estruturação, a possibilidade de se constituir enquanto ponto de referência para a população negra no debate e na ação revolucionária. Também se discutiu muito sobre a disputa de consciência racial, impulsionando a classe a se mover contra a ideologia dominante, contrapondo a alienação sob os valores burgueses e problematizando, denunciando, combatendo todos os atravessamentos da exploração humana, aliando consciência racial e de classe.

Partindo à discussão sobre “onde atuaremos?”, concluiu-se que seria importante manter atenção e solidariedade à atuação das diversas iniciativas da classe trabalhadora e das organizações negras, tanto na luta pela superação do racismo quanto pelas questões mais aparentes que avançam na retirada de direitos, abarcando, por exemplo, o desmonte das políticas de ações afirmativas e da história, memória, cultura negra. Em síntese, foi alcançado que o planejamento e avaliação constante da frente é que delimitariam melhor, ao longo do curto, médio e longo prazo, o que seria possível, não esgotando o potencial revolucionário e organizativo que se erguia e, ainda, consagrando a unidade do grupo na construção de uma marcha.

Por fim, no debate sobre “como atuaremos?”, acumulou-se que, diante de tantas ideias, a organização interna também deveria dar conta de abraçar as demandas, partindo então do

⁴³ Como já comentado quando da abordagem de outros episódios, há um histórico de conflitos no MN com essas parcelas, especialmente as figuras da RECC dentro do próprio MNDC, que até então se fazia mais amplo. Em uma breve síntese, podemos elencar a conduta divisionista, pouco dialogada e sem apreço pela unidade como elementos centrais, junto dos conflitos táticos e estratégicos mais gerais devido às divergências entre a RECC, que reunia uma militância anarquista, e os demais setores do MN atuantes localmente.

fortalecimento da sociabilidade entre a militância para resgatar um MN então fragmentado, “dando suporte a uma nova safra de militantes que ultrapasse a nossa geração e que expresse a unidade dos ativistas e das demandas/pautas negras” (FREJUNA, 2019e – 17/08/2019). Para tanto, também, as ressalvas sobre a independência da frente diante das organizações que a construíam trouxeram acordo geral, entendendo que as formulações e intervenções deveriam partir da política discutida coletivamente, fazendo da frente um espaço de criação política e forja da unidade apesar das divergências, vícios políticos e práticas comuns a outros espaços, que não deveriam se reproduzir assim nesta.

Esses acordos dão base a uma dinâmica da FREJUNA, enquanto frente, que é diferenciada das experiências não só das organizações e militantes ali atuantes, mas também de outras frentes comuns do movimento popular. Sob o princípio da procura pelo consenso, em detrimento de se pautar corriqueiramente por votações; da proposição e direção diante do movimento, a frente, desde então, visava a se conformar como um grupo que atua junto e busca contribuir de forma mais elaborada para o movimento popular e o Movimento Negro, dirigindo este sob seu ideal revolucionário. Mais que isso, entretanto, a fazer-se também um agrupamento que disputasse a própria consciência e a política defendida noutros espaços pelas próprias organizações, coletivos e pessoas que a integram, como abordaremos mais adiante, no sentido de pautar uma nova construção que priorize e radicalize o debate racial em cada espaço de atuação da militância da FREJUNA. Numa ideia alargada de frente, aliás, tomando essa iniciativa não só como um conjunto de forças atuando diante de uma pauta específica, mas, como é tradicional do Movimento Negro, sob um incentivo a uma sociabilidade e a uma construção política profundamente próxima, de parceria e apoio mútuo.

Em continuidade ao debate, a defesa de formações políticas sobre diferentes temáticas e espaços de atuação também surgiu como demanda, inclusive para potencializar a apresentação da frente em áreas além da universidade de forma honesta, sem se colocar como proclamadora de soluções imediatas, mas aliando diferentes atividades e imprimindo mudanças nas formas de construção e, conforme possível, nos resultados e soluções que se alcançasse. Logo, também não desassociando a militância universitária, acadêmica, dos espaços mais comuns à classe trabalhadora e aos setores populares tanto de Florianópolis quanto das demais cidades, mantendo bom diálogo e parceria.

Chegando à quinta reunião, no dia 01/09, passou-se a discutir o andamento da escrita da Carta-Manifesto, especialmente em cima de polêmicas que surgiram sobre a definição de povo “negro”; debates sobre categorização “interseccional”, “consustancial” ou outras sobre as opressões; sobre os problemas do povo negro não se aterem ao genocídio, mas a como se

engendra o sistema capitalista como um todo, dentre outros. Entendendo tal material como um documento, consensuou-se que eram necessários debates mais profundos sobre as questões, como sobre o uso de “negro”. Nesta discussão, é interessante tomar os registros da frente:

Toda categoria que utilizamos expressa uma concepção. O termo em si abre brechas para dúvidas. Nós enquanto representantes do movimento negro brasileiro, devemos usar o negro para nos organizarmos. Dialoga melhor com quem iremos apresentar o manifesto. [...] Fugimos da discussão de fenótipo e genótipo ao utilizar esse termo afro brasileiro e que pode distanciar as pessoas, utilizar negro é para aproximar também. [...] Não vamos ultrapassar esse debate que ajuda a entender uma deficiência que nós do movimento negro perdemos um caráter internacional. Mas por outro lado tem um debate que temos travado aqui que é entender que aqui temos um processo de ruptura com a ideologia dominante. Podemos pensar em uma formulação que consiga abranger todo mundo e a palavra negra é uma ferramenta importante e que comporta melhor. [...] [Assim, valeria fazer] um debate profundo em atividades posteriores sobre ‘o que é ser negro no Brasil?’, que não tem a ver só com a cor da pele, é algo político também. [...] Esse conceito não é unânime, mas é muito importante pro movimento negro, por entender o valor histórico e coletivo dele. (FREJUNA, 2019f – 01/09/2019)

Outras dúvidas também surgiram e foram arrastadas para uma sexta reunião, como em relação ao nome, pensando se seria feita uma homenagem a alguma personalidade ou se seria criado algo próprio, novo. Os acúmulos anteriores já lembravam a necessidade de algo que identificasse a frente como tal e demonstrasse sua unidade de pautas e forma de atuação. Na nova discussão, retomou-se isso, surgindo duas propostas iniciais, com os seguintes comentários:

JUNA – Juventude Negra Anticapitalista: ao trazer em seu nome o conceito de Juventude pode provocar um afastamento das pessoas mais velhas que não se entendem dentro desse grupo considerado jovem. Ao mesmo tempo, a grande maioria daqueles que compõe a Frente são pessoas jovens que estarão disputando espaços considerados ‘jovens’, como as escolas de ensino básico, por exemplo. Além disso, o nome pode sugerir aos militantes mais velhos que as(os) companheiras(os) da Frente estão desconsiderando as lutas travadas por aqueles que vieram antes de nós. Porém, demarcar que se trata de uma juventude negra pode também representar que se trata de um grupo específico negro que está se articulando e se mobilizando em torno das pautas negras, sem desconsiderar aqueles que vieram antes de nós, mas também expressando qual a composição deste grupo. O ‘juventude’ não está necessariamente ligado a uma faixa etária, mas no senso comum existe uma ideia de juventude que pode estar ou não articulada com a ideia e o significado expressos no nome.

FNR – Frente Negra Revolucionária: traz no nome a nossa forma de organização que é uma frente, contudo, ‘Revolucionária’ pode despertar nos militantes mais velhos a impressão de que nosso movimento não leva em consideração aquilo que foi feito antes da gente, além de não demarcar a composição majoritariamente ‘jovem’ do grupo. Além disso, pode despertar uma desconfiança ou um receio – devido ao momento político no qual vivemos – naqueles que não estão familiarizados com esse vocabulário, impedindo que haja uma aproximação de diferentes grupos nas atividades propostas pela Frente.

Como os apontamentos em relação aos dois nomes foram pertinentes, surgiu a proposta de um terceiro nome: Frente da Juventude Negra Anticapitalista – FREJUNA. (FREJUNA, 2019h – 11/09/2019)

Assim, diante da nova proposta, encaminhou-se nesta reunião, em 11/09, tanto o nome FREJUNA quanto o seu registro na Carta-Manifesto, também aprovada neste encontro⁴⁴. Com isso, ficaram definidas as questões orgânicas básicas para se dar continuidade aos trabalhos.

Em meio a essas reuniões, contudo, a frente também precisou avançar sob outras maneiras para atender a tudo que se precisava discutir. Assim, também ocorreram discussões via e-mail e redes sociais, visando a agilizar conversas e definições que poderiam ficar travancadas se esperassem outro momento de reunião. Apesar destes momentos virtuais, cabe ressaltar uma característica bastante marcante nesta articulação desde seu início: a atenção e preferência ao debate presencial, entendendo-o como instrumento facilitador e importante para a construção do consenso, para dirimir dúvidas, conflitos etc. Junto disso, destaca-se a prontidão, a busca por contemplar sempre o maior número de pessoas e as diferentes posições na construção dos debates. Dessa maneira, parte das questões tratadas pela internet inclusive indicava a necessidade de se marcar reuniões presenciais, e assim se fez.

De todo modo, com o avançar da estruturação da FREJUNA, entendendo-se então como frente, mapeando as demandas de trabalho e se lançando à construção da Marcha da Consciência Negra de 2019, foi decidido em outubro daquele ano criar um grupo de WhatsApp como canal principal de comunicação da FREJUNA, em que “participará quem esteve presente entre as últimas 3 reuniões, e depois avaliaremos (re)inclusões.” (FREJUNA, 2019o – 23/10/2019). Outra discussão bastante presente neste primeiro ano de existência da frente foi acerca de um acompanhamento e manutenção de diálogo com os grupos e as pessoas que deixaram de construí-la, conforme demonstrassem interesse; pensando, pois, em reaproximá-las ao longo do tempo, considerando este processo como uma responsabilidade militante e solidária cara ao Movimento Negro. Foi pensado pela militância da FREJUNA, também, em realizar eventos e convites específicos para esse debate de construção da frente, trazendo os acúmulos da Carta-Manifesto e acolhendo novas pessoas.

2.2. OS PRIMEIROS TRABALHOS E INTERVENÇÕES NO CONJUNTO DO MOVIMENTO POPULAR

⁴⁴ O documento está disponível na íntegra em anexo.

Desde o início de 2019, e especialmente neste ano, a FREJUNA estabeleceu forte relação com o movimento estudantil universitário da cidade, principalmente o da UFSC. Atentando-se às movimentações fervorosas na instituição, diversas reuniões trouxeram informes e propostas de trabalho considerando o que se desenrolava na universidade. Ainda em maio, pautou-se a participação em atividades tanto relacionadas à data do 13 de maio e seu significado para o povo negro quanto aos chamados de organização do movimento estudantil da universidade pelo DCE Luís Travassos. No dia 13, seria realizada uma “Assembleia Estudantil Negra”⁴⁵, assim como um evento do Coletivo Kurima (coletivo negro atuante na instituição), para discussão das questões mais caras às pessoas estudantes negras da UFSC. No dia seguinte, 14, haveria uma Assembleia Geral Estudantil da Graduação e Ensino Médio da UFSC para discutir e definir o posicionamento das pessoas estudantes de graduação e do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da universidade frente ao desmonte da educação indicado pelo então ministro da educação do governo Bolsonaro, Abraham Weintraub.

Esse cenário de atenção e procura por intervenção organizada se seguiu sob diversas demandas, abarcando nas semanas seguintes informes sobre a Greve Geral de 14 de junho e a importância de construção da Assembleia Geral Estudantil da UFSC em 11/06, assim como das atividades de integração, em apoio aos Centros Acadêmicos da UFSC, e de espaços de debate como a mesa sobre reforma da previdência que ocorreria também na universidade. Outro episódio, mais ao fim do ano, foi o de informe e chamado, em reunião da futura frente, à construção junto ao movimento estudantil da UFSC do ato nacional 13A, da campanha “Tsunami da Educação”, que ocorreria em 13 de agosto.

Considerando os aspectos mais particulares à juventude negra universitária, espectro que abarcava também a ampla maioria da militância da FREJUNA, foi desenvolvida uma primeira atividade em cima do convite do Fórum dos Movimentos Estudantis Negros da UFSC para as atividades da “Calourada Negra”, de 21 a 23/08. Foi combinado entre a militância da frente de se fazer uma fala a apresentando, no sentido de convidar para sua construção, frisando o caráter de unidade, de compreensão da luta antirracista como essencialmente anticapitalista e, ainda, de que novas contribuições eram bem-vindas, mas reconhecendo e respeitando também as bases já construídas coletivamente, sem se pretender revirá-las. Ademais, de se reforçar de que a ideia da frente era ser um espaço de construção coletiva, acolhedora, e então convidar para sua próxima reunião.

⁴⁵ É importante destacar que tal fórum não constitui espaço deliberativo formal do movimento estudantil da UFSC, sendo uma instância paralela organizada pelo MN para acumular discussões e propostas.

Posteriormente, a FREJUNA participou e se propôs a uma avaliação de uma segunda atividade do fórum (agora uma reunião), chamada “para decidir um posicionamento da comunidade acadêmica estudantil negra frente os cortes na educação e as mobilizações em torno das questões relacionadas à permanência estudantil e ações afirmativas na UFSC” (FREJUNA, 2019h – 11/09/2019). Acumulando que o espaço foi mal conduzido e frustrou boa parte das pessoas presentes, levantou-se na frente a discussão, inclusive, sobre a necessidade desta se apresentar como uma alternativa ao Movimento Estudantil Negro da universidade.

Em seguimento às preocupações da frente com o andamento do FOMOVEN, outro debate fundamental ao andamento do movimento estudantil da universidade e a construção deste por parte da juventude negra se deu no período de greve estudantil, com início em setembro de 2019. Sob comentários de greve geral da educação, murmúrios de uma ocupação na UFSC e a proposta corrente no movimento estudantil desta universidade sobre suspensão do vestibular, a frente debateu por via remota sobre a dificuldade para se reunir em tempo tão curto quanto o que seria necessário para influir em alguns espaços do movimento estudantil, assim como o desgaste e tantos outros focos que o todo da militância também tinha, especialmente no contexto de fervor no movimento estudantil.

Com isso, e diante de divergências agudas entre a militância sobre a pauta da suspensão do vestibular, colocou-se em questão o próprio objetivo da reunião e as possibilidades de condução da frente acerca disso, não visando a podar as discussões coletivas e o debate franco – parte do exercício de unidade que se exige na proposta da frente –, mas pensando a produtividade da discussão naquele contexto. Contudo, também se lembrou que a atipicidade do momento, as incertezas colocadas na UFSC, exigiam também da frente uma coesão, enraizamento e força para disputar a consciência da base negra universitária, considerando ainda sua responsabilidade em debater sobre as tantas demandas que assolavam a juventude naquela realidade e buscar soluções para isto. Assim, foi possível avançar em discussões centradas nos aspectos mais gerais, de acordo na frente, entendendo a fragilidade em travar debates duros naquele momento e a importância de se imprimir uma posição junto ao movimento estudantil.

Um trecho-síntese da discussão em reunião da FREJUNA de 11/09 esclarece outras questões trazidas à tona neste período:

Durante a realização da assembleia estudantil da UFSC foi decidido que haveria um comando da greve para organizar as atividades durante o período grevista na Universidade. O Fórum que representa institucionalmente os representantes negros na UFSC conseguiu 4 cadeiras no comando da greve.

Dentro dessa conjuntura e tendo em vista as últimas reuniões, existe a possibilidade de um boicote por parte do Fórum de que os outros coletivos e movimentos que compõem a entidade não ocupem essas cadeiras por decisões verticalmente tomadas.

Foi apontada a necessidade de algum membro da Frente aderir ao Fórum para que consiga ocupar uma dessas cadeiras, garantindo que as decisões tomadas durante o período grevista, relacionadas a permanência estudantil e ações afirmativas sejam pautadas pelos interesses dos estudantes negros. (FREJUNA, 2019h – 11/09/2019)

Acerca desta greve, aliás, vale ressaltar que a FREJUNA acompanhou todo seu desenrolar, inclusive as movimentações do Conselho Universitário acerca da deliberação sobre a minuta da futura Resolução 140 (proposta pelo DCE Luís Travassos quanto às garantias em relação às aulas para o movimento grevista) ou, ainda, a audiência com a Reitoria sobre as finanças da universidade, ao início de novembro.

Em meio a essas intervenções no FOMOVEN, o que se pode extrair dos registros é um entendimento de forte contradição em como o fórum deveria funcionar, tensionado por grupos minoritários em sua composição. Assim, a ideia de este espaço servir de fato como fórum, não se tornando uma “entidade de raça”, mas sim um espaço de articulação dos diferentes segmentos do MN para pensar algumas ações coletivas e levá-las aos meios institucionais e as entidades representativas da categoria, pouco foi discutida até hoje. Em reflexões internas à frente, foi apontado sobre esta ter “o potencial necessário para ser uma alternativa de Movimento Estudantil Negro na UFSC, podendo se colocar como um instrumento de luta extremamente necessário na conjuntura atual!” (FREJUNA, 2019g – 06/09/2019) e, ainda, que

temos essa responsabilidade enquanto Frente, de debater sobretudo que assombra o nosso povo. Não são apenas os estudantes da UFSC, que estão em agito pelos últimos acontecimentos. Precisamos debater, chegar a um entendimento sobre tudo e nos colocar a disposição do movimento. Temos muito trabalho e é necessário ajuda também, ouvido no chão para achar nossos parceiros em momentos turbulentos como este. (FREJUNA, 2019g – 06/09/2019)

Foi também em cima desses acúmulos que a FREJUNA se organizou para participar das discussões sobre a greve da UFSC, com calma, buscando formular contribuições de forma coletiva e afinar pontos importantes para levar ao debate junto a toda a comunidade universitária em espaços do FOMOVEN e de todo o movimento estudantil da universidade. Neste processo, os registros também nos permitem chamar atenção às reflexões cuidadosas da FREJUNA acerca do arco de alianças que se podia formar, dos campos que apresentavam propostas inconsequentes na visão da frente, sempre pensando como orientar o Movimento Negro à perspectiva revolucionária e de unidade defendida por esta.

O final de 2019 também lançou a FREJUNA ao apoio na divulgação da Semana Antirracista do Centro Acadêmico de Design e Design de Produto da UFSC (CADE UFSC) e à construção da Semana da Consciência Negra na UFSC, iniciativa puxada por uma articulação de professores negros do CFH e do Centro de Ciências da Educação (CED) e professores brancos antirracistas também da UFSC, além do grupo de estudos e pesquisas ALTERITAS – Diferença, Arte e Educação, bem como de coletivos negros da UFSC, como o Coletivo Magali. Houve assinatura dos chamados, divulgação dos materiais e participação em algumas atividades (com chamado à marcha), entendendo a importância de impulso do nome da frente e que não se feria os princípios acordados na Carta-Manifesto, uma vez que eram espaços de disputa também da militância universitária da FREJUNA, ainda que houvesse um receio coletivo em um foco demasiado na intervenção nestes espaços, por já haver também a atuação na greve estudantil da UFSC e outras. Com isso, também se indicou uma discussão mais aprofundada sobre o FOMOVEN para as próximas reuniões, encerrada a greve e a atuação mais consistente da frente neste espaço.

Outro ponto de discussão da FREJUNA quanto ao Movimento Negro Estudantil da UFSC foi sobre o Programa de Apoio Emergencial de Permanência (PAEP) e a situação da Casa do Estudante Universitário (CEU), a moradia estudantil. Marcada por violências, alguns processos de ocupação, truculência por parte dos órgãos administrativos da universidade ou do Estado, a pauta chamava atenção, também, pelas questões de superlotação, insalubridade e falta de dignidade garantida no espaço.

Essas intervenções da FREJUNA no movimento estudantil universitário, para Lucas de Anhaia⁴⁶ (2021), graduando em História pela UFSC e militante do NEN, evidenciam que a frente apresenta ao movimento estudantil que há um Movimento Estudantil Negro e organizado, apresentando as verdadeiras possibilidades de construção de uma luta que supere a lógica acadêmica e os muros da universidade, como com o que viria a ser a Marcha da Consciência Negra de 2019. Ademais, segundo outras entrevistas realizadas para este estudo, ainda que buscando fugir à estigmatização como mais um coletivo universitário, a FREJUNA alcançou elementos importantes nessa construção na UFSC. Lucas Guari (2021) ressalta a dificuldade de, estando com foco em demasia dentro da universidade, acabar por não se conseguir alcançar outros públicos, até por não haver tal intenção bem direcionada. Por outro lado, como destaca Azânia Nogueira (2021), mesmo não se tendo adentrado a fundo as elaborações para o

⁴⁶ Lucas de Anhaia é um jovem negro de 26 anos, graduando em História pela UFSC. É militante do Coletivo Alicerce, integra o Núcleo de Estudos Negros – NEN e construiu a FREJUNA desde sua fundação até a metade de 2021. Entrevista concedida em 17/12/2021.

movimento estudantil, a FREJUNA se provou importante nas disputas que fez, tendo o movimento estudantil negro sido crucial para a resolução de debates importantes durante a greve estudantil, inclusive garantindo, nesse período, a maior reunião do FOMOVEN já vista por esta militante. Para Azânia, isso que suscitou ainda mais o destaque da FREJUNA, tendo sido alcançado o que era possível.

Refletindo um pouco mais sobre a importância desse espaço de luta universitária, a síntese de Amanda Koschnik exprime o entendimento consolidado pela FREJUNA com este espaço, considerando a origem das pessoas que ali militavam e a contribuição do movimento estudantil para suas trajetórias, ainda que não se tenha tido foco na intervenção universitária:

o movimento estudantil é uma escola; uma primeira experiência de você se organizar e coletivizar. Claro que tem pessoas que têm experiências outras, coletivos outros, grêmios... enfim, a trajetória das pessoas difere. Mas pra grande maioria, eu vejo que ao acessar a universidade, desde as questões de entrada, o próprio vestibular, o próprio ENEM [Exame Nacional do Ensino Médio], a própria banca né de verificação... e depois do acesso, a permanência, a questão da permanência estudantil, pautas transversais; a questão da grade, de não ter necessariamente coisas que enquanto povo negro são fundamentais... todas essas disputas que surgem ali nesse momento de efervescência até, da consciência intelectual, que a gente se propor a pensar algumas coisas, é muito importante. Então o movimento estudantil ele é o primeiro momento onde a gente aprende a fazer uma ata, onde a gente aprende a facilitar um espaço; onde, por causa do nosso grupo de estudos, a gente vai abrir uma mesa, vai fazer uma fala... ali é um treinamento muito objetivo pra que a gente se reconheça enquanto pessoas políticas, sujeitos políticos, mulheres e homens, não binários, enfim... todo mundo, no geral, mas que a gente se sinta fortalecido enquanto pessoas negras, né, porque a gente tem essa coisa de ser subestimado intelectualmente. Ali, naquele espaço, se fortalecendo e encontrando outras pessoas que passam por situações semelhantes, a gente consegue se fortalecer nesse nível de avançar. E é curioso que no movimento estudantil, nos últimos anos, se sentiu a necessidade de coletivizar num sentido mais periódico. (KOSCHNIK, 2021)

Para além da universidade, ainda que não fosse sua prioridade e nem espaço usual de circulação da maioria da militância da frente, a FREJUNA também veio dialogando ou intervindo sob vias institucionais a nível municipal. No mesmo ano de 2019, houve a iniciativa de articulação junto ao Fórum Setorial de Cultura Negra de Florianópolis, pensando possibilidades para a marcha e de atividades descentralizadas de discussão e panfletagens pela cidade. Estas movimentações não foram muito adiante; contudo, foram pensadas estratégias para unificação de agendas culturais para o mês de novembro, assim como a integração do Fórum do Hip Hop ao Fórum de Cultura. Ainda se tratando de canais da Prefeitura Municipal de Florianópolis, houve convite da COPPIR para as representações do Movimento Negro organizarem, coletivamente, um cronograma de atividades para novembro, demonstrando já certo reconhecimento e procura de trabalho conjunto à FREJUNA.

Nestas ações variadas, contudo, o que se sobressai, analisando os documentos e interesses manifestados pela frente, é o que se relaciona mais diretamente à construção do movimento popular junto à juventude, alcançando os debates sobre educação, cultura, organização negra e periférica e, ainda, a articulação dos movimentos sociais do campo da esquerda para a construção de agendas de mobilização e enfrentamento aos governos municipal, estadual e federal e suas políticas obscurantistas. A FREJUNA foi bastante procurada para atividades ao final do ano, pela referência que se tinha na militância que a construía e também pela boa novidade de estar sendo articulada uma iniciativa de unidade entre tais setores. Por exemplo, foi recebido um chamado para realizar uma roda de conversa em uma escola do sul de Florianópolis, com cerca de 60 crianças, e outra em uma escola na região central. Quanto à educação, foram ainda vários e diversos os debates, tendo também convite para uma atividade em novembro de 2019 com o Cursinho do Zinga, curso pré-vestibular popular oferecido em uma escola no norte da ilha.

Em meio a isso, destaca-se uma mobilização ao final de 2019, em que a FREJUNA se integrou à mobilização de estudantes secundaristas e da comunidade da Escola de Educação Básica Lauro Müller (Lauro Müller), no centro da cidade, em defesa desta. O contexto apresentava forte disputa pelo terreno, território bastante extenso e localizado em área de crescente valorização e fluxo intenso de pessoas, sendo atrativo para grandes empreendimentos privados. Mais que isso, destacou-se nos debates da FREJUNA a composição da população que frequenta o espaço: majoritariamente crianças negras ou periféricas; e, ainda, que a escola se associa e localiza a um contexto e espaço historicamente ligado como um dos territórios negros em Florianópolis, visto que é vizinha da Igreja do Rosário, reduto religioso do povo negro local há séculos. Ainda, nos registros da FREJUNA, há indicações de que não se tinha perspectivas para o uso do espaço e dos materiais que lá restavam, já bastante precarizados; e, também, que a comunidade estava se mobilizando com força, apesar da decepção com o pouco envolvimento do movimento estudantil universitário nessa construção, tanto na articulação com a deputada Luciane Carminatti na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC) quanto em atos, puxados por estudantes em frente à escola.

Sobre essa mobilização, é interessante nos aprofundarmos nas memórias da militância envolvida. Segundo Lucas de Anhaia, as crianças que estudavam na escola Lauro Müller

sabiam que iam ter que se deslocar pra outros lugares, de uma maneira muito mais difícil; iam perder as suas relações ali da escola. E tá debatendo isso com elas e com os professores também, que falaram suas visões sobre a escola, foi muito importante. Foi onde a gente começou a traçar a nossa caminhada pra fora, pra além da universidade. Então todo aquele debate sobre educação que a gente vinha fazendo no movimento estudantil a gente levou pros

estudantes secundaristas e pros professores do SINTRASEM ali, que foi uma troca extraordinária. A gente consegue daí fazer esse diálogo entre estudante e trabalhador, estudante universitário, estudante secundarista. É essencial isso pro movimento. Conhecer também estudantes secundaristas, apresentar a FREJUNA pra esses estudantes secundaristas, é o que vai munir a FREJUNA no futuro. A juventude é um pulmão e, mesmo sendo uma frente de juventude, a gente tem que renovar o oxigênio desse pulmão. (ANHAIA, 2021)

Assim, podemos compreender um pouco do peso que teve essa mobilização não só para a denúncia e a organização da juventude naquele momento, mas também na formação da militância da FREJUNA. Azânia Nogueira complementa:

a experiência, pra mim, foi muito de viabilizar, na Lauro Muller, que esse sentimento daquelas crianças fosse ouvido, sabe? [...] A galera tava com representações pros atos, ninguém tava pensando em massificar, mas aquelas crianças tavam pensando em massificar o ato! Cada ato que chegava elas falavam ‘pô, cadê a universidade? Tem muito mais gente lá que poderia tá aqui e não tá aqui com a gente’... e a gente tentou, dentro das nossas condições, mobilizar as pessoas pra participarem. E acho que foi uma discussão que a gente acabou não aprofundando na FREJUNA. Mas o que que é a juventude negra, né?! Porque a gente não pode esperar a população negra chegar na universidade pra daí ir conhecer a FREJUNA, aí ir se organizar, porque a luta pelos direitos tá começando com 8 anos de idade, 9 anos de idade... é o protagonismo dessas crianças, foi algo que assim... em nenhum momento elas vieram pra gente pra pedir ‘o que a gente faz?’, elas só queriam que a gente viabilizasse o que elas queriam fazer. E a gente enquanto FREJUNA esteve, né. Isso foi algo que me orgulho bastante, que a gente foi em todos os atos, a gente tava em todos os espaços. Chamavam reuniões dentro da escola, eu nunca tinha entrado no Lauro Muller antes...

[...] E eu tinha uma solidariedade com aquelas crianças de tipo ‘pô, eu sei o que é esse sentimento’, sentimento bem estranho que o lugar onde a minha referência de me sentir pessoa de direitos foi fechado. Então são muitos sentimentos mesmo, sabe? Pensar, ocupar a escola enquanto militante da educação, negra; uma militante do Movimento Negro. Então, pra mim, foi muito impactante ver como a nossa presença lá enquanto FREJUNA mobilizou os estudantes negros. Quando a gente chegou ali, na frente da escola, na organização, eram estudantes brancos. Tinha uma estudante negra desde o início, mas a grande maioria eram estudantes brancos. E a partir da nossa luta, mobilização, presença, a gente vê que mais estudantes negros estavam nos atos. Eles tavam na calçada, não ocupavam a rua junto com a gente. No segundo ato já tavam ocupando a rua, no terceiro ato tavam batucando, no quarto ato tavam puxando palavra de ordem. A gente viu que a nossa presença ali mostra que ‘olha só, né, essa narrativa de que se a gente ficar quietinho as coisas vão dar certo, é uma falácia né’, a gente tem sim que estar ali, gritando pelo que a gente quer. E aí uma das palavras de ordem que eles cantavam junto era ‘pela minha escola eu vou lutar!’, e eles ficavam tipo dez minutos, pessoal na rua, gritando... a criançada na Lauro Muller não podia sair sem autorização dos pais, então iam pro pátio da escola, enfiavam a cabeça na grade e ficavam gritando ‘pela minha escola eu vou lutar!’, com um monte, um monte de cartazes. E aí a polícia vinha e a gente ficava ali enquanto adultos tipo ‘sério... são crianças... a escola vai fechar...’. E eles entenderam, eles politizaram o negócio, tanto que depois do ‘pela minha escola vou lutar’ eles quiseram montar uma palavra de ordem – e é isso, todas palavras de ordem vieram deles! –. E veio uma ‘Estudante na rua! Moisés, a culpa é sua!’, porque eles queriam saber quem tava fechando a escola deles, e a gente falou ‘ó, é o governador’, e aí eles ‘ah, é o Moisés?!’, aí veio essa palavra de ordem, ‘Estudante na rua! Moisés, a culpa é sua!’, e eles viram a hostilidade das

peessoas. A gente tava ali fechando uma rua central ali no centro. Quando, no primeiro ato, eles ficaram sabendo que a gente ali, 10 pessoas, tinha causado um engarrafamento lá na Beira Mar⁴⁷, por causa do que é Florianópolis, que tu fecha uma rua e fecha tudo, eles ficaram assim ‘caaara! Semana que vem vamo fazer de novo, vamo fazer de novo, vamo parar a Beira Mar!’ (NOGUEIRA, 2021)

Além disso, as mobilizações iniciais também extrapolavam os arredores escolares e universitários. Pensando nos primeiros passos da FREJUNA nas ruas, e rememorando suas defesas na construção destes, os atos que a FREJUNA se comprometeu a construir foram sempre marcados por bandeiras explícitas de defesa dos direitos e da vida do povo negro, por justiça às pessoas negras assassinadas sob a complacência ou mesmo a mando do Estado.

Em 2019, a FREJUNA foi chamada à participação no ato por justiça por Marielle e Anderson, de 06 de novembro, uma manifestação de caráter simbólico e focada no luto, na memória, na força do povo negro. Com isso, somou-se assinando o panfleto, integrando-se às panfletagens prévias e realizando falas no microfone, por meio das companheiras mulheres, que protagonizaram o ato. O conteúdo da intervenção, do panfleto às falas, focou em trazer elementos sobre a importância daquela mobilização e em chamar à Marcha da Consciência Negra de 2019. A intervenção da FREJUNA trouxe centralidade, nas falas e gritos de ordem, à luta de Marielle e das mulheres e povo negro.

A participação em atividades como esta, ainda que a organização não tenha sido de iniciativa da frente, ressalta a importância da manifestação diante da conjuntura de terror que se vive desde então. As então recentes manifestações da família Bolsonaro e as atualizações na investigação do brutal assassinato de Marielle reavivaram na boca do povo o clamor por respostas, colocando novamente em pauta a promíscua relação do presidente e sua trupe com as milícias, e ainda o problema da segurança pública e as já comentadas “soluções” levantadas por Sérgio Moro – elementos importantes da política de extermínio da juventude negra brasileira. Portanto, era hora, novamente, do povo se lançar às ruas contra esse projeto de barbárie, entoando em alto e bom som os pesares de luta e por justiça para Marielle, e organizando sua revolta.

Nesse sentido, as intervenções da FREJUNA também ganham destaque com a organização do seu grito de ordem, puxado no próprio ato. Com sutis ajustes posteriores, chegou-se a: “juventude negra, levanta tua bandeira / contra o racismo e a burguesia inteira!”, dando mais um salto na identificação da frente para si e, principalmente, diante de outros

⁴⁷ Refere-se aqui a uma das principais avenidas de Florianópolis, a Av. Jornalista Rubens de Arruda Ramos (conhecida como Beira-Mar Norte), que fica a cerca de 2 quilômetros de distância da escola.

setores, em meio ao processo de construção de sua referência e do evento da Marcha da Consciência Negra de 2019, símbolo de sua consolidação pública.

Figura 03 – militância da FREJUNA no ato de 06/11/2019



Fonte: acervo particular do pesquisador.

2.3. A 1ª MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA E A CONSOLIDAÇÃO PÚBLICA DA FREJUNA

A construção da Marcha da Consciência Negra de 2019 se deu, primeiramente, por meio de quatro reuniões ampliadas, ocorridas em 21/09, 28/09, 10/10 e 26/10. Como fica evidente, propomos aqui um deslocamento da construção deste evento da discussão sobre os demais trabalhos da FREJUNA, haja vista sua relevância ao caráter público da frente. Contudo, vale ressaltar que as construções não se deram desconexas, tendo tanto os demais feitos quanto as dificuldades da frente se determinado por esse trabalho concomitante.

Na primeira reunião, que contou com cerca de 15 pessoas, fez-se uma apresentação inicial de cada pessoa e da FREJUNA, tratando do histórico de construção da frente e, ainda, da Marcha da Negritude, evento que inspirava boa parte das discussões até então. De pronto, discutiu-se sobre a data e a abrangência do evento, considerando o dia 20 de novembro como opção pelo marco de ser o Dia da Consciência Negra, e ainda pensando em ser um evento municipal mas articulado com outras regiões do estado; construído em Florianópolis, mas sem

impedir que acontecesse noutras cidades. Houve uma ampla procura por contatos do MN de todo o estado, com pessoas de Tubarão, Joinville, Criciúma, São Francisco do Sul, Camboriú e outras cidades. Nessa ideia de articulação, propôs-se também a construção de um calendário coletivo de atividades sobre o mês da consciência negra, e de o evento ser apoiado por entidades e mesmo pessoas não-negras, mas sob protagonismo negro da elaboração à execução no dia.

Nas discussões que se estenderam nesta reunião, foram trazidas diferentes concepções sobre qual devia ser o caráter da marcha, dando centralidade à denúncia do genocídio do povo negro e à ideia de congregar, em unidade, todos os setores e frentes de atuação do povo negro, incluindo povos de terreiro, escolas de samba, movimentos de bairro, estudantes negros e movimento popular em geral. Ainda, que se conseguisse elaborar nas próximas reuniões um lema que indicasse o que se queria levar para a rua para denunciar e para reivindicar. Outras considerações foram quanto à organização geral dos trabalhos, pensando uma separação de comissões para organizar a metodologia de apresentação sobre a marcha nos diferentes territórios negros; divulgar os debates, pensar as estratégias de agitação e divulgação geral da marcha; articular os contatos para construção prévia e no dia da marcha; produzir e lançar os materiais gráficos impressos, para redes sociais; desenvolver a identidade visual do evento; organizar o panfleto e a carta da marcha; pensar o trajeto e a segurança durante o evento; e, ainda, organizar campanhas de arrecadação, de transporte para ida das pessoas ao evento e realizar orçamentos.

Assim que a página da FREJUNA no Facebook foi criada, os chamados para a construção da Marcha da Consciência Negra de 2019, inicialmente feitos pelos perfis da militância da frente, passaram a ser realizados por meio daquele perfil coletivo. Foram realizados três chamados⁴⁸, sempre resgatando no posterior os acúmulos da reunião que o antecedeu, e destacando denúncias sobre a violência policial por todo o país, com casos emblemáticos na cidade do Rio de Janeiro e no morro do Mocotó, comunidade periférica de Florianópolis; o desemprego e a crescente informalidade; a necessidade de fortalecimento do povo negro na luta, em unidade, por seus direitos e dignidade. Ainda, trouxe-se a determinância do racismo para a exploração e a opressão assentadas na formação social brasileira, conectando isto à naturalização de desigualdades, a uma organização econômica dependente e a uma ideologia pautada na racialização e na “coisificação”, fatores que culminam na precarização da vida do povo negro, cada vez mais atacado pelo governo e sua corja reacionária, promotora de violência e genocídio. Também, o reconhecimento do histórico da luta negra, chamando à

⁴⁸ Alguns destes estão disponíveis em anexo.

responsabilidade da continuidade e construção de alternativas para superar essa forma de organização da vida, em chamados assinados pela FREJUNA junto de mandatos populares da Câmara Municipal de Florianópolis (CMF) e organizações negras da cidade.

Pensando o conteúdo da marcha, na segunda reunião, com cerca de 16 pessoas, foi retomado o debate de conjuntura, em que muito se demarcaram os elementos de agravamento da violência policial e o passo acelerado do projeto de extermínio da juventude negra. Alguns apontamentos traziam a dimensão internacional, da luta contra o imperialismo e as relações promíscuas do governo federal com Israel, na compra de armas. Ainda, pensando no debate sobre armamentos, seguiu-se a discussão sobre a brutalidade policial no Mocotó, gerando estado de terror com os treinamentos policiais na comunidade, com assédio de jovens e medo generalizado; mas, também, revolta, com crescente vontade de organização na comunidade. Portanto, foi discutido também sobre a necessidade de trabalho contínuo junto a esta, e de, nesse momento de marcha, alavancar a dor como combustível à organização, para além das denúncias, para demarcar a presença e a história do povo negro em Florianópolis e a associar aos tantos problemas vividos cotidianamente. Outros comentários relevantes foram acerca da organização de uma carta que pautasse as reivindicações também aos órgãos institucionais, pensando então em políticas públicas, atendimento das demandas da população LGBTQ+, de terreiro, mães, mulheres, em situação de rua juventude, imigrantes etc., e pensando, inclusive, na defesa da data de 20 de novembro como feriado na cidade.

Já sobre as discussões acerca da organização e da mobilização para a marcha, muito se pautou a importância de integrar nesse processo os movimentos culturais e de lazer, pautando a resistência negra por meio de batalhas de rap, apresentações de samba e maracatu ou outras. Isso, aliás, por se detectar uma dificuldade da juventude negra em se ver em organizações partidárias, então sendo necessário alavancar um trabalho mais de base, com instrumentos conectados ao cotidiano da juventude, mas entrelaçados também à denúncia firme das pautas mais caras ao povo negro, para desconstruir o senso apartidário e disputar entendimentos que destaquem a coletividade e a continuidade da construção política através de organizações e entidades.

Outra discussão foi sobre a necessidade de organização de um cronograma, que tornasse o evento atrativo pela seriedade e clareza da construção, que estaria melhor divulgada. Junto disso, que era preciso pensar se haveria caminhadas e atividades de maior cansaço a crianças e pessoas idosas, e também encaixar os espaços artístico-culturais. Pois, mostrando a preocupação das pessoas reunidas em assumir a responsabilidade na apresentação de uma

política que dialogasse com a realidade das pessoas presentes, desde a esquematização das atividades à proposição das palavras de ordem.

No que concerne à estrutura e a elementos afins, foi apontada a necessidade de se pensar a alimentação e a ida das pessoas quilombolas até a marcha; a garantia do direito à fala dos diferentes grupos que estavam na construção, cuidando-se também para não dar destaque a carros de som; a organização para os trâmites burocráticos e pagamentos de taxas junto à Prefeitura e questões relacionadas. Sobre a data, concordou-se que sábado abarcava melhor a questão de visibilidade junto à disponibilidade de participação do povo negro, ocupando do turno da manhã até o começo da tarde. Já sobre as finanças, viu-se que seria importante organizar ofícios para solicitar apoio dos sindicatos no custeio dos materiais e instrumentos. Nisto, houve grande apoio do Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina (SINDPREVS – SC), na cessão do auditório do sindicato para boa parte das reuniões. Também o Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário do Estado de Santa Catarina (SINJUSC) apoiou desta forma. Em geral, ainda, o SINTRASEM e mais sindicatos se colocaram na construção sob apoio financeiro ou estrutural, garantindo impressão de materiais gráficos, locação de equipamentos de tenda e de som etc. O apoio estudantil ocorreu principalmente com o DCE Luís Travassos – UFSC, na divulgação dos materiais, com a colagem de cartazes pela UFSC e ações de arrecadação financeira.

Assim, com tarefas encaminhadas, foi-se amarrando as discussões, que culminaram no lema “Marcha da Consciência Negra: contra o genocídio do povo negro, em defesa dos direitos!”, a ser desenvolvido na marcha que sairia da Escadaria do Rosário, pelo simbolismo deste território negro. Ali se teria apresentações artísticas, roda de capoeira, e o ato andaria pelo centro da cidade e seria finalizado na Praça Tancredo Neves, conhecida como Praça da ALESC, em que se organizaria a alimentação. Por fim, sobre a carta, combinou-se de “trazer elementos da carta da Marcha da Negritude e sintetizá-la com os debates sistematizados em ata. A carta também deve estar convidando as pessoas e incentivando o financiamento dela” (FREJUNA, 2019k – 28/09/2019), a apresentar na próxima reunião, para a qual também ficou a tarefa de elaborar sobre possibilidades de trabalho de base no dia das crianças; tarefas e novas demandas; e, ainda, palavras de ordem.

Com a carta pronta, passou-se à sua divulgação. O documento⁴⁹ convocava o povo negro a marchar para amplificar suas reivindicações históricas pela garantia à vida e aos direitos, demarcando a escalada da violência multifacetada sob o governo Bolsonaro e o golpe

⁴⁹ Disponível na íntegra em anexo.

à democracia. Denunciava o desdobramento do projeto genocida e racista que lança o povo negro às margens, reprimindo-o em seus próprios territórios e o impedindo de alcançar outros, seja exterminando a juventude ou as pessoas mais velhas à base de balas (muitas vezes ditas perdidas) e da exploração acentuada de sua força de trabalho. Ressaltava, ainda, o desmonte da educação e o racismo nas instituições; as violências obstétricas, feminicídios e os índices calamitosos de agressão à mulher negra, às pessoas trans, à comunidade LGBTQ+ em geral e aos povos de terreiro. E, nessa esteira de denúncia do apagamento físico e simbólico do povo negro, reclamava atenção, políticas públicas e organização popular para as garantir.

Diante do avanço na organização da marcha, na terceira reunião, que reuniu cerca de 14 pessoas, partiu-se ao afunilamento das tarefas. Discutiu-se sobre os materiais carregarem a assinatura da FREJUNA como idealizadora do evento, mas sem se suprimir o entendimento de que a realização era também dada pelas demais organizações que se somaram no decorrer do processo de construção; entretanto, essas mudanças demoraram a se concretizar. Como avanço concreto neste encontro, foi organizado pelas comissões de formação e de mobilização um cronograma de apresentação da proposta da marcha e chamado à sua construção e participação no dia.

Os territórios/eventos pensados foram: ensaio da escola de samba Consulado; evento “Banquetaço da Educação”; reunião na Câmara Municipal de Florianópolis sobre os casos de racismo religioso com o coletivo Yemonja; evento “Seminário do SINDPREVS”; evento de lançamento do enredo do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Dascuia (Dascuia); ensaio da escola de samba Coloninha; evento “Encontro dos Educadores Negros – São José”; evento “Seminário aberto da Nova Frente Negra Brasileira”; início do Festival de Cinema Negro no Centro Integrado de Cultura (CIC); Sociedade Recreativa Cultural e Samba Embaixada Copa Lord (Embaixada Copa Lord); comunidade da Serrinha; Sarau da Costeira; Batalha da Central (Campeche); Batalha das Mina; festa das crianças na comunidade Chico Mendes; festa das crianças no morro do Pantanal; festa das crianças na Ocupação Marielle Franco; morro da Queimada; núcleo de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Silveira de Souza e outras, no Centro e no continente; Fórum das Religiões de Matriz Africana. Vale ressaltar que estas iniciativas foram organizadas com o objetivo de divulgar a marcha e a data de reunião ampliada de construção.

Assim, foram levados panfletos e cartazes, elaborada uma metodologia específica de discussão para cada território, e feitos os devidos contatos com as pessoas responsáveis

(lideranças comunitárias, professoras, MCs⁵⁰ etc.) por cada um destes, em caso de eventos mais reservados. Em algumas atividades também se buscou apoiar com a doação de alimentos.

Outra questão acumulada com este terceiro encontro foi acerca da estruturação da marcha, tendo sido encaminhado que a comissão de formação amarraria uma proposta final a aprovar no grande grupo, em cima das considerações que: “a marcha deve ser pensada para atrair as famílias negras com um resultado final de conscientização das pessoas” (FREJUNA, 2019m – 10/10/2019) e, nesse processo, deveriam ser pensadas atividades culturais tanto para a aglomeração das pessoas para a marcha (e como forma de resistência) quanto para comunhão ao final da caminhada, como mais um momento de interação. A atividade da marcha foi pensada também com uma alimentação, anterior ao ato de caminhar, e com atividades que envolvessem também as crianças. Por fim, quanto à divulgação, foi lançado nas redes um vídeo de chamado, mesclando imagens e falas de uma das militantes organizadoras. Pela transcrição⁵¹, temos:

Esse ano se faz muito necessário que a gente se coloque nas ruas, enquanto população negra, em marcha, levando as nossas demandas, considerando o atual cenário político. A gente enfrenta um momento político extremamente crítico, em que os mínimos direitos institucionais que a gente tinha conquistado nos últimos anos estão sendo cortados sistematicamente. Além disso, a violência que é imposta aos corpos negros na sociedade tem aumentado a cada dia, atingindo em massa as nossas crianças, a nossa juventude, as nossas mulheres, os trabalhadores negros, os estudantes, a população LGBT, as comunidades de religião de matriz africana, os imigrantes negros e negras. Se faz muito urgente que a gente se coloque em marcha e se coloque nas ruas, ocupando esses espaços, tornando visível nossa luta e enfim, as nossas críticas a essa sociedade, e as nossas necessidades enquanto população. Por isso, no dia 23 de novembro, sábado, vamos às ruas fortes, aguerridos e conscientes de que existe uma luta antirracista a ser construída na nossa cidade, no nosso estado e no nosso país. (MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA..., 2019, 0min41s - 1min49s)

Junto dessa construção, a FREJUNA também avançou na avaliação interna de como vinha sendo sua intervenção no processo das reuniões ampliadas. Na sua reunião de 23/10, colocou-se em discussão o alinhamento da militância da frente nestas. A preocupação principal girava em torno de um aparente apagamento da FREJUNA na disputa com outros setores, havendo descompasso nas propostas que surgiram sobre caráter e política financeira para a marcha e a organização da frente para direcionar tais discussões. Assim, avançou-se nas reflexões sobre a importância da identificação da frente nas reuniões e materiais e um melhor trabalho operacional-organizativo para uma intervenção coesa (afinal, já recaía à FREJUNA o

⁵⁰ “MC” é uma abreviação para Mestre de Cerimônias, que, no meio musical, tem a ver com um estilo incorporado por pessoas cantoras.

⁵¹ O vídeo, intitulado “Marcha da Consciência Negra | 2019 | Floripa” encontra-se disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=8q1ugE5tKL4>. Último acesso em: 14 nov. 2021.

trabalho e a construção bruta no dia a dia); logo, era preciso amadurecer a parte da formulação inicial, a aproximação das pessoas e seu convencimento sobre a política da frente. Parte dessa política também versava sobre reforçar a articulação com setores do MN de outras cidades, reaproximar pessoas que outrora construíram a FREJUNA e trabalhar a questão da consciência negra nos debates, materiais e gritos de ordem. Ademais, que

essa marcha é nossa primeira experiência de trabalho, como também a razão de nossa ideia-base ao articular a FREJUNA: de atuar junto ao restante dos MNs e conseguir dirigir esse processo de novas discussões e construções para nosso povo. Precisamos nos reunir e elaborar discussões e posições de acordo pra levar às reuniões mais gerais. Temos que comportar na construção da Marcha todos que quiserem somar; mais que no papel, temos que ser a direção política do evento. [...] Precisamos deixar mais evidente que essa Marcha da Consciência Negra não é uma continuidade da Marcha da Negritude nos moldes antigos⁵². [...] É preciso traçarmos um planejamento e formas de atuação, pensando a política pra Marcha como algo que nos traga elementos políticos e corpo de militância à FREJUNA, também. (FREJUNA, 2019o – 23/10/2019)

Os encaminhamentos desta reunião foram de demarcar a FREJUNA como idealizadora do evento desde então; contatar outras forças políticas para buscar uma mediação quanto às complicações de se querer representar todos os emblemas, dos diferentes grupos, nos materiais; seguir organizando falas concisas e direcionadas de apresentação da FREJUNA nas reuniões; puxar o trabalho das comissões que estavam pouco ativas e propor reuniões e uma organização mais intensa, em até uma semana. Deliberou-se também por melhorar o fluxo de informações entre as comissões e o grupo geral de construção da marcha no WhatsApp, sempre levando para lá os materiais e repasses principais, previamente à ocorrência pública das coisas. Sob esses marcos que se disputaria a quarta reunião, de 26 de outubro.

No processo de construção da marcha, a mídia “Nação Z” se encarregou de elaborar uma matéria acerca da iniciativa idealizada pela FREJUNA. Na reportagem “Organizações de Florianópolis – SC preparam grande ‘Marcha da Consciência Negra: Contra o Genocídio do Povo Negro em Defesa dos Direitos’ no mês de Zumbi dos Palmares”⁵³, de 13 de novembro de 2019, a equipe de redação mescla relatos sobre as etapas de elaboração da atividade a uma

⁵² Vale ressaltar a intenção de diferenciação da FREJUNA compreendendo a disparidade não só entre as conjunturas, haja vista que os problemas do apagamento e do genocídio negro seguiam em voga, mas também na própria proposição política do evento de forma geral. Isso, pois, abarcando desde o que se refere à forma de organização (como nos trabalhos das comissões), aos setores congregados na construção e à ideia de articulação pautada na Grande Florianópolis, até, fundamentalmente, o novo fôlego de militância que a FREJUNA queria levar às ruas. Logo, com conteúdo e dinâmica mais radical, revolucionária, reequilibrando o peso das intenções institucionais que predominavam também na Marcha da Negritude, de 2016.

⁵³ Disponível em: <http://www.nacaoz.com.br/2015/organizacoes-de-florianopolis-sc-preparam-grande-marcha-da-consciencia-negra-contra-o-genocidio-do-povo-negro-em-defesa-dos-direitos-no-mes-de-zumbi-dos-palmares/>. Último acesso em: 01 out. 2021.

entrevista com um então militante da FREJUNA, que ressalta a relevância da organização da juventude e do trabalho em unidade no Movimento Negro para apresentar uma nova proposta de luta nas ruas e durante essa construção coletiva, pautada no diálogo e na amplitude de pessoas envolvidas e demandas contempladas.

Figura 04 – “Jovens ativistas da Frejuna organizam marcha de protesto contra o genocídio da população negra”



Fonte: Dhandhara Costa/Nação Z. Disponível em: <http://www.nacaoz.com.br/2015/organizacoes-de-florianopolis-sc-preparam-grande-marcha-da-consciencia-negra-contra-o-genocidio-do-povo-negro-em-defesa-dos-direitos-no-mes-de-zumbi-dos-palmares/>. Acesso em: 01 out. 2021.

Diante dessas expectativas acumuladas é que a marcha aconteceu, reunindo centenas de pessoas pelo centro da cidade e conseguindo atender aos planejamentos tanto em relação aos trabalhos prévios (panfletagens, trabalhos da comissão de formação) quanto no dia do evento, com participação muito importante das pessoas envolvidas na tenda da alimentação, grande riqueza de intervenções culturais e a concretização, assim, de um potente momento de confraternização, resistência e chamado à luta do povo negro e das pessoas apoiadoras que conseguiram se somar.

Figura 05 – roda de capoeira ao início da 1ª Marcha da Consciência Negra (2019)



Fonte: acervo particular do pesquisador.

A caminhada percorreu diversas ruas do centro, encerrando-se na Praça da ALESC e mantendo tal concentração por algumas horas, para mais um momento cultural e fechamento da atividade pela militância da FREJUNA.

Figura 06 – militância da FREJUNA e pessoas apoiadoras na 1ª Marcha da Consciência Negra (2019)



Fonte: acervo particular do pesquisador.

Em constante discussão, reavaliação e aprimoramento dos encaminhamentos sobre a marcha de 2019, a FREJUNA debateu em todas as reuniões até a realização do evento sobre as pendências, a divisão das novas tarefas que surgiam, o estímulo à ampliação do envolvimento de pessoas nos trabalhos e de ritmo de trabalho em algumas comissões, também indicando mais integrantes para as que precisavam. Por fim, em dezembro, com o evento concretizado, a frente novamente se reuniu para fazer uma avaliação geral da atividade.

Os registros desse encontro ressaltam a relevância do trabalho que se colocou nas ruas, apesar de dificuldades internas à FREJUNA e também na construção nas reuniões ampliadas. “Propor isso como unidade, nesse mês passado, foi uma tentativa de ver também como trabalhamos em conjunto, como materializamos o que tanto debatemos aqui. Foi um período de meses de construção, e cumprimos o objetivo de marcar presença na cidade [...]” (FREJUNA, 2019p – 06/12/2019).

Discutiu-se bastante sobre o envolvimento das pessoas na construção e no evento, considerando que houve comprometimento firme de boa parte da militância, mas ainda algumas

sobrecargas, no processo prévio; e, que de todo modo, isto foi bastante formativo, ensinando novas tarefas a diferentes militantes. O processo, crescente, culminou em cerca de 500 a 700 pessoas participando da marcha, com resultado positivo frente à construção feita por cerca de 20. Ainda que se esperasse mais pessoas, constatou-se que o desafio foi cumprido, e que muitas coisas passavam por mobilizar pessoas que estão num cotidiano que dificulta muito o deslocamento, a organização política etc. Envolveu-se um bom trabalho de agitação (que contou com palavras de ordem elaboradas pelo grupo de estudantes secundaristas de que a FREJUNA tinha se aproximado), propaganda, comunicação e formação, tendo ainda muito a desdobrar com a ideia das formações e panfletagens massivas articuladas, mas alcançando um trabalho legal com escolas de EJA, lideranças comunitárias, pessoas que não se envolveram tanto na mobilização por não se sentirem pertencentes, mas tentaram contribuir no diálogo.

Com isso, vale ressaltar um trecho da relatoria da reunião, que exprime o espírito coletivo de avaliação, compartilhado por este autor:

Estamos falando de presenças e ausências, mas temos que entender duas coisas: não é todo mundo que tem a concepção de movimento, de realidade e de sujeito revolucionário como nós, na base que construímos aqui em unidade. A segunda delas é de que muita gente precisa se convencer a se colocar em movimento, mas já teve vontade alguma vez, e precisamos pensar como se conformam os atos e etc. para disputar e envolver as pessoas; disputar sua concepção sobre o que foi isso, e agora tentar puxar a galera que colou pra entregar um alimento, um panfleto, pra construir com a gente. Nem todo mundo tem tempo de militar na intensidade que fazemos; é difícil apontar que só a luta muda a vida, que militamos ou morremos, mas é preciso levantar esse acúmulo a todos. Temos que reivindicar nosso acúmulo e internalizar bem aqui na FREJUNA, para nos aproveitarmos; mas também fazer ecoar e impulsionar junto o movimento a avançar. Entre nós, avaliamos com mais dureza, mas temos muito a apresentar ao movimento com bom tom: foi baita foda! Quem veio, curtiu e viu o potencial; quem não veio, realmente perdeu. Temos que cuidar das aproximações, reivindicar e fazer a FREJUNA decolar mesmo. (FREJUNA, 2019p – 06/12/2019)

Outros apontamentos positivos levantaram a importância da garantia de alimentação para as atividades, pensando não só em suprir a fome, mas na integração que propicia, a experiência de comida saudável e acessível, e o debate político em torno disso. Além disso, foram pontuadas questões a melhorar sobre a programação; a segurança e a total negligência e falta de suporte da polícia para o fechamento de vias (apesar das tramitações legais terem sido seguidas junto às instituições); e a apresentação da FREJUNA e a tentativa de massificação da frente, por ter faltado trazer à juventude a diferença dessa alternativa que agora se anunciava em peso nas ruas. Também, entendendo que o espaço de construção do MN difere de outros espaços de militância no sentido da construção mais solidária, mas sem se furtar do enfrentamento com discussões delicadas, foi feita a avaliação de desgastes por ações não

dialogadas e individualistas do PSTU, que outrora construía a frente, que gerou desgastes durante a marcha.

Com esta base, reforçou-se a unidade sob uma troca e avaliação coletiva sem grandes discordâncias, e foram indicadas ideias de produções audiovisuais; sistematização e organização dos arquivos da FREJUNA, e de relatos sobre essas práticas; e preparação de novas atividades (ainda mais frente à boa quantidade que restou no caixa da frente), como resultado da política financeira para a marcha. Assim, encerrando o acúmulo coletivo com esses apontamentos, a frente pôde sintetizar seus passos até então e traçar os rumos desejados para o período vindouro.

No processo de entrevistas para esta pesquisa, alguns relatos se destacam nas colocações sobre a marcha de 2019. Em especial, a visão comum da importância da comissão de formação nesse processo, apresentando que, se a FREJUNA partia de uma ideia de reorganização e diferenciação política, também na prática era necessário se diferenciar, mesmo havendo poucas pessoas, não sendo um processo perfeito ou ideal, mas sim um teste para a continuidade da frente (KOSCHNIK, 2021). Então, era necessário buscar as bases, ouvir o porquê de se estar nas ruas, as demandas necessárias de se colocar em marcha, o que é um diferencial potente, até hoje, da FREJUNA (SOUZA, 2021). O entendimento coletivo sobre esta experiência, como traz Azânia Nogueira (2021), é de que foi algo que mudou a vida da militância da FREJUNA, mudou a maneira de olhar a educação, a luta política, e trouxe uma referência coletiva forjada entre a militância negra. Amanda Koschnik complementa em mesmo tom:

É preciso reivindicar a presença negra pra construir politicamente as reflexões sobre os problemas do povo negro da nossa cidade e também a forma de coletividade que vai procurar enfrentá-los. Como um processo inclusive de enfrentamento. Então 2019 foi muito simbólico por causa disso. [...] Não nos bastava apenas ser contra o genocídio da população negra, que já é bastante coisa, né; não é apenas nos matarem em relação à violência policial, mas todo o processo sistemático que coloca o nosso povo a sofrer com o desemprego, com a fome, com falta de saúde, transporte, educação... então a gente tá fazendo uma luta por direitos, né, num momento onde os direitos tavam sendo centralmente atacados. Então foi bastante simbólico porque também olhou pra conjuntura e a partir da conjuntura tentou não exatamente dar as respostas, mas combater aquelas nossas análises de limites do que tavam sendo os últimos atos. E reivindica a Marcha da Negritude, de 2016, né, que também foi uma experiência de unidade, é muito importante falar isso. Não é a FREJUNA que inventou a marcha nem nada disso, mas a gente sentiu a necessidade de estar no 20 de novembro nas ruas, se baseando, se referenciando em espaços, em momentos de unidade do Movimento Negro. Então a gente olhou pra conjuntura, armou a nossa política em comissões, em reuniões ampliadas, tirou todas as tarefas que a gente tinha que fazer. E uma coisa muito importante: ao chamar, ao convidar, não só para ir aos atos, que era uma tendência que a gente criticava muito; mas construir a marcha, participar das reuniões, colocar suas próprias opiniões do povo negro, a gente

pensou também como esse povo negro não era apenas convidado, mas como ele se sentiria naquele espaço. E é uma coisa que pode parecer pequena, mas assim, até hoje a gente sempre tem um café nas nossas reuniões. Tamo falando de um povo, é isso, que sai do trampo, cai direto na reunião; ou que precisa, é uma forma de acolhimento, que talvez não tenha alimentado, ou que talvez esteja tranquilo em relação à sua alimentação mas tamo aqui, nos propondo a fazer esse trabalho.

Se a gente acha que a gente precisa da diferenciação na prática, e a gente aponta os limites de construções anteriores, se propor a fazer é o passo número um. E pode não dar certo em muitas coisas, mas a gente então acumula aquela experiência e vira saldo organizativo pro próximo momento. **No caso, que bom que existiu 2019 e a Marcha da Consciência Negra, que foi sim megalomaniaca... mas as coisas são impossíveis até que se tornem inevitáveis. E se tornou inevitável.** E foi um dia em que eu chorei muito, fiquei muito emocionada.. Saí cansada, todo mundo saiu exausto, mas até hoje eu me emociono muito. A Azânia, ela fala assim que **‘talvez uma das maiores coisas que eu construí foi a marcha de 2019, e eu tenho certeza que nós podemos construir coisas ainda’**. Mas ali foi um sentimento de validação que a FREJUNA é possível, que o sonho da FREJUNA é possível. **Sonhar coletivamente um sonho, com pessoas negras, é possível.** (KOSCHNIK, 2021, grifo nosso)

2.4. ELEMENTOS GERAIS DA CONSOLIDAÇÃO DA FREJUNA

Frente a todos os aspectos até aqui relatados, contudo, alguns pontos se fazem notáveis e importantes de se ressaltar na análise sobre os trabalhos e as relações dentro desta iniciativa até o período em questão. Se, por um lado, muitas discussões indicavam tarefas que exigiam celeridade e propositividade para seu melhor encaminhamento, de modo a levar a cobranças entre a militância da frente, isto nunca tomou a dianteira da dinâmica orgânica de forma atropelada. O estudo sobre esses primeiros passos da FREJUNA escancara uma preocupação constante, na frente, quanto ao trato cordial e fraterno com cada pessoa. Podemos ver nos diversos registros um incentivo coletivo, apoio e impulso a se assumir suas responsabilidades, a debater sobre a conjuntura, a se dedicar e trabalhar duro para atingir os resultados esperados naquela articulação e diante dos movimentos populares, também. Como em uma sequência de mensagens trocadas entre a militância via e-mail, a compreensão era de que “precisamos pensar juntos, achar nossa unidade e lutar!” (FREJUNA, 2019g – 06/09/2019), e isso nunca faltou.

Dessa maneira, ficava facilitado o convívio mesmo em meio às divergências; a confiança no coletivo apesar das individualidades, não se suprimindo as diferentes vontades ou especificidades; um amadurecimento que permitia que a frente buscasse disputar coletivamente seus espaços de intervenção, debatendo e esmiuçando posições em unidade que dessem conta de dirigir as discussões e atividades de que participava. Lucas Guari (2021), em sua entrevista, destaca também como as convergências e divergências sempre foram resguardadas por uma construção muito respeitosa, sendo esse respeito também muito movido pelo afeto entre a

militância da frente. Para Azânia Nogueira, houve sempre um suporte mútuo, dentro e fora da FREJUNA, o que potencializou o trabalho em unidade:

Quando uma comunidade chama um evento, a gente tá lá também. Então acho que tem muito disso de entender a gente talvez como uma frente que já tinha um acúmulo político, independente da gente ter participado diretamente ou não. [...] Tipo ‘tá, e aí, o que a gente faz com toda essa formação mais teórica que tamo tendo especialmente pra esse público mais universitário? Como que a gente dialoga? Como que a gente abre um diálogo?’. E aí veio as marchas com possibilidade de diálogo, os atos mais culturais como possibilidade de abrir diálogo, e o nosso próprio encontro, de ter uma organicidade entre nós, é como uma estratégia de fortalecimento assim mesmo. Tanto interna, ou seja, pensando nós enquanto pessoas negras; mas também de fortalecer essas pessoas negras nos outros espaços de luta que elas vão ocupar. A gente entendendo que enfim, constrói uma unidade bastante plural nesse sentido assim, então acho que é sempre essa *vibe* né, de continuidade, mas ao mesmo tempo de entender o que que o movimento atual tá pedindo.

[Além disso,] eu acho que justamente por esses lugares distintos de formação e atuação política, as pessoas que constroem a FREJUNA inclusive têm ideias distintas do que a FREJUNA deve ser. [...] [Mas dá para perceber um consenso de que] é um lugar estratégico de organização negra, [...] esse espaço onde a gente vai ter um diálogo entre nós negros, e alinhar nossa estratégia, sobre o que que a gente pensa pra luta antirracista, pra onde ela caminha. A partir dessas mentes, desses corpos, dessas vivências, que a luta antirracista vai ser direcionada no município. A FREJUNA dá a política do que vai acontecer na luta antirracista aqui em Florianópolis, por exemplo. Acho que aí tá uma importância muito grande, da gente ter esse espaço onde tão pessoas negras, corpos negros, suas experiências, e vão dialogar, e aí voltariam pras suas organizações fortalecidos, né; sabendo que ‘olha, essa aqui é a política que a gente comunicou enquanto FREJUNA’; e obviamente que a pessoa não esquece de onde ela vem, então ela também tá levando a política do coletivo dela pra frente, e a gente constrói o consenso, e aí tem um retorno, e a ideia também de que esse militante negro, essa militante negra, vai tá fortalecido nesses lugares e dizer ‘ó, eu vou bancar essa pauta aqui, que talvez esse lugar que eu to ocupando, esse partido, esse coletivo, essa organização, ainda não tenha internalizado. Mas eu, enquanto uma pessoa negra dentro esse coletivo, dessa frente negra, percebi que é uma estratégia de luta importante pra gente dentro do município, e vou bancar porque a FREJUNA tá bancando’. Então assim, ela tem esses dois lados, assim: ao mesmo tempo que ela é disputada, ela também disputa. (NOGUEIRA, 2021)

Estas características chamam atenção por calibrar outra forma de se pensar o trabalho político não só no Movimento Negro, mas no campo das juventudes de esquerda (e também no recorte mais profundo das revolucionárias) e do movimento popular de Florianópolis deste período, lançando um novo significado e uma nova dinâmica para a unidade, pensando também o afeto, o compartilhamento, o apoio coletivo, como reforça Lucas de Anhaia (2021). Desde seu início, e como veremos nas páginas seguintes, a FREJUNA sempre apresentou atenção ao seu propósito na construção de cada espaço; na formulação de estratégias de intervenção a curto, médio e longo prazo, e das melhores táticas para as alcançar. Sempre se colocou a pensar sua responsabilidade enquanto setor organizado, que já reconhece suas tarefas, frente às diferentes possibilidades e maneiras organizativas de execução das disputas e de construção dos trabalhos.

E isso, é claro, sem escantear a procura por integrar novas pessoas, aproximá-las nesse processo de construção, bebendo dos acúmulos coletivos de até então e potencializando os novos passos em conjunto.

Para a professora Jeruse Romão (2021), a FREJUNA também se destaca por estar nos diversos lugares, quando há uma situação de violência contra um jovem negro, quando o Estado ataca uma mãe negra, quando a frente realiza uma marcha etc., e isso sempre nutrindo uma rede e um reconhecimento junto à militância mais experiente, à “velha guarda” do MN local:

Eu gosto muito da FREJUNA, também, noutro aspecto que acho muito importante, que ela traz o conceito de ancestralidade na prática. Ela não é só discursiva, ela respeita de fato os militantes mais velhos. Isso não quer dizer que o fato de nós sermos mais velhos que a gente em razão, tem certeza pra tudo; mas eu acho que eles nos oferecem escuta, sabe? Diante de alguma situação que dá, usando uma expressão deles, que ‘dá treta’, às vezes nos chamam pra ser mediadores, então acho isso importante. Ou escuta, pra escutar mais, escutar o outro; gosto muito disso, de uma juventude que tenha vindo, que esteja atuando, com uma preservação de valores civilizatórios africanos, e dentro deles a ancestralidade. (ROMÃO, 2021)

3 FUNCIONAMENTO, DINÂMICA E ATUAÇÃO DA FREJUNA EM 2020 E 2021

Com o estabelecimento da FREJUNA em seus marcos orgânicos e ainda nos trabalhos públicos, ganharam peso sua elaboração e intervenção na construção política do movimento popular de Florianópolis. Em compasso, elevaram-se as necessidades de debates organizativos para a melhor execução das tarefas externas, bem como para entendimento da real composição, condição e pretensão trazida pela frente no novo ano que se iniciava (2020).

Assim, as próximas páginas tratam de relatar e comentar a dinâmica e as relações internas da frente, bem como as externas, com outros agrupamentos, perpassando então sua organização e composição; ainda, sua produção política, suas principais atividades e impacto nas lutas do Movimento Negro e do movimento popular de Florianópolis, entendendo tais processos como entrelaçados e determinados uns pelos outros, à medida que influenciavam os rearranjos e subsequentes proposições novas. Diante de contratempos e momentos de fervor, daremos forma ao que se conhece por FREJUNA em sua totalidade, perpassando os abalos e reconstruções, os fluxos e refluxos dessa iniciativa ainda tão recente, mas já tão importante. Para tanto, desdobraremos a seguir os debates internos, as elaborações para o movimento e as ações concretizadas ou não pela frente, tomando-as em ordem cronológica.

3.1. ASPECTOS GERAIS DO TRABALHO EM 2020

A transição de 2019 para 2020 foi bastante marcada pelo trabalho da FREJUNA em construções culturais e espaços de organização do povo negro, quando a pauta do Clube 25⁵⁴ foi levantada pelo MNU para discussão na frente; entretanto, poucos foram os repasses e atualizações desde então, de modo que a pauta não girou enquanto prioridade da frente. Noutro passo, a FREJUNA buscou acompanhar algumas movimentações das batalhas de rap de Florianópolis, como o evento de reinauguração da Batalha da Alfândega, que ocorreria ao início do ano.

Junto disso, os debates orgânicos avançavam sob a expectativa de organização de uma reunião de planejamento para o mês de fevereiro ou março de 2020. Com a análise das relatorias acerca dos primeiros encontros da FREJUNA deste ano, pôde-se perceber que sua estruturação carregava muito do senso de coletividade, divisão adequada das tarefas e do empenho comum

⁵⁴ O Clube 25, ou Clube 25 de Dezembro, ou ainda União Recreativa 25 de Dezembro, é um clube negro histórico em Florianópolis, das primeiras quatro décadas do século XX, situado no bairro Agrônoma, no leste da ilha. Apresenta longa tradição inclusive de associação somente de pessoas negras, Para saber mais, ver “Clubes e Associações de Afrodescendentes na Florianópolis das décadas de 1930 e 1940”, de Maria das Graças Maria [s.d.]. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/545546/mod_resource/content/1/B12%20Clubes%20pdf.pdf. Último acesso em: 24 mar. 2022.

na boa realização de tudo que envolvia a atividade de planejamento que aconteceria – pensando-se na rotação de grupos para organização dos lanches até reserva do espaço, organização da pauta da reunião, confirmação de presença com as pessoas etc. Um ponto interessante é que para a reunião também foi pensado um momento formativo, de diagnóstico da realidade da população negra em Florianópolis, com as professoras Azânia Nogueira e Jeruse Romão, e também uma colega negra graduanda em Medicina na UFSC.

Neste bojo de organização básica, pensando a comunicação interna da FREJUNA, a consolidação de suas perspectivas imediatas além da marcha e o trabalho que se colocaria nas ruas, buscou-se também elaborar uma identidade visual da frente, a partir de provocações do que esperava sua militância acerca da identificação externa, para alavancar o reconhecimento da FREJUNA junto às camadas populares. Ainda que sem o planejamento, alguns trabalhos de aproximação foram feitos, culminando na apresentação da frente a parte da militância do Coletivo Negro de Serviço Social Magali da Silva Almeida, que logo passou a integrá-la.

Tais registros são importantes para se entender a responsabilidade da frente, enquanto idealizadora das diferentes atividades, pela melhor execução destas; pela garantia da base para se construir as coisas, perpassando da estrutura física e questões de alimentação até a condução do debate político. Dessa maneira, evidencia-se uma procura honesta por garantir as responsabilidades dentro da própria FREJUNA, com a militância se organizando de forma prévia, tendo disciplina e buscando fazer dessas construções, como da marcha, algo aberto e amplo, chamando as pessoas negras a trazerem suas contribuições e construir cada atividade desde suas bases. A isso, soma-se o resultado da entrada de mais militantes, e agora de um outro agrupamento. Também, em diferentes situações, os registros destacam dificuldades para conciliar horários entre a militância da frente para as reuniões, por exemplo; contudo, isso poucas vezes se fez empecilho, haja vista que, com a participação diversa, a intensa atividade dos diferentes agrupamentos na organização das reuniões, envolvimento nas discussões e andamento das tarefas, estabeleceu-se neste espaço um laço e uma dinâmica de confiança e parceria que permitiam que mesmo ausências de grupos ou indivíduos em certos momentos não significassem problemas tão profundos na definição de uma política que contemplasse os diferentes setores.

Com o amadurecimento do trabalho coletivo, ainda em meados de fevereiro, a FREJUNA passou a discutir a organização do ato 14Marielle, na data do brutal assassinato da parlamentar carioca. Pautou-se a importância da frente tomar o protagonismo nessa construção, convidando também outros grupos, mas dando o direcionamento político e protagonizando a mobilização. Também, que seria importante agregar a divulgação da atividade ao calendário

que se vinha elaborando pela frente feminista 8M SC para o início de março. Combinou-se, então, de afinar as ideias de construção numa próxima reunião, a ocorrer entre a última semana de fevereiro e a primeira de março, que também daria conta do planejamento.

Pensando no 8M SC, a partir da construção deste movimento por militantes que também atuavam na FREJUNA, foi discutida na frente a possibilidade de intervenção organizada no movimento feminista, entendendo que este espaço abria possibilidade de dialogar com uma grande variedade de mulheres e também podia ser educativo. Entretanto, vários questionamentos foram levantados acerca das possibilidades reais da FREJUNA organizar uma intervenção perene na frente feminista, pensando tanto os eventos que se desenhavam para o mês de março de 2020 quanto os trabalhos vindouros, e considerando apontamentos do MNU que nos anos passados não era dada a devida atenção e participação pelas outras mulheres às atividades realizadas pelas mulheres negras. Com isso, em discussão sobre qual seria o objetivo da FREJUNA em estar na mobilização do 8M SC, entendeu-se haver limitações na consideração pelo restante do movimento do debate racial e revolucionário que a FREJUNA traz, e, apesar de se ter alguma abertura para inflexão do espaço com os acúmulos desta, viu-se que na frente feminista se passava por outra lógica de construção que a FREJUNA não conseguiria disputar da melhor forma. Assim, decidiu-se atuar em parceria com 8M SC, entendendo a importância do movimento, mas não o construindo de forma orgânica enquanto FREJUNA; além disso, entendendo que se podia ajudar as companheiras da frente que já estavam acompanhando o 8M SC, e que os debates poderiam ser retomados mais adiante.

Nesse intervalo e processo de discussões, o planejamento da FREJUNA precisou ser adiado por conflitos de horários e problemas organizativos, e também se alavancaram as mobilizações de apoio ao Quilombo Vidal Martins, chamando a frente a se fazer presente nas articulações junto à comunidade. Por meio das redes sociais, o grupo de apoio à comunidade divulgava uma reunião para o dia 05/03, rememorando a história do Quilombo e a luta pela garantia de suas terras, tanto por meio das pautas levantadas quanto por informações sobre a tramitação dos processos. Assim, denunciando o esgotamento das alternativas de diálogo junto ao poder público, pretendia-se também reunir o movimento popular para organizar ações de apoio à comunidade. Diante disso, a FREJUNA se organizou para participar da reunião, que apontou para uma mobilização puxada para a tarde de 06/03. O ato, realizado em frente ao Centro Administrativo do Governo de Santa Catarina, em Florianópolis, reuniu a comunidade do Quilombo Vidal Martins, integrantes da frente e de outros movimentos populares para denunciar o descaso do governo estadual com a causa Quilombola e reivindicar o atendimento

à demanda de titulação da terra - um direito até então ignorado e negado a este que é o único Quilombo remanescente na cidade.

Em paralelo, a construção do 14Marielle em Florianópolis se deu a partir de duas reuniões, nos dias 05 e 12/03, em que foram discutidas as bandeiras que se somariam à pauta central do ato, questões de estrutura, divulgação, trajeto e outros aspectos organizativos. Desde o início, a FREJUNA tomou protagonismo nesta construção, dirigindo as discussões e as tarefas realizadas - como o panfleto, as panfletagens, chamados nas redes etc. Também se somaram à construção os seguintes grupos: União Florianopolitana dos Estudantes Secundaristas (UFES); Partido dos Trabalhadores; Sindicato dos Trabalhadores no Poder Judiciário Federal no Estado de Santa Catarina (SINTRAJUSC); projeto AfriCatarina de percussão; Brigadas Populares (BPs); Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST – SC); Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN) e outros. Além destes, outras pessoas participaram dos encontros, atingindo cerca de 20 presentes, especialmente jovens.

Essas reuniões, entretanto, foram marcadas por disputas delicadas, haja vista o interesse de representantes dos movimentos ligados à questão da terra e da moradia em colocar estas pautas-chave de seus movimentos em centralidade também no ato. Os embates eram explícitos, por parte de MST e MNLN, no sentido de dar enfoque paralelo às demandas da Reforma Agrária, o combate ao latifúndio, a relevância da agricultura familiar etc., tendo as discussões tomado um tom de enfrentamento e rispidez, mas sem hostilidades. Isso reforça a avaliação já comentada sobre uma dificuldade de diálogo e construção em unidade no movimento popular de Florianópolis, especialmente ao relacionar gerações bastante distintas da militância, ainda que ambas se façam cotidianamente presentes nas mais variadas lutas.

Vale pontuar, ainda, que todo o grupo presente na reunião apoiava e ressaltava a importância de se empenhar uma luta comum por tais bandeiras, como se fazia no dia a dia militante de cada pessoa lá reunida; entretanto, a defesa levantada pela FREJUNA, que prevaleceu no acordo coletivo, visava a demarcar que o debate por justiça a Marielle e Anderson, assim como sobre o verdadeiro genocídio promovido sobre o povo negro, era o que sintetizava a razão principal daquela mobilização – abarcando, também, o debate sobre a militarização, violência e censura pelas forças estatais; a precarização da vida sob a escalada fascista; e o chamado à luta por todo o mês de março.

Em cima deste debate, pensou-se a organização de um ato de rua de fôlego, com equipamentos de som, batuques, panfletagens agitativas em chamado à manifestação e outras coisas mais. As agendas dos movimentos por terra e moradia foram agregadas como forma de mobilização ao ato principal, indicando nos chamados a participação na feira do MST, que

ocorreria alguns dias antes, e com a definição de que a concentração inicial para o ato partiria da Ocupação Marielle Franco, depois reunindo todas as pessoas no largo da Catedral Metropolitana de Florianópolis, no centro da cidade. Foram pensadas palavras de ordem, divisões de tarefas para a agitação e inscrição para falas durante a concentração e a passeata e, principalmente, um panfleto comum. A produção deste também foi marcada por duros atritos quanto ao enfoque a cada bandeira de luta; todavia, a aprovação coletiva também seguiu a proposta trazida pela FREJUNA⁵⁵.

Apesar da forte construção, infelizmente, não foi possível concretizar o ato 14Marielle. Com a exacerbação de divergências à véspera do ato, assim como pelos anúncios que passaram a correr o país tratando da pandemia da COVID-19 (incluindo um comunicado oficial do Instituto Marielle Franco pautando o cancelamento ou adiamento dos atos), a FREJUNA decidiu suspender a construção, divulgando amplamente a decisão. De todo modo, as lutas pensadas e mobilizadas para março, ainda que não tenham culminado nos respectivos atos que foram planejados, trouxeram importante legado de debate, trabalho e organização. Tinha-se a significativa tarefa de se somar em cada uma das atividades que se construía nesse bojo como impulso e rememoração dos 2 anos do assassinato de Marielle, e não só como luto, mas para manifestar força e relacionar seu exemplo à luta por emprego, defesa da soberania nacional, dos serviços públicos, contra o autoritarismo, o obscurantismo científico, em defesa da educação e das demais bandeiras ainda pujantes; na ideia de passar uma mensagem coesa, direcionada, que buscasse esperança.

Outro debate fortalecido na frente se deu quando o mandato do então vereador Lino Peres (conhecido militante negro do PT – Florianópolis) convocou uma reunião entre representantes do Movimento Negro catarinense para discutir a situação da população negra e articular campanhas de auxílio. Segundo a relatoria de 29/03 da FREJUNA, a reunião buscou mapear as ações realizadas pelas diferentes entidades negras até então e como as pessoas poderiam se somar às ações que já estavam em andamento, pensando também em campanhas de pressão ao governo no contexto pandêmico. Com isso, levou-se em consideração intervenções junto a bairros periféricos, ao Quilombo Vidal Martins, à população em situação de rua e em situação de privação de liberdade, e sobre questões específicas da saúde da população negra. Para a FREJUNA, ademais, foi importante a demarcação da atenção para o povo negro e uma construção estadualizada em unidade, deixando saldo positivo e mostrando a relevância dessa articulação de demandas e de atuações para se atingir feitos ainda maiores.

⁵⁵ O documento está disponível na íntegra em anexo.

Diante dessa empolgação com a iniciativa, a discussão da FREJUNA levou ao entendimento de que a frente deveria se empenhar no trabalho de criação de materiais de divulgação das atividades desenvolvidas e na articulação dos diferentes grupos responsáveis pelas tarefas, especialmente as que tratavam de:

A nível municipal, sistematizar e encaminhar via carta ou ofício para a COPPIR, todas as demandas da população negra em Florianópolis, com dados e números para cobrar uma atuação da prefeitura. A nível estadual, encaminhar um ofício ao governo para pressionar e fazer este se sentir na responsabilidade de dar uma resposta.

Fazer o levantamento das demandas, levar ao estado [...] e informar a população sobre estas. Agitar contatos para arrecadação de insumos para o momento direcionando em especial às famílias negras. Pensar quais são as instituições estaduais que poderiam dar resposta às demandas dos grupos específicos que estamos pensando. (FREJUNA, 2020b – 29/03/2020)

Essas discussões também englobaram elementos sobre a realidade da UFSC, sob o objetivo de priorizar, monitorar e exigir medidas com relação às populações negra e de baixa renda. Foram levantadas preocupações acerca da moradia estudantil, pelo fato da pessoa contratada para a limpeza ter sido afastada e as pessoas estudantes e moradoras da CEU terem que garantir toda a limpeza dos ambientes. Ademais, que, com o fechamento do Restaurante Universitário (RU), foram agravadas as condições de permanência, de modo que os auxílios emergenciais de R\$200,00 ofertados pela UFSC se faziam insuficientes desde o início, como também denunciado pelo DCE Luís Travassos, que organizou campanhas de apoio à categoria estudantil e cobrança à reitoria.

Entretanto, com a frustração dessa iniciativa estadual em pouco tempo, a FREJUNA buscou também realizar um direcionamento de apoio financeiro para famílias que perderam suas coisas em incêndios no começo da pandemia. Já em relação aos debates orgânicos, entendeu-se que as debilidades apresentadas na reunião estadual do MN estadual se davam também pela dificuldade de direção da FREJUNA naquele processo (FREJUNA, 2020c – 02/05/2020). A frente havia estagnado em sua articulação e debate orgânico e também no movimento após esse momento, de forma que sua militância constatou que carecia de uma reorganização.

Frente a isso, encaminhou-se que se faria uma recapitulação das pendências de discussão, para uma nova reunião em poucas semanas, pensando também em reorganizar os trabalhos de comunicação, a periodicidade de encontros e outras questões internas. No documento que se construiu para subsidiar o debate, destaca-se a seguinte passagem:

Vemos com o passar dos dias o quanto o Estado está cumprindo efetivamente o seu papel de controlador social, utilizando um conjunto de recursos imperdoáveis para nos exterminar sistematicamente, nos fragilizar e prevenir qualquer tipo de explosão social, advinda principalmente das zonas periféricas, lugar onde justamente mais encontramos a camada populacional vítima de extermínio sistemático: o pobre, negro e periférico. Paralelamente a isso, estamos vivendo um momento onde as contradições que cercam a nossa população ficarão ainda mais em evidência. O COVID-19 está pondo a olho nu as condições em que cada vez mais grande parcela da população brasileira está.

Nós, enquanto uma Frente da Juventude Negra organizada e anticapitalista, temos deveres e papéis para serem realizados. Compreendendo o momento em que estamos, de imensa fragilidade da saúde mental, com condições materiais cada vez mais instáveis, precisamos estar atentos e cuidando cada vez mais uns dos outros, de uma forma que nos impulse cada vez mais em sermos a locomotiva da mudança que queremos, e de que nossa classe precisa. (FREJUNA, 2020d)

Junto disso, apontou-se para o destacamento de responsáveis pelas tarefas de finanças e comunicação na frente, para uma organização básica, e o trabalho coletivo na elaboração política para essas áreas e suas tarefas. Também, que era preciso avançar nas propostas de identidade visual, buscar informações sobre a questão do Clube 25, fazer um momento de planejamento que desse conta da discussão-diagnóstico sobre a realidade da população negra em Florianópolis (adiada ao início do ano) e organizar um programa de formação coletiva para o período de quarentena. Outros fatores organizativos que se destacou foram a necessidade de organização dos documentos e o acordo sobre uma periodicidade de reuniões da frente. Os apontamentos, em geral, subentendiam que “com uma organicidade teremos um processo mais dinâmico em termos de organização interna, aproximação de novas pessoas, acolhimento de demandas e acompanhamento de nossas ações coletivas.” (FREJUNA, 2020d). Destarte, indicou-se uma reunião de reorganização interna e atualização sobre os trabalhos realizados até então.

Chegando a maio, a FREJUNA somou-se à construção do Comitê Popular de Solidariedade, uma iniciativa do movimento popular e sindical de Florianópolis que ganhou força no período em questão. Diante da estrutura organizativa pouco rígida do comitê, os trabalhos não eram muito coordenados, dependendo mais de doações de itens, de disponibilidade individual para se assumir alguma tarefa variada, sem comissões bem delimitadas. De todo modo, foram organizados plantões, com as devidas diretrizes sanitárias, para arrecadação de doações na sede de sindicatos, registro de demandas, organização de entregas a comunidades etc.

A intervenção da FREJUNA, inicialmente, foi pensada no caráter de apoiar na divulgação, articular apoios às comunidades em que a militância da frente morava ou com que

tinha contato – Quilombo Vidal Martins, comunidade da Costeira, do Monte Cristo etc. Também se pensou na importância de alavancar o debate político junto da ação de solidariedade, não se atendo ao assistencialismo, haja vista que é dever do Estado a garantia das condições básicas e dignas para o povo. Com isso, a militância da FREJUNA passou a buscar demandas nas comunidades, apoiar nos plantões e divulgar assiduamente as ações do comitê, especialmente o formulário de inscrição para o recebimento de cestas básicas. Com o passar dos dias e o avanço da pandemia, entretanto, também este trabalho foi minguando, e a realidade que se vivenciava era de que quaisquer perspectivas de manutenção de uma normalidade tinham se esvaído, o que alcançou também a construção de atos de rua. Em contraponto, evidenciaram-se de formas cada vez mais agudas os problemas do povo.

De modo quase súbito, porém, sob o estopim do assassinato de George Floyd, nos EUA, manifestações antirracistas que ganharam as ruas com o lema “Black Lives Matter” (“Vidas Negras Importam”), e Florianópolis também foi palco de um grande ato contra o genocídio do povo negro, em 07 junho de 2020. A manifestação foi um marco da revolta da juventude negra de Florianópolis e região, como um grito de força e luta contra as amarras da exploração e da opressão que, do solo estrangeiro ao florianopolitano, lançaram ao chão inúmeras vidas negras.

Sob a inspiração das manifestações globais por justiça ao povo negro, em especial nos Estados Unidos da América, o ato, na forma que se sucedeu no centro da cidade, surgiu como resposta da FREJUNA e do movimento popular, organizado em unidade, a um chamado não-dialogado junto ao movimento popular pelo PSTU e outras convocações espontâneas, que partiam de pessoas de diferentes comunidades fazendo chamados em suas redes sociais para alguma ação.

Poucos dias antes, entre os dias 02 e 04 de junho, a FREJUNA discutiu em seu grupo e decidiu por tomar a frente de uma articulação do movimento popular da cidade para a realização de um ato organizado, de forma coletiva e que garantisse não só a manifestação da insurgência popular, especialmente do povo negro; mas, também, um ato com o máximo possível de cuidados sanitários que se conseguisse mediar em meio a tanta revolta. Assim, por iniciativa e sob coordenação da FREJUNA, foi convocada uma reunião junto a organizações, coletivos, entidades e outros grupos e pessoas envolvidas nos chamados pulverizados ou interessadas numa construção em unidade, para alinhamento político e construção do ato.

Nesta reunião, montou-se uma coordenação que representava os setores presentes, e ainda comissões de segurança, comunicação e estrutura. O lema do ato foi acordado em “Basta de genocídio do povo negro! Vidas Negras importam! Fora Bolsonaro - Mourão!”, e também

foram contempladas as pautas: contra a violência policial; pela desmilitarização da Polícia Militar (PM); pelo direito à saúde e à vida digna; basta de invasão nas nossas comunidades; pelo poder popular; contra o fascismo e a escalada golpista; ditadura nunca mais; em defesa das liberdades democráticas; pelo fim da estrutura racista. A proposta do evento era de uma marcha pacífica, pautada na denúncia massiva com cartazes e faixas, atendendo ao distanciamento social mínimo. Assinaram a convocação os seguintes grupos: FREJUNA; Juventude Comunista Avançando – JCA Florianópolis; Coletivo Negro Minervino de Oliveira – CNMO Florianópolis; Juventude Revolução do PT – JRdoPT Florianópolis; Coletivo Onças Pintadas; Rebeldia – Juventude da Revolução Socialista; Movimento Hip Hop Militante Quilombo Brasil; Unidade Popular pelo Socialismo – UP Florianópolis; Afronte!; Juventude Manifesta – SC; Brigadas Populares – SC; Coletivo Negro de Serviço Social Magali da Silva Almeida; Núcleo de Estudos Negros – NEN SC; Coletivo Alicerce – SC; Batalha do Norte; Coletivo Ocupações Urbanas; Coletivo NEGA; DCE Luís Travassos – UFSC; Federação das Organizações Sindicalistas Revolucionárias do Brasil (FOB) e Movimento Nacional de Luta por Moradia.

Apesar da ampla adesão de grupos do movimento popular local ao ato, a política de volta às ruas e de construção de uma manifestação em consonância aos atos internacionais⁵⁶ “Vidas Negras Importam” (“Black Lives Matter”) não se deu sem atritos entre o próprio Movimento Negro. Foram vistas manifestações públicas caluniosas por parte de alguns setores ou mesmo indivíduos pouco próximos à construção recente das lutas da juventude e movimento popular em geral na cidade, que apresentavam pontos sobre falta de sentido e representatividade no chamado, ou ainda riscos sanitários demasiados. Também foi feita uma manifestação do MNU, que ainda acompanhava a FREJUNA pelo grupo de WhatsApp, sobre sua saída da construção do ato – puramente por questões estruturais, segundo o informe da Coordenação Estadual do movimento. Contudo, ainda que tal publicização tenha sido dialogada e respeitosa

⁵⁶ Nos debates do Movimento Negro internacional, houve certo desconforto de setores da militância antiga do Partido dos Panteras Negras com a movimentação em torno de “Black Lives Matter”, não tendo sido algo propriamente articulado a exemplos de radicalidade das entidades do Movimento Negro. Para Jalil Muntaqim, ex-Pantera Negra, essa articulação carece de potência, radicalidade, ação mais contundente, sendo mais uma moda que um movimento (ALVARENGA, 2021). Contudo, há discussões sobre movimentações com esse lema desde 2013, como se pode ver em Arruda (2020) e Guimón (2020). No Brasil, não se tendo tal articulação no peso continuado e quase de movimento como se tem nos EUA., houve incorporação adaptada e legitimada do lema pelas entidades nacionais do MN, tanto pela perspectiva de estabelecer uma continuidade (temporal e territorial) às manifestações sobre George Floyd e o genocídio negro quanto pela sua aplicabilidade e relevância para a realidade local. Entretanto, muitas discussões foram travadas sobre o porquê de se focar as vidas negras quando todas as vidas importam. Nesse sentido, o discurso preponderante no MN local ressalta a concordância com a importância de todas as vidas, mas a necessidade de destaque ao histórico genocídio do povo negro, seu apagamento, preterimento e demais elementos opressivos já discutidos neste texto.

por parte do MNU junto à FREJUNA, não desestimulando a construção do ato, vale ressaltar o pouco envolvimento do movimento na construção mais próxima da frente, o que, combinando-se a essas ações em sentido contrário ao acúmulo coletivo, veio a distanciar ainda mais a relação de unidade em seu sentido ativo e propositivo.

Frente aos descompassos e a possibilidade de incertezas, a FREJUNA viu como necessária a produção e ampla divulgação de um texto de posicionamento da própria frente, esclarecendo as motivações e importância do ato naquelas condições, no entendimento de que o objetivo construindo aquele momento coletivo era de expressar esses sentimentos todos de revolta e dar direção política clara para essas ações, não deixando o tanto que a juventude negra tem a falar ser distorcido pela mídia, pelos interesses políticos diversos nesse país.

Assim, demarcou-se em um texto público⁵⁷ a revolta e a necessidade daquela mobilização, elencando a carência de vagas em hospitais, políticas de testagem, vacinação, isolamento, garantia de renda e tantas outras coisas por parte do Estado; a brutalidade das políticas do governo, das manifestações de extrema-direita, da violência e do massacre promovido pelas polícias. E, em mesmo sentido, a importância do povo negro, e em especial a juventude, colocar-se nas ruas e tomar seu futuro em suas próprias mãos, na ânsia e na organização para destruir as engrenagens da exploração e da opressão; por dignidade. Ainda, foram ressaltados os cuidados sanitários, o preparo com kits de primeiros socorros, contatos e participação presencial de figuras da advocacia popular e até da seção estadual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB SC), de modo a destacar os apontamentos de que a manifestação vinha de uma séria organização, pautada pela ação coordenada da revolta coletiva, com quem pudesse participar nas ruas ou nas redes, lutando pelo futuro da juventude e contra o verdadeiro inimigo: o capitalismo.

A combinação da disputa política sobre a relevância de se retomar as ruas naquele momento à organização e à agilidade na execução das tarefas foi o que impulsionou os chamados que levaram o ato a reunir mais de 1000 pessoas nas ruas de Florianópolis. Foi uma massiva manifestação de demarcação da retomada do movimento popular aos atos de rua, contra o governo genocida de Bolsonaro e Mourão e na luta pela superação da ordem de extermínio que assola, especialmente, a juventude negra.

Ainda sobre a construção do ato, as comissões, sempre acompanhadas por pessoas da Coordenação Geral da manifestação, reuniam as diversas forças políticas e também militantes independentes. Os trabalhos de segurança foram articulados para evitar conflitos, contatando a

⁵⁷ O documento está disponível na íntegra em anexo.

Comissão de Igualdade Racial da OAB SC para estar presente, repassando orientações para divulgação pela comissão de comunicação e também elaborando estratégias para os cuidados sanitários de distanciamento. No tocante à estrutura, houve forte apoio de entidades sindicais como o SINTRASEM, e se conseguiu garantir carro de som, instrumentos de bateria, kit higiene (máscara e álcool), kit emergência (gaze, leite de magnésia) e materiais para confecção de faixas e cartazes (cartolina, TNT, tinta, pincéis, canetas).

Foi um árduo trabalho de estruturação de cada proposta, também muito bem divulgado e mobilizado pela comissão de comunicação, que merece destaque. Os materiais produzidos pela comissão de comunicação, além de apresentarem identidade visual própria, que destacava os traços de luta que se propunham à atividade, garantiram uma ampla divulgação de cuidados de segurança pessoal e também sanitária, com recomendações diversas sobre quem não podia ir e de que forma as pessoas que podiam deviam participar, reproduzidas em imagens e textos para todas as redes sociais. Também se orientou sobre a possibilidade de combinação de caronas solidárias para as pessoas chegarem ao ato, sobre participação virtual para quem não pudesse ir, e sobre cartazes e outros materiais que poderiam ser levados para a manifestação. Ainda, foi articulada a cobertura do ato junto ao portal jornalístico Cotidiano UFSC, ao telejornal TJ UFSC e a outras mídias independentes.

Outro acordo coletivo importante foi de que o protagonismo deveria ser resguardado à juventude negra, sem que houvesse separação e ordenação mecânica de cada setor em bloco e dentro da coluna do ato, mas respeitando o trabalho de agitação encabeçado pela FREJUNA e a composição dianteira por uma ala negra. Desse modo, o sucesso declarado do ato demonstra suas raízes na proposição organizada, na iniciativa e firmeza diretiva da FREJUNA, e na condução coordenada e em unidade entre as organizações políticas, entidades e demais grupos. Sem elaborações prévias, postura firme na procura pela unidade e intransigência com sectarismos dentre o campo da esquerda revolucionária, bem como comprometimento intenso da militância da FREJUNA e demais pessoas que compuseram as comissões, nada teria seguido adiante. E, com isso, o legado deixado por essa manifestação não apenas possibilitou uma retomada mais contundente de enfrentamento nas ruas aos desmandos do Estado, como ainda é exemplo para todas as organizações de manifestações que se sucedem, especialmente no tocante à comunicação.

Figura 07 – concentração inicial do ato “Vidas Negras Importam!”, de 07/06/2020



Fonte: Alice Sima/acervo particular do pesquisador.

Figura 08 – fala de Artur Favaretto durante o ato “Vidas Negras Importam!”, de 07/06/2020



Fonte: Alice Sima/acervo particular do pesquisador.

Figura 09 – jovens na marcha do ato “Vidas Negras Importam!”, de 07/06/2020



Fonte: Alice Sima/acervo particular do pesquisador.

Figura 10 – mulher negra na marcha do ato “Vidas Negras Importam!”, de 07/06/2020



Fonte: Alice Sima/acervo particular do pesquisador.

Atendendo à expectativa de cobertura midiática, este ato de 7 de junho ganhou a internet com registros da potente manifestação. É interessante o título da notícia de Rodrigo Barbosa e Marcus Honorato para o Cotidiano UFSC, “O povo se levanta contra o racismo e a violência”⁵⁸. O primeiro jornalista relata que

um dos grandes momentos do ato foi quando a marcha parou em frente ao Morro do Mocotó, na rua Silva Jardim. No local, desde o dia 4 de maio, há cruzes que simbolizam os jovens mortos em operações policiais no Mocotó. Moradores da comunidade se uniram ao ato neste momento.

A manifestação se encerrou na Catedral Metropolitana por volta das 18h. Alvo de críticas, a Polícia Militar acompanhou a marcha durante todo o trajeto, mas não foram registrados quaisquer tipo de confrontos. De acordo com os organizadores, cerca de mil pessoas estiveram nas ruas hoje. (BARBOSA; HONORATO, 2020)

Figura 11 – presença da Polícia Militar no ato de 07/06/2020



Fonte: Alice Sima/acervo particular do pesquisador.

⁵⁸ Disponível em: <https://cotidiano.sites.ufsc.br/por-uma-sociedade-antirracista/>. Último acesso em: 20 fev. 2022.

Figura 12 – parada em frente ao morro do Mocotó, no ato de 07/06/2020



Fonte: Alice Sima/acervo particular do pesquisador.

Figura 13 – fala de jovem liderança comunitária do morro do Mocotó, no ato de 07/06/2020



Fonte: Alice Sima/acervo particular do pesquisador.

Também o Portal Catarinas fez a cobertura da manifestação⁵⁹, contando com o registro da fala de duas militantes da FREJUNA:

[...] ‘Estamos aqui no pé do Morro do Mocotó, todos aqui acompanharam chacina, o genocídio que essa população está sofrendo. A polícia entra e acha que é dona. Então quem criticou o nosso ato dizendo que não era legítimo que era maioria branca que estava construindo. E para nós esquerda, enquanto a pauta não for racial centralizada não vai haver mudança. Somos metade da população, a pauta racial é central: quem mais morre é a gente, quem é mais criminalizada somos nós. Esquerda acorda!’, afirmou Chaiane Guterres do Coletivo Negro Magali e da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA).

[...] ‘Essa é uma iniciativa juventude negra da cidade em para pautar, centralizar a questão dos nossos irmãos, da nossa família, porque neste é o que está em jogo, porque quem mais sofre é a população pobre e negra. Estamos fazendo uma articulação entre as populações negras e das comunidades para ficarmos mais fortes e organizados. Não podemos estar separados, enquanto o governo federal segue com o plano de nos matar. Precisamos de um projeto de sociedade que coloque a vida da população periférica e negra no centro do debate, senão nada vai mudar neste país’, avaliou Alicia Edwirges do Coletivo Minervino de Oliveira’ [e FREJUNA]. (PORTAL CATARINAS, 2020)

Além dessa forte construção do dia 07, a agenda de junho se estendeu em uma sequência de manifestações por todo o país. Em Florianópolis, pretendia-se realizar um ato no dia 13 de junho, que foi adiado para o dia 20 devido à chuva. A FREJUNA se somou à construção dessa outra mobilização, puxada pela União Florianopolitana dos Estudantes Secundaristas sob as bandeiras: 1. Contra o genocídio do povo negro! 2. Em defesa das liberdades democráticas! 3. Fora Bolsonaro! – todas discutidas em reunião ampliada e deliberadas como centrais ao chamado. Na coordenação do ato também se integraram a Federação Nacional dos Estudantes de Ensino Técnico (FENET), a Frente Brasil Popular (FBP), a Frente Povo sem Medo (FPSM), o DCE Luís Travassos – UFSC, a Tenda Lula Livre e o Aváí Antifa.

Na contramão do ato anterior, ainda que com capilaridade no movimento popular local e o caldo de mobilizações nacionais, esta segunda manifestação teve um trabalho menor de organização e divulgação prévia, alcançando a reduzida marca de menos de duas centenas de pessoas participantes. Para a FREJUNA, prevaleceu a avaliação de que o ato foi marcado pela construção engessada das centrais sindicais e a falta de um trabalho enraizado nas bases, “que impulsiona a vontade das pessoas em se manifestar frente aos nossos problemas diários” (FREJUNA, 2020f – 17/07/2020). Assim, uma nova faísca foi lançada ao movimento popular

⁵⁹ Disponível em: <https://catarinas.info/em-florianopolis-marcha-contra-o-genocidio-do-povo-negro-denuncia-e-xecucoes-no-mocoto/>. Último acesso em: 07 jan. 2022.

na luta contra o governo Bolsonaro; todavia, também veio a esmorecer. Mas não sem deixar um legado.

Em julho, após as manifestações e a oscilação entre estas, a FREJUNA se colocou a reavaliar como tinha trabalhado o saldo dessas atividades, pensando também nas condições para aproximação de mais militantes à frente e o que era necessário para que isso ocorresse. Nas palavras da própria militância, foram levantados alguns pontos centrais:

- 1) Não podemos pensar em aproximações se não tivermos um entendimento em conjunto sobre o que é a FREJUNA. Preocupação da busca pela FREJUNA de alguns militantes independentes ser por conta da vontade destes em se organizar politicamente.
- 2) A FREJUNA pode ser um espaço de formações específicas, mas que não possuem o mesmo calendário que uma organização. Preocupação da Frente não ser um local de cooptação, mas de coletivização da luta contra o racismo, anticapitalista. FREJUNA enquanto aglutinadora de diferentes contribuições que as pessoas querem colocar na luta.
- 3) [A FREJUNA deve ser um] espaço de coletivização do debate político para as pessoas também poderem se sentir atraídas a pensar sobre as questões da sua realidade; espaço para trabalho e divisão de tarefas que levam a uma experiência de luta de ser militante dentro da cidade.
- 4) Já temos minimamente uma política para aproximação que é apresentação do manifesto, conversa com a pessoa e chamado para a próxima reunião. [Mas há] preocupação sobre os objetivos em comum da FREJUNA, que ainda não foram bem destacados nos debates até então realizados. Não são respostas dadas por planejamentos, mas por debates internos das intenções da FREJUNA frente ao movimento negro da cidade. (FREJUNA, 2020f – 17/07/2020)

As análises da frente também ressaltavam o agravamento das condições de vida sob a conjuntura que se encarava, de brutalidade das medidas da elite visando a baratear a força de trabalho e aumentar as desigualdades; incentivo desregrado à abertura dos comércios, ao uso de medicamentos sem eficácia comprovada e tantas outras coisas. Ainda, de absurdos nos processos totalmente atropelados para a implementação do Ensino Remoto Emergencial na UFSC e UDESC, desconsiderando o interesse e as possibilidades colocadas à categoria estudantil. Com isso, encaminhou-se uma próxima reunião, a fim de se refletir sobre os debates e tarefas anunciados para o período vindouro. Amanda Koschnik (2021) também ressalta, em sua entrevista, a importância de a FREJUNA não ter cedido às pressões que propunham a construção da luta apenas em 2022, e a satisfação da militância da frente de estar, desde este período acima descrito, construindo e fortalecendo a resistência nas ruas.

Chegando a agosto, a militância da frente viu a necessidade (e a limitação objetiva, pelo fato de que menos pessoas poderiam atuar organicamente naquele momento) de se realizar apenas uma reunião ordinária por mês, sob acordo de realização de reuniões extraordinárias

para outras demandas ou assuntos específicos, pontuais. Para organização disso, definiu-se que a tarefa de organização das pautas e coordenação das reuniões seria compartilhada, rotacionando entre duplas de militantes a cada encontro, definindo isso ao final do anterior.

Com esse aprimoramento organizativo, também se retomou a relevância de organização do acervo da FREJUNA, que começou a ser recuperado e sistematizado em pastas na internet. Também nesta reunião se deliberou pela criação de um perfil no Instagram, assim como a reformulação dos trabalhos de comunicação, em especial na produção de artes, para não sobrecarregar uma única militante que se incumbia da tarefa até então. Ademais, foi acordado que as pessoas responsáveis pelas redes sociais da frente teriam autonomia para responder as mensagens conforme os acúmulos coletivos. Por fim, foram realizadas indicações para um planejamento a curto prazo, considerando a dinamicidade da conjuntura e as alterações corriqueiras no cotidiano do movimento popular local. Assim, deliberou-se por fazer um evento de apresentação da FREJUNA em setembro, visando a integrar mais militantes do Coletivo Magali e independentes; uma reunião em outubro para organização do calendário do mês da consciência negra (novembro); e uma reunião em novembro para avaliação dos trabalhos e organização futura.

Concatenada a essas discussões, a intervenção no movimento popular também seguiu acontecendo, mas de forma dispersa, sem o devido acompanhamento e uma elaboração coletiva. O segundo semestre de 2020 foi tomado por uma forte sequência de atos puxada pelos movimentos populares de moradia e ocupações urbanas contra o PLC 1801/19, que foi segurado por consecutivas sessões da Câmara Municipal de Florianópolis pela pressão popular, em um contexto de fortalecimento de mobilizações populares de rua na luta contra os desmandos da prefeitura de Gean Loureiro.

Com maior participação e discussão no movimento popular em geral, foi construído um ato pela população em situação de rua, cujo chamado apresentava também o “Grito dos Excluídos”, em 11 de setembro de 2020. O lema era “Vida em primeiro lugar: basta de preconceito e repressão! Queremos trabalho, terra, teto e participação!”, que vinha acompanhado das palavras de ordem “A rua tem fome de direitos!” e “Chega de omissão, queremos habitação!”.

Figura 14 – ato pela população em situação de rua, de 11/09/2020



Fonte: acervo particular do pesquisador.

Após a participação individualizada de militantes da frente, foi feita a avaliação da importância do contato com novas pessoas, uma nova forma de se organizar, em forte caráter popular, fugindo à lógica mecânica de alguns atos. Também, que um trabalho coordenado de agitação, por parte da FREJUNA, teria sido importante para o melhor andamento do ato, porque a frente tinha muito potencial para intervenções desse tipo. Entretanto, estas foram as possibilidades para o mês.

Em setembro, a FREJUNA lançou-se novamente à discussão sobre qual seu papel no contexto de pandemia, suas tarefas centrais, dificuldades encontradas e vontades de trabalho. O debate ressaltou a importância do acolhimento, de se pautar uma coletividade que consiga envolver cada pessoa e organização que chega durante a pandemia no processo que nutria bons laços desde o contexto presencial. Além disso, da apresentação da frente como alternativa revolucionária em Florianópolis, compreendendo seu espaço na juventude, no Movimento Negro, na cidade, na construção política em geral, disputando o movimento popular como um todo também. Também que, para tanto, seria necessário resgatar os planejamentos, ideias de atividades e formações, avaliações constantes sobre a conjuntura e o trabalho da frente diante disso, o legado e a atualidade da luta do povo negro brasileiro, movimentando a política e abraçando novas demandas e pessoas nessa construção. E, com isso, aos poucos, garantir eventos abertos, ir fortalecendo o reconhecimento junto às massas, vencendo as barreiras de ser

um grupo pequeno que se dispunha a tanto – mas conseguia, como avaliado coletivamente quanto ao êxito das manifestações do ano anterior e do vigente. Logo, firmar-se ascendentemente enquanto frente de unidade, formulando, aglutinando, organizando a revolta e dando constância ao trabalho político e solidário (FREJUNA, 2020g – 23/09/2020). Para além dessas reflexões, indicou-se também neste período a importância de a FREJUNA discutir sobre o momento das eleições municipais e sobre como se colocaria frente a essa disputa institucional, as possibilidades de trabalho em unidade na esquerda etc.

Com os refluxos da frente, foram reavaliadas as condições de realização do evento de apresentação da FREJUNA ao Coletivo Magali, e discutiu-se mais detalhadamente as possibilidades de concretização da atividade, no sentido de entender as dificuldades legadas pela mobilização quase exclusivamente virtual, a dificuldade de construções mais afetuosas e de um acolhimento mais profundo de quem estaria conhecendo a FREJUNA com espaços nesse formato. Discutiu-se muito sobre “como fazer espaço atrativo e como fazer as pessoas se sentirem pertencentes a esse lugar” (FREJUNA, 2020g – 23/09/2020), fator de grande preocupação para a militância da frente, uma vez que parte desta, especialmente quem chegou após a Marcha da Consciência Negra de 2019, não nutria ainda um sentimento de pertencimento à frente: “às vezes eu acho que estou despreparada para construir a FREJUNA, sem muitos elementos. Sinto umas limitações da minha parte de construir, de me colocar no debate” (ibidem).

Assim, encaminhou-se uma atividade para discutir a situação política que se atravessava, o que as ações da FREJUNA trouxeram de saldo positivo, problemas do período, como o povo negro se colocou em movimento e como a frente potencializava essa luta. Para tanto, também se considerou a relevância de serem lançados materiais prévios instigando a participação, lançando provocações, para então criar maior identificação com o espaço. Para a atividade, concordou-se em buscar a coletivização dos problemas, tratando da carestia que assola com o preço das comidas até dos imóveis; da indignação com a conjuntura e do saldo que a organização política traz à luta contra a violência, em defesa da educação, pela garantia de saúde, perpassando também o debate de como isso se expressa no contexto eleitoral, quais as particularidades em Florianópolis. E, com isso, agitar para mobilizações vindouras, tendo também o compromisso de intervenção organizada da FREJUNA para continuidade da ação. Além dessas questões, discutiu-se a importância de compreender que, “caso haja um esvaziamento do espaço, é reflexo do momento em que nosso povo está adoecido e descrente com a política, mas mesmo só entre nós o debate é importante.” (FREJUNA, 2020g – 23/09/2020).

Entretanto, essas preocupações da FREJUNA se combinavam à aceleração do debate eleitoral em Florianópolis, que levou a frente a aprofundar discussões sobre a conjuntura municipal e o pleito, partindo de um sentimento de distância de parte da militância a esses debates, assim como do anseio coletivo em pensar tal momento pela perspectiva do povo negro e da FREJUNA em si. Refletindo sobre as limitações na participação da juventude na construção mais de fundo da campanha que representava a unidade do campo de esquerda, no sentido da integração às elaborações políticas e até de corpo de militância nas atividades de agitação e mobilização, a frente se lançou a discutir as limitações do próprio cenário eleitoral, e as alternativas apresentadas.

Considerando o pouco envolvimento das massas na discussão eleitoral, com a carência de debates televisivos abertos e trabalho de base (diferentemente da tradição de décadas atrás, como comenta a professora Jeruse Romão (2021)), a FREJUNA acumulou que, em caso de alguma manifestação, seria importante estendê-la também ao debate sobre a vereança, uma vez que havia muitas candidaturas negras em partidos de direita, sob representações vazias. E, com os riscos apresentados, também ficou em aberto a pertinência e a importância de um posicionamento apoiando a frente de esquerda, haja vista a significância dessa iniciativa para a política local e nacional. Com essas inquietações e incertezas, deliberou-se por afinar discussões sobre o impasse em cada grupo que compunha a FREJUNA. Este processo, para Azânia Nogueira (2021), ganha destaque como representação da paciência da construção em unidade na frente, não se buscando impor algum apoio, trabalhando pelo consenso na deliberação de uma alternativa de posicionamento e respeitando as condições políticas adversas que se enfrentava – no momento, e no contexto de ser ainda uma frente jovem, que ainda vem amadurecendo seu alinhamento político.

Em nova reunião, amadureceu-se coletivamente que era necessário disputar a base da juventude negra, do povo negro em geral, para apoiar e construir a candidatura da frente democrática, que demarcava a unidade da esquerda em Florianópolis, proposta na figura dos professores Elson Pereira (Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)) e Lino Peres (PT, ex-vereador); além disso, para pensarem e votarem em candidaturas do campo de esquerda também para a vereança. Entretanto, que não devia ser esse o debate central a ser lançado, mas sim sobre o projeto apresentado pelo governo Gean e pelas candidaturas de direita para o povo, especialmente para a juventude negra; da representatividade vazia de candidaturas negras lançadas por essas forças. Apoiar, entendendo que se precisava participar desse processo; disputar consciência; denunciar, mas com a ressalva de que também não era este o momento definitivo, a etapa mais importante, porque as necessidades do povo não seriam atendidas com

este quadro de eleições burguesas, mas na luta cotidiana e revolucionária. Nesse sentido, a FREJUNA elaborou o vídeo “A juventude negra e as eleições em Floripa” e o divulgou em suas redes sociais, apresentando um importante acúmulo para disputa de suas bases.

Complementando o processo de disputa de consciência, procura por ampliação da frente e organização crescente da juventude negra para a luta, nesse íterim, foi organizada a atividade planejada nas reuniões anteriores. Com chamados nas redes sociais, firmou-se a ideia de uma campanha agitativa em torno de perguntas que provocassem a reflexão da juventude negra acerca da luta diante da conjuntura tão difícil que se atravessava. Como síntese das inquietações e chamado à atividade, a FREJUNA lançou um texto em 02/11:

SE LIGA, JUVENTUDE NEGRA!

Como é ser negro em Florianópolis? Como a sua vida mudou na pandemia? O que tem levado a juventude e povo negro às ruas hoje?

Esse é um convite aos nossos companheiros de luta da Frente da Juventude Negra Anticapitalista para debatermos, com nossos irmãos e irmãs, sobre os problemas cotidianos de ser negro em Florianópolis.

Somos nós, o povo negro e pobre, que mais temos sofrido com os problemas históricos não-resolvidos de nosso país e que se agravaram ainda mais na pandemia. O racismo estrutural está presente nas relações do dia a dia e sentimos isso, principalmente, quando nos deparamos com o aumento do desemprego e demissões em massa, aumento da violência policial, descaso e violência com as pessoas em situação de rua, falta de água e energia em bairros e comunidades inteiras, redução do auxílio emergencial já insuficiente, tentativas de criminalização e expulsão das ocupações e a luta por moradia digna e nosso povo, que não teve direito a um isolamento real com renda e proteção social, segue adoecendo e sendo submetido à essa política de morte.

Não é por acaso! Não há cuidado e políticas de proteção às nossas vidas! Só a luta coletiva é capaz de mudar essa realidade! Queremos encontrar aquelas e aqueles que se revoltam de alguma forma com toda a injustiça que enfrentamos. Nosso povo constrói resistência todos os dias, vimos isso com as redes de solidariedade nesse momento de pandemia, os atos antirracista e antifascista no início do ano, também em manifestações de luta por moradia, em defesa dos direitos da população em situação de rua e em manifestações de denúncia contra os vários casos de execução de nossos jovens pela brutalidade policial.

Queremos conversar sobre tudo isso e encontrar nosso povo. Nossa revolta é legítima e estaremos construindo resistência a partir da coletividade. Se esse convite chegou até você, se você sente vontade de conhecer e participar da FREJUNA, venha participar da nossa roda de conversa! Espaço feito para que todos sejam bem vindos e se sintam à vontade em participar, contribuir, falar, ouvir e refletir junto.

Quando? Sexta-feira, 06/11, 19h30min

Onde? Online, por aplicativo. (FREJUNA, 2020i – 02/11/2020)

Os meses de outubro e novembro foram marcados pelo acontecimento de diferentes atos por justiça às comunidades e aos jovens vitimados pela violência policial na comunidade

da Costeira. A FREJUNA se somou a alguns atos, e, em suas reuniões, conseguiu avaliar também as limitações colocadas nos processos de comunicação das informações, andamento das tarefas e divulgação dos atos; de conteúdo, sem se problematizar a questão racial que atravessa os alvos principais dessas violências; de questões de organização e caráter dos atos, ainda simbólicos e chamados de um dia para o outro, em horário de trabalho. A discussão levantou alguns entraves, haja vista o descompasso entre boa parte dos grupos constituintes da frente e uma das organizações no que tange ao acesso a informações, mas se conseguiu avançar no debate coletivo e fraterno da necessidade de um vínculo e contato próximo entre os setores que se aliavam nessa frente; ademais, de ser importante construir os espaços enquanto FREJUNA, trazer os repasses, buscar apoio coletivo.

Algumas considerações são interessantes de se ressaltar, pelo panorama que propiciam sobre a relevância de tais mobilizações e as limitações para intervenção da FREJUNA até então:

A atuação nesse caso tem a ver não só com nossas pautas gerais, mas o sentido dessa frente, de se organizar pra dar essa força, energia e respaldo pra construção dos atos, mobilização, questões da nossa gente. Temos nos reunido mais pra isso, pra colocar trabalho a serviço do nosso povo, cumprir com a ideia de fazer contatos também. Como estamos vendo os atos sendo chamados mais rapidamente, espontaneamente, podemos tentar algumas coisas como ter alguém pra seguir em contato [...] com pessoas da comunidade; ir atrás de quem tem pensado os atos, e organizar um grupo, pra conseguir disputar algumas coisas também pra dar mais força e organizar melhor. Pensar concentração, horário em que se puxa. Temos que divulgar com nossas palavras, da comunidade, dos amigos, o que aconteceu de fato; onde o Naninho tava, como a PM agiu. O que tá colocado é que a morte é um efeito colateral de ‘guerra às drogas’, que é balela, e na verdade é guerra contra as comunidades, aos jovens, aos negros. Temos que pensar como tratar isso, como expor mais também em faixas, cartazes, pra puxar essa expressão por nós, pela comunidade, pensar junto o que estamos denunciando; o que é a justiça para o Naninho, com quem estamos dialogando. E também temos que pensar em amplificar o conteúdo; talvez usar trechos das lives, fazer chamados, colocar pra fora o que tá rolando. (FREJUNA, 2020j – 15/11/2020)

Sobre este caso do menino Naninho⁶⁰, assassinado pela polícia, Azânia Nogueira também relata outro elemento importante que serviu de combustível à luta da FREJUNA:

na pandemia, a gente teve o assassinato do Naninho, na Costeira; e aí quando a gente tava lá no ato, logo próximo do enterro dele, [...] [falaram] que ele era

⁶⁰ Naninho, o Adriano Lima Gregório dos Santos, era um jovem de 12 anos de idade, morador da comunidade da Costeira do Pirajubaé, que sonhava em ser MC. Entre diferentes relatos da polícia e da comunidade, fica demarcado o clima violento das ações policiais nas zonas periféricas e de favela em Florianópolis, como ocorre por todo o país. Segundo as pessoas próximas a Naninho, ele já recebia ameaças da Polícia Militar há alguns meses, e não tinha envolvimento com o crime; já a PM alega que ele participou de um tiroteio, tendo sido morto na reação à polícia. A comunidade organizou uma série de atos na própria semana do assassinato, em 12, 13 e 15 de novembro, denunciando a truculência policial, a investida de ameaças inclusive após o episódio brutal contra Naninho, e o terror instaurado pela PM nas periferias. Pode-se conferir mais em matéria da Ponte Jornalismo, disponível em: <https://ponte.org/naninho-tinha-12-anos-e-o-sonho-de-ser-mc-foi-visitar-um-primo-e-acabou-morto-com-um-tiro-no-pescoco/>. Último acesso em: 25 mar. 2022.

estudante da Lauro Muller, sabe... que ele tava lá. [...] E aí quando ele falou isso, foi tipo assim: ‘tá, é isso...’, 2019 pra mim foi tirar essa ideia do projeto genocida do acadêmico, do intelectual, e dar nome pra ele, dar rosto: Naninho. É ele. Tá aqui. A criança que teve a escola fechada, e que a polícia foi até o território dele pra matar ele, sabe... foi isso, assim... ‘é isso, tudo ou nada, por cada um de nós, por todas nossas crianças’. (NOGUEIRA, 2021)

Nesse processo de mobilização, foi possível discutir ainda, na atividade virtual, o contexto preocupante em que se vivia, compartilhando com as dezenas de pessoas presentes as inquietações e debatendo possibilidades de fortalecimento da luta. Contudo, não eram só essas as mobilizações de então, apesar de já muito intensas.

Em compasso, outra construção de ato que apareceu neste período foi contra a cultura do estupro, por justiça a Mariana Ferrer, jovem violentada em um bar e casa de festas em bairro “nobre” da cidade. O debate da FREJUNA considerou o histórico de impunidade sobre esses crimes não só no restante do país, mas especificamente em Florianópolis também, com o acúmulo de denúncia inclusive contra o prefeito. Assim, apesar de a frente ver problema em mais um chamado de ato não-dialogado feito pelo Rebeldia, coletivo de juventude ligado ao PSTU, entendeu-se que seria importante buscar acompanhá-lo, tentando verter à manifestação um caráter mais consequente e uma construção mais ampla e solidificada, junto ao movimento feminista e popular em geral, especialmente com o 8M SC. Com essa construção coletivizada, ainda que não desde o princípio, foi possível realizar a manifestação sem contratempos.

Aos meados de novembro, a FREJUNA também passou a avaliar a possibilidade de uma atividade em alusão ao 20/11. Apesar da falta de tempo hábil para uma atividade de maior fôlego, a compreensão da frente foi de que as movimentações na cidade, pelo contexto exacerbado de violência policial e ataque ao povo negro em geral, exigiam diálogo e política nas ruas, pensando também o momento eleitoral e o que significariam os resultados obtidos até então. Ademais, que era importante para a FREJUNA assumir a responsabilidade com o mês da Consciência Negra também dessa forma, panfletando, chamando para conhecer a frente, convidando outros setores a organizar uma manifestação maior que exprimisse o trabalho e a denúncia que se acumulou coletivamente durante o ano. Partindo dessa base, a FREJUNA convocou uma reunião ampliada para 18/11, tendo como pauta a construção do Dia da Consciência Negra de 2020:

A FREJUNA quer abrir diálogo sobre o que pode e deve ser esse dia em nossa cidade. O que você entende por consciência negra? O que tem acontecido nas comunidades de Florianópolis que precisa ser ecoado? [...] Fica o chamado para construirmos junto mais um dia (como todos os outros) de luta para o nosso povo! (FREJUNA, 2020k – 17/11/2020)

Nesta, deliberou-se pela realização de uma nova Marcha da Consciência Negra.

O chamado foi construído com militantes independentes e grupos organizados, em que se destaca a coordenação, composta por 7 pessoas, representando a FREJUNA (com militância de JCA, Coletivo Alicerce e CNMO), a Subverta, a União da Juventude Comunista (UJC), a JRdoPT e uma militante independente. Foram criadas as usuais comissões de segurança e de comunicação, que seguiram os acúmulos de materiais e orientações do ato de 07 de junho do mesmo ano, e também uma de arte e cultura, para organizar apresentações acerca da cultura negra, intervenções artísticas e de capoeira. O ato foi marcado pelo trajeto com parada em frente ao morro do Mocotó, território maculado pela brutalidade policial que assassinou mais de uma dezena de jovens na pandemia, e pelo caráter de homenagem e respeito a essas vítimas.

A caminhada foi acompanhada por gritos de ordem, cantos e mais falas no microfone. Houve apoio de entidades sindicais na garantia da estrutura, como na impressão do panfleto, idealizado pela FREJUNA e assinado também pela Frente da Juventude Voz das Favelas. Neste material⁶¹, sob o lema “A Consciência Negra é a luta do povo negro!”, trazia-se a denúncia do cenário pandêmico, da falta de acesso a direitos básicos e fundamentais (e a piora caótica das condições sob o governo Bolsonaro) e da violência policial, que vitimou a juventude florianopolitana. Também, reforçava-se o chamado à luta coletiva, à consciência que se forja também na solidariedade e na defesa dos direitos; na luta.

Em relação à repercussão, o evento teve cobertura midiática pelo Portal Catarinas, com reportagem de Inara Fonseca⁶², que nos entrevistou enquanto representação da FREJUNA. No texto, são destacados gritos de ordem entoados na manifestação e a descrição do êxito do ato realizado na manhã de 21/11, tratando da participação surpreendente de centenas de pessoas, mesmo sob pouco tempo de organização, e do trajeto, que passou pela avenida em frente ao morro do Mocotó. Alguns pontos associados a essas escolhas também são levantados, como os ataques racistas à vereadora Ana Lúcia Martins (PT – Joinville) e o brutal assassinato de João Alberto Freitas, o Beto, um homem negro, na rede Carrefour de Porto Alegre – RS. Também, tanto a fala do entrevistado quanto os elementos complementares da reportagem ressaltavam como motivação e justificativa da revolta a crescente violência da PM, com índices alarmantes em Florianópolis, e o entrelaçamento da dominação-exploração patriarcal, racista e capitalista, bem como a ação de todas as esferas de governo sob o projeto genocida:

Segundo o Boletim Semanal de Indicadores da Segurança Pública de Santa Catarina, de janeiro a 16 de novembro de 2020, a Polícia Militar catarinense matou 77 pessoas. O número ultrapassa o total de mortes de todo ano de 2019,

⁶¹ O documento está disponível na íntegra em anexo.

⁶² Disponível em: <https://catarinas.info/quantos-tem-que-morrer-para-guerra-racista-acabar-marcha-da-consciencia-negra-em-florianopolis/>. Último acesso em: 03 jan. 2022.

que contabilizou 74 homicídios praticados pela PM. Como apuramos na reportagem ‘Epidemia de execuções’, durante o primeiro semestre deste ano, a polícia catarinense matou uma pessoa a cada três dias. Na pandemia, a partir de 16 de março, a letalidade cresceu 85%. No meio do ano, 12 cruzeiros foram fincados no canteiro central da rua Silva Jardim, na entrada do Morro do Mocotó, no Centro de Florianópolis, em protestos às mortes de jovens negros e moradores da favela pela polícia. O mais novo dos mortos tinha 15 anos; o mais velho, 24.

[...] ‘O projeto de morte do povo preto está organizado há muito tempo. No atual governo Bolsonaro (sem partido) isso avança com a forte apologia à violência. Essa política nacional reflete localmente. O governo do Gean Loureiro (DEM [Democratas]) foi marcado por uma ostensiva ação da polícia, com agressão brutal tomando as ruas e reprimindo o povo periférico, especialmente o preto’, explica [Favaretto]. [...] (FONSECA, 2020).

Figura 15 – 2ª Marcha da Consciência Negra (2020)



Fonte: Matheus Trindade/acervo particular do pesquisador.

Figura 16 – concentração final da 2ª Marcha da Consciência Negra (2020)



Fonte: Letícia Barbosa/acervo particular do pesquisador.

Com esse cenário, de diferentes espaços de intervenção, diferentes formas de construção de mobilizações e manifestações, destaca-se ainda na análise geral sobre 2020 o progresso na aproximação de outras organizações políticas e militantes independentes à frente, com uma constância maior de acompanhamento e trabalhos conjuntos.

Essas movimentações, ainda que sob resultados oscilantes até hoje, indicam possibilidades interessantes para a ampliação da intervenção da frente em diferentes contextos. Ou seja, essas perspectivas potencializam não só o trabalho da frente na articulação com os demais setores do movimento popular, como também a execução de políticas como atividades de maior inserção nas comunidades, de denúncia e mobilização contra a violência policial, um trabalho próximo ao movimento secundarista e, também, um estudo e diagnóstico mais profundo da realidade da população negra em Florianópolis – demandas e indicativos que ainda não se concretizaram com o vigor esperado. Dessa maneira, o segundo semestre de 2020 atestou uma realidade que se estendeu por todo o ano, de incertezas e variações tanto a nível orgânico (da frente) quanto no movimento popular, mas trabalhou ainda a retomada das ruas de forma mais vigorosa, sob o exemplo forte que a FREJUNA construiu no 7 de junho.

Assim, estudando os aspectos gerais que foram possíveis da frente desdobrar em 2020, sob o destaque à principal mobilização que deu a tônica para a cidade e o movimento de quais são as pretensões, os propósitos e o sentido da intervenção da FREJUNA, faz-se necessário tecer mais alguns comentários sobre o período.

Passado um ano da consolidação da frente, quando se firmou entre sua militância a certeza de que tal articulação podia colocar em prática uma nova forma de trabalho no movimento de massas, esta seguiu se apresentando, nas ruas e em debates cotidianos, como uma alternativa importante para canalizar a revolta popular, com base no amadurecimento dos acúmulos políticos entre as organizações e militantes independentes que a construía. Apesar das limitações, especialmente no tocante à restrição de cobertura e inserção nas bases pela FREJUNA, o tempo que passou, aliado a uma manutenção de ritmo orgânico mínimo, assim como de iniciativas relevantes, permitiu forjar maior coesão entre as forças, refletindo amadurecimento de conteúdo e intervenção no Movimento Negro de Florianópolis.

Com isso, o MN local deu importantes passos para sua organização de forma consequente, afinal, se víamos apenas iniciativas isoladas pela cidade no passado recente, com enfoque nas mobilizações puxadas por alguns grupos na UFSC e na UDESC, ao final de 2020 a FREJUNA vinha canalizando as forças gerais de direção deste campo na cidade, demarcando um trabalho em unidade que permitiu a identificação por diversos grupos e se firmando enquanto uma alternativa de luta e diálogo mesmo para aqueles setores que ainda não se enxergam enquanto revolucionários, anticapitalistas. O avanço político na frente, com a depuração de setores indispostos à forja da unidade já em 2019 e o amadurecimento do debate tático-estratégico, embora não tenha levado a alterações em sua Carta-Manifesto, já se refletia em seus acúmulos internos, atividades ampliadas e materiais de propaganda, possibilitando que fossem traçados novos passos na disputa por elevação de consciência do movimento.

3.2. A FREJUNA NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

O ano de 2021 foi aberto sob o quadro de uma grande desarticulação da FREJUNA. Ainda que se tenha continuado com repasses, discussões pontuais e manifestação de solidariedade e apoio a algumas movimentações, tanto nas redes quanto presencialmente, não se conseguiu firmar um trabalho coordenado e contundente. Após um lapso de trabalho e até de discussão que durou cerca de três semanas em janeiro, tentou-se realizar reuniões em fevereiro, mas que foram sendo adiadas e não ocorreram, e algumas ações foram esquematizadas diretamente via WhatsApp, sendo construídas mais individualmente pela militância e repassadas ao todo, como a Calourada Negra na UFSC e a participação em atos em defesa da

COMCAP. Também foi lançada uma nota de apoio e chamado a um ato em fevereiro, defendendo a COMCAP, nas redes sociais da frente:

O pacote de Gean Loureiro atinge diretamente a população negra e pobre de Florianópolis, sejam trabalhadoras e trabalhadores da COMCAP, sejam moradoras e moradores dos morros e bairros periféricos. Os projetos que serão votados amanhã arbitrariamente prevêm a privatização da COMCAP, acarretando no desemprego de muitos e na descontinuidade dos serviços prestados hoje pela Autarquia nos bairros mais pobres e de difícil acesso. Além disso, o pacote ‘pra agradar burguês’ de Gean também promove a especulação imobiliária, ataca a educação e desmonta a assistência social do nosso município. É preciso somar forças ao movimento grevista, pois essa luta também é nossa! A COMCAP é pública, Florianópolis é do povo! (FREJUNA, 2021a – 26/01/2021)

Mais adiante, em março, a realidade seguiu a mesma, apenas tendo sido encaminhada a participação em uma atividade com o DCE Luís Travassos – UFSC em memória ao povo lutador brasileiro, especialmente Marielle Franco. De 20 de março a 07 de maio, sequer houve movimentação no grupo oficial de WhatsApp; a partir desse momento, com a iminência do 13 de maio, a frente conseguiu se reorganizar para uma reunião no dia 09/05.

Na primeira reunião de maio de 2021, foi possível debater mais sobre o esvaziamento e a pouca quantidade de reuniões da FREJUNA, percebendo-se que era necessário um esforço maior para ampliação e renovação, atualizando a discussão do momento em questão. Com isso, também, enraizando a política da FREJUNA junto às massas, entendendo sua responsabilidade conforme os debates e demandas que se levantou até então, mas sem esquecer que a dificuldade de organização da frente faz parte do processo de reorganização da própria classe, do povo negro e pobre. Em novo encontro, ao final do mesmo mês, discutiu-se mais sobre a situação orgânica da frente, resgatando a importância da frequência mensal de encontros e de constância na construção das lutas nos diversos espaços conforme os acúmulos históricos coletivos, o debate fraterno de divergências e a acolhida a novas contribuições. Para incremento formativo, pautou-se novamente como necessários momentos corriqueiros de análise de conjuntura, de debates temáticos – violência policial; superexploração do trabalho, capitalismo dependente e contrarrevolução etc. – com o que se vinha acumulando para cada atividade que era construída, em formação coletiva e compassada à ação (FREJUNA, 2021c – 22/05/2021).

Diante destas circunstâncias, fica evidente o contraste entre a instabilidade que acometeu a FREJUNA pelos diversos percalços próprios à conjuntura, à pandemia e à realidade de uma iniciativa ainda nova e em processo de consolidação, e a vontade e o propósito inabalado de construção da frente por diferentes militantes – por vezes, mesmo de quem precisava se afastar, que assim fazia por dificuldades objetivas. Nisso, apesar de vaivéns de grupos e militantes independentes nesta construção, também se pode constatar a continuidade de alguns

setores desde seu momento de entrada. Neste debate de idas e vindas, algo muito caro à FREJUNA, ainda que por vezes não expresso da melhor forma, foi o entendimento de que “não pode ter diferença entre os que estão chegando e os que já estão. [...] [Para] construir acolhimento é preciso ter constância, e construção coletiva. A FREJUNA é para potencializar o que já tem; [...] estar articulada com toda a iniciativa negra de ação”. (FREJUNA, 2020g – 23/09/2020). Foram estes acúmulos que pautaram a intervenção no movimento popular, pensando, então, um trabalho que ampliasse a ação da frente nas ruas e a articulação com sua base social e outros setores do movimento, impulsionando a luta em defesa de suas pautas.

A primeira manifestação organizada pela FREJUNA foi o ato do 13 de maio. Apesar da preocupação de setores da frente em irem às ruas, pela nova onda da COVID-19 e o cenário ainda mais crítico em Florianópolis (com lotação das Unidades de Terapia Intensiva, aumento de mortes entre a juventude e falta de vacinas), seguiu-se com a noção da importância de se realizar algo. Entretanto, de início, pensou-se em alternativas de mobilização, como atividades de agitação e propaganda com faixas e colagens, considerando também a ausência do debate sobre o 13 de maio entre o movimento popular, além do pouco tempo que se tinha para articulações. De todo modo, as bandeiras contra o genocídio, por solidariedade às vítimas do atentado em Saudades (SC) e da chacina ocorrida na comunidade do Jacarezinho (RJ), contra a violência policial em Florianópolis e o projeto de morte do governo Bolsonaro seguiram firmes. Discutiu-se sobre as diversas facetas de colapso do capitalismo, em uma crise desse modo de organização da vida, em que a ofensiva se acelera com governos genocidas que promovem uma verdadeira queima de força produtiva em países de capitalismo dependente, como o Brasil. Entendeu-se, pois, que era fundamental colocar tal debate na rua, sob a ideia de refletir sobre a conjuntura e entender o legado de exploração, dependência, genocídio e precarização da vida desde a época colonial, perpassando uma falsa abolição que escancara problemas históricos não resolvidos, sob uma ofensiva de contrarrevolução que tenta minar a organização negra e a aglutinação de forças para tomar o poder nas mãos dessa juventude.

Sob essa leitura, definiu-se que a FREJUNA levaria aos demais setores do movimento popular local, especialmente sob a articulação local da Frente Fora Bolsonaro (FFB – Grande Florianópolis), a importância de um trabalho conjunto, que extrapolasse a ideia de atos simbólicos, já muito limitados; e, com isso, que se avaliasse as condições para uma mobilização centralizada, mais forte, ou para tarefas espalhadas pela cidade. Ocorreu, então, uma reunião junto à FFB local e ao 8M SC, em que se decidiu construir um ato para o dia 13, às 17h30min. A FREJUNA também levou o informe à Coalizão Negra por Direitos, articulação da qual havia participado de uma reunião sobre os atos nacionais do chamado 13M.

Quanto aos aspectos executivos, foram organizadas comissões e uma coordenação para o ato, em que a FREJUNA teve representação e importante intervenção. O trabalho de comunicação, feito pela FREJUNA junto ao 8M SC, além da ponte estabelecida via identidade visual e repasses à articulação nacional da FFB e da Coalizão Negra por Direitos, garantiu um panfleto⁶³ sintetizando os acúmulos de discussão levantados pela FREJUNA e aprimorados com a denúncia sobre a crise; o cenário avassalador da pandemia e centenas de milhares de pessoas mortas; o desmonte da educação, do IBGE, do Sistema Único de Saúde (SUS) e das legislações trabalhistas e previdenciárias; o massacre do povo negro e mais pautas.

Ainda com foco sobre o 13M, cabe ressaltar que a avaliação da FREJUNA sobre este considerou que houve certo reboquismo dos demais setores em relação à frente, esperando que a juventude negra direcionasse tudo. Isso teria sido importante no quesito de impressão de uma linha adequada aos ideais da frente, garantia de execução conforme o acúmulo sobre comunicação, agitação e outras questões; entretanto, gerou também cansaço além do necessário, parecendo que se havia encomendado o ato para a FREJUNA, mas que essa deu conta e mostrou sua força. Avaliou-se ainda que houve boa divisão de tarefas internas, e um ótimo trabalho realizado em um prazo novamente apertado, conseguindo, com quem estava disponível, tocar a política deliberada coletivamente. Destacou-se, também, o processo político no que tange à comunicação também após o ato, buscando registros, contribuições, e organizando o trabalho e o acervo da FREJUNA; para as próximas manifestações, viu-se que seria importante ter materiais de identificação clara da frente. Por fim, foi acordado na coordenação do ato de doar para a organização do próximo ato, previsto para 29 de maio, o dinheiro restante da arrecadação.

Tratando-se da repercussão midiática do ato 13M, podemos ver na reportagem “É urgente combater o racismo que mata: ‘Vamos às ruas porque delas nunca saímos’”⁶⁴, elaborada por Paula Guimarães para o Portal Catarinas, uma recapitulação da manifestação, com descrições sobre a organização e os cuidados sanitários adequados ao contexto de um ato de rua na pandemia, e importante contribuição via entrevista à militância da FREJUNA:

[...] ‘Vamos às ruas porque delas nunca saímos, a população negra e periférica estava nas ruas, mesmo no período de maior fechamento, porque são trabalhadores essenciais. E agora com essa flexibilização é a população negra que está nos serviços e linha de frente, em todos os lugares onde a vida não parou. Não houve o direito de preservação da vida pelo isolamento. A rua é o lugar de organização da unidade e resistência do povo’, afirma Azânia Mahin

⁶³ O documento está disponível na íntegra em anexo.

⁶⁴ Disponível em: <https://catarinas.info/e-urgente-combater-o-racismo-que-mata-vamos-as-ruas-porque-delas-nunca-saimos/>. Último acesso em: 10 dez. 2021.

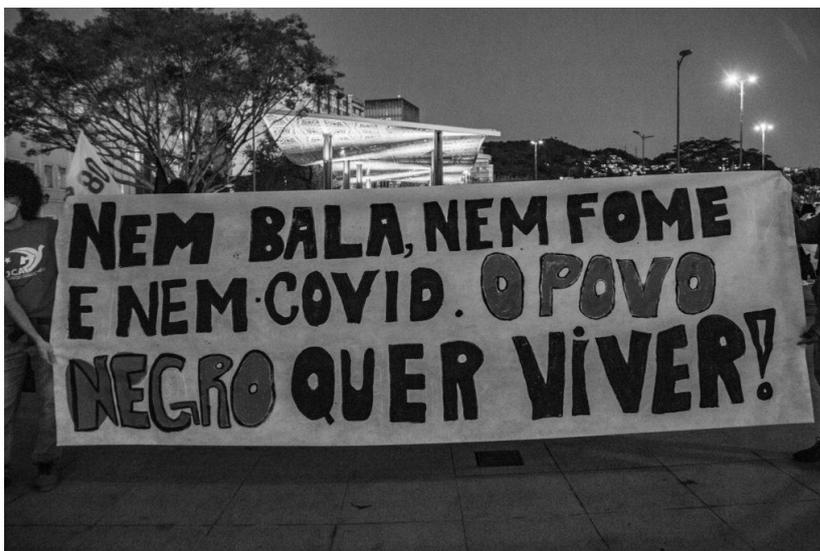
Romão Nogueira, militante do Núcleo de Estudos Negros e da Frente de Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA).

[...] ‘A chacina no Jacarezinho é o ato mais recente, mas não o único, aqui temos muitos exemplos, inclusive o assassinato do menino Naninho, que aconteceu durante período pandêmico pela PM, mostra que nem mesmo a nossa infância negra e periférica tem direito de estar em casa com segurança’, aponta Azânia.

[...] De acordo com Azânia, o 13 de maio é um dia de luta porque denuncia a falsa abolição, marcada por um processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre sem nenhum tipo de reparação ou mudança no controle dos corpos racializados. Segundo ela, essa estrutura de desigualdade que sustenta o racismo é histórica e ultrapassa o governo Bolsonaro, ainda que ele seja uma representação importante da opressão a esse povo. ‘O 13 de maio vem para mostrar que essa transição entre escravidão e sociedade livre é realmente algo posto no papel, mas não posto em prática. Temos muito o que avançar para transformar a nossa sociedade e isso só é possível pelas próprias mãos, e por isso fomos para as ruas, porque a mudança que queremos só virá pelas nossas próprias mãos’. (GUIMARÃES, 2021a)

Outro veículo que noticiou o ato 13M foi o “Repórter Popular”, com um registro da faixa dianteira do ato, sob o lema “Nem bala, nem fome e nem COVID. O povo negro quer viver!”:

Figura 17 – faixa dianteira do ato 13M



Fonte: Repórter Popular. Disponível em: <http://reporterpopular.com.br/florianopolis-realiza-ato-antirracista-no-13-de-maio-veja-fotos/>. Acesso em: 01 out. 2021.

Quanto ao outro ato, o 29M, chamado nacionalmente pela Frente Fora Bolsonaro para o dia 29 de maio, a FREJUNA viu limitações das bandeiras centrais de “Fora Bolsonaro, auxílio de 600 reais e vacina”, faltando conteúdo nos chamados. Assim, discutiu-se que havia muito mais a reivindicar no tocante ao povo negro, à defesa da educação e outras pautas, e também muito trabalho a impulsionar em relação à divulgação do ato. Neste cenário, a frente deliberou pela produção de um material próprio, para colocar nas ruas e nas redes o que a FREJUNA

atrela ao “Fora Bolsonaro” e à construção desse enfrentamento nas ruas mesmo em momento tão adverso. Produziu-se tanto postagens para as redes sociais quanto uma faixa para a manifestação de rua, pensando em organizar também um bloco da FREJUNA e contribuir no trabalho de agitação (especialmente com gritos de ordem) e como ponto de referência para aglutinação das organizações integrantes da frente.

Com maior trabalho em cima dos gritos de ordem para os atos Fora Bolsonaro, a FREJUNA lançou publicamente um *cancioneiro* com as letras, posteriormente organizando também áudios em pasta virtual para as pessoas ensaiarem previamente. Ao longo dos meses, foi possível sintetizar mais de 40 gritos, tratando sobre a defesa da educação, da previdência, do SUS, dos direitos da juventude; de lazer, saúde, moradia, emprego, renda, segurança pública, vacinação, isolamento; da importância da luta antifascista, antirracista, feminista; de se buscar justiça por Marielle, denunciar o genocídio promovido pelo governo Bolsonaro e patrocinado pelo imperialismo, demarcar o poder do povo brasileiro e florianopolitano, entre outras pautas.

A passeata também repercutiu nas redes, com a FREJUNA tecendo comentários ao Portal Catarinas sobre a manifestação, na reportagem “Por uma política da vida: rejeição ao Bolsonaro mostra a sua força nas ruas”:

‘É extremamente importante estar nas ruas tanto pelo fora Bolsonaro, pela vacina e contra o genocídio da população negra que vem sendo massacrada no país. Precisamos colocar as pautas nas ruas, lutar pela vacinação do povo e pelo direito de viver. É ato também contra as execuções policiais, o que aconteceu no Jacarezinho acontece aqui também’, afirmou Joyce Santos, da FREJUNA (Frente da Juventude Negra Anticapitalista), e do Coletivo Negro Magali da Silva Almeida. (GUIMARÃES, 2021b)

Já para a avaliação desta manifestação, a FREJUNA se dispôs a refletir sobre o impacto das mobilizações nacionais do dia, em que se conformaram grandes atos, com forte participação da juventude. Também foram levantados os pontos da ausência de alguns setores, por insegurança sanitária; a invisibilização pela grande mídia, apesar de não haver fortes críticas abertas também; e que havia muito a se disputar dentro dos próprios atos. O saldo, portanto, foi positivo: ocupou-se as ruas com um novo fôlego para a luta contra o projeto das elites e a política tocada pelo governo, batalhando por dignidade, fortalecendo e garantindo a unidade até para além do que já se conseguiu alcançar.

Em termos organizativos, a frente sentiu forte descompasso com a coordenação do ato, não tendo participado desta, em que ficou evidente a falta de representatividade e trabalho coletivo. O bloco da FREJUNA também não conseguiu se concretizar como idealizado, ficando as pessoas um tanto dispersas. Para as próximas manifestações, entendeu-se que seria necessário fortalecer essa ideia do bloco, identificar melhor ainda, e também focar na agitação,

participar da coordenação e disputar desde rota até o caráter do ato – evitando longos momentos de fala, concentração etc. pelo peso maçante e risco sanitário que dão aos atos.

Assim, marcou-se também uma reunião agitativa da FREJUNA para o dia 13/06, para buscar agregar mais pessoas à construção do bloco. Nesta reunião, a bandeira da frente já estava pronta, a militância empolgada para elaborar intervenções no microfone durante o ato, e organizando o trabalho de agitação junto à FFB. Foi elaborado sobre ensaiar previamente a bateria, buscar mais pessoas para puxar os gritos de ordem, aproximar a juventude negra para o bloco, com chamado nas redes. Ademais, foram destacadas pessoas para a estruturação do bloco e tarefas de segurança individual e sanitária, e combinado de fazer uma concentração prévia da FREJUNA no dia do ato.

Com essa sequência, vemos também que, tanto nacionalmente quanto em Florianópolis, o ano de 2021 foi marcado por uma série de atos da Campanha/Frente Fora Bolsonaro, na luta pela derrubada do presidente e em defesa dos direitos básicos ao povo brasileiro. Nesse cenário, a FREJUNA organizou diferentes chamados para a composição de blocos da frente nos atos, chamando a juventude negra, bem como quem apoia e se soma a esta na luta anticapitalista e na construção em unidade dos atos, para expressar e organizar sua revolta frente ao genocídio que se intensifica dia após dia sobre nosso povo.

Nos chamados, feitos em maio, junho e julho, foram sempre pautadas as questões de luta contra o descaso do governo, por comida no prato, vacina no braço e vida digna. Uma palavra de ordem marcante desses convites foi “povo negro unido é povo negro forte!”, muito também pela procura da frente em propiciar um bom ato, considerando então a identificação, distribuição de kits de cuidados sanitários, organização de segurança, agitação etc.

Outra característica interessante é a adaptação sempre presente dos materiais construídos ainda em 2020, nos chamados para o ato de 07 de junho daquele ano. Das dicas de segurança, apoio às pessoas manifestantes, organização de cartazes e faixas ou outras questões, atualizava-se as datas, qualificava-se o conteúdo conforme as pautas centrais de cada ato, mas mantinha-se uma mesma ideia de ampla informação, divulgação e procura pelos devidos cuidados e ainda fortalecimento da construção dos atos. Em alguns casos, também foram realizadas arrecadações financeiras para compra de materiais para a comissão sanitária dos atos, como na construção do ato 13M.

Ademais, após o ato de 26 de junho, realizado em Santa Catarina nesta data devido ao adiamento, por muita chuva no estado, dos atos nacionalmente marcados para 19 de junho, a frente lançou uma postagem sobre o dia em suas redes sociais.

Figura 18 – militantes e ex-militantes da FREJUNA em ato no dia 26/06/2021



Fonte: acervo particular do pesquisador.

No compasso dessas mobilizações, pensando então outras possibilidades de trabalho que exigiam sua atenção, a FREJUNA estabeleceu como foco de acompanhamento também algumas questões relacionadas à UFSC, mas apenas foi possível se envolver mais diretamente na discussão sobre a Sala Quilombo, no Centro de Convivência Adolfo Luís Dias – UFSC. Com a proposta de reforma do prédio por parte do Sindicato dos Professores das Universidades Federais de Santa Catarina (APUFSC), passou-se a discutir sobre a importância de o Movimento Negro reivindicar a contemplação da sala na reforma, pensando inclusive uma ampliação desta. Militantes da FREJUNA levaram o debate a diferentes espaços do movimento estudantil e se integraram ao grupo de trabalho junto ao DCE Luís Travassos para pensar os próximos passos de cobrança e sugestões. Ademais, nas redes sociais da Calourada Nós por Nós (que militantes da frente construíram), foi puxada uma campanha de resgate histórico, comentários sobre a importância da sala e o que já ocorreu lá. Diante dessa construção, a FREJUNA deliberou pela atenção à pauta e destacou militância para a tarefa de acompanhamento, considerando a sala como um espaço fundamental de organização política do povo negro, para encontros, reuniões, confraternização.

Os debates também ressaltaram preocupações com o interesse e a condução da reforma por parte da APUFSC, pelos riscos de tomada ou cessão de espaços por parte de iniciativas que vão na contramão da perspectiva histórica que o movimento estudantil da UFSC imprimiu ao prédio – com foco na organização política, expressão artística, integração etc., especialmente, de estudantes e da comunidade em geral, sem ações da iniciativa privada e tentativas de comercialização que podem acabar por criminalizar o uso pelo movimento estudantil.

Com isso, reforçou-se a importância da garantia de representação estudantil em todo o processo, mas, nessa própria representatividade, a garantia da atenção às pautas do Movimento Negro, com postura ativa de quem se envolvesse nisso e da FREJUNA no acompanhamento e cobrança sobre tais questões. Afinal, a garantia da sala até então também se deu por organização política do MN, e não cessão oficializada pela instituição; logo, na disputa por espaços para projetos, gestão do espaço pelo movimento estudantil, garantia do auditório para este setor, espaços bem delimitados para a APUFSC e qualquer outra iniciativa que queira trazer consigo, ficou claro que se tinha muito a cobrar e fazer. Na entrevista para este trabalho, Lucas de Anhaia (2021) destaca que o debate sobre esta sala é algo mais orgânico do Movimento Estudantil Negro, sendo de conhecimento de boa parte do corpo estudantil que ingressou de 2015 a 2019, e o potencial da frente de alicerçar essa discussão e andar com os trabalhos em defesa da sala para o Movimento Negro da universidade.

Ainda se relacionando com a disputa enquanto Movimento Negro dos espaços acadêmicos, a FREJUNA discutiu, em junho, um convite feito pela organização do Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 para uma roda de conversa sobre feminismo. Foram problematizadas as questões de que o evento não é acessível à juventude negra e pobre, decidindo por se pleitear também a inscrição da militância da FREJUNA; ademais, foi aceito o convite, pensando em levar 2 companheiras para o evento para discutirem a diferenciação do debate articulado de gênero-raça-classe da FREJUNA compreendendo as demandas da juventude feminista negra; o que diferencia esse setor do movimento construído por pessoas não-negras; o que há de comum e quais os pontos necessários de aprofundamento no debate sobre a superação do capitalismo e a derrubada do governo Bolsonaro.

Esse caráter institucional perpassou também outros diálogos da FREJUNA, como com o chamado para compor a Coalizão Negra por Direitos, enquanto representação catarinense. Contudo, a pauta ainda está em aberto na frente, entendendo que outras demandas organizativas e do movimento popular em Florianópolis apresentaram maior urgência.

Ademais, outra articulação interessante se deu sob via institucional, com a Frente Parlamentar de Igualdade Racial, Liberdade Religiosa, Povos e Comunidades Tradicionais e População Migrante, iniciativa encabeçada pelo mandato da Coletiva Bem Viver na Câmara Municipal de Florianópolis. Em debate, viu-se “importância de construirmos um diálogo com o mandato da Coletiva, mas sem tanta pressa, porque anda fraca a articulação e temos outras tarefas mais centrais agora” (FREJUNA, 2021c – 22/05/2021). Desse modo, a FREJUNA participou do evento de lançamento da frente, para firmar um canal aberto de discussão, mas sem se comprometer já com ações por não enxergar ali sua prioridade de intervenção, considerando as construções dos atos Fora Bolsonaro e debates como sobre a UFSC, que iriam até julho.

3.3. O SEGUNDO SEMESTRE DE 2021 E O PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO DA FREJUNA

Após um período de meses tratando de seus trabalhos especialmente por via remota, muitas vezes apenas no WhatsApp, a FREJUNA se reuniu presencialmente em 22/08 para reorganizar seus trabalhos e pautar as condições e possibilidades de construção da frente nos períodos vindouros. Diante disso, foi informado pelo CNMO que o coletivo estava se afastando da FREJUNA até conseguir se reestruturar. Destaca-se as seguintes passagens de justificativa escrita pelo próprio coletivo:

O CNMO de Florianópolis passa por um momento de reorganização que tem exigido de nossa militância uma dedicação interna que impede de fortalecermos quantitativo e qualitativamente as discussões políticas da frente, bem como na vida orgânica da FREJUNA. [...] Precisamos no momento dedicar nossa força as responsabilidades que temos a partir do CNMO e não podemos no entregar pela metade à FREJUNA. (CNMO FLORIANÓPOLIS, 2021)

O debate de reorganização não veio descolado da discussão conjuntural, com elementos importantes sendo trazidos sobre as mobilizações na cidade. Primeiramente, sobre a Casa de Passagem Indígena, relatando-se que o prefeito derrubou os acordos jurídicos e se abriu nova instabilidade na garantia do inativo Terminal de Integração do Saco dos Limões. Em segundo momento, sobre as manifestações da COMCAP, autarquia responsável pelo serviço de coleta de resíduos, limpeza urbana etc. que veio sendo precarizado pelos interesses privatistas do prefeito, legando às pessoas que trabalham na empresa uma baixa remuneração, falta de segurança e outros problemas. Discutiu-se ainda que mais atos deveriam acontecer, de modo que seria importante atenção e apoio da FREJUNA à causa. Uma terceira demanda foi quanto à luta e solidariedade à Andrielli, jovem negra que teve sua filha recém-nascida arrancada pelo

Estado. Individualmente, houve participação da militância da FREJUNA em um ato de apoio, e a frente se lançou à discussão de alternativas de suporte, construção de campanhas de auxílio e outras questões, pensando intervenções institucionais e o acompanhamento deste e de outros casos similares que poderiam vir à tona.

De toda forma, o foco da discussão, ocorrida em 22/08, recaiu sobre as questões orgânicas da frente, pensando sua composição e organização interna. Viu-se que era necessário refletir acerca do esvaziamento da frente e do que estava sendo a visão geral de cada pessoa e grupo ali sobre a iniciativa, considerando o desgaste agudizado pela conjuntura e a importância de se reorientar os trabalhos e dinâmica para preservar aquele instrumento de luta, canalizar as energias e seguir traçando perspectivas, vontades e tarefas para uma ação cotidiana pautada numa base comum sobre o que é a frente; retomando do princípio os debates, chamando novamente as pessoas.

Essa movimentação de aprofundar a discussão e tratar com a seriedade necessária as debilidades concretas evidencia a procura sincera pela construção da autocrítica na frente, visando, coletivamente, a identificar os erros e amadurecer as possibilidades de correção destes, para consolidar novas práticas. É um processo importante e interessante, que coloca na ordem do dia a tarefa de superar possíveis vícios e debilidades e, assim, abrir espaço para se concretizar os ideais maiores de construção verdadeiramente centrada nas condições de cada pessoa da FREJUNA, com as novas prioridades que se traçaria para o momento vindouro. E, assim, tomando a potencialidade máxima da coletividade – coisa que sempre se ressaltou nos trabalhos da frente –, analisar as tarefas passadas, redimensionar as condições e as tarefas presentes, para então projetar os desafios futuros e as expectativas postas no horizonte, conseguindo disto desdobrar os passos seguintes.

Outros trechos ressaltam a dificuldade de colocar em prática muitas coisas definidas na Carta-Manifesto, pelos solavancos da conjuntura. Ainda, que seria necessário coletivizar tais acúmulos, integrando quem recém chegara à rediscussão das referências principais de luta e do que é possível no momento atual. Com a falta do planejamento em 2020, afinal, não se aprofundou no debate teórico sobre antirracismo e anticapitalismo, sobre as tarefas revolucionárias colocadas para este período, as formas de fazer o trabalho de base, dialogar, elaborar política no dia a dia, enquanto frente.

Uma avaliação muito importante foi sobre a construção das críticas à FREJUNA, usualmente colocadas como externas, por parte de quem ia se afastando. Nisto, a reflexão indicou que

a FREJUNA está hoje da forma como está por conta de como construímos ela, de quem tá aqui [...]. Quando a gente fala da FREJUNA, e faz crítica, não dá pra fazer ela como apartada de nossa ação; falamos da gente, também. É um espaço bem aberto para colocarmos coisas [...]. Como gerar então esse pertencimento, essa coisa de não se falar de algo externo, mas de si junto, porque todos nós somos isso? Se a gente entender que a FREJUNA só tem capacidade pra tocar uma tarefa por ano, temos que avaliar politicamente isso e definir em conjunto. [...] Quem constrói o instrumento até ele decidir coletivamente que está esgotado vai viver os altos e baixos. A FREJUNA é uma frente, um movimento político com altos e baixos, e isso é comum a todos os setores. Precisamos ser um elemento que [...], mesmo com a coisa lá embaixo, a gente consiga se reorganizar, pensar e construir coisas na base, cotidianamente, fazer política. [...] É nossa responsabilidade criar esse ambiente que se propõe a isso. (FREJUNA, 2021d – 22/08/2021)

Pensando este anseio de construção pelas bases, de se propor enquanto alternativa, é interessante complementarmos as discussões da frente com as avaliações externas a esta, como de lideranças comunitárias. Geovana Mota (2021) nos apresenta, em entrevista, como é perceptível a dificuldade dos movimentos locais em se expandirem e trabalharem, nos variados territórios comunitários e de resistência (como da cultura hip hop), o reconhecimento das pessoas negras ali atuantes enquanto Movimento Negro, bem como de pautarem discussões politizadas nesses locais, agregando ao MN e, por exemplo, ao trabalho da FREJUNA.

Acho que às vezes participar ali junto, estar presente, muda muito o movimento, muda muito como ele tá representado, como ele vai se identificar na comunidade. E aí, muitas vezes, a galera que eu conheço da FREJUNA está no corre acadêmico, que também é importante, mas a gente tem muitos lugares legais em Floripa, e tem essa lacuna, porque muitos projetos não se conhecem, e esse movimento de juventude super auto organizado, que consegue fazer as coisas, não é reconhecido em vários espaços. (MOTA, 2021)

Considerando o histórico da frente, foi avaliado que havia de fato muita diferença no trabalho, ritmo e dinâmica que era possível imprimir no contexto presencial, com quem esteve desde o início da FREJUNA; entretanto, que já não era mais essa a realidade, e, embora a Carta-Manifesto seguisse atual, era hora de tomar nas mãos as tarefas de debates mais profundos, reorganizar formações, discutir conjuntura, e isso sem abrir mão das ações recentes, mas impulsionando o trabalho novo. Fazer formações internas e para quem ia se aproximando, ou até para aproximar; ir construindo o sentido da militância coletiva, também na agitação e na propaganda, na avaliação das coisas, permitindo que todo mundo se enxergasse naquele trabalho e se apropriasse dele.

Também se pautou a importância de delimitar melhor as prioridades de intervenção, estabelecer bases de trabalho de massas, para dar sequência à ideia que foi iniciada, que naquele momento estava debilitada, mas poderia alcançar mais. Acumular debates sobre qual a compreensão da frente em cada área, da cultura à educação, da comunicação às finanças, e ir aprofundando isso paulatinamente, tornando-se um espaço de comunhão que não levasse

necessariamente à organização das pessoas em alguma entidade ou organização política, mas à construção, mesmo pontual, do debate e da luta organizada enquanto Movimento Negro. Ainda, de se construir isso na base da responsabilização coletiva, entendendo que a FREJUNA eram as poucas pessoas então ativas, e poderia vir a ser mais, mas precisava traçar objetivos conforme suas pernas.

Pautar essa forma de construção era entender o que Amanda Koschnik sintetiza sobre essa militância:

é uma galera que faz os seus próprios corres, composta majoritariamente de juventude, que trabalha, que estuda, que trabalha e estuda; uma galera que milita em outros espaços, que se dedica; uma galera que tá sendo disputada o tempo inteiro; o tempo inteiro tá sendo disputada pela droga que é o seu trabalho, pela precarização que é sua vida, pra questões individuais, ‘tá tudo uma merda, tenho que lidar com isso dessa forma aqui’... de se afastar da coletividade, de achar que a militância é demais, de achar que ‘ai, não, preciso cuidar de mim etc.’ e claro, precisa cuidar, mas tudo isso também são disputas que fazem. A todo tempo, tentam desmontar o que é a experiência da FREJUNA; e a gente pode não sentir isso ativamente, mas o que acontece no nosso país em relação à crise... pô, nós temos a cesta básica mais cara do país, cara... como que nossos militantes não vão tá sentindo isso? Como que a galera que tem que fazer seus corres, muita gente que não é daqui, inclusive, não vai sentir isso? (KOSCHNIK, 2021)

Assim, apenas com essa base, seria atingido o objetivo de amadurecimento paciente e coletivo, de forma a proporcionar a identificação real e profunda de cada pessoa da frente com esta, e então a aproximação e identificação de pessoas de fora, permitindo que, ao seu tempo, se apropriassem do acúmulo. Ainda, foi trazido sobre como era necessário à frente

ter um respiro de entender que sair e entrar militante mais direto assim é normal; fluxo e refluxo, a coisa vai andando. [...] estar preparada, pronta, saber bem o que tem; [...] pensar nos nossos encontros presenciais, entender o pertencimento enquanto movimento negro que promove o nosso aquilombamento, de nos conhecermos mais profundamente. (KOSCHNIK, 2021)

Aqui, é interessante a contribuição de Lucas Guari (2021), que traz, em sua entrevista, a advertência de que parece que

a nossa consciência presente não caminha mais com a nossa condição presente. Porque se a gente for colocar a FREJUNA, ou o próprio Artur⁶⁵, ou o próprio Lucas em 2015, até 2019, tem toda uma construção do entendimento social e individual muito marcado em ser anticapitalista e antirracista. Só que vai chegar 2020 e a gente vai perder essa estrutura de uma maneira muito drástica, só que a gente vai continuar com a mesma consciência, então a gente vai querer continuar caminhando como se a gente tivesse a mesma condição, e a gente não vai se respeitar. [...] E aí tem que ficar elencando prioridades entre temas que não necessariamente poderiam ser priorizados ou despriorizados. Elencar algo como menos importante às vezes é meio violento

⁶⁵ Aqui, o depoente se refere a este pesquisador, que, naquele contexto, estava como entrevistador.

assim, quando você tá lidando com um tema que é muito crucial. (GUARI, 2021)

Com essas falas, na esteira da autocrítica comentada anteriormente, vemos o destaque das dificuldades da FREJUNA, em que vale ressaltar a de pertencimento, que traça seu paralelo com a importância do acolhimento na frente. Desde o início de seus trabalhos, como já comentado, esta tarefa de se fazer aberta e conseguir abraçar novos grupos, militantes e suas respectivas contribuições diversas é central à frente. Afinal, tratamos aqui de uma iniciativa que se propõe mais forte à medida em que congrega a juventude e o povo negro, conscientiza-se de suas tarefas e organiza a luta. Assim, conseguir diagnosticar essas debilidades e traçar como avançar é um ponto bastante positivo que se demonstra, evidenciando a vontade coletiva de revigorar esta construção e aprimorar suas práticas.

Pelos próprios apontamentos relatados, contudo, também se percebe que é uma tarefa árdua e que encontra dificuldade para ser concretizada, por oscilações que são comuns aos movimentos políticos, mas que tomam proporções ampliadas no contexto pandêmico e na realidade de uma juventude negra, trabalhadora, que sofre em seu cotidiano da necessidade de buscar seus meios de subsistência e resistência em tantos outros espaços, também. É neste ponto que reside a relevância maior da paciência, do suporte entre a militância e da crença na luta que se trava, permitindo então a continuidade mesmo com poucas mãos para o trabalho.

Outro elemento fundamental a se considerar, como coloca Amanda Koschnik (2021), é que a FREJUNA lida com problemas históricos, mas é uma frente muito nova. Sua militância, vivendo tantas lutas intensas, é uma continuidade, esperançosa, de uma luta muito antiga e que precisa se readequar para ter forças para seguir, para refletir sobre sua contribuição para a reorganização do Movimento Negro e da classe como um todo. Assim, em meio a tantas incertezas que a conjuntura reserva, é crucial o foco no trabalho de base:

se a gente não tiver essa vinculação, o vento leva. Se a gente não tiver raiz, o vento leva. Então se a gente não for conhecido por ninguém, não fizer atividades, não colocar política na rua, não ouvir, não construir coletivamente ouvindo do nosso povo, não tiver intimidade com os problemas que passa o nosso povo... se a gente não tiver essa política como prioridade, estar junto, então primeiro a gente vai tá perdendo um pouco o sentido dessa combatividade, desse trabalho de base que é nosso princípio, e a gente vai girar pra problemas internos; a gente vai girar pra problemas que não fazem sentido; a gente vai perder de perspectiva qual é a nossa política e o nosso objetivo. (KOSCHNIK, 2021)

Com estes entendimentos e diante dessas novas definições, exprimindo essas características que analisamos, a FREJUNA assumiu a tarefa de seguir ativa e se reorganizou considerando a seguinte composição: JCA (3 militantes), Coletivo Alicerce (1 militante), Coletivo Magali (3 militantes). Decidiu-se também criar um novo grupo de WhatsApp e fazer

o contato com mais pessoas, novas ou afastadas, conversando sobre a reorganização da FREJUNA e as convidando a construírem ativamente a frente neste novo momento. Com esses contatos, logo retornaram à frente o NEN (1 pessoa), o MNU (1 pessoa) e 1 militante independente. Foram destacadas pessoas para as tarefas de comunicação e de finanças, e definida uma periodicidade mensal de reunião, ao terceiro sábado do mês, podendo também ocorrer reuniões extraordinárias.

Nesta reunião, também foram elencadas possíveis pautas/espços de atuação, importantes para a FREJUNA, e se combinou de amadurecer outras possibilidades para o próximo encontro. Acerca das iniciativas em que a FREJUNA já estava envolvida, como a Coordenação Operativa da FFB – Grande Florianópolis, acordou-se a saída desta por haver outras prioridades e ser mais um espaço de difícil diálogo por parte de outros setores com o Movimento Negro, ficando a participação nos atos para debate em cada caso.

Avançando com as tarefas traçadas na primeira reunião de reorganização, foi organizada em setembro uma rifa em apoio à Andrielli, que obteve grande êxito:

RIFA DE APOIO À ANDRIELLI!

Pelo direito de amamentar, pelo respeito à mãe e à criança!
Basta de racismo e violência!

Andrielli teve sua filha, Suzi, retirada pelo Estado, em um processo que é marcado muitas agressões. Esse sistema e seus defensores, que exploram e oprimem cotidianamente as jovens negras, mais uma vez, escancaram sua brutalidade: Andrielli está impedida de amamentar, de registrar sua filha devidamente, sofrendo sem acompanhar a criança e com as violências de uma série de instituições e autoridades, do HU [Hospital Universitário da UFSC] ao judiciário. BASTA!

Em solidariedade à companheira, uma rede de apoio foi formada, para somar na luta por seus direitos e por dignidade. A FREJUNA, que compõe esta iniciativa, lança aqui uma RIFA DE APOIO À ANDRIELLI, para arrecadar fundos para as demandas que têm surgido nessa luta.

CONTRIBUA!

Com 5 reais, você compra um número e concorre a um exemplar do livro ‘Antonietta de Barros: Professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil’, da profa. Jeruse Romão! (FREJUNA, 2021e)

Ademais, a FREJUNA passou a integrar a rede de apoio direta à jovem, buscando maiores informações e a apoiando com as demandas possíveis. Isto, principalmente, pela compreensão de que a discussão das demais pessoas meramente tangenciava a questão racial, e então a frente interviria visando a dar centralidade a esse elemento na construção das ações, tensionando tal debate e permitindo o diálogo com a jovem de forma não a tutelar suas vontades, mas a trabalhar a autonomia e a busca por seus direitos, entendendo como opera a desigualdade no Brasil. Com isso, a FREJUNA também rediscutiu o cenário geral e viu que “é importante tentar imprimir o

sentido de coletividade na coisa, fortalecer esse trampo em mais mãos. [...] Avaliar como denunciar os ataques que a Andrielli tem sofrido inclusive nas inquisições que fazem.” (FREJUNA, 2021g – 25/09/2021).

Em setembro, a FREJUNA se reuniu nos dias 18 e 25 para debater sobre as possibilidades de trabalho neste período, compreendendo que as tarefas de acompanhamento do caso de Andrielli e Suzi exigiriam bastante energia, principalmente se pensando na organização de atos de apoio. Por outro lado, constatou-se que outras pautas talvez não exigissem tanto e pudessem ter também um acompanhamento destacado, com boa estruturação da frente para dar conta de suas tarefas e trabalhar coletivamente. Com isso, decidiu-se verter o foco à construção da própria frente e da Marcha da Consciência Negra de 2021, entendendo-se também que “a perspectiva pra qualquer trabalho é isso de formação, debate conjuntural e trabalho de agitprop [agitação e propaganda] em torno das nossas pautas” (FREJUNA, 2021g – 25/09/2021). E, ainda, foram destacadas pessoas para acompanhar os trabalhos junto ao Quilombo Vidal Martins; à Ocupação Marielle Franco; à Escola Livre Ubuntu; à Casa de Passagem no Terminal de Integração do Saco dos Limões (TISAC); à COMCAP; à Sala Quilombo da UFSC; à Escola Antonieta de Barros; e, de forma mais sutil, às movimentações contra o caso de racismo na UDESC e às batalhas de rap.

Os encontros também serviram para recapitular os principais elementos da conjuntura recente, especialmente em Florianópolis, com forte preocupação acerca das movimentações truculentas dos governos municipal e estadual contra as parcelas trabalhadoras e pobres do povo. Destacou-se as agressões da PM e da Guarda Municipal de Florianópolis a grevistas da COMCAP, como parte do atropelo promovido por Gean Loureiro sobre o serviço público e os direitos trabalhistas, ignorando a inconstitucionalidade dos atos e terceirizando e precarizando tudo que fosse possível. Em consonância, a situação difícil de trabalho das próprias pessoas contratadas pela terceirizada, sem proteção e equipamentos adequados, e com o povo sofrendo no Norte da Ilha de Florianópolis. Ademais, foi consenso a importância de se divulgar e buscar construir os atos em apoio à COMCAP. E, somando à discussão sobre o movimento popular, a frente também decidiu buscar acompanhar as movimentações da Ocupação Anita Garibaldi, no bairro Capoeiras, para tentar ver como apoiar mais adiante.

Mais ao fim do ano, outra movimentação relevante da FREJUNA se deu na participação em uma atividade realizada pela equipe da Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva, no bairro Estreito, em Florianópolis. Nesta, duas pessoas da frente se propuseram a discutir acerca do 20 de novembro, apresentando a estudantes os dilemas, desafios

e riquezas da afirmação da consciência negra. O relato de uma das militantes retrata bem o teor do espaço:

a gente acha que tem que melhorar muita coisa, com certeza, mas o jeito como a gente voltou naquele dia... é difícil falar isso... é um sentimento muito específico de quando você milita. É aquele vislumbre do real. Ele dura alguns momentos, que é o que te emociona totalmente. De tu falar assim: 'é isso! É isso aqui, é agora, é essa transformação aqui, que é constituída desse tipo de trabalho de base', e que quando toca nas pessoas, quando toca na gente, a gente percebe. Porque a forma de atuação política é tentar enxergar os mecanismos de destruição do nosso povo, e ela é sentir uma coisa objetiva: 'cara... tem uma coisa errada com a nossa sociedade, não precisava ser assim', e tentar viver pra mudar; 'não precisava ser assim'. E quando a gente tem um trabalho real, dá um passinho, essa perspectiva nos enche de fôlego, ela nos renova e ela lembra o nosso compromisso com a transformação. A coisa da perspectiva que é possível destruir o capitalismo... cientificamente falando, mas assim, é mesmo possível destruir o capitalismo. Mas a gente só sabe disso ao fazer, ao fazer no cotidiano. (KOSCHNIK, 2021)

No que tange às alterações na composição da militância da FREJUNA nesse processo de reorganização, também houve entrada ou saída de outros grupos organizados ou de militantes independentes ao longo das reuniões seguintes. Em setembro, a organização política Subverta e um militante independente passaram a integrar a FREJUNA. Ainda, a participação do NEN, desde a reorganização, ficou mais restrita a um acompanhamento, assim como de outro militante independente e do MNU⁶⁶, e mesmo da Subverta, a partir de outubro. Das 3 integrantes do Coletivo Magali, uma se manteve, uma saiu do coletivo pela mudança de faculdade (mas seguiu na FREJUNA), e outra não construiu mais a frente. Desse modo, desde outubro, enquanto militância com caráter ativo na frente, restaram 3 militantes da JCA, 1 do Coletivo Alicerce, 1 do Coletivo Magali e 2 independentes.

Esse militante independente recém-ingresso, Lucas Guari, também traz em entrevista a esta pesquisa uma contribuição importante de se destacar para nossa análise do acolhimento propiciado pela FREJUNA, apesar das debilidades citadas acima. Para o militante, sua trajetória sempre foi muito marcada pela ausência do debate e da presença de pessoas negras em seu entorno, tendo como possibilidade de luta algo sempre muito difuso, mal interpretado ou não acolhido. Em contato com a FREJUNA, entretanto, é que passou a perceber que suas ideias não eram absurdas, que não era tão difícil de o compreender, e que não precisaria mudar seu jeito e

⁶⁶ Com isso, demarcando um interesse ainda muito modesto em manter a unidade, mas sem razões explicitadas. Em nossa leitura, compreendemos que isso não resulta, ao menos não centralmente, de uma dificuldade de disponibilidade, mas sim de descrença ou de descompassos outros no tocante à relevância que o movimento atribui à FREJUNA, tanto para construção de diálogos com seu projeto político quanto de articulação do próprio MN. De todo modo, é destacável a relação fraterna e o respeito entre a frente e o MNU – que corriqueiramente é considerado como apartado desta, por sinal, como sintoma do distanciamento –, o que possibilitou alguns dos importantes trabalhos nas ruas em que o MNU esteve presente.

bandeiras para construir a luta. Lucas comenta que a frente foi um espaço, de início, em que buscou acolhimento, mas também em que viu espaço para o debate, para trazer mais qualidade e solidez às suas ideias, e encontrar, coletivamente, o sentido da luta, tendo proveito em sua trajetória (GUARI, 2021). Logo, vemos um caso que retrata bem o propósito da frente.

Aprofundando mais um pouco a discussão sobre a reorganização e o perfil que predominou na FREJUNA ao segundo semestre de 2021, faz-se fundamental o destaque à militância das mulheres da frente, sempre à dianteira, mas especialmente neste momento. Em meio aos conflitos já analisados sobre a relação das mulheres negras com o MN e o movimento feminista, é interessante pontuar a análise coletiva das entrevistadas de que, na FREJUNA e nos agrupamentos que a compõem, é possível se colocar, firmar suas presenças e opiniões, e intervir de forma a não se sentirem violentadas (SOUZA, 2021), seguindo muito dos acúmulos e explicações de Lélia Gonzalez.

Este é um diferencial significativo da FREJUNA, por conseguir compreender e abarcar estas mulheres que têm agregado aos diversos espaços em que atuam (ibidem), mais do que lhes dar um espaço por mera representatividade, e isso por poderem se construir politicamente entendendo que devem ter espaço para atuar onde bem entenderem, constituírem novas iniciativas, elaborarem e executarem políticas a partir do que pensam, sentem e têm a qualificar junto às demais pessoas, o que se expressa inclusive nas prioridades políticas elencadas pela frente, como o caso de apoio à Andrielli (KOSCHNIK, 2021). “Desde nossas pautas até como a gente se organiza internamente, nossa constituição e aquilo que a gente leva pra fora, inclusive” (ibidem). Amanda Koschnik traz, ainda, que

poder aprender dessa forma é fundamental, também. E o acúmulo do feminismo negro pra constituição das mulheres negras que militam é fundamental. [...] Tivemos muitas mulheres que avançaram além desse diagnóstico ‘precisamos de mulheres na política’. A gente precisava, a gente precisa valorizar as que se formaram nesse bojo de luta, inclusive partindo de uma necessidade objetiva da gente pensar nossos problemas. A Audre Lorde, por exemplo, falava justamente sobre isso: ‘eu, enquanto a mulher negra, lésbica, tenho que... é da minha conta a luta do outro; e é da luta dos homens negros o direito das mulheres negras; dos héteros’. Uma perspectiva inclusive interseccional, que vê muito da tradição das feministas negras de dar um passo, entender essa interseccionalidade em relação às opressões, e entender que a nossa luta tem a ver com tudo isso. Então é muito importante assim também olhar pro lado e ver que a gente consegue debater dentro da FREJUNA de uma forma a fazer as nossas disputas. É um espaço em que aqueles que se sentem aproximados, inclusive, se sentem aproximados nesta perspectiva, de ver sempre uma mina no microfone, apresentando, organizando a reunião, fazendo chamado... então já sabendo a constituição da FREJUNA naquele momento. E a importância também do trabalho coletivo de ser dividido, e isso como uma experiência, que ali também tem a ver com igualdade, mas tem a ver com acreditar no potencial militante de cada um e cada uma, então vejo que isso também é bastante dividido, distribuído, e isso é fundamental pra

superação de vários vícios, inclusive, que a coletividade nas organizações políticas reproduz o tempo todo. (KOSCHNIK, 2021)

Essa intervenção e destaque das mulheres da FREJUNA, aliás, foi importante para a articulação de trabalhos junto ao DCE Antonieta de Barros, da UDESC. Como destaca a diretora geral da entidade, Gabriela Buffon (2021), há uma relação importante entre as militantes mulheres de ambos os agrupamentos na construção política, o que se expressa nas diversas lutas travadas no movimento popular de Florianópolis, mas também em situações específicas como a atividade organizada pelo DCE UDESC sobre o mês da Consciência Negra, em que uma atual e uma ex-militante da FREJUNA fizeram falas de abertura em uma roda de conversa sobre a conjuntura nacional, a situação da universidade e a luta em defesa das ações afirmativas na UDESC. Estes trabalhos, segundo Buffon, apresentam potencial para novas pontes e parcerias, muito necessárias ao movimento estudantil da UDESC, que enfrenta sérias dificuldades nas lutas em defesa dos direitos estudantis, principalmente das parcelas negras. Ademais, em ambos os grupos se destaca a agência das mulheres, o que fortalece a identificação destas enquanto importantes lideranças no movimento local.

Por fim, resgatando essa reorganização em termos mais objetivos e analisando o que prevaleceu em cada ano (ou seja, o “núcleo duro”, desconsiderando as flutuações de pessoas organizadas ou independentes), constatamos a continuidade de forma ativa, especialmente, de JCA e Coletivo Alicerce. Em 2019, tinha-se 2 militantes da JCA, 3 do Coletivo Alicerce, 2 do NEN, 4 do CNMO, 1 da EducAfro, 2 do MNU, 1 do PSTU e 1 militante independente. Nesta contagem, 1 militante integrava o Coletivo Alicerce e o NEN, simultaneamente. Para 2020, não houve uma grande perda de militantes, mantendo-se as quantidades de JCA, CNMO, Coletivo Alicerce e NEN (considerando também o militante que atuava em ambos grupos), mas com a retirada da militante da EducAfro e o distanciamento do MNU; por outro lado, 3 militantes do Coletivo Magali entraram para a frente. Assim, podemos ver alterações, mas um abalo ainda não tão forte sob o contexto de início da pandemia, considerando também que se tinha maior referência e ânimo pela atuação presencial que se desempenhara em 2019.

Na primeira parte de 2021, como já tratamos, o cenário se complicou. No que concerne diretamente à composição da frente, houve o distanciamento de 1 militante da JCA, 1 do Coletivo Alicerce e 2 do CNMO. O Coletivo Magali manteve suas 3 militantes, e uma delas se organizou também no CNMO. Por fim, no contexto de reorganização, em 2021, houve o retorno da militante da JCA outrora distante, assim como o ingresso de mais uma. Coletivo Alicerce e Coletivo Magali passaram a ter apenas 1 pessoa cada atuando na frente (considerando que uma militante, que seguiu na FREJUNA, trocou de graduação e, nesse processo, saiu do Coletivo

Magali). Então, o cenário final do ano passou a contar com essas pessoas organizadas e mais 2 militantes independentes em atividade. Ademais, houve 1 militante da Subverta acompanhando a frente até outubro e 1 do NEN a partir de novembro, tal qual 1 militante do MNU e 1 outro militante independente presentes no grupo, mas sem intervir.

Outro elemento quanto ao perfil da frente que se destaca por todo o período estudado é a predominância da intervenção de pessoas do grupo LGBTQ+, e que a maior parte da militância ainda estuda ou se formou na UFSC nos últimos anos (mas em 2019, em momentos de 2020 e na reorganização ao final de 2021, a FREJUNA também se fez presente na UDESC). Isto, como já discutido anteriormente, como nas contribuições das pessoas entrevistadas, muito tem a ver com o espaço de intervenção da FREJUNA e o tom de acolhimento que propicia à juventude local, com suas referências no movimento estudantil e de mulheres à frente das lutas.

3.4. A CONSTRUÇÃO DO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DE 2021

Na sequência do processo de reorganização e atualização das tarefas da FREJUNA, a militância da frente passou a discutir os trabalhos relacionados ao mês de novembro e ao Dia da Consciência Negra, 20/11. Sob o êxito na realização das marchas de 2019 e 2020, e de diversos atos de rua importantes mesmo em meio à pandemia, o debate na FREJUNA foi canalizado a pensar “por que marchar?”, para se esboçar as pretensões da militância quanto ao conteúdo e à organização da Marcha da Consciência Negra de 2021. Com ponto específico na reunião de 18/09, conseguiu-se afinar a discussão sobre a importância do resgate das experiências anteriores como forma de aglutinar tanto a militância negra mais jovem quanto a velha guarda, propiciando que a cada reunião as pessoas pudessem colocar a mão na massa e se envolver na construção do evento.

No tocante ao conteúdo, às razões para marchar, é interessante destacar trechos da discussão na frente, que trazem um grande conjunto de pautas:

a questão dos 600 mil mortos; o recrudescimento em relação ao governo federal e o flerte fascista e autoritário de Bolsonaro, que vem lançando suas iscas. Não adianta só falar ‘Fora Bolsonaro’ e achar que o sentido dado é o mesmo do campo democrático-popular, pensar nas eleições só. A questão dos imigrantes segue complicada, e seria importante articular com esses grupos. As transformações no mundo do trabalho, precarização, paralisações que foram feitas. Reformas num geral, como a da previdência. Educação e evasão. Ensino híbrido. COMCAP. Jovens assassinados. Andrielli e Suzi. Intolerância religiosa. Pessoas trans. Territórios. [...] Desmonte das políticas, assistencialismo em Floripa com a [Fundação] SOMAR⁶⁷. Fome, insegurança

⁶⁷ Fundação cuja autodescrição no perfil da rede social Instagram caracteriza como “rede solidária que conecta os cidadãos às Organizações da Sociedade Civil de Floripa para voluntariado e doações” (SOMAR, s.d.). É articulada à prefeitura de Florianópolis, com atuação inclusive da companheira do prefeito, sendo também

alimentar. Desemprego, informalidade. Trabalhadora doméstica, repaginação colonialista... trazer os nomes, como do menino Miguel, da trabalhadora que se jogou do prédio pra fugir da patroa, esses casos todos. Estamos falando de crianças e mulheres negras, que têm nomes, e precisamos destacá-los também. [...] Precarização, informalidade; carteira verde-amarela. Carestia, fila pra ganhar osso. Manaus foi um teste com a questão da imunização de rebanho e com a crise hidrelétrica; questão do meio ambiente, relação predatória que vivemos sob o capitalismo e sua tentativa de manutenção. Transporte sem cobrador.

É o acúmulo que temos há tempo e que temos colocado nas ruas já esse ano. A gente tem o lema 'É o sistema que tem que mudar. Vida digna para o povo negro!', tem os panfletos do 13M e material do 29M... essa marcha é pra canalizar essa denúncia, essa revolta que a gente veio construindo, agregando os casos mais recentes, elementos que tão mais gritantes, e tendo o lema pra dar a tônica pra nossa construção. Traz a dimensão totalizante da nossa luta, e é importante resgatar o particular também, aliando ao geral. E aí o destaque da fome/insegurança alimentar, da violência policial e da fascistização do Estado, essa caracterização sobre o recrudescimento, o fechamento do regime, é fundamental. (FREJUNA, 2021f – 18/09/2021)

Diante de tantas questões, razões, inquietações, constatou-se também que o trabalho de construção da marcha seria duro, mas se firmou um compromisso de, mesmo com pouco tempo para garantir todas as articulações, tentar fazê-lo acontecer. Assim, foi marcada uma próxima reunião para pensar o trabalho de articulação, o lema, os eixos e a organização geral para a marcha (calendário, comissões), e então fechar o teor da discussão proposta para a primeira reunião ampliada, que seria convocada presencialmente para 09/10.

Aprofundando a discussão sobre a organização da Marcha da Consciência Negra de 2021, foi acumulado que “precisa aparecer uma apresentação do que é a FREJUNA; vão aparecer pessoas que já nos conhecem, e outras que não. É importante a gente se mostrar como quem tá pra além da construção das marchas também, pra além de novembro” (FREJUNA, 2021g – 25/09/2021).

Assim, elaborando acerca da primeira reunião, de chamado ao conjunto do movimento popular, entendeu-se que a melhor forma de condução seria trazer o debate do porquê de se marchar em 2021 como foco; recapitular os episódios e cenários centrais do ano, o que está acontecendo com o povo negro de Florianópolis, de Santa Catarina, do Brasil e do mundo. E, ainda, construir um espaço acolhedor; ter um momento de apresentação sobre o que é a frente e sua experiência até então, e outro ponto sobre as razões para marchar, sendo essas falas iniciais da FREJUNA construídas coletivamente e previamente.

Viu-se também como importante a garantia de alguns contatos específicos com indivíduos e setores do Movimento Negro, tanto na articulação inicial quanto para a divulgação

marcada por uma série de denúncias do movimento popular local pela política assistencialista que empenha, tal qual suspeitas de uma série de irregularidades em suas ações, segundo lideranças populares.

posterior, rememorando o trabalho com escolas de samba, secundaristas, comunidades etc. em 2019, e agora se pensando em focar no Quilombo Vidal Martins e nas comunidades – não excluindo os demais territórios, mas priorizando quem a frente vinha conseguindo acessar mais e construir mais de perto a luta. Também se considerou sobre o chamado a entidades sindicais, estudantis, e na garantia de condução dessa reunião possivelmente bastante ampla pela FREJUNA, resgatando os acúmulos das outras marchas sobre se divulgar a atividade sempre sob idealização desta frente, como nos materiais gráficos, de modo a buscar evitar debates extenuantes.

Outra preocupação da militância da frente foi sobre a participação de pessoas não-negras nesta construção, entendendo que articular com uma variada gama de setores do Movimento Negro e do movimento popular era importante, mas que se focaria em convidar as pessoas e movimentos negros a se somarem na primeira reunião de construção da Marcha da Consciência Negra de 2021. Assim, pessoas não-negras não seriam proibidas de participar; eram convidadas, inclusive, se representando alguma entidade interessada em se comprometer com a construção junto à FREJUNA e na tradição política que se tem de legado. De todo modo, também era necessário pensar tanto a questão de uma melhor organicidade da reunião quanto do cuidado sanitário; assim, sob a escolha de fazer o encontro de forma presencial, precisar-se-ia limitar a quantidade de participantes e buscar um lugar arejado.

Outros pontos de resolução da frente se deram em relação a aspectos encaminhativos: a pauta deveria ser estritamente focada na construção da marcha, ainda que se pudesse levar informes de outras atividades. Também definiu-se que seria aquele o momento de encaminhamento das questões organizativas mais gerais, dando o pontapé no trabalho das comissões e na elaboração de um calendário, pensando em 09/10 (para acolhimento, estruturação (comissões, calendário) e debate político geral), 23/10 (para se pensar estrutura/organização da marcha em si, formas de mobilização) e depois 06/11 (para amarrar as questões finais), com 3 reuniões ampliadas, e reuniões intercaladas ainda da FREJUNA e das próprias comissões.

Essas propostas, contudo, seriam meros indicativos, uma vez que se tinha o objetivo de se construir as coisas no espaço ampliado, com a militância negra se vendo em ação, disputando as pessoas para uma reflexão parecida com a já elaborada na frente, que deveria estar aberta a aprimoramentos. Assim, as próprias ideias pensadas na frente sobre se criar 4 comissões (finanças e estrutura; comunicação e articulação; mobilização e agitação; formação) e elencar tarefas como organização de panfletagens, de roteiros de apresentação da proposta de marcha em diferentes territórios negros e de uma carta e um panfleto sobre a marcha estariam

em aberto, assim como o lema, pensado como “É o sistema que tem que mudar! Vida digna para o povo negro!”.

A ideia de concatenação de reuniões para a construção de mais uma marcha, todavia, fez-se frustrada. Devido a problemas de organização interna à FREJUNA para realização de um chamado com antecedência para a reunião de 09/10, assim como poucas confirmações de participação de pessoas externas com a mudança que se fez da reunião para o dia 10/10, a frente resolveu adiar o primeiro encontro. Em reavaliação do encaminhamento sobre a marcha, primeiro via grupo de WhatsApp, e depois em reunião no dia 14/10, a FREJUNA constatou que a organização do evento, então com prazo mais apertado, mesclava-se ainda a outras preocupações: nacionalmente, a Campanha Fora Bolsonaro indicara a realização de atos no 20/11, refletindo então nas FFB catarinense e da Grande Florianópolis.

Com os acúmulos da FREJUNA até então, viu-se que, ainda que fosse importante demarcar nacionalmente a atenção a um trabalho vigoroso, em unidade e nas ruas no 20/11, a realidade do movimento popular de Florianópolis vinha sendo marcada por uma construção viciada dos atos puxados pela FFB, descolada das bases e com diálogo muito travado e por vezes hostil com setores como a própria FREJUNA (isso quando houve diálogo). Assim, o receio cresceu na expectativa de uma construção quase que protocolar, agregando palavras de ordem centrais ao povo negro (para além do Fora Bolsonaro) mas sem envolver este na construção em si do ato, e as puxando como centrais apenas no mês de novembro. Outras reflexões da frente foram acerca da composição das manifestações, com participação muitíssimo limitada das camadas negras periféricas, de comunidades, da base mais atingida pelas políticas que se denuncia nos atos, justamente pelo trabalho político prévio ainda ser defasado, não-representativo.

Desse modo, a FREJUNA acumulou que seria interessante organizar uma programação própria, diferente e independente da realização de um “ato Fora Bolsonaro” como os demais ocorridos no ano, convocando reuniões ampliadas, dividindo tarefas, projetando um dia de atividades culturais como foco, e o construindo ativamente com campanhas de mobilização prévias. Embora fosse de interesse comum uma grande mobilização das bases do Movimento Negro para a construção de um ato nacional Fora Bolsonaro que levasse em sua dianteira as demandas do povo negro, ou mesmo chamar tal construção na ideia inicial de Marcha da Consciência Negra, viu-se que o trabalho de disputa, mobilização e conscientização a se fazer ainda era muito grande (tendo sido dificultado, em certa medida, com os problemas e a exaustão legada pela pandemia), de maneira que outra atividade poderia agregar mais diante deste objetivo.

Assim, mesmo discutindo sobre tentar defender junto à Frente Fora Bolsonaro a realização de uma mobilização nas próprias comunidades, vertendo a estrutura mobilizada pela FFB para algo sob direção do Movimento Negro, ou sobre organizar um bloco do Movimento Negro no ato, a FREJUNA decidiu que tal tipo de ação não surtiria o efeito desejado. Logo, pensou-se em um novo momento de reunião para organizar este evento, abarcando um tempo hábil para preparação do chamado, divulgação nas redes e, ainda, de mobilização de diferentes militantes, entidades, coletivos e outros grupos do Movimento Negro da Grande Florianópolis para participarem, considerando ainda “a importância desses espaços coletivos e da garantia do lazer também, [...] com mais carinho e proximidade... [e que,] como muda nossa ferramenta de mobilização, muda [...] [a] construção da coisa” (FREJUNA, 2021h – 14/10/2021). Por fim, vale ressaltar a dinâmica interna à própria FREJUNA que se resolveu adotar: foi pensado em organizar a listagem desses grupos a se convidar diretamente no grupo de WhatsApp da frente, de modo a envolver também as pessoas que não puderam participar da reunião e a propiciar um apoio entre a militância para se lembrar de nomes que poderiam passar batidos.

Ainda antes da reunião ampliada, a FREJUNA voltou a se reunir para organizar melhor suas propostas ao movimento como um todo. Foram levantadas preocupações com as expectativas das diferentes pessoas para a reunião do dia 30 (como se esperassem a proposição de uma marcha, por exemplo), e ainda com as condições de se organizar a atividade cultural para o dia 20, tanto pela grande quantidade de eventos já elaborados por diversas comunidades periféricas, em diversos territórios negros, quanto pelo pouco tempo e pouca gente (ao menos até então) para organizar os trabalhos. Assim, foram trazidas mais algumas considerações sobre aliar a organização de um dia de cultura ao debate político acumulado pela frente durante o ano, perpassando da construção prévia ao cronograma, tendo início, meio e fim concatenados. Pautou-se novamente como uma atividade assim teria potencial de alcançar mais pessoas, de forma flexível, dialogável e pautando nessa construção a consciência negra junto das pautas mais gritantes. Um grande evento em unidade, que aproveitasse o saldo do dia 20 nas comunidades e se construísse com boa agitação e propaganda também.

Discutindo ainda sobre a atividade, sobre realizar ou não um momento de roda de conversa junto às atrações culturais, acumulou-se que seria interessante estabelecer discussões sobre os conflitos atuais na cidade, as lutas da COMCAP, no setor da educação, da cultura, sobre saúde sexual e reprodutiva; abrir um diálogo para além do panfleto, pautando as políticas (e a falta de políticas) do governo Gean sobre fome, insegurança alimentar, restaurante popular, como base acumulada na FREJUNA e coletivizada para além de conversas paralelas no dia, possivelmente com uma roda de conversa e durante as panfletagens prévias também.

Em meio a dúvidas sobre o formato de roda ou não, prevaleceu o entendimento que um espaço específico para se colocar para fora as angústias, compartilhar, pensar política e trocar também desabafos e afetos seria importante, como forma da juventude negra se ver, alcançar outros espaços e trabalhar coletivamente sua organização, pensando seus problemas enquanto povo. Assim, trabalhando um espaço também de acolhimento, superando vícios e estigmas de que discutir e divergir é ruim, de que espaços assim têm que ser engessados; construí-lo sob uma perspectiva de integração e diálogo ativo, com abertura também para percalços e esvaziamento, pela dificuldade de mobilização colocada nessa conjuntura. Com esse aporte de discussão, deliberou-se por propor na reunião de 30/10 que a atividade em unidade do Movimento Negro ocorresse no dia 27 de novembro, entendendo também que a luta não se resume ao dia 20/11.

Chegada a reunião ampliada, após a apresentação das pessoas, a FREJUNA conduziu a abertura do encontro. Com base na discussão da reunião da frente, tratou-se

1) de onde vem a FREJUNA, nesse sentido de apresentar de onde vem nossa forma diferente de pensar a construção de mobilizações, manifestações, agendas políticas para o movimento popular que vêm a partir do nosso entendimento das demandas do povo negro, dessa construção coletiva e desde as bases; trazendo o histórico da FREJUNA, que fizemos as marchas, os atos antirracistas, e a delicadeza que essas construções trouxeram no sentido que vinham muitas coisas atravessadas, mas tivemos firmeza na elaboração política para aquilo, no trabalho coletivo, em unidade com diferentes setores, e aí colocamos a coisa na rua com a política certa.

2) de reforçar como é caro pra gente compreender as construções desde nossas bases, e que por isso entendemos que não é com uma atividade viciada como o ato Fora Bolsonaro construído sem diálogo com o MN, sem contato com as bases, que vamos conseguir ecoar essa revolta do povo negro, esse posicionamento na construção política da nossa cidade; pensar que nosso foco é justamente dar espaço e impulsionar as diferentes mobilizações, e ao mesmo tempo trabalhar em unidade, por isso esses dois momentos de visibilizar, apoiar, divulgar, arranjar estrutura e participar das diversas atividades nas comunidades (dia 20), e depois construir algo que dê essa cara de unidade, da ação corriqueira da FREJUNA também, que consiga congregar os nossos e fazer um bom dia de manifestação, confraternização, de posicionamento frente ao que estamos vivendo. (FREJUNA, 2021i)

Sob o pontapé da FREJUNA, foram trazidos também informes de que, no dia 05/11, a Coordenação Operativa da FFB – Grande Florianópolis se reuniria com o objetivo de decidir sobre a realização do ato no dia 20, já com interesse de construção junto do Movimento Negro, que nacionalmente, em fóruns diversos, também havia acumulado pela construção de atos no dia 20. Acerca disso, discutiu-se no encontro, com uma série de falas, os limites das construções puxadas pela Frente Fora Bolsonaro, em mesmo tom da crítica da FREJUNA.

Também, entre outras coisas, pautou-se a importância de se calibrar o possível ato do dia 20 sob as pautas do povo negro, desde a construção (com mobilização nas comunidades) até o lema e bandeiras, tratando da garantia dos direitos básicos e da defesa da vida digna em diversos âmbitos. Ainda, encaminhou-se que a construção do ato do dia 20 não seria coletiva, da militância negra ali reunida, mas sim de iniciativa individual das pessoas interessadas, que tratariam dessa manifestação junto à FFB Grande Florianópolis. Já acerca da atividade do dia 27, deliberou-se pela construção em unidade, encaminhando outra reunião para 06/11.

Figura 19 – registro da reunião de preparação do Dia da Consciência Negra (2021)



Fonte: acervo particular do pesquisador.

Em encontro no dia 01/11, a FREJUNA fez a avaliação de que, sob tensionamentos evidentes, procura de diferentes partidos em puxarem o foco à organização do dia 20 e divergências entre a frente sobre como encaminhar algumas questões, a intervenção na reunião, o direcionamento e o acúmulo sobre o dia 27 deixaram a desejar. Com isso, teria prevalecido um espírito de a FREJUNA também ter responsabilidade acerca da construção do dia 20, com o encontro (que tinha outro foco) tendo sido utilizado para fazer crescer a pauta de setores que, antes, não se dispuseram a dialogar e construir com a frente; e, assim, gerou-se também forte incômodo à sua militância.

O debate desta ainda recapitulou que havia, de início, intenção em fazer um ato ou marcha; entretanto, que foi pela falta de gente, de disposição de outros setores à construção conjunta, que a proposta não foi adiante, sendo uma avaliação triste e sincera das condições

reais da FREJUNA. Ainda, com a atitude aparentemente oportunista que se sucedeu, a frente refletiu ainda sobre o peso dessa postura estar muito ligado, também, ao fato de ser difícil se propor à construção que essa frente representa; a pautar, disputar, forjar essa unidade e dinâmica de trabalho coletivo. Também que, nessa esteira, a FREJUNA não tomaria a dianteira da construção do ato do dia 20, compreendendo ainda que isto não significava abandonar a luta pelo Fora Bolsonaro ou sequer o marco do Dia da Consciência Negra, não cabendo cobranças morais, porque a FREJUNA se lançaria ao incentivo das atividades nas bases, populares.

Já em relação às motivações da reunião ter sucedido de tal forma, pontuou-se ainda sobre a falta de encontros e reuniões no Movimento Negro, que evidenciaram muitas questões represadas que não puderam ser devidamente debatidas. Ainda, que com a chamada inicial para reunião no dia 10, sob a ideia de “marcha”, as questões ficaram confusas, e boa parte compareceu com essa expectativa; ainda mais sem se ter indicado no chamado para a reunião do dia 30 que a proposta de trabalho seria para o dia 27. No geral, debateu-se a falta de organização coletiva para as discussões, apesar da vontade. Nisso, também a FREJUNA se viu mal preparada para algumas disputas, tendo uma política geral, mas não antecipando algumas das possíveis mediações de forma mais fina. Percebeu-se também que muitas pessoas foram sem preparar ou acumular coletivamente nos diversos grupos presentes qual poderia ser o melhor encaminhamento, de modo que se dificultou a construção coletiva e a sustentação de alguns pontos.

Neste cenário, a FREJUNA viu a importância de reforçar seu encaminhamento de que, enquanto frente, não puxaria a atividade do dia 20, mas sim fortaleceria o trabalho nas comunidades. E, assim, organizou os trabalhos de forma a verter todos os esforços e debates, inclusive na formulação sobre o encontro ampliado do dia 06/11, para a atividade do dia 27. Desse modo, também conseguiu avançar em proposições, entendendo como fundamental realizar o evento no período da tarde, para aglutinar as pessoas recém saídas do trabalho. Foram levantadas ideias sobre teatro, material audiovisual, oficinas de grafitti, de passinho ou outra dança; organização de uma alimentação que não fosse paga, provendo sanduíche e água. Pensou-se em construir as atividades em crescente de agito, indo capoeira para a roda de samba, depois show, bateria, apresentação de rap, finalização com Disc Jockeys (DJs). E também em se passar listas para recolher contatos e manter diálogo com as pessoas participantes.

Outras ponderações foram sobre a necessidade de se ter calma nas elaborações, considerando o pouco tempo e o tanto trabalho, e ainda mediações com a polícia. Também, sobre o debate político para a roda e para o lema do dia cultural, pensou-se em discutir o lugar da juventude negra no sistema capitalista, debater temas desde a concepção equivocada que se

passa com “pretos no topo” até as lutas recentes da cidade; e discutir sobre se ocupar a cidade, o calendário (não resumindo a luta ao dia 20), fazendo ecoar a revolta, fortalecendo uma mobilização que pautasse que consciência negra é arte, cultura, lazer, direito à cidade, e que isso é organização política, é tomar as ruas para lançar as demandas da juventude negra. Por fim, acumulou-se sobre realizar a atividade em espaços como o Largo da Alfândega, a pista de skate da Costeira, a Escadaria do Rosário ou o calçadão da rua João Pinto.

O encontro do dia 06/11 foi embalado pela mesma discussão, alcançando diferentes entidades, militantes e iniciativas comunitárias que queriam desenvolver um dia cultural que ressaltasse seu caráter político, também. Assim, foram trazidas ideias sobre a realização de oficinas como forma de educação não formal, de resistência e integração, como na proposta de uma oficina de jongo, pensando em alcançar a juventude periférica de forma política e cultural, em um momento de reencontro com suas raízes afro diaspóricas. Pontuou-se, ainda, a importância do debate sobre o que é ter consciência negra e a responsabilidade dessa juventude que se reúne estar viva e lutar por quem já se foi, está aí ou virá, abarcando as pautas da educação, da saúde, da luta por dignidade em geral.

Pensou-se também sobre a garantia de alimentação, banheiros químicos, equipamentos para as apresentações, transporte para pessoas das diversas comunidades, e uma programação que se estendesse das 14h às 23h, realizada no Largo da Alfândega. Sobre o local, o elemento central para definição que se indicou foi a possibilidade de realização de múltiplas atividades concomitantemente, mas houve ainda a preocupação em ser um espaço mais visado pela polícia e os riscos da costumeira repressão por parte desta. A reunião encaminhou a criação de comissões de comunicação, para a divulgação e ofícios; estrutura/articulação, para pensar as atividades, cronograma e convites; mobilização, para organizar as panfletagens; finanças, para tratar da arrecadação e das demandas burocráticas. Ademais, apontou para novo encontro em 13/11.

Na reunião seguinte, em que se esperava maiores repasses das comissões, pouco havia sido organizado. Algumas atrações foram confirmadas, como a oficina de jongo; MCs para pocket shows; grupo para apresentação de samba de coco e batalhas de rap. Contudo, faltava ainda um nome para a atividade, que viesse na ideia de integração, ressaltando o encontro, a cultura e a resistência. A proposta aprovada foi “Agita Negritude! Encontro, cultura e consciência”, e ainda se indicou usar expressões locais como “ó-lho-lhó” e “chama”, e o lema “é o sistema que tem que mudar” nos cards de divulgação da atividade. Por fim, foi marcada uma nova reunião para o dia 18/11, em que o panfleto deveria estar pronto, mais atividades organizadas, o cronograma montado e as propostas de panfletagens esquematizadas, tendo já a

ideia de divulgação durante o ato Fora Bolsonaro de 20/11 e em mais um ou dois momentos na semana do evento.

Neste último encontro de organização, conseguiu-se a confirmação de alguns trâmites burocráticos, realizados pelo NEN junto ao mandato da Coletiva Bem Viver, da CMF; e ainda se tinha o panfleto pronto, faltando a confirmação de cronograma. A preocupação geral se deu com o andamento das comissões, que contavam com cerca de duas pessoas ativas em cada, de modo que ainda havia muitas tarefas como: organização do cronograma, do lanche, do espaço para crianças; contrato do som, iluminação, banheiros químicos; e, principalmente, a arrecadação financeira para realização destas. Com isso, decidiu-se encaminhar novas divisões de tarefas no grupo de WhatsApp, de forma mais coletiva, e outras pessoas do NEN e da JCA se somaram aos trabalhos, garantindo a arrecadação e questões de comunicação e lanche.

Foi possível organizar material de explicação da atividade (panfleto com texto e cronograma), assim como resolver as questões de estrutura mudando para a Escadaria da Ubro, resultando na viabilização da programação repleta de atrações interessantes. Além da discussão conjuntural, o panfleto reunia a explicação da atividade e o chamado desta forma:

Esse dia cultural é construído na ideia de que encontro, cultura e consciência negra não se resumem ao 20 de novembro. Se por um lado nossos territórios e dias históricos são símbolo da força e da luta histórica de nossa gente, também nos apontam a tarefa de ocuparmos cada espaço e momento, batalharmos para superar as barreiras dessa ordem capitalista, de exploração, e trilharmos o caminho para a emancipação do povo negro e de toda a humanidade.

O ‘Agita Negritude’ vem da vontade de estar junto, dialogar e construir ações coletivas que façam frente aos problemas que enfrentamos. Queremos fazer desse momento de encontro, de troca de energia, afeto e conhecimento, um combustível para seguirmos na luta agora e nos dias que virão!

Afirmando nossa história e construindo nosso futuro, pensamos em um dia de arte, cultura e integração, para ganhar o centro de Floripa com toda a potência revolucionária da negritude! (FREJUNA, 2021j)

Devido a esse salto de organização às pressas, nos quatro dias imediatamente anteriores ao evento, este ocorreu com sucesso. Com mais de 100 pessoas passando pela Escadaria da Ubro, o local foi ocupado das 14h às 22h com muita arte, cultura, música e integração, resgatando também o sentido da unidade do povo negro na luta contra o racismo sob diversas formas. A atividade intercalou apresentações e comentários da equipe organizadora sobre a importância do evento, e também foi possível providenciar lanches e água gratuitamente, tudo sob organização da militância empenhada com o encontro.

Assentando com firmeza a proposta inicial, o “Agita” deixou a marca da alternativa de trabalho, discussão, integração e luta que a FREJUNA apresenta à juventude negra e ao

movimento popular florianopolitano em geral: mais do que uma soma de partes soltas – sejam elas apresentações em um dia cultural, ou outras ações outras empenhadas pela frente –, materializou-se novamente, de forma ampla e pública, o que se anuncia sobre a unidade como construção coletiva e preocupada com o todo, tendo por base o apoio, a confiança, a abnegação. Assim, a nova proposta de evento se mostrou como um acerto político da FREJUNA em olhar com cautela e seriedade às condições de sua militância, neste desenrolar de seu processo de reorganização, projetando novas tarefas que pudessem também aglutinar a juventude negra, aproximar contatos e fortalecer a luta construída diariamente.

Figura 20 – registro final da FREJUNA e pessoas apoiadoras no “Agita, Negritude!”



Fonte: acervo particular do pesquisador.

Em complemento a esta avaliação, ressaltamos as contribuições de outras figuras envolvidas na construção. Para Geovana Mota (2021), representante da Batalha C.R.I.A., o “Agita, Negritude!” muito dialogou com o que deve ser a proposta do MN de Florianópolis, pautando o contato entre as pessoas, o encontro, articulando os diversos trabalhos que são desenvolvidos nos diversos territórios e fortalecendo a ação coletiva. A militante traz que, de modo geral,

essas mobilizações organizadas pela FREJUNA têm características muito específicas; a gente sabe quais foram os atos organizados, e foram muito bem organizados. Tiveram ali as pautas sempre muito bem debatidas, muito bem pautadas nos atos, e muito simbólico. Acho que o ‘Agita’, pelo menos, é muito simbólico; a gente colocar a galera negra celebrando a vida num momento tão

difícil, né; a gente ter atos também que tão sempre ali mobilizando muita gente, e mobilizando de uma forma bem animada. E eu acho isso bem simbólico, bem importante, pra marcar mesmo a presença da população negra em Florianópolis; pra colocar essa visibilidade nesses atos. Eu acho que principalmente o 'Agita', pra mim, ficou bem marcante, por conta desse encontro todo, e dessa questão de ter sido no centro, no meio de um local que a gente tá sempre sendo empurrado, um espaço em que a gente é marginalizado. Acho que ali mostra pra gente o quanto a FREJUNA é um movimento essencial em Florianópolis. Não é cabível uma capital com uma construção tão grande da população negra, com uma cultura tão forte, tão presente, não ter um Movimento Negro organizado a partir da própria auto organização assim, politicamente. E aí também a gente consegue perceber não só a importância desse movimento tá organizado, mas também dele tá organizado em prol da população. Então ali era um evento que a gente tava fazendo pra população negra, então ali a gente viu que a gente tinha uma preocupação com os participantes, assim como era nos atos. [...] Eu percebi bastante, nos atos, assim, a participação de várias pessoas, mas principalmente pessoas que a gente muitas vezes não vê nas discussões políticas; mas que tavam ali nos atos, que foram, que fizeram falas, que tavam presentes. E aí muitas vezes também pessoas que a gente não costuma ver nesses espaços políticos né, [...] e como a gente faz esses outros atos pra essa população, pensando e se preocupando com quem tá ali realmente vivendo isso tudo no dia a dia de Florianópolis, parece que a gente consegue ter uma participação maior; essas pessoas que muitas vezes não tão nesse cenário político, ou pelo menos não têm a possibilidade de estar. E aí eu acho que tá a principal importância desses movimentos todos, tanto marcar presença da população negra em Florianópolis, como movimento organizado, que já deveria ser grande, deveria ser bem estabelecido, tendo em vista todo o histórico dessa cidade; mas que a gente tá vendo que tá conseguindo, aos poucos, mobilizar uma galera. E também conseguir colocar pra participar, colocar em destaque pessoas que muitas vezes não têm esse espaço; que muitas vezes têm um bloqueio, que muitas vezes não têm acesso, que são impedidas de ter esse espaço político. E ali, tendo essa vivência, a gente sabendo que o evento ali é pra eles, que a gente tá fazendo por isso, por conta da nossa população, eu acho que muda bastante a perspectiva que as pessoas podem ter do que é um movimento político. (MOTA, 2021)

E, sob essas mudanças de perspectiva, é que a FREJUNA encerrou as atividades do ano de maneira exitosa, apresentando ao conjunto do MN e do movimento popular este respiro de integração e comunhão política, como impulso às lutas que se seguiriam.

4 AFETO, PARCERIA E RADICALIDADE REVOLUCIONÁRIA: UM OLHAR MAIS PRÓXIMO À FREJUNA, SUA IMPORTÂNCIA E SUAS LIMITAÇÕES

É corriqueiro, ao se elaborar sobre o Movimento Negro, ou especialmente ao tratar de mulheres negras, o destaque à garra, à força, a como nosso povo é guerreiro por enfrentar tantas batalhas em seu cotidiano. Embora seja verdade, e seja importante o reconhecimento do tanto que, da juventude às pessoas mais velhas, o povo negro contribui(u) ontem e hoje para edificar este país, é fundamental lembrar que nunca se sonhou em lutar essa guerra. Longe de ser um sonho, o maior contingente de nossa população é lançado à força para buscar sua sobrevivência. Longe de ser um sonho, a necessidade da luta marca a história de nossa gente de forma que, como trazia Florestan Fernandes (1995 apud MOURA, 2014), a luta das pessoas escravizadas de outrora e das exploradas de hoje, apesar da distância histórica, não pode ser separada; afinal, todas a gente que sofre preconceito, discriminação e exclusão compartilha da necessidade de transformar a sociedade, seja por meio violento, seja pela contra violência.

Esse cenário, que é de uma verdadeira luta de classes (e com aprofundamentos sobre as questões raciais), forja uma sociabilidade desumanizadora, sob a roupagem de máquinas “fortes e inabaláveis” que trabalham duro, mas que, na verdade, são pessoas que apenas mascaram seu sofrimento na tentativa de sobreviver à dureza da vida. Essa imagem de um povo negro que tudo aguenta, pelo tanto que já suportou, é mais uma afirmação do projeto das elites de ceifar os sonhos e a vida da juventude negra, que quando não é exterminada a caminho da escola ou mesmo dentro de casa, vira estatística da grande faixa de desemprego, do mapa da fome, da vida sob miséria, ou as tenta driblar se submetendo a absurdos. Como já tratamos, é uma ofensiva declarada de superexploração e extermínio. Todavia, é bem verdade, pelo que apresentamos dos objetivos da FREJUNA e da luta histórica construída pelo Movimento Negro nos diversos âmbitos, que essa realidade não é imutável.

Não ceder, nem se acomodar. Não servir de vítima dócil à sanha dos algozes! Aí está o segredo de uma vitória – então inconcebível – e da atração que ela exerce até hoje entre os de baixo.

A luta aberta e persistente representa a única via para quebrar a resistência dos de cima e suas máquinas governamentais de opressão social. Sobrepujar os desafios dos riscos inevitáveis para extirpar os medos que impedem que os humildes se tornem agentes da própria história e artífices de uma sociedade fundada na liberdade e na igualdade. (FERNANDES, 1995 apud MOURA, 2014, p. 8)

É com essa gana que, como vimos, a FREJUNA se move. Mas aqui há de se chamar atenção a outras características fundamentais desta luta: o afeto, a parceria e a radicalidade revolucionária. Se, desde 2019, estes elementos consolidaram a frente, analisar a trajetória da

FREJUNA até 2021 evidencia a centralidade dessa nova forma de pensar a ação política da juventude, em Florianópolis, no Movimento Negro e nas mais diversas dimensões em que a frente se encaixa: uma nova forma em que essa radicalidade revolucionária, essa parceria e esse afeto se entrelaçam e se fortalecem em comum, afirmando e engrandecendo os laços e a luta da FREJUNA. É isto que se sobressai não só nas análises dos documentos resgatados anteriormente, como também nos relatos das pessoas entrevistadas para esta pesquisa.

Explorando um pouco mais da trajetória da frente e do significado de sua construção e desenvolvimento para a militância que com esta se envolve(u), podemos afirmar, sem ressalvas, a potência e o diferencial da prática política da FREJUNA. Sempre buscando novas perspectivas, atualizando as demandas conforme a realidade concreta e a capacidade de construção daquelas lutas por parte de cada integrante da frente, e firmando conexões junto a outros agrupamentos para oxigenar a luta popular na cidade (GUARI, 2021), a FREJUNA traz à tona uma entrega militante que se expressa da vontade inicial à execução final de cada tarefa, envolvendo “de coração” e com emoção (NOGUEIRA, 2021) cada pessoa.

A gente tem coragem de pautar algumas coisas que eu acho que às vezes, inclusive, a militância de esquerda de Florianópolis espera a FREJUNA pra fazer. Eu acho que a gente tem afeto... tem cuidado. **A gente entende que por mais que um dia seremos milhares, a gente só é milhar porque a gente é um.** Então a gente não acha que qualquer um é qualquer; mas que cada um é uma pessoa, que a gente sente falta quando não tão perto, que a gente valoriza quando faz o trampo... a gente, enfim, individualiza também, num sentido de **humanizar cada um de nós**; de não massificar nossas existências. **A gente valoriza o que a gente tem de melhor: somos nós, o que a gente constrói assim.** (NOGUEIRA, 2021, grifo nosso)

É, pois, um exemplo direto da diferença no modo de entender o mundo e o processo de luta do povo negro; o diferencial de batalhar diariamente por dignidade, e entender essas batalhas para além da garantia dos direitos básicos previstos na Constituição Federal, mas sim numa luta para se viver com amor, alegria, prazer, comunhão e aprendizado; e, mesmo em meio a diferenças, fortalecer o coletivo na construção do objetivo em comum (NOGUEIRA, 2021). A FREJUNA propicia uma nova dinâmica de acolhimento e integração ao MN local, como ressaltado por Guari (2021) e Romão (2021), e apresentado acerca da construção do “Agita, Negritude!”, colocando em diálogo e reencontro a juventude e quem não o é mais, mas segue na luta, ansiando e contribuindo para a construção de dias melhores.

Ademais, esse afeto também é combustível para a combatividade. Pensar o diferencial da FREJUNA é pensar na radicalidade revolucionária de entender, elaborar e concretizar, noutra lógica, a luta. Mais do que formar sua militância com grupos de estudos ou rodas de conversa, colocá-la na rua, na troca e construção direta e solidária entre o povo, suas

organizações e entidades, reivindicando uma combatividade e um horizonte antirracista e anticapitalista muito certo. Afinal,

não sentir vergonha de nos declararmos enquanto Movimento Negro, combativo, com referenciais marxistas, é muito importante. Porque a gente acha que essa forma de olhar pra história é uma forma coerente, e o marxismo é um processo, o método é uma construção. Eu acho que os nossos referenciais inclusive de Movimento Negro, os Panteras, ou a própria Beatriz Nascimento, ou a própria Lélia Gonzalez, que teve seus períodos... mas os nossos referenciais hoje, que a gente reivindica, são referenciais que se colocaram como esquerda e tiveram também os seus processos, tiveram os seus limites, foram pra vários lados diferentes, mas assim, tiveram aquela experiência de combatividade e encontraram ali, no referencial teórico de esquerda, algumas coisas importantes.

E esse salto teórico é muito importante, de não simplesmente olhar pra esquerda e falar que ela é insuficiente, mas reivindicar uma coisa fundamental do marxismo, do método, que é a parada de uma análise que pede uma prática sobre esse diagnóstico da sociedade. Pô, se a gente tá olhando pra conjuntura, se a gente tá olhando pros problemas da sociedade, mais do que simplesmente constatar eles de uma forma teórica, é um instrumento de prática. E as leituras de várias coisas nos enriquece. As elaborações em relação às questões raciais precisam estar alimentando a nossa perspectiva. Se a gente for pegar historicamente, a esquerda e o quanto se coloca o quão brancas são, o quão se relacionam de uma forma difícil com seus próprios militantes, com certeza, o racismo ele tá introjetado na sociedade. Mas a gente diz que **não é suficiente diagnosticar que precisamos enegrecer as nossas práticas; a gente precisa pegar e fazer.** E aí eu digo uma coisa muito importante, não a nível de comparação, mas que **um militante negro, que tá envolvido nessa perspectiva revolucionária, ele é muito valioso; ele é muito valioso porque ele entende que a luta é na totalidade, que a gente precisa olhar, e precisa construir essa práxis, teoricamente e praticamente.** [...] A gente só vai conseguir ver se isso tem coerência se a gente testar isso na realidade. Senão a gente fica entre nós, debatendo sobre os nossos referenciais teóricos, não lê coisas brasileiras, não lê coisas brasileiras que não necessariamente reivindicam o marxismo, não olha pras lideranças negras que fizeram muita diferença... não se apropria de nada, sabe? E daí a gente não acumula historicamente. E o que é, senão esse processo histórico, o acúmulo que nós queremos contribuir pro Movimento Negro: **um Movimento Negro anticapitalista e antirracista, que pensa sobre questões da humanidade e da nossa sociedade principalmente, de uma forma a pensar na Revolução.** (KOSCHNIK, 2021, grifo nosso)

Longe de ser mero discurso, esse ideal e essa defesa política de uma nova práxis que a FREJUNA apresenta se concretiza no dia a dia da frente, mantendo seu rigor político e a unidade entre sua militância, sabendo sob quais pretensões elabora e intervém sobre algo, bem como se desafiando, no hoje, a mudar práticas até então engessadas. Assim, essas novas relações carregam consigo novas formas de ação, como no protagonismo feminino demarcado na frente, que é um processo cotidiano, percebido e estimulado desde já, sempre registrando e ressaltando a relevância das contribuições de tantas mulheres negras nessa luta (NOGUEIRA, 2021). E tudo isso apenas se dá porque

a gente tem um projeto muito longo em mente, e obviamente com objetivos a curto prazo também, mas a gente sabe o que a gente quer: **é o sistema que tem que mudar, e a gente tá construindo as ferramentas pra isso, os processos pra que isso ocorra. Mas a partir do afeto, sabendo que é uma luta que vai provavelmente superar a minha existência na Terra, mas que enquanto eu estiver aqui, vivendo e amando, eu quero tá lutando, a partir desse espaço.** A FREJUNA é um lugar que reenergiza, reorienta. (ibidem, grifo nosso)

É também com estes olhos que a FREJUNA é vista de fora, como traz Jeruse Romão:

eu acho que esse movimento que a FREJUNA faz, junto de outras organizações, de entender que tudo que a gente tem com aspecto de direitos, e como campo de resistência, como conquistas, elas não nascem a partir de agora; são lutas ancestrais, e acho que esse é um dos aspectos que eu mais sou mais seduzida. [...] Acabo indo por conta dessa admiração que acaba sendo recíproca, deles comigo e eu também me sinto bastante feliz com isso, porque o mercado, o capitalismo, a opressão nos desumaniza, também; ela nos afasta nessas nossas relações, e uma das marcas da minha trajetória política sempre foi o cuidado com o outro, independente de quem fosse. [...] Eu fico muito feliz que a juventude política negra continue mantendo o amor como um princípio revolucionário. Porque é, não adianta... ele é! Ele só não pode nos enfraquecer, amolecer demais, mas ele tem que tá ali, pra poder balizar as nossas relações com os outros iguais a nós, porque senão a gente não faz. (ROMÃO, 2021)

Assim, ainda que sob advertência das pesquisas sobre história e memória de que “as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são [...] exatamente iguais” (PORTELLI, 1997, p. 16), e acrescentando aqui as emoções, não há como não destacarmos o enfoque comum, nas entrevistas, aos laços afetivos e à contribuição destes para o estímulo à militância, ressaltando uma particularidade do Movimento Negro, expressa nessa experiência da FREJUNA, que é muito positiva. Afinal, é a partir dessa expressão, como pudemos constatar até junto às pessoas externas à frente, que a reconstrução da identidade da FREJUNA e a definição de seu lugar social, bem como nas relações com outros grupos e indivíduos (POLLAK, 1989), fica marcada, corroborando para a análise da influência que a frente tem exercido mesmo para além de suas fileiras, com as novas proposições de trabalho, de prioridades, de relação no movimento popular local.

Em conjunto, esses laços fraternos, o afeto, não se desdobram apartados da sobriedade de entender a frente como um instrumento político que tem limitações (que comentaremos mais adiante), mas que, nesse processo “totalmente enegrecido”, em que se ensina cotidianamente a juventude negra a se amar – individual e coletivamente – também nesse processo de luta (KOSCHNIK, 2021), também permite refletir sobre a contribuição dada para a mudança da realidade que vivemos. Nesse sentido, as reflexões coletivas da militância entrevistada para este trabalho ressaltam, ainda, que a FREJUNA tem muito a ensinar à militância de Florianópolis,

especialmente sobre unidade, combatividade e fortalecimento coletivo (NOGUEIRA, 2021), sentimento que faz da frente, para militantes como Azânia Nogueira, a melhor coisa que aconteceu para a militância local nos últimos tempos (ibidem).

Ressaltar esses processos, avaliações e crenças no potencial da FREJUNA, mais que “pintar” uma visão positiva da frente, vem como um desdobramento evidente e sincero do que até aqui já apresentamos. Síntese disso são as palavras de Geovana Mota:

Principalmente pra população negra, que vem sendo a mais atingida, a mais espoliada nesse momento, eu acho que a FREJUNA, esses eventos... tudo isso traz pra gente principalmente uma perspectiva de futuro; uma sociedade que a gente consegue construir, que a gente percebe que tem poder, que a gente consegue organizar a partir do que a gente deseja. Então esses projetos, as pessoas, esses grupos sociais, muitas vezes fazem, sem o apoio do governo, muito mais que o governo. E conseguem construir ali suas próprias formas de viver da melhor forma possível, mesmo sem ter nada.

Acho que a FREJUNA e todos esses eventos que a gente faz, principalmente como encontro das pessoas, é o que **traz pra população negra, que tá participando, que vê esse esforço, essa organização, uma perspectiva que a gente tem um futuro possível, que é construído hoje**, e que a gente consegue dar nó em pingo d’água pra fazer o que a gente acredita ser possível. E a FREJUNA pra mim é também um apoio muito importante; é um local de fortalecimento, de entender que eu tenho um respaldo, outras pessoas que acreditam no que eu acredito, mas vai muito além disso. Toda essa construção que tem feito, toda essa luta, é uma grande esperança; mostra muito uma imagem de um futuro muito bonito, então acho que traz isso de que, **‘a gente tem outra possibilidade de organização política, uma outra possibilidade de tá interagindo com a população, com a comunidade’**... o que a gente não tem visto hegemonicamente, ou que a gente não tem visto noutras formas e noutras organizações. [...] Porque é uma outra visão também; uma outra forma de entender o mundo e todos esse problemas que a gente tá vivendo, e que pra mim deveria ser basilar em qualquer outro movimento político. (MOTA, 2021, grifo nosso)

E assim, em meio a um período tão curto de tempo, mas marcado por intensos processos de articulação, elaboração e luta nas ruas por parte do povo negro florianopolitano, podemos perceber o impacto, a contribuição densa e esperançosa que a FREJUNA apresenta, especialmente, a quem também não arreda pé da luta popular. Longe de encerrar análises em aspectos positivos, ou de alçar a frente a uma posição que não lhe cabe na referência e protagonismo absoluto nas lutas locais, como trabalhado já nesta pesquisa, ressaltamos que não podemos desconsiderar os entraves, dilemas e conflitos internos à frente. Contudo, é importante, e inclusive necessária, esta leitura de reconhecimento e apreço pelo que representa tal iniciativa, que novamente, é bem caracterizada por Geovana Mota, que nos lembra, aliás, que

a gente esquece também das nossas conquistas. [E] que pra um movimento numa cidade como Florianópolis, todas essas realizações são conquistas muito grandes, já. Cada passo dado já foi uma modificação muito grande em várias

coisas, já atingiu muitas pessoas, e acho que são poucas coisas que já foram muitas, também. [...] Se não tem nenhum movimento organizado há não sei quantos anos numa capital, que tem um histórico tão grande da cultura negra, da população negra, e a gente tá aqui hoje construindo isso, já é uma mudança muito significativa na história. **A gente sabe que teve outras organizações, de outras formas, mas a gente tá aqui hoje visibilizando várias pautas e mudando essa forma de organização política, e isso já é grande demais, uma mudança muito boa.** (MOTA, 2021, grifo nosso)

Essa mudança, esse novo fôlego, é também lembrado em nossa entrevista à professora Jeruse Romão (2021), que ansiava por uma nova geração do MN que conseguisse aliar as demandas e os aspectos de mobilização contemporâneos sem se desatrelar do legado de luta do Movimento Negro, repensando suas linguagens, referências, formas de organização, assim como avançando sob outras elaborações, mas dando continuidade à luta junto às gerações mais velhas, especialmente em âmbito local. Portanto, vemos aqui um relevante acúmulo de aprendizados necessários à nova geração, mas não necessariamente ainda incorporados.

Nesse sentido, também é importante comentarmos acerca das limitações da frente. Segundo a professora,

a FREJUNA ela revitaliza, ela traz as características dos jovens; do protagonismo juvenil pras ruas; ela tá atravessando outras pautas, que não só a racial [...]. E eu acredito muito nessa potencialidade, nesse apoio, também pelo campo político que ela se movimenta. Mas, às vezes, eu também vejo que o campo político-partidário embaça um pouco algumas questões, assim; eu não acho isso de todo mal, não... eu não acho, porque eu também tô colocada num lugar do campo político-partidário, e eu sei muito em como é que isso funciona, [...] como é que isso reflete quando a gente quer fazer alguma coisa mais unificada, quando a gente pretende um projeto político mais unificado. Então, no ponto de vista da positividade, eu acho incrível que essa juventude se organize, que mobilize, que traga ares mais frescos, eu diria assim, arejados [risos] pra luta antirracista. Que traga novo olhar, nova forma de fazer. Mas, eu vejo ainda velhos problemas. E nos velhos problemas, não ainda conseguir protagonizar um movimento mais capilarizado; é... assim como também a questão da autonomia também se repete; há uma dependência de outros segmentos, assim, acho que isso ainda é uma questão que a gente vai ter que resolver, e muito rápido. (ROMÃO, 2021)

Lucas Guari (2021) também pontua, em sua entrevista, a preocupação com tais dilemas colocados à frente; a demanda de se desenvolver autonomamente no Movimento Negro, ao passo que trata também de uma juventude imersa noutras movimentações políticas, com uma série de atribuições noutras esferas da vida (acadêmica, familiar etc.) e que, assim, acaba por se sobrecarregar nesse processo de tentar superar tantos problemas históricos.

Em meio a esse afeto e parceria, que potencializam a ação política da frente, podemos captar como outra limitação da FREJUNA, perpassada nos fluxos e refluxos discutidos anteriormente, o que sua militância enxerga como uma dificuldade de pensar em como se reconstruir junto da base da juventude negra, em meio a tantos percalços, diante dessa

conjuntura agressiva. Rita Souza (2021) apresenta, como a professora Jeruse, que de fato a FREJUNA também carrega uma vinculação cotidiana maior a outros espaços de movimento, como junto a sindicatos e DCEs, do que a bases que poderiam ser mais relevantes de acompanhar de forma mais próxima, como as comunidades Quilombolas e os movimentos de luta por moradia. Entretanto, cabe ressaltar que tal análise não entra aqui como crítica vazia, tampouco exigência por giros súbitos na ação. Rita Souza (ibidem) ainda pontua que é compreensível e aceitável à FREJUNA, como frente em construção e oriunda, especialmente, de uma base universitária, ter seus primeiros passos e parcerias junto a organizações e espaços de movimento em que sua militância está melhor integrada, encontra maior apoio etc. Contudo, o alerta é para o que é preciso se desenvolver no futuro; questionar, buscar aprimorar.

Diante disso, é preciso considerar mais um ponto fundamental, avaliado pela militância da frente e sintetizado por uma de suas integrantes:

a FREJUNA tem limites. Ela tem limites, ela vai ter limites, porque ela faz parte de uma experiência da classe, de um instrumento da classe, e a classe, nesse momento de crise, enquanto o velho não morre e o novo não nasce, inclusive, vai fazer suas experiências, suas múltiplas experiências. Então **a FREJUNA é uma experiência, é uma experiência coletiva, e vai ter limites porque faz parte desse momento político, com essas possibilidades.** Agora, a gente tendo limites, a gente se propôs a fazer, e faz, e a gente se propõe a incomodar o quanto for possível; o quanto a gente tiver essa possibilidade.

[É preciso] entender que a FREJUNA é construída por poucas pessoas, em alguns outros anos já teve um pouco mais, mas ainda assim sempre poucas; que os processos, os grandes processos, da marcha, do ato de 2020, todos eles foram também construídos por poucas pessoas, em relação ao que se pretendia, ao que se esperava, ao que se queria. E que também, em alguma medida, salvo os êxitos avaliados pela própria frente, de mais de mil pessoas nas ruas em 2020, de centenas de pessoas em 2019, na marcha de 2020, o próprio ‘Agita, Negritude!’ que reuniu centenas de pessoas também... também ainda em uma dificuldade, acho que é algo histórico assim, por toda a construção da identidade nacional, o debate sobre a dita democracia racial... e, que nem tu colocou, os projetos políticos que desmobilizam, na verdade, o povo negro; mas a gente vê aí uma dificuldade grande, não necessariamente enquanto uma culpa, mas da FREJUNA reunir mais gente ao seu redor, pras suas atividades, e conseguir agregar também mais gente à construção dessa luta.

[No fim,] **nós tamo lidando com um problema histórico** [...]. A gente se coloca na reorganização, a FREJUNA se insere como um elemento da reorganização da classe, do Movimento Negro, dos instrumentos de luta do povo, enfim, é entender que a gente vai lidar com esses problemas históricos também né. Entender que [...] precisam avançar no sentido [...] de quais são os nossos objetivos, e lembrar desses objetivos. A gente tem pouquíssimos anos, né. **A FREJUNA é muito nova, e pra nós, a gente que viveu tudo tão intensamente nesses últimos anos, altos e baixos, discordâncias, mas assim, sobretudo, vejo muita crença, né; muita esperança no que representa a FREJUNA coletivamente, assim. A gente que viveu isso intensamente, às vezes não tem a perspectiva histórica mesmo;** e a gente enquanto juventude, [...] geração que vive isso... [...] é um projeto que a gente não tem a historicidade, é um projeto que a gente queria tudo pra agora, nossas

soluções pra agora, mas a gente faz parte do processo. Tiveram pessoas, organizações, experiências que vieram antes de nós; vão ter depois de nós também. (KOSCHNIK, 2021, grifo nosso)

Esse apanhado de questões a resolver, na frente e no MN como um todo, são centrais para equilibrar nossas leituras acerca do momento que vivemos e da experiência que é possível à FREJUNA. Nessas idas e vindas de luta, entre gerações passadas e presentes, o vigor do Movimento Negro se evidencia na procura incessante por dar conta dessas tarefas históricas; contudo, só se pode concretizar à forma e às capacidades de cada pessoa que assume tal compromisso.

Por este motivo, mais que traçar possibilidades utópicas sobre nossos anseios para a luta negra no contexto atual, é diante da concretude do que se desempenha hoje que devemos focar nossas análises, como trouxe Geovana Mota (2021). Dessa maneira, Gabriela Buffon (2021) ainda ressalta como a FREJUNA sempre se fez presente na luta popular, atenta a convocar suas bases e incentivar os demais setores do movimento a qualificar o debate político acerca de cada mobilização e contribuir de forma ativa para a melhor execução de cada tarefa apresentada. Para a diretora do DCE UDESC, destacam-se as parcerias com a entidade, tendo a frente contribuído para os debates e a ação política que a gestão atual vem amadurecendo (BUFFON, 2021).

Nesta perspectiva, podemos alcançar mais questões sobre a importância da FREJUNA: Lucas Guari (2021) também destaca que a frente cumpre muito bem seu papel, aglutinando os movimentos, em um processo que ainda pode ser aprimorado com vistas a, cada vez mais, promover encontros, acolher questões diversas do Movimento Negro e as colocar em diálogo, com a FREJUNA estimulando a existência dessa organização política do povo negro. Assim, para Lucas, a frente se faz referência, alcança novos espaços e incentiva a militância negra, encontrando-a e a fazendo caminhar conjuntamente (GUARI, 2021).

É assim que a FREJUNA aparece como uma ferramenta política, um sujeito político, que é reconhecido e dá significativa contribuição sobre a construção em unidade no movimento popular de Florianópolis (NOGUEIRA, 2021). Azânia Nogueira destaca que “a FREJUNA tá fazendo coisa inclusive quando não está na coisa” (ibidem), como quando se refere à construção do ato de 20 de novembro de 2021, que contou com forte apoio sindical, como nunca havia visto antes – e isso a partir dos tensionamentos da FREJUNA sobre como se perspectivava a construção de um ato para aquele dia, como discutido anteriormente. Desse modo, como traz Lucas de Anhaia, podemos considerar que

a FREJUNA é um movimento de oxigenação pro Movimento Negro de Florianópolis. A FREJUNA pega o que tem de melhor nessa juventude que tá

querendo se colocar nessa ponta de lança e se coloca à disposição das gerações de vanguarda aí; se coloca também numa posição de aprendizado com essas gerações de vanguarda; se coloca enquanto um gás, uma energia, uma possibilidade também pra que os militantes que estão aí, espalhados na sua diversidade, na diversidade que sempre existiu entre os militantes do Movimento Negro, possam se reunir e debater as suas divergências, as suas convergências também. [...] [É uma] ferramenta potente de organização da revolta da população da cidade. (ANHAIA, 2021)

Pois, vemos na trajetória e nas visões acerca da frente um respiro de novidade, de um olhar político que se propõe a construir de fato uma mudança. E, nessa mudança que a FREJUNA apresenta com seu próprio trabalho, é que reside seu diferencial: de trazer, na ousadia e na coragem de pautar uma nova visão de futuro e uma nova ação desde o presente, um novo sentido para a militância negra, revolucionária e de juventude em Florianópolis, que ainda tem longos desafios a enfrentar, mas já produz, com suas debilidades e potencialidades, relevantes sínteses e iniciativas para lograr êxito nesta missão de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lançar-se a discutir sobre a FREJUNA, suas leituras e ações diante não só dos dilemas históricos que vive o povo e o Movimento Negro, mas frente à conjuntura que aqui retratamos, não poderia ser tarefa fácil. Há ainda muito a pesquisar, escutar, escrever e elaborar; mas, principalmente, há muito a construir e há muito a alcançar.

Em meio às incertezas do futuro e aos desafios que se agigantam, buscamos evidenciar, sob a história de seus conflitos e de seus êxitos, o exemplo de força e solidariedade que a FREJUNA apresenta à nossa gente, na luta por dias melhores e na procura por respostas que, por mais que ainda precisemos construir, já nos colocam que só podem partir da luta, cada vez mais forte, unitária e sob perspectiva revolucionária. E é sob esta perspectiva que compreendemos também a urgência de aprofundamento dos debates acadêmicos e políticos, especialmente pela militância de esquerda, acerca da questão étnico-racial no Brasil e mundo afora, tomando-a como central para a construção do debate sobre a superação da ordem capitalista.

No entanto, também no Movimento Negro é preciso ir além. Em nome da unidade, e de maneira acertada, mas não sem ônus, a FREJUNA apresenta uma limitação estratégica ao passo que, embora tenha clara suas perspectivas acerca do fim da opressão e da exploração como determinantes para a superação do patriarcado-racismo-capitalismo, não se aprofunda na formulação sobre a tomada do poder e a construção de uma nova sociedade. Ainda que seja interessante o grau não tão restrito de orientação política que a frente comporta (até por ser uma frente), em que, como resgata uma de suas integrantes, “não precisa ser socialista, mas a maioria é; socialistas e comunistas” (KOSCHNIK, 2021), e que essa presença socialista e comunista já contribua para o referencial de compreensão da sociedade, de forma de olhar o mundo, a história e analisar a conjuntura (ibidem), é preciso irmos além dessas formulações.

Reivindicando acúmulos políticos da militância revolucionária por vezes turvos na construção da frente – ainda que, frisamos, esta tenha tido sempre um forte referencial da militância socialista e comunista –, vale ressaltar a compreensão de que estudar e formular sobre a questão negra, e isto sob a visão de mundo materialista histórico-dialética, é dar passos na identificação de parte significativa do sujeito histórico da revolução, mas também de que a luta por uma verdadeira democracia racial, pela igualdade, é a luta pelo socialismo. Afinal,

a raça se configura como a pólvora do paiol, o fator que em um contexto de confrontação poderá levar muito mais longe o radicalismo inerente à classe. [...] É a raça que definirá o padrão de democracia, em extensão e profundidade, que corresponderá às exigências da situação brasileira. Hoje, aliás, é patente

que a reflexão vale tanto para uma democracia burguesa, quanto para uma democracia popular e proletária – ou seja, do capitalismo ao socialismo. (FERNANDES, 2017, p. 63)

Nesse sentido, compondo a parcela majoritária de nossa gente, o povo negro é um componente fundamental no processo revolucionário, e deve ser disputada, mobilizada e organizada com vistas à construção da luta pelo socialismo.

Como já apontado, é fato que a centralidade do debate étnico-racial nunca foi um impasse na FREJUNA, mas que sua orientação estratégica maior também apresenta esses espaços de disputa. Diante disso, ressaltamos que as avaliações aqui dispostas sobre a construção da frente partem de uma visão de mundo marxista, de ideais comunistas, o que não necessariamente nos leva a fazer leituras negativas acerca das limitações da FREJUNA. Temos o entendimento de que o movimento comunista também luta por reformas imediatas dentro da ordem, a fim de assegurar direitos e condições mínimas de vida atreladas à elevação de consciência das massas para almejem outro horizonte. Nesse sentido, salientamos a relevância da FREJUNA sob a compreensão de que não devemos ignorar a luta imediata pelas reformas sociais que atingem os problemas concretos da realidade do povo brasileiro e, conseqüentemente, da população negra.

Nesse bojo, avaliar o que a FREJUNA apresentou até então passa por reconhecer o árduo e diverso trabalho da frente na concretização de uma mobilização, conscientização e organização cada vez maior da juventude negra em Florianópolis. Em adendo, vemos que a FREJUNA cumpriu inclusive com um estágio mais avançado de leitura sobre as tarefas do povo brasileiro e das suas vanguardas de luta, ao construir em sua práxis a luta contra os monopólios, o latifúndio e o imperialismo, elementos expressos e gestores da miséria e da violência sistemática que vive nossa gente.

Assim, os acúmulos teóricos e práticos trabalhados na frente nos colocam ainda significativas contribuições diante de uma realidade em que, como no movimento geral da cidade, carecemos no MN florianopolitano (mas também catarinense e nacional) de quadros que superem os debates sobre identidade e consigam ter profunda formação e inserção nas massas a partir de uma elaboração política mais profunda, de projeto de sociedade. Desse modo, é destacável o papel que a FREJUNA cumpre no fortalecimento do diálogo entre as organizações políticas, militantes independentes e coletivos negros que a integram ou atuam junto a esta, uma vez que possuem diferentes acúmulos da realidade da cidade e de suas comunidades negras, bem como de formas de atuação, ou ainda cargas teóricas diversas.

Essa forma de construção dialoga muito com os acúmulos históricos de grandes pensadores negros brasileiros, como Clóvis Moura (1983), que ressaltava a relevância da

afirmação de sua negritude por parte dessas pessoas, mas de, nesse processo, organizarem-se politicamente e fazerem dessa reflexão sobre si um estímulo à consciência não só racial, mas de classe, e tomada não apenas no indivíduo, mas coletivamente. Pois, enxergando-se nesse posto discriminado, poder-se-ia também potencializar a revolta frente a tamanhas desigualdades, ao racismo, evidenciando uma questão política central para a construção de qualquer debate acerca de uma possibilidade de democracia de fato em nosso país, como complementa Amilcar Araujo Pereira (2007). Este historiador ainda considera que

conhecer as condições, as influências, as histórias sobre a constituição dos movimentos negros, dos movimentos indígenas, bem como suas estratégias iniciais, suas articulações com os diferentes movimentos sociais etc., pode nos fornecer importantes elementos para pensarmos a sociedade brasileira de uma maneira ampla, contemplando os diferentes olhares nela existentes. (ibidem, p. 253-254)

Diante disso, a pesquisa que desenvolvemos nos coloca como questões finais o debate acerca do reconhecimento do protagonismo negro na História, mas não isoladamente, na realização de um ou outro feito, e sim sob um embate diuturno por reescrever o que se narra sobre um passado que acaba por nem ser tão distante, haja vista a pujança do racismo até os dias atuais. Pois, também com um protagonismo em construir uma nova realidade, sob novas interpretações do que foi a trajetória do povo negro e novos tensionamentos acerca das possibilidades colocadas no presente, bem como dos sonhos apontados para o futuro.

Neste debate, porém, mais que reconhecer a agência negra, é preciso apontar a centralidade das ações que esta apresenta, alcançando as novas propostas trazidas pela juventude negra e as alçando para além deste segmento, pautando a aliança entre as camadas exploradas da sociedade, entre o povo brasileiro, para trilhar novos passos no horizonte da derrubada desse sistema opressor. E neste caminho, o diferencial de luta expresso pela FREJUNA, que buscamos explicitar ao longo deste texto, reafirma sua grandiosidade. Nessa soma em meio às diferenças, construindo laços significativos de parceria e alavancando o trabalho político em unidade, a FREJUNA demonstra estar alcançando – enquanto frente ainda em construção, mas já com êxitos evidentes – parte desses objetivos que estavam traçados desde suas primeiras reuniões, e que se confundem com o que deve ser pauta central para todo o movimento popular.

É justo reforçar: tomar em conjunto uma série de forças políticas variadas, individuais ou coletivas, e alcançar acordos sobre uma nova proposta de trabalho em unidade, não é pouca coisa. Mais ainda é concretizar isso nas ruas – o que, como vimos, a FREJUNA conseguiu realizar. Analisando das marchas aos atos; das reuniões internas às abertas, vemos que a frente

fez questão de se desafiar ao novo, a romper com práticas viciadas e propor outra forma de se ver e trabalhar a política e o foco que esta precisa ter sobre a juventude negra – e com e para esta. Dando continuidade, de forma perene, ao que se pretendia lá em 2019, a frente veio então forjando e impulsionando uma nova leva de militância aguerrida, lançando em evidência sujeitos que constroem no dia a dia da FREJUNA essa práxis revolucionária tão importante.

Perpassando altos e baixos, essa produção que se reflete na socialização política, no estudo das experiências passadas e na formulação sobre as demandas atuais alavanca a identificação coletiva entre a militância da frente, em um processo como que de uma memória herdada (POLLAK, 1992), no apreço e na afirmação de cada integrante enquanto parte da FREJUNA, como responsável por contribuir para seus objetivos. Nesse sentido, o combustível de luta que sempre corre pelas fileiras da frente evoca essas memórias e novas histórias como parte dessa construção de sua identidade política, do pertencimento das pessoas no coletivo (ibidem), e da afirmação da FREJUNA como um instrumento de muito potencial.

Destarte, como pontuou Azânia Nogueira (2021), a FREJUNA se apresenta de fato como uma ferramenta orgânica do Movimento Negro, à medida que, nas lutas gerais e inclusive por meio desta pesquisa, coloca-se, para além de educadora, mobilizadora, politizadora, como historiadora; afinal, é também guardiã dessa história negra, ao passo em que também a produz – das reuniões às ruas e até este trabalho. Assim, nessa construção coletiva, mais do que nos apresentar a série de elementos que buscamos explorar no decorrer desta pesquisa, clama por um espaço social que ainda é preciso conquistar – tarefa para a qual esperamos ter contribuído, e que coloca na ordem do dia nos meios políticos e acadêmicos o debate sobre os desafios históricos do Movimento Negro, da luta popular e de uma produção historiográfica comprometida com as causas de nossa gente, rumo à emancipação humana.

FONTES

ACERVO DA FREJUNA

CNMO FLORIANÓPOLIS. **Carta de afastamento da FREJUNA**. Florianópolis, 2021.

FREJUNA. **Convocatória e relatoria da 1ª reunião de coletivos negros, organizações de juventude e independentes, de 11/05/2019**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Relatoria da segunda reunião de Movimentos Negros e Independentes, de 08/06/2019**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Relatoria da terceira reunião de Movimentos Negros e Independentes, de 27/07/2019**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Documento “Salve Negritude – Itajaí – Joinville”**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Relatoria da quarta reunião de Movimentos Negros e Independentes, de 17/08/2019**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Relatoria da quinta reunião de Movimentos Negros e Independentes, de 01/09/2019**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Registro de discussão coletiva via e-mail, de 06/09/2019**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 11/09/2019 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Carta-Manifesto da Frente da Juventude Negra Anticapitalista – FREJUNA**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Segundo chamado para a construção da Marcha da Consciência Negra de 2019**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Relatoria da segunda reunião de construção da Marcha da Consciência Negra, de 28/09/2019**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Terceiro chamado para a construção da Marcha da Consciência Negra de 2019**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Relatoria da terceira reunião de construção da Marcha da Consciência Negra, de 10/10/2019**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Carta da Marcha da Consciência Negra de 2019: contra o genocídio do povo negro, em defesa dos direitos**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 23/10/2019 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 06/12/2019 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista**. Florianópolis, 2019.

FREJUNA. **Panfleto do ato 14Marielle**. Florianópolis, 2020.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 29/03/2020 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista.** Florianópolis, 2020.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 02/05/2020 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista.** Florianópolis, 2020.

FREJUNA. **Documento de apanhado geral sobre as tarefas da FREJUNA em 2020.** Florianópolis, 2020.

FREJUNA. **Texto público da FREJUNA sobre o ato de 07 de junho de 2020.** Florianópolis, 2020.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 17/07/2020 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista.** Florianópolis, 2020.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 23/09/2020 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista.** Florianópolis, 2020.

FREJUNA. **Perfil Instagram.** [S.l.], 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CHBJzVwFrar/?utm_medium=copy_link. Último acesso em: 02 out. 2021.

FREJUNA. **SE LIGA, JUVENTUDE NEGRA!** Postagem nas redes sociais, de 02/11/2020. Florianópolis, 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CHG-U_8IZIF/. Último acesso em: 16 dez. 2021.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 15/11/2020 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista.** Florianópolis, 2020.

FREJUNA. **Chamado para Reunião Ampliada de Construção do Dia da Consciência Negra!** Postagem nas redes sociais, de 17/11/2020. Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHthlVOHEjc/>. Último acesso em: 16 jan. 2022.

FREJUNA; FRENTE DA JUVENTUDE VOZ DAS FAVELAS. **Panfleto da 2ª Marcha da Consciência Negra.** Florianópolis, 2020.

FREJUNA. **Nota de apoio à greve da COMCAP.** Postagem nas redes sociais, de 26/01/2019. Florianópolis, 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CKflujQAY_T/. Último acesso em: 15 out. 2021.

FREJUNA; 8M SC; FFB – GRANDE FLORIANÓPOLIS. **Panfleto do ato 13M.** Florianópolis, 2021.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 22/05/2021 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista.** Florianópolis, 2021.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 22/08/2021 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista.** Florianópolis, 2021.

FREJUNA. **Rifa de apoio à Andrielli!** Mensagem enviada em grupos de WhatsApp. Florianópolis, 2021.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 18/09/2021 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista.** Florianópolis, 2021.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 25/09/2021 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista**. Florianópolis, 2021.

FREJUNA. **Relatoria da reunião de 14/10/2021 da Frente da Juventude Negra Anticapitalista**. Florianópolis, 2021.

FREJUNA. **Documento de preparação para a reunião ampliada de preparação do Dia da Consciência Negra de 2021**. Florianópolis, 2021.

FREJUNA. **Panfleto de chamado ao evento “Agita, Negritude! Encontro, cultura e consciência”**. Florianópolis, 2021.

ACERVO PARTICULAR DO PESQUISADOR

ANHAIA, Lucas de. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 17/12/2021**. Florianópolis, 2021.

BUFFON, Gabriela. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 23/12/2021**. Florianópolis, 2021.

GUARI, Lucas Ribeiro. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 13/12/2021**. Florianópolis, 2021.

KOSCHNIK, Amanda. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 10/12/2021**. Florianópolis, 2021.

MOTA, Geovana Izabela. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 17/12/2021**. Florianópolis, 2021.

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 15/12/2021**. Florianópolis, 2021.

ROMÃO, Jeruse Maria. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 15/12/2021**. Florianópolis, 2021.

SOUZA, Rita de Cássia de Almeida. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 19/12/2021**. Florianópolis, 2021.

DISPONÍVEIS NA INTERNET

BARBOSA, Rodrigo; HONORATO, Marcus. O povo se levanta contra o racismo e a violência. **Cotidiano UFSC**, Florianópolis/Joinville, 2020. Disponível em: <https://cotidiano.sites.ufsc.br/por-uma-sociedade-antirracista/>. Último acesso em: 20 fev. 2022.

FONSECA, Inara. Quantos têm que morrer para a guerra racista acabar? – Marcha da Consciência Negra em Florianópolis. **Portal Catarinas**, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://catarinas.info/quantos-tem-que-morrer-para-guerra-racista-acabar-marcha-da-consciencia-negra-em-florianopolis/>. Último acesso em: 03 jan. 2022.

GUIMARÃES, Paula. É urgente combater o racismo que mata: “Vamos às ruas porque delas nunca saímos”. **Portal Catarinas**, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/e-urgente-combater-o-racismo-que-mata-vamos-as-ruas-porque-delas-nunca-saimos/>. Último acesso em: 10 dez. 2021.

GUIMARÃES, Paula. Por uma política da vida: rejeição ao Bolsonaro mostra a sua força nas ruas. **Portal Catarinas**, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/por-uma-politica-da-vida-rejeicao-ao-bolsonaro-mostra-a-sua-forca-nas-ruas/>. Último acesso em: 10 dez. 2021.

MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA | 2019 | FLORIPA. Direção de Cleo Rosa. Florianópolis: Cleo Rosa, 2019. (1min57s.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8q1ugE5tKL4>. Último acesso em: 14 nov. 2021.

PORTAL CATARINAS. Em Florianópolis, Marcha contra o genocídio do povo negro denuncia execuções no Mocotó. **Portal Catarinas**, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://catarinas.info/em-florianopolis-marcha-contra-o-genocidio-do-povo-negro-denuncia-execucoes-no-mocoto/>. Último acesso em: 07 jan. 2022.

REDAÇÃO. Organizações de Florianópolis – SC preparam grande “Marcha da Consciência Negra: Contra o Genocídio do Povo Negro em Defesa dos Direitos” no mês de Zumbi dos Palmares. **Nação Z**. Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://www.nacaoz.com.br/2015/organizacoes-de-florianopolis-sc-preparam-grande-marcha-da-consciencia-negra-contra-o-genocidio-do-povo-negro-em-defesa-dos-direitos-no-mes-de-zumbi-dos-palmares/>. Último acesso em: 01 out. 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Sérgio; CARDIA, Nancy. DAS ANÁLISES SOCIAIS AOS DIREITOS HUMANOS. In: BROOKE, Nigel; WITOSHYNSKY, Mary (orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil: Uma Parceria para a Mudança Social**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação Ford, 2002, p. 201-240. Disponível em: https://www.fordfoundation.org/media/1719/2002-os_40_anos_da_fundacao_ford_no_brasil.pdf. Último acesso em: 25 mar. 2022.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais – Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 155-202.
- ALBUQUERQUE, Mauricélia Teixeira de. **Negros em Garopaba – SC: Experiência quilombola nas comunidades da aldeia e do Morro do Fortunato**. 2014. 191 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1153/mauricelia_teixeira_de_albuquerque.pdf. Último acesso em: 06 out. 2021.
- ALMEIDA, Fabio C. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedos: Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS**, v. 3, n. 8, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776/11939>. Último acesso em: 20 mar. 2022.
- ALVARENGA, Camila. ‘Black Lives Matter é uma moda, não um movimento’, diz ex-Pantera Negra. **Opera Mundi**, Madri (Espanha), 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/20-minutos/69339/black-lives-matter-e-uma-moda-nao-um-movimento-diz-ex-pantera-negra>. Último acesso em 24 mar. 2022.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2020. São Paulo, v. 1, ano 14, 2020. ISSN 1983-7364. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Último acesso em: 10 mar. 2022.
- ARRUDA, Jéssica. Black Lives Matter: entenda movimento por trás da hashtag que mobiliza atos. **Universa UOL**, Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm>. Último acesso em: 24 mar. 2022.
- ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020. Brasília: Ministério da Economia; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020.pdf>. Último acesso em: 10 mar. 2022.
- BRAGA, Alexandre Francisco. **UNEGRO, um projeto de raça, classe e gênero no Brasil**. X COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros – (Re) Existência intelectual negra e ancestral. Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: UFU, 2018. Disponível em:

https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1535365699_ARQUIVO_Abpntexto.pdf. Último acesso em: 11 dez. 2021.

CAMARGO, Sérgio Nascimento de. **Perfil Twitter**. [S.l.], 2021. Disponível em: <https://twitter.com/sergiodireita1?s=09>. Último acesso em: 10 mar. 2022.

CHAVES, Wanderson da Silva. **O Brasil e a recriação da questão racial no pós-guerra: um percurso através da história da Fundação Ford**. 2011. 165 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082012-111507/publico/2011_WandersondaSilvaChaves.pdf. Último acesso em: 25 mar. 2022.

CORREIA, Marcus. Discutindo a Fundação Ford. **Esquerda Online**, São Paulo, 2016-2017. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2016/12/10/discutindo-a-fundacao-ford-parte-1-de-4/>. Último acesso: 25 mar. 2022.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; COSTA, Célia Souza da; COUTO, Gilberto dos Santos. MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO NO SÉCULO XXI: REFLEXÕES A CERCA DE ALGUMAS LUTAS E CONQUISTAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR. EDUCERE – XIII Congresso Nacional de Educação “Formação de Professores: contextos, sentidos e práticas” & IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividades e Educação – SIRSSE & VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente – SIPD/Cátedra UNESCO. [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: [S.n.], 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/27268_13475.pdf. Último acesso em: 13 dez. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/abstract/?lang=pt>. Último acesso em: 10 mar. 2022.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos. **Dimensões**. n. 21, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/2485>. Último acesso em: 11 mar. 2022.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2017.

FERNANDES, João Pedro Flor. **O ATIVISMO NEGRO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX: Os Panteras Negras, o Movimento Negro Brasileiro e a militância Antiapartheid**. 2019. 73 f. Monografia (Graduação) – Curso de Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/201026/Jo%C3%A3o%20Pedro%20Flor%20Fernandes.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Último acesso em: 16 dez. 2021.

G1. Corte do Orçamento pode inviabilizar Censo 2021; entenda a importância da pesquisa. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/26/corte-do->

orcamento-pode-inviabilizar-censo-2021-entenda-a-importancia-da-pesquisa.ghtml. Último acesso em: 22 mar. 2022.

G1 SC. Marcha da Negritude reúne dezenas no Centro de Florianópolis. **G1**, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/07/marcha-da-negritude-reune-dezenas-no-centro-de-florianopolis.html>. Último acesso em: 13 nov. 2021.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], n. 15, p. 134-158, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8rz8S3Dxm9ZLBghPZGKtPjv/?format=pdf&lang=pt>. Último acesso em: 11 mar. 2022.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. (Coleção 2 Pontos)

GONZALEZ, Lélia. **Mulher Negra**. Baltimore: African-American Political Caucus; Morgan State University, 1984.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GUIMÓN, Pablo. Black Lives Matter, o rumo incerto do grande movimento antirracista. **El País**, Washington (EUA), 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-09-07/black-lives-matter-o-rumo-incerto-do-grande-movimento-antirracista.html>. Último acesso em: 24 mar. 2020.

HOFF, Jeffrey. O “Levante do Bosque” na UFSC. **Portal Desacato**, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://desacato.info/o-levante-do-bosque-na-ufsc/>. Último acesso em: 25 mar. 2022.

IANNI, Octavio; CARDOSO, Fernando Henrique. **Cor e Mobilidade Social em Florianópolis**: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/pesquisa/23/25888?detalhes=true>. Último acesso em: 11 mar. 2022.

JCA. **A militarização nem tão silenciosa do Brasil**. Brasil, 2020. Disponível em: <https://jcabrasil.org/a-militarizacao-nem-tao-silenciosa-do-brasil/>. Último acesso em: 01 out. 2021.

JCA. **O que é fascismo?**. [S.l.], 2020. Vídeo postado pela autora na rede social Instagram em 26 set. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CFnVwLgAdrd/?utm_medium=copy_link. Último acesso em: 01 out. 2021.

JCA. **O que é fascismo? (parte 2)**. [S.l.], 2020. Vídeo postado pela autora na rede social Instagram em 04 out. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CF73rLRHCgt/?utm_medium=copy_link. Último acesso em: 01 out. 2021.

KÖSSLING, Karin Sant'Anna. **As lutas anti-racistas de afro-descendentes sob vigilância do DEOPS/SP (1964-1983)**. 2007. 314 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01112007-142119/publico/TESE_KARIN_SANTANNA_KOSSLING.pdf. Último acesso em: 18 dez. 2021.

LEGON. **Carta de apresentação do Coletivo Negro do Curso de Direito da UFSC Lélia Gonzalez**. Florianópolis, [S.d.].

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. Disponível em: <https://nuer.paginas.ufsc.br/files/2014/04/Negros-no-Sul-do-Brasil.Completo.pdf>. Último acesso em: 16 fev. 2022.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de Pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2020, 144p. (História na universidade)

LUZ, Andréa da. **Dos clubes sociais à militância: a história do Movimento Negro em SC**. **ND Mais**, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/direitos/dos-clubes-sociais-a-militancia-a-historia-do-movimento-negro-em-sc/>. Último acesso em: 11 mar. 2022.

MARIA, Maria das Graças. **Clubes e Associações de Afrodescendentes na Florianópolis das décadas de 1930 e 1940**. [S.d.]. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/545546/mod_resource/content/1/B12%20Clubes%20pdf.pdf. Último acesso em: 24 mar. 2022.

MARIA, Maria das Graças. **“Imagens Invisíveis de Áfricas Presentes”**: Experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940). 1997. 257 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação, Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/77131>. Último acesso em: 06 fev. 2022.

MIRANDA, Terrence Burchert. **Mobilidade e trabalho**: Trajetórias de famílias negras de Biguaçu na primeira metade do século XX. 2013. 118 f. Monografia (Graduação), Curso de Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/121753/MIRANDA%2c%20Terrence%20%20B.%20Mobilidade%20e%20trabalho.%20trajet%20c3%b3rias%20de%20fam%20adl%20negras%20de%20Bigua%20a7u%20na%20primeira%20metade%20do%20s%20a%209culo%20XX.%20TC~1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Último acesso em: 10 dez. 2021.

MOURA, Clóvis. **O NEGRO: de bom Escravo a mau Cidadão?** [S.l.]: Conquista, 1977.

MOURA, Clóvis. Organizações Negras. In: SINGER, Paul; BRANT, Vinícius Caldeira (orgs.). **São Paulo: o povo em movimento**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1983, p. 143-175.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986. (Coleção Tudo é História - nº 12)

MOURA, Clóvis. O significado dos quilombos. **Debates Sindical**, São Paulo, ano 9, n. 20, 1996.

MOURA, Clóvis. **Florestan Fernandes e o negro: uma interpretação política**. Portal da Fundação Maurício Grabois. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://grabois.org.br/portal/especiais/149038-42869/2014-01-14/artigo-florestan-fernandes-e-o-negro-uma-interpretacao-politica>. Último acesso em: 10 out. 2021.

MOURA, Matheus de. Naninho tinha 12 anos e o sonho de ser MC. Foi visitar um primo e acabou morto com um tiro no pescoço. **Ponte Jornalismo**, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://ponte.org/naninho-tinha-12-anos-e-o-sonho-de-ser-mc-foi-visitar-um-primo-e-acabou-morto-com-um-tiro-no-pescoco/>. Último acesso em: 25 mar. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. Ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NETA, Olivia M. de M.; DANTAS, Lidemberg R. S. O ofício do historiador na Era Digital: entre os desafios e as potencialidades produzidas pelas tecnologias digitais. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 3, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5597>. Último acesso em: 22 mar. 2022.

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. **Territórios negros em Florianópolis**. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193680/PGCN0690-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Último acesso em: 01 out. 2021.

NOGUEIRA, João Carlos. Movimento negro: das denúncias do racismo à prática de políticas públicas. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 5, p. 89-99, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1980>. Último acesso em: 11 dez. 2021.

NOGUEIRA, João Carlos; PASSOS, Joana Célia dos. Movimento negro, ação política e as transformações sociais no Brasil contemporâneo. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 105-124, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2014v13n28p105>. Último acesso em: 03 jan. 2022.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/MyPMV9Qph3VrbSNDGvW9PKc/?format=pdf&lang=pt>. Último acesso em: 25 mar. 2022.

NSC Total. Censo revela que Santa Catarina é estado com maior percentual de pessoas que se declaram brancas. **Grupo NSC**. 2012. Disponível em: <https://www.nsc-total.com.br/noticias/censo-revela-que-santa-catarina-e-estado-com-maior-percentual-de-pessoas-que-se-declaram>. Acesso em: 01 out. 2021.

OLIVEIRA, Pedro Rocha; CHACON, Clarice. **Estado de exceção: o que é, e para que serve**. Blog da Boitempo. [S.l.] 20 dez. 2013. Disponível em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2013/12/20/estado-de-excecao-o-que-e-e-para-que-serve/>. Acesso em: 01 out. 2021.

O NEGRO, DA SENZALA AO SOUL. Direção de Gabriel Priolli. SP: TV Cultura, 1977. (45min.). Disponível em: youtube.com/watch?v=5AVPrXwxh1A. Último acesso em: 11 mar. 2022.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. SP: produção de Raquel Gerber, 1989. (131 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbrgakx63IUUD8qOgIM2wKVIId4n/view>. Último acesso em: 01 jul. 2021.

PEREIRA, Amilcar Araujo. O “Atlântico Negro” e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. **Perseu: história, memória e política**, [S.l.], n. 1, ano 1, p. 235-263, 2007. Disponível em: <https://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/146/113>. Último acesso em: 11 mar. 2022.

PEREIRA, Amilcar Araujo. **“O Mundo Negro”**: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. 268 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/22402/%e2%80%9cO%20Mundo%20Negro%e2%80%9d_%20A%20constitui%c3%a7%c3%a3o%20do%20movimento%20negro%20contempor%c3%a2neo%20no%20Brasil%20%281970-1995%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Último acesso em: 26 mar. 2022.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, 1989, p. 3-15. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Último acesso em: 09 jan. 2022.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Último acesso em: 24 mar. 2022.

PORTELLI, Alessandro. TENTANDO APRENDER UM POUQUINHO. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Proj. História**, São Paulo, n. 15, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>. Último acesso em: 09 mar. 2022.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Maneta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000, p. 67-73. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/2707/1/Ferreira_Fernandes_Alberti.pdf. Último acesso em: 11 mar. 2022.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. **Proj. História**, São Paulo, n. 22, 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10728>. Último acesso: 09 dez. 2021.

RABELO, Juliana. Um vírus e duas guerras: SC registra um feminicídio por semana na pandemia. **Portal Catarinas**, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://catarininas.info/um->

virus-e-duas-guerras-sc-registra-um-feminicidio-por-semana-na-pandemia/. Último acesso em: 20 mar. 2022.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia Mateus. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

REDAÇÃO. Mapa eleitoral de presidente por municípios – 2º turno. **Gazeta do Povo**. 2018. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/mapa-eleitoral-de-presidente-por-municipios-2turno/>. Último acesso em: 11 mar. 2022.

RIOS, Flavia Mateus. **Institucionalização do movimento negro no Brasil contemporâneo**. 2008. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-29102009-170307/publico/FLAVIA_MATEUS_RIOS.pdf. Último acesso em: 14 dez. 2021.

RIOS, Flavia Mateus. O protesto negro no Brasil contemporâneo (1978-2010). **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 85, p. 41-79, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/GZGfkVrFDVQyZs7XgXpG83D/abstract/?lang=pt>. Último acesso em: 11 mar. 2022.

ROHDEN, Júlia. Estado que mais votou em Bolsonaro no 1º turno vê vantagem cair na reta final. **Brasil de Fato**, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/28/estado-que-mais-votou-em-bolsonaro-no-1o-turno-ve-vantagem-diminuir-na-reta-final>. Acesso em: 01 out. 2021.

ROSA, Vanessa da. **A invisibilidade da mulher negra em Joinville**: Formação e inserção ocupacional. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/88821/228723.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Último acesso em: 02 fev. 2022.

ROSSO, Kelem Ghellere. **Florestan Fernandes e o caráter autocrático da burguesia brasileira**: uma leitura sobre “A Revolução Burguesa no Brasil”. 2015. 98 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126610/000842015.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Último acesso em: 01 out. 2021.

RUFINO, Joel. **O Movimento Negro e a Crise Brasileira**. 1985. Disponível em: <http://joelrufinodossantos.com.br/paginas/artigos/o-movimento-negro-e-a-crise-brasileira.asp>. Último acesso em: 24 mar. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 2001. (Coleção polêmica)

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero patriarcado violência**. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Felipe Cardoso dos. **Marcha da Negritude Catarinense: Por democracia, nenhum direito a menos**. **Geledés**, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/marcha-da-negritude-catarinense-por-democracia-nenhum-direito-menos/>. Último acesso em: 12 nov. 2021.

SILVA, Jaime José dos Santos. As festas do tempo da escravidão em Santa Catarina: lembranças e aspirações em torno da devoção a Nossa Senhora do Rosário. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: 2013.

SILVA, Janaina Amorim da. **Tramas cotidianas dos afrodescendentes em São José no pós-abolição**. 2011. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://silo.tips/download/tramas-cotidianas-dos-afrodescendentes-em-sao-jose-no-pos-aboliao>. Último acesso em: 11 fev. 2022.

SILVA, Micael Alvino. As fontes digitais e o ofício de historiador. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, 15(172), 2015, p. 104-112. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/26924>. Último acesso em: 23 mar. 2022.

SOMAR, Fundação. **Perfil Instagram**. [S.l.], 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/somarfloripa/>. Último acesso em: 25 mar. 2022.

SOUZA, Cristiane Luíza Sabino de. **Terra, trabalho e racismo: veias abertas de uma análise histórico-estrutural no Brasil**. 2019. 265 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/204570/PGSS0221-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Último acesso em: 01 out. 2021.

SOUZA, Cristiane Luíza Sabino de. **Racismo e luta de classes na América Latina: as veias abertas do capitalismo dependente**. São Paulo: Hucitec, 2020. (Diálogos da diáspora)

STROISCH, Bruna. Professor da Udesc acusado de assediar alunas é demitido da instituição. **ND Mais**, Florianópolis, 2022. Disponível em: https://ndmais.com.br/educacao/professor-da-udesc-acusado-de-assediar-alunas-e-demitido-da-instituicao/?utm_source=whatsapp&utm_campaign=wp-florianopolis. Último acesso em: 25 mar. 2022.

ZUCHINALLI, Thalyta. **Afrodescendentes no sul de Santa Catarina**. Os novos sujeitos: experiências e trajetórias (1941-1985). 2016. 271 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2229/dissertacao_thalyta_zuchinalli___completa.pdf. Último acesso em: 14 set. 2021.

APÊNDICE A – ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTAS

Movimento Negro

- 1 – Como você vê o Movimento Negro em Florianópolis?
- 2 – Quais as particularidades centrais da conjuntura sob o governo Bolsonaro para o Movimento Negro nacional, estadual e municipal?

Princípios e primeiros passos

- 3 – De onde vem a necessidade da FREJUNA?
- 4 – Segundo os registros, a FREJUNA nasce também reivindicando e querendo aprimorar o legado da Marcha da Negritude de 2016. O que você sabe sobre essa experiência? Como você vê essa síntese da FREJUNA em cima dos exemplos passados?
- 5 – Como foi o processo de consolidação da frente na sua visão? Quais os desafios e as expectativas colocadas?
- 6 – Qual a importância da juventude se organizar?

Composição e dinâmica da FREJUNA

- 7 – Como você avalia o espaço de disputa e de acordo entre as pessoas independentes e as pessoas organizadas na FREJUNA?
- 8 – Como você caracterizaria essa unidade construída na FREJUNA? Que traços da relação entre as pessoas, as organizações, se destacam?
- 9 – Como é a organização da frente para a disputa de espaços gerais? Que características se sobressaem em relação ao preparo/elaboração e à intervenção coletiva? E como se dá a escolha dos espaços de atuação, a definição da prioridade de tarefas?
- 10 – Analisando os documentos, é possível constatar uma constância de oscilação nos trabalhos da frente no contexto pandêmico, mesmo quando da retomada de atividades nas ruas. O que você avalia sobre isso?

11 – A FREJUNA, desde seu início, é um espaço com forte participação de militantes mulheres. O que você vê sobre as mulheres no Movimento Negro e à frente das lutas em Florianópolis? Como você vê isso em relação à FREJUNA?

Os trabalhos da FREJUNA

12 – O que a FREJUNA e a militância ligada a esta apresentam de novo para o movimento estudantil da UFSC, pensando a disputa do FOMOVEN, o trabalho junto às entidades estudantis, as ações na greve estudantil de 2019 etc.? O que você avalia como importante nesses trabalhos? O que a frente poderia ter feito a mais?

13 – Ao final de 2019, a FREJUNA participou de mobilizações contra o fechamento da escola Lauro Muller, no centro da cidade, junto a estudantes secundaristas. O que você sabe ou vê de importância nessas ações? Caso tenha participado, o que você avalia como mais importante nessa construção?

14 – Por meio dos documentos, é possível constatar a construção às pressas de algumas atividades da frente, como o ato de 7 de junho, a marcha de 2020, o 13M e o “Agita, Negritude!”. O que você avalia que garantiu a realização dessas atividades? E elas foram exitosas, em sua visão?

Marchas e atos

15 – O que se destacou nas reuniões de construção da marcha de 2019? E como foi o evento para você?

16 – O trabalho de formação e divulgação da marcha foram bastante destacados, de forma positiva, nas avaliações da frente. O que isso apresenta de novo, de mais interessante etc. para você?

17 – Qual o diferencial que a FREJUNA apresenta à construção e à execução dos atos de rua e das marchas?

18 – Analisando em retrospecto, o que as construções das marchas e do “Agita, Negritude!” apresentam de diferente entre si? Em que se articulam (seja complementando, contrariando, demonstrando mudanças ou continuidades etc.)?

A FREJUNA, suas bases e parcerias

19 – Como você vê a relação da FREJUNA com as entidades estudantis, sindicais, movimentos sociais e comunidades, como o Quilombo Vidal Martins, os movimentos de luta por moradia, SINTRASEM, DCE UDESC, DCE UFSC, SINDPREVS? O que se destaca nessas relações, ou quais se destacam?

20 – Como você avalia a adesão da juventude negra às propostas de atividades da FREJUNA? Houve diferença com a pandemia? Que atividades se destacam em adesão e construção mais ampla, para você? Esses trabalhos foram exitosos?

Avaliação geral

21 – Como você avalia a intervenção da FREJUNA diante da conjuntura em 2020, com os atos Vidas Negras Importam, as eleições municipais e a segunda marcha?

22 – A FREJUNA cumpre com suas expectativas hoje? Quais os pontos em que é necessário melhorar, em sua visão? E quais destes você avalia como realizáveis a curto-médio prazo?

23 – A FREJUNA ainda apresenta dificuldade de expansão de suas fileiras. A que causas você atribui isso? O caráter da frente se apresenta mais de vanguarda ou de massas? E você acha que está no caminho certo ou que seria melhor adaptar ainda?

24 – Afinal, como você sintetizaria a contribuição da FREJUNA para o Movimento Negro e o movimento popular de Florianópolis?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA CONCEDIDA POR AMANDA KOSCHNIK AO PESQUISADOR ARTUR
FAVARETTO PEREIRA, EM 10/12/2021

Pesquisa: “Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021” (Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História da UFSC)

Entrevistador: Artur Favaretto Pereira

Entrevistada: Amanda Koschnik (27 anos)

Florianópolis, 10 de dezembro de 2021

18h28min

ARTUR – Florianópolis, 10 de dezembro de 2021. São 18h28min, e essa é uma entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História na UFSC, desenvolvido por mim, Artur Favaretto Pereira, junto à depoente Amanda Koschnik... Oi, Amanda! Boa tarde, boa noite! Bom, acho que uma primeira questão assim pra pensar esse trabalho, queria ver tua contribuição em relação a como tu vê o Movimento Negro em Florianópolis, assim... quais as condições históricas da associação do povo negro aqui e as particularidades desse momento que a gente vive também, em relação ao governo Bolsonaro, principalmente esses últimos anos do Movimento Negro local.

AMANDA – Tá, o que eu penso sobre o Movimento Negro de Florianópolis... Acho que a gente tem uma tradição de Movimento Negro, e eu vejo que tem figuras históricas que fizeram trabalhos importantes antes da gente, né. É... o próprio Núcleo de Estudos Negros, que existe há um tempão assim, foi e é bastante importante tanto na formação de lideranças assim né quanto pra própria questão da educação, assim, eu vejo. A gente também teve a atuação de outros setores, o próprio MNU, por exemplo; a UNEGRO; e de outros setores também foram importantes. Eu vejo que uma constatação que inclusive embasou né, que serviu de motivação pra criação da FREJUNA, é o elemento do afastamento né, da fragmentação do Movimento Negro em geral. A gente se encontra, e eles se encontram, os setores mais antigos do Movimento Negro, e têm dinâmicas estabelecidas que sabem muito melhor que nós, que a gente pode

apontar hoje com a nossa experiência né, mas eu vejo que a gente, ao entrar no Movimento Negro, ao participar do Movimento Negro da cidade, que isso era algo bastante latente: que a gente não tinha um espaço de encontro e que acabavam militando muito fragmentadamente... com uma longa história de se conhecerem, de já terem travado batalhas junto. Então acho que no momento que é necessário há sim uma unidade, que existe essa possibilidade, mas que a fragmentação era um elemento bastante presente também; é um elemento bastante presente, desses setores mais antigos. Sobre o Movimento Negro em relação à conjuntura, né, governo Bolsonaro etc., eu vejo que isso impactou a própria FREJUNA né. Se a gente for parar pra pensar ali bem no início da pandemia até, né, a questão de sairmos ou não sairmos pra rua; vamos enfrentar e como enfrentaremos essa pandemia. E a nossa síntese naquele momento, e foi a gente que puxou o primeiro ato na pandemia, aqui na cidade, junto do bojo dos atos antifascistas e antirracistas [latidos ao fundo]. Foi que a nossa... o nosso povo, né, já tava trabalhando, e era quem garantia os trabalhos essenciais, né. E se a pandemia era ruim, e ali a gente tinha a noção, mas ainda não tanto do impacto que ela poderia ter, mas já sabia que como resultado da crise, né, de sistema que a gente vivia, ia ser devastadora; de que era necessário que a gente estivesse na rua, construindo e fortalecendo a resistência, mas não de uma forma isolada, né; de uma forma a construir com o nosso povo a partir desse trabalho que a gente avaliava que no momento era uma linha coerente, essa resistência. Então a gente já viu ali as próprias confusões da dinâmica do que é militar hoje, né: vai pra rua/não vai pra rua, como que vai pra rua. E esse é um discurso que inclusive foi muito levantado em 2018, quando ele, quando o Bolsonaro ganhou as eleições. “Ah, Bolsonaro ganhou as eleições, vamo sair da rua”; um medo muito colocado por alguns setores, principalmente os setores que muito através desse discurso de defesa das liberdades democráticas, da democracia que tem muitos limites; a gente avalia que essa democracia, a experiência de democracia brasileira tem muitos limites, é uma experiência falsa assim, não foi real e profunda... “Ah, ele foi eleito democraticamente, então a gente vai ter que juntar forças pra daqui a quatro anos tá resolvendo esse problema de novo nas urnas, né, nas eleições”... isso é bastante perigoso, né. É uma proposta, objetivamente, de que a gente faria a luta em 2022; no ano que vem. Não foi o que aconteceu na realidade, e acho que eu me sinto muito feliz, muito satisfeita, muito orgulhosa, da gente ter feito essa avaliação já no início da pandemia. Acho que houveram tentativas de desmoralizar o trabalho político cotidiano, o trabalho de rua, e o Movimento Negro, e aí coloco aí a FREJUNA também, soube dar respostas, é... de uma forma que eu avalio que, até agora né, tem se mostrado coerente assim. Depois desse... agora que as coisas estão um pouquinho melhores em relação à pandemia, mas não em relação à crise, que tende a ficar pior ainda. É isso.

ARTUR – Na construção da FREJUNA, analisando os documentos, principalmente desde o próprio convite que foi puxado por alguns militantes organizados e independentes também, se falava muito uma ideia de... da necessidade da FREJUNA enquanto uma necessidade realmente disso que tu fala, de uma articulação em unidade, de uma nova safra de militantes negros revolucionários, que pautassem uma nova forma de pensar a relação, a construção do próprio Movimento Negro, e a política que esse Movimento Negro apresenta pra construção de uma nova sociedade, né. E uma coisa que aparece muito ali é um debate da luta antirracista associada à luta anticapitalista, assim. O que que tu vê de mais importante nessa... nesse entendimento político, né, da necessidade do antirracismo atrelado ao anticapitalismo, e na necessidade de um Movimento Negro pautado através disso? Uma unidade que conheça essas diferenças, mas construa isso coletivamente, assim...

AMANDA – Eu sou, geralmente, bem assertiva assim quando eu faço essa reflexão da FREJUNA, o momento que ela foi criada e a partir do porquê, né. E continuo achando que a FREJUNA faz parte de um movimento de reorganização da classe muito importante. Reorganização do movimento, reorganização dos instrumentos da classe trabalhadora, e isso parte inclusive de uma constatação, né: o que foi a experiência do projeto, né... do, do Democrático Popular, do programa democrático popular, que inclusive fez um movimento de cooptação de lideranças e movimentos sociais. Não é como se os movimento sociais tivessem passado impunes ao que foi essa experiência do democrático popular, uma institucionalização da política, se voltar mais pras entidades né, por dentro das instituições, disputar ali o próprio parlamento... e a luta que, que... que precisa ter uma atuação, né, que não tire o pé das ruas. E a gente sabe que teve movimentos que se mantiveram, que resistiram, que fizeram a crítica; inclusive movimentos que surgiram de um racha dessa constatação, do PT etc. Mas os movimentos sociais sofreram essa experiência do governo, é... do PT, né. E o Movimento Negro, como movimento social, também sofreu isso. Suas entidades, suas representações, seus espaços nacionais, seus espaços regionais, também estiveram muito atrelados a essa organização, à criação de secretarias, enfim, que aconteceu no governo do Partido dos Trabalhadores, que simbolizou avanços, mas ao mesmo tempo tirou um pouco da perspectiva, eu acho que nem é tirou da perspectiva, mas foi se transformando em seus objetivos no processo. E aí se a gente for parar pra pensar o anticapitalista e o antirracista estarem juntos enquanto princípio fundamental da FREJUNA, é um compromisso com a revolução... é um compromisso, que é, a partir da análise de que, bem, as reformas elas são necessárias, né, as reformas; mas pra gente ter uma sociedade como a gente gostaria, né, rompendo com o racismo,

rompendo com a exploração, é necessário uma ruptura revolucionária, e isso só se faz com valores tais quais o antirracismo e o anticapitalismo. Então a gente até debatia, até foi uma pergunta que nunca me esqueço... tá, então a gente tava fundando a FREJUNA, tava nas reuniões de criação: “a gente precisa ser socialista pra poder fazer parte da FREJUNA?”. E a minha resposta foi muito objetiva ali pra aquela companheira: “não, a gente não precisa, não é necessário que as pessoas sejam socialistas pra gente acreditar que a revolução é possível, pra construir essa ruptura”. Porque essa sociedade, a gente já tem feito a experiência com ela, e ela não funciona, ela não dá certo, ela não nos pertence, ela coloca o lucro acima das nossas vidas; e ela tá condenando o planeta em relação ao meio ambiente e muito mais. Então eu acho que a FREJUNA faz parte dessa reorganização do movimento, dos instrumentos da classe; e em com esse elemento de renovação super importante, de diferenciação, e de também... eu acho que não superação, porque isso vai ser uma questão ainda durante muito tempo, mas da... da... do que fizeram, né, inclusive da... do afastamento da política da totalidade né. É... “ah, não, o Movimento Negro precisa pensar questões pro povo negro”... mas as questões do povo negro são questões da totalidade, né! São questões em relação aos direitos, às lutas; a gente não pode achar que a luta da totalidade, né, uma luta revolucionária e cotidiana, ela é o que se; ela é, necessariamente, a reprodução de vícios, que a gente viu vários instrumentos reproduzirem, justamente por essa transformação, esse afastamento da base, a falta de trabalho de base [latidos ao fundo]; a falta de trabalho de base é uma constatação do afastamento da política cotidiana em se voltar pra ocupar secretarias, conselhos etc. Eu acho que não é isso né, tanto que a gente não nega esses espaços na FREJUNA, mas a gente acha que a luta política nas ruas, junto ao povo, numa relação de trabalho de base e de testar nossa política no cotidiano, cara a cara com nosso povo, é um pouco do caminho de renovação importante nesse... nessa coisa da reorganização da classe. E aí, pra encerrar, não ficar falando muito mais, só um exemplo muito substantivo: é que agora, no dia 27, quando a gente construiu o “Agita, Negritude!”, as primeiras entidades que nos ajudaram, nos apoiaram financeiramente pro nosso evento, foi o CAEF – Centro Acadêmico de Educação Física, e a ExNEEF – Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física, que fazem parte do movimento estudantil e debatem a reorganização do movimento. São duas entidades, uma é de base, outra nacional dos estudantes, com uma atuação e área que fazem o debate de reorganização do movimento estudantil, em relação aos limites da UNE, por exemplo; então coloca aí uma diferenciação bastante importante. É isso.

ARTUR – Legal... é, pensando esse... desde lá no início da articulação da FREJUNA, acho que uma coisa que foi muito marcante foi isso né; esse processo e ter referência, reconhecer e

ter um acúmulo de luta em geral, mas um acúmulo de experiências pontuais também de organização, mobilizações, manifestações do povo negro localmente também, e trazer essa experiência de luta do movimento estudantil, especialmente, de várias das figuras que deram esse pontapé, se articularam aí pra criação da FREJUNA. E algumas coisas que são reivindicadas, que são relatadas e comentadas no documento, tem a questão da Marcha da Negritude, da Virada Antirracista... como que tu vê que esses eventos aqui em Floripa, ou às vezes até mais especificamente na UFSC, que é onde predominava essa militância que deu o pontapé pra FREJUNA, contribuíram pra, pro reconhecimento do potencial dessa militância; pro conhecimento entre essa militância também de quem tava ali construindo junto a luta... e pro peso do Movimento Negro dentro da cidade também nesses últimos anos assim?

AMANDA – É... essa é uma pergunta bem importante, na verdade. Porque a gente ter vindo bastante, né, ali da luta em relação ao movimento estudantil, e de diferentes formas de participação no movimento estudantil, né... de pessoas que, por exemplo, se envolveram com o Centro Acadêmico, mas teve uma galera que por exemplo se envolveu mais com a Virada Antirracista, ou com a Sala Quilombo lá, depois que fizeram os símbolos nazistas, enfim. É... e é importante pensar sobre essa articulação ali porque eu acredito que o movimento estudantil ele é uma escola; ele é uma escola, ele é uma primeira experiência de você, é... se organizar e coletivizar. Claro que tem pessoas que têm experiências outras, coletivos outros, grêmios... enfim, a trajetória das pessoas difere. Mas pra grande maioria, eu vejo, né, que ao acessar a universidade, desde as questões de entrada, né, o próprio vestibular, o próprio ENEM, a própria banca né de verificação... e depois do acesso, a permanência, a questão da permanência estudantil, pautas transversais; a questão da grade, de não ter necessariamente coisas que enquanto povo negro são fundamentais... todas essas disputas que surgem ali nesse momento de efervescência até, da consciência intelectual, que a gente se propor a pensar algumas coisas, é muito importante né. Então o movimento estudantil ele é o primeiro momento onde a gente aprende a fazer uma ata, onde a gente aprende a facilitar um espaço; onde, por causa do nosso grupo de estudos, a gente vai abrir uma mesa, vai fazer uma fala... ali é um treinamento muito objetivo pra que a gente se reconheça enquanto pessoas políticas, sujeitos políticos, mulheres e homens, enfim... não binários, enfim... todo mundo, no geral, mas que a gente se sinta fortalecido enquanto pessoas negras, né, porque a gente tem essa coisa de ser subestimado intelectualmente. Ali, naquele espaço, se fortalecendo e encontrando outras pessoas que passam por situações semelhantes, a gente consegue se fortalecer nesse nível de avançar. E é curioso que no movimento estudantil sempre, assim, nos últimos anos, se sentiu a necessidade de

coletivizar num sentido mais periódico, é a ida ao EECUN, o encontro, já faz um tempo, é... por exemplo, foi um grande precursor... foi um grande precursor daquela geração ali também. Nós fizemos uma etapa regional do EECUN, fomos pro encontro no Rio de Janeiro, vivemos dias lá, e a gente ficou um pouco frustrado com a política daquele espaço... foi um espaço incrível, mas porque na plenária final não teve nem uma deliberação da gente continuar o diálogo. Teve várias constatações do que passam os estudantes negros nas universidades privadas e públicas, mas a gente não criou uma plataforma de diálogo entre aquelas pessoas; quando a gente voltou isso tava muito explícito pra gente: a gente precisa fazer regionalmente aquilo. Então daí a sala Quilombo surgiu nesse bojo aí também, e depois que aconteceram inclusive alguns casos, a própria Virada Antirracista, que teve duas edições e que foi bastante importante também. Eu vejo, também, e acho que isso é bem importante, que a nossa geração – e aí várias das últimas décadas –, que a gente pegou aí, da última década principalmente, que a gente pegou um acirramento das lutas né, que se abriu ali em 2013, por exemplo; eu decidi me organizar politicamente em 2013 né, nas jornadas de junho. E depois 2014 veio o levante do bosque, por exemplo, e a luta contra os megaeventos – copa, olimpíadas –; 2016 veio as ocupações dos secundaristas e dos universitários; então a gente ocupou a UFSC também. 2017 a greve geral, né. 2018 também tivemos uma... a... o mulheres unidas contra o Bolsonaro... É... foi em 2019, foi a greve, né?! A greve estudantil, tsunami da educação, Future-se. Então a gente pegou... não teve nenhum ano de descanso, se a gente parar pra pensar. E antes disso mesmo já tinha a galera debatendo as ações afirmativas, debatendo as situações, formando coletivos negros, antes mesmo da gente. Mas a gente pegou ali um espaço de lutas que nos exigiu uma politização; eu vejo muito que 2013 abriu isso, assim; a necessidade da gente debater os nossos direitos, porque surgiram atos na maioria das cidades, né, brasileiras, e que declaravam que a vida não tava boa, que tinham coisas erradas, que a gente queria direitos na perspectiva que nos foi prometida... ascenso através da educação, por exemplo, mas o que tinha já era uma galera se formando na universidade e ficando desempregada maior tempão, ou passando um sufoco pra conseguir se formar, que sempre foi a realidade dos estudantes negros, com ações afirmativas ou não. Então acho que essa galera do movimento estudantil, que daí formou lá a própria FREJUNA, veio através desse movimento de politização mesmo que a sociedade viveu, e também da necessidade objetiva de coletivizar porque ou a gente coletivizava e lidava com as questões de sermos estudantes negros na universidade, na sociedade, né; precarização; ou a gente ia continuar tomando paulada sem uma organização coletiva nossa, assim.

ARTUR – E tanto no estudo, assim, das questões mais históricas do Movimento Negro, pegando ali principalmente pra década de 70, quando a gente começa a ver maiores influências da luta internacionalista, né; numa orientação mais marxista, e o movimento socialista se integrando a isso; mas até os dias de hoje, excetuando um pouco aquele momento, mas pegando o antes e o depois, até hoje, tem uma crítica muito... muito contínua da dificuldade das esquerdas em conseguirem dar atenção pra essa discussão, né; e a FREJUNA, no meu entendimento, do que eu vim estudando também, vem numa iniciativa de um contraponto a isso também, ao reunir ali, ainda que junto de vários militantes independentes, mas organizações bem posicionadas no campo revolucionário mesmo né; organizações socialistas, comunistas, que se lançam a essa construção e que, claro, possuem suas várias diferenças de programa e várias questões assim, mas têm muitos traços em comum, assim, também. Como que tu... o que que tu diria que se sobressai, talvez, nessa experiência de unidade; de estar ali com organizações de um mesmo campo, pessoas independentes que, como tu colocou, não necessariamente se reconhecem enquanto socialistas, mas vão se identificando, amadurecendo o que é esse anticapitalismo pra elas mesmas, e tão ali pensando não necessariamente um programa político de forma enrijecida e em tópicos, mas uma nova proposta de movimento, uma nova proposta realmente de política pra tudo isso, assim... O que que tu acha que se destaca nessa experiência de trocas entre organizações, militantes independentes posicionados mais à esquerda? Qual o diferencial?

AMANDA – Boa... que bom que tu fez essa pergunta, porque eu tava pensando nessa resposta que eu dei na primeira, porque bem, não precisa ser socialista, mas a maioria é. Socialistas e comunistas. E isso é importante, porque tem um referencial, uma forma de compreender a sociedade, uma chave de entendimento, uma forma de olhar, né, pra conjuntura, que tem uma referência histórica. Então é isso... é... mas é, a importância da gente inclusive falar sobre isso, né, você não precisa se declarar alguma coisa imediatamente. Porque primeiro a gente precisa entender o que é o próprio socialismo, o próprio comunismo assim, né; e depois, o que a nossa sociedade não é, né; então como a gente pensa sobre isso? O que tem na nossa sociedade é uma mensagem explícita de “ah, o socialismo não deu certo”... mas as experiências que tivemos historicamente não deram certo, mas foram experiências específicas; não simbolizam de forma nenhuma o que é a construção, né, dessa sociedade que a gente acredita - e no caso específico de alguns militantes, né, uma sociedade socialista, né, enfim, comunista como objetivo né. Ahn... mas sobre esse diferencial, eu acho que é... ele é um traço de combatividade importantíssimo. Nós somos uma frente baseada nessa, nessa, na luta de rua, a combatividade; não nos... não nos é o suficiente apenas nos formar, mas isso é fundamental também, é. Mas

simplesmente fazer rodas de conversa, grupos de estudo, que a gente se aproprie de todos os textos possíveis, mas eu acho que vem disso... e vem também de uma conversa, eu acho, de organizações de esquerda, também... de organizações de esquerda. E a gente tem uma galera, uma aproximação, por exemplo, com o Serviço Social, que também tem uma tradição de olhar nessa perspectiva combativa, né; de reivindicar o método, por exemplo, né. A gente dá um passo e não sentir... porque no Movimento Negro tem um pouco disso, né. Não sentir vergonha de nos declararmos enquanto Movimento Negro, combativo, com referenciais marxistas, foi, é muito importante. Porque a gente acha que essa forma de olhar pra história é uma forma coerente, e o marxismo ele deu... ele não é... é... perfeito, imutável, né. Ele é uma... um processo, o método é uma construção, né. É... e que a gente precisa, inclusive, fazer leituras diferentes. Eu acho que os nossos referenciais inclusive de Movimento Negro, sei lá, pensar nos Panteras... ou a própria... nos Panteras Negras, né. Ou a própria Beatriz Nascimento, ou a própria Lélia Gonzalez, que teve seus períodos aí... mas os nossos referenciais hoje, que a gente reivindica, são referenciais que se colocaram como esquerda e tiveram também os seus processos, tiveram os seus limites, foram pra vários lados diferentes, mas assim, tiveram aquela experiência de combatividade e encontraram ali, né, na, no referencial teórico, né, do marxismo, de esquerda, algumas coisas importantes. É... é... tem até as meninas do Coletivo Combahee River, né, em que feministas, feministas negras, que colocavam no seu manifesto inclusive, é bem massa, “bem, nós somos marxistas, nós reivindicamos o método, né, dialético; mas a gente acha que ele por si só não dá conta inclusive das questões raciais; a gente precisa se apropriar de outras leituras, de outras coisas, e ir construindo essa perspectiva”... eu acho que esse... esse salto teórico é muito importante, de não simplesmente olhar pra esquerda e falar que ela é insuficiente, mas reivindicar uma coisa fundamental do marxismo, do método, que é a parada da análise, mas de uma análise que pede uma prática sobre esse diagnóstico da sociedade. Pô, se a gente tá olhando pra conjuntura, se a gente tá olhando pros problemas da sociedade, mais do que simplesmente constatar eles de uma forma acadêmica, de uma forma teórica, é um instrumento de prática; um instrumento, né... a práxis no centro da nossa... da nossa perspectiva, em relação à própria FREJUNA, assim. E as leituras de várias coisas; eu acho que isso nos... nos... nos enriquece assim, né. As elaborações em relação às questões raciais precisam estar alimentando a nossa perspectiva. E sim, a participação do... do... se a gente for pegar historicamente, a esquerda né, e o quanto se coloca né “ah, o quão brancas são, o quão se relacionam de uma forma difícil com seus próprios militantes”... com certeza, né. O racismo ele tá introjetado na sociedade. Mas a gente diz que não é suficiente diagnosticar que precisamos enegrecer as nossas práticas; a gente precisa pegar e fazer, né. E aí eu digo uma coisa muito

importante, né, não a nível de comparação, mas que um militante negro, que tá envolvido nessa perspectiva revolucionária, ele é muito valoroso; ele é muito valoroso porque ele entende que a luta é na totalidade, que a gente precisa olhar, e precisa construir essa práxis, teoricamente e praticamente. Acho que de coerência, o marxismo, historicamente construído, é o que mais se aproxima dessa nossa realidade; agora, a gente não pode ficar preso a isso, e acho que isso precisa nos... ser... precisa nos guiar na nossa prática. A gente só vai conseguir ver se isso tem coerência se a gente testar isso na realidade. Senão a gente fica entre nós, debatendo sobre os nossos referenciais teóricos, não lê coisas brasileiras, não lê coisas brasileiras que não necessariamente reivindicam o marxismo, não olha pras lideranças negras que fizeram muita diferença... não se apropria de nada, sabe? E daí a gente fica... não acumula historicamente. E o que é, senão esse processo histórico, o acúmulo que a gente vai, que nós queremos contribuir pro Movimento Negro: um Movimento Negro anticapitalista e antirracista, que pensa sobre questões da humanidade e da nossa sociedade principalmente, de uma forma a pensar “bem... Revolução”.

ARTUR – Perfeito... [risos]. Bom, e... pra já, já lançar mais uma questão braba aí também, que... nessa, nesse potencial, nessa questão valorosa da militância negra orientada também por essa perspectiva revolucionária, acho que a FREJUNA traz um diferencial também, e que tu citou ali a Lélia, e que a Lélia já apontava há alguns anos, desde os estudos dela no século passado, em relação à luta das mulheres; e como as mulheres se encontraram e se organizaram através do Movimento Negro; não no movimento das mulheres, não necessariamente no movimento estudantil, nos partidos de esquerda. Também nesses espaços; mas as mulheres negras, especialmente, atuando e liderando muitas esferas do Movimento Negro, entendendo a centralidade dessa luta. E acho que a FREJUNA representa bastante disso, né; desde o momento de sua criação, principalmente até hoje – hoje, em especial, uma composição amplamente feminina também ali na frente. E sempre com um papel de liderança mesmo; apesar de não ter uma hierarquia dentro da frente, uma... uma colocação muito firme das militantes mulheres ali. Como que tu avalia, como que é isso pra ti? Estar nesse espaço, e essa construção, e ver outras companheiras de luta conseguindo ou tentando se colocar nesses espaços; a relação com os companheiros homens também nesse processo, assim... Como que é isso, pensando o Movimento Negro e pensando a experiência específica da FREJUNA?

AMANDA – É... eu vou bancar, vou bancar um pouco o Caetano, assim: “Pô, a Lélia Gonzalez era foda, tá ligado? Jeruse Romão é foda, tá ligado? Azânia Mahin é foda, Rita é foda, Joyce é foda, Chaiane é foda, Alicia é foda, Andressa é foda... tá ligado?” São minas muito brabas,

assim, usando a expressão objetivamente. Que metem a mão politicamente aonde elas acham que devem meter, que fazem a participação. E acho que muito mais que falar “ah, é importante dar espaço para as mulheres, sobretudo as mulheres negras, na política”, eu acho que a gente deu o passo pra ação; ativamente. Fomos constituídos a partir do que pensam, que sentem, das reflexões políticas dessas mulheres negras, assim, né. É... e ainda deixei de citar várias outras, tá, todas as outras também são maravilhosas... E poder aprender dessa forma é... é fundamental, também. E o acúmulo do feminismo negro pra constituição das mulheres negras que militam, né, ele é fundamental, assim. O feminismo negro ele inclusive deu passos importantes né. Angela Davis é foda, sabe?! E ela foi muito importante, o coletivo que eu acabei de citar também é foda. Então assim, a gente teve; tivemos muitas mulheres que avançaram, né, além desse diagnóstico “precisamos de mulheres na política”... pô, a gente precisava, a gente precisa valorizar as que se formaram nesse bojo de luta, inclusive partindo de uma necessidade, uma necessidade objetiva da gente pensar nossos problemas, né; pensarmos os nossos problemas... mulheres, enfim, tem várias formas de se identificar também em relação ao gênero, identidade de gênero. Mas questões muito importantes do que passam inclusive as mulheres negras, né; a Audre Lorde, por exemplo, falava justamente sobre isso: “eu, enquanto a mulher negra, lésbica, tenho que... é da minha conta a luta do outro; e é da luta dos homens negros o direito das mulheres negras; dos héteros”, sabe... uma perspectiva inclusive interseccional, que vê muito da tradição das feministas negras de dar um passo, entender essa interseccionalidade em relação as opressões, e entender que a nossa luta tem a ver com tudo isso. Então é muito importante assim também olhar pro lado e ver que a gente consegue debater dentro da FREJUNA de uma forma a fazer as nossas disputas, sabe. E isso falando em relação ao funcionamento da FREJUNA, sabe. A gente coloca as nossas posições e etc., e acho que [risos], objetivamente falando, acho que se tivesse incômodos com os companheiros, esses incômodos apareceriam, como, enfim, se aparece; mas que é um espaço em que aqueles que se sentem aproximados, inclusive, se sentem aproximados nesta perspectiva, de ver sempre uma mina no microfone, apresentando, organizando a reunião, fazendo chamado... então já sabendo a constituição da FREJUNA naquele momento. E a importância também do trabalho coletivo de ser dividido, assim, né. Eu acho que o trabalho intelectual pertence a todos, pintar uma faixa pertence a todos, fazer um cartaz pertence a todos. Eu não sou muito boa na agitação, mas a gente tem bons puxadores e puxadoras, e assim, tem que ser a todos; a bateria pertence a todos. E isso como uma experiência, né, que ali também tem a ver com igualdade, mas tem a ver com acreditar no potencial militante de cada um e cada uma, então vejo que isso também é bastante dividido, distribuído, e isso é fundamental pra... pra superação de vários vícios, inclusive, que

a coletividade, né, nas organizações políticas, reproduzem o tempo todo. E não utilizar isso de uma forma a se instrumentalizar, “ah, vamo botar uma mina pra falar porque é importante”... não, estamos dividindo ali, e isso inclusive não passa pelas nossas cabeças, geralmente quando a gente tira uma coisa assim. Mas uma das nossas pautas, que a gente colocou prioridade esse ano, foi o caso da Andrielli, então... enquanto mulher negra, o que aconteceu e tudo mais. Então também entender que é isso, faz parte transversal essa questão de gênero, desde nossas pautas até como a gente se organiza internamente, nossa constituição e aquilo que a gente leva pra fora, inclusive. Isso é bem importante.

ARTUR – Legal... Pra mudar um pouco, agora, assim; sair dessa questão mais ligada à dinâmica, à vida orgânica da FREJUNA, e ir pensando um pouco mais sobre essa produção política, assim. Uma coisa que tu ressaltou bastante nas tuas falas foi essa conexão, esse processo de construção mútua da formação com a execução, o alinhamento da teoria com a prática, o reflexo disso na formação militante também, né; como uma necessidade, mas não só como uma necessidade, mas como algo que a FREJUNA vem conseguindo, vem sempre se pautando, e veio conseguindo fazer também até então. E acho que um exemplo que sempre é muito reforçado no estudo dos documentos da frente, na discussão com as pessoas que participam, é o exemplo de construção da marcha de 2019, né, que veio aí com um trabalho prévio de formação, que veio alinhando trabalhos de agitação e uma nova proposta de colocar eventos na rua, que se desdobrou em vários outros eventos, que nem a gente já citou os atos antirracistas de 2020 e construções que vieram até esse ano. Que que tu vê de central nessa nova proposta da FREJUNA sobre a construção de atos, a ideia, a importância dessas atividades e de como se construíram essas atividades? A diferença desse diálogo na construção, esses processos de reuniões ampliadas, ao mesmo tempo em que a FREJUNA, pelo menos avaliando quando não deu, mas sempre que dava fazendo também suas reuniões próprias pra direcionar também esse processo... O que que tu vê de importante assim nessa forma de construção? O que isso traz de novo, de interessante pro movimento?

AMANDA – Tá... sobre o trabalho de base, né, que é uma pergunta muito atrelada ao trabalho de base, que parte inclusive de um diagnóstico de qual é a necessidade. Pra começar a responder, preciso dizer assim: a FREJUNA tem limites. Ela tem limites, ela vai ter limites, porque ela faz parte de uma experiência da classe, de um instrumento da classe, e a classe, nesse momento de crise, enquanto o velho não morre e o novo não nasce, inclusive, vai fazer suas experiências, suas múltiplas experiências, né. Então a FREJUNA é uma experiência, é uma experiência coletiva, e vai ter limites porque faz parte desse momento político, com essas possibilidades.

Agora, a gente tendo limites, a gente se propôs a fazer, e faz, e a gente se propõe a incomodar o quanto for possível; o quanto a gente tiver essa possibilidade. E aí a marcha de 2019 eu acho que ela foi, ela é ainda o exemplo mais forte, um dos exemplos mais fortes pra FREJUNA, de construção que não foi perfeita, não foi ideal, mas ela se aproximou muito; a gente dizia: nossa, a gente tá fazendo uma coisa megalomaniaca. A gente dizia pelo volume de tarefas, e não foram tantas pessoas que construíram né; a gente tinha um número limitado de pessoas. Mas ao mesmo tempo a gente tava com toda aquela força de ter recém criado a FREJUNA, e aí era um teste que inclusive a gente falava na reunião: vamo ver se isso aqui vai pra frente mesmo, vamo pra prática, fazer isso aqui. E o que a gente tirou, né, foi primeiro reuniões ampliadas... e a pergunta que a gente fez, inclusive, continua se fazendo em 2020 e fez esse ano – “por que marchar?” – ... uma pergunta muito objetiva: por que a gente quer marcar em 2019? E aí a gente foi elencando uma série de coisas, não vou lembrar de todas, mas assim, casos naquele ano de racismo e enfim, que aconteceram e foram bastante objetivos; sintomas da crise também né, que a gente via na sociedade. E a gente colocou que ok, se a gente nasce dessa reorganização, com princípios diferentes, a gente faz a diferenciação no movimento também. Precisamos pensar o que vai ser essa diferenciação. Então a gente vai fazer um processo de enraizamento da Marcha da Consciência Negra de 2019. A gente queria enraizar na cidade a possibilidade de uma marcha; pessoas negras unidas; pessoas independentes, coletivos, marchando num grande ato, num grande bloco de pessoas negras, enfim, aliados... é... pensando né, tipo, por que marchar, o que era importante em 2019. Mas que não fizesse isso apenas botando na rede social que vai ter marcha no 20 de novembro, Marcha da Consciência Negra, e convidando as organizações através de meio formal. A gente queria construir outras coisas. Foi quando a gente tirou as panfletagens, e tirou principalmente a comissão de formação, né, que foi nas escolas, conversou com a galera mais nova, conversou no EJA, panfletamos em escolas de samba, nas batalhas, né; massivamente no terminal. A gente realmente passou nas escolas também com o panfleto. Então a gente fez uma passada que era um pouco do trabalho que a gente achava que era ideal pra atingir inclusive o povo que não se identificava com a forma política de chamada dos atos de rua, ou pra construção, ou que não se sentia à vontade pra estar nesses espaços. Isso foi muito importante. É preciso reivindicar a presença negra pra construir politicamente as reflexões sobre os problemas do povo negro da nossa cidade e também a forma de coletividade que vai procurar, é... enfrentá-los. Como um processo inclusive de enfrentamento. Então 2019 foi muito simbólico por causa disso. Então a gente foi atrás do financeiro; independente politicamente, independente financeiramente... foi bastante ousado, contamos aí com a unidade, também pelo teor que era uma marcha pelos direitos. Não nos bastava apenas ser

contra o genocídio da população negra, que já é bastante coisa, né; não é apenas nos matarem em relação à violência policial, mas todo o processo sistemático que coloca o nosso povo a sofrer com o desemprego, com a fome, com falta de saúde, transporte, educação... então a gente tá fazendo uma luta por direitos, né, num momento onde os direitos tavam sendo centralmente atacados. Então foi bastante simbólico porque também olhou pra conjuntura e a partir da conjuntura tentou não exatamente dar as respostas, mas combater aquelas nossas análises de limites do que tavam sendo os últimos atos. E reivindica a Marcha da Negritude, de 2016, né, que também foi uma experiência de unidade, é muito importante falar isso. Não é a FREJUNA que inventou a marcha nem nada disso, mas a gente sentiu a necessidade de estar no 20 de novembro nas ruas, se... se... se baseando, se referenciando em espaços, em momentos de unidade do Movimento Negro. Então a gente olhou pra conjuntura, armou a nossa política em comissões, em reuniões ampliadas, tirou todas as tarefas que a gente tinha que fazer. E uma coisa muito importante: ao chamar, ao convidar, não só para ir aos atos, que era uma tendência que a gente criticava muito; mas construir a marcha, participar das reuniões, colocar suas próprias opiniões do povo negro, a gente pensou também como esse povo negro não era apenas convidado, mas como ele se sentiria naquele espaço. E é uma coisa que pode parecer pequena, mas assim, até hoje a gente sempre tem um café nas nossas reuniões, né... tamo falando de um povo, é isso, que sai do trampo, cai direto na reunião; ou que precisa, é uma forma de acolhimento, que talvez não tenha alimentado, ou que talvez esteja tranquilo em relação à sua alimentação mas tamo aqui, nos propondo a fazer esse trabalho. E na Marcha da Consciência Negra a gente teve esse cuidado, não colocar a galera horas só na rua; foi um dia de evento, desde manhã, abrimos com capoeira; até uma batalha de rap no final, na Tancredo Neves, mas tinha um sanduíche que ficamos até 4 horas da manhã fazendo... e não porque “ah, a FREJUNA ficou fazendo, e a galera que tava ajudando” (inclusive, pessoas que não participavam da FREJUNA botaram muito a mão também), mas porque, se a gente acha que a gente precisa da diferenciação na prática, e a gente aponta os limites de construções anteriores, se propor a fazer é o passo número um. E pode não dar certo em muitas coisas, mas a gente então acumula aquela experiência e vira saldo organizativo pro próximo momento. No caso, que bom que existiu 2019 e a Marcha da Consciência Negra, que foi sim megalomaniaca... mas as coisas são impossíveis até que se tornem inevitáveis. E se tornou inevitável. E foi um dia em que eu chorei muito, fiquei muito emocionada.. Saí cansada, todo mundo saiu exausto, mas até hoje eu me emociono muito. A Azânia, ela fala assim que “talvez uma das maiores coisas que eu construí foi a marcha de 2019, e eu tenho certeza que nós podemos construir coisas ainda”. Mas ali foi um sentimento de validação que a FREJUNA é possível, que o sonho da FREJUNA é possível. Sonhar

coletivamente um sonho, com pessoas negras, é possível... É... tô emocionada [emoção]. Que bom que eu vivi isso!

ARTUR – Uma coisa que... [emoção]... também tô emocionado. Mas uma coisa que tu traz muito, e que é muito presente, inclusive, especialmente nas análises desse contexto pandêmico, e desse ano, desse processo de reorganização que a FREJUNA teve a partir de agosto de 2021 agora também, é isso de entender que a FREJUNA tem e vai ter limites, assim, né. Entender que a FREJUNA ela é construída por poucas pessoas, em alguns outros anos já teve um pouco mais, mas ainda assim sempre poucas; que os processos, os grandes processos, da marcha, do ato de 2020, todos eles foram também construídos por poucas pessoas, em relação ao que se pretendia, ao que se esperava, ao que se queria. E que também, em alguma medida, salvo os êxitos avaliados pela própria frente, de mais de mil pessoas nas ruas em 2020, de centenas de pessoas em 2019, na marcha de 2020, o próprio “Agita, Negritude!” que reuniu centenas de pessoas também... também ainda em uma dificuldade, acho que é algo histórico assim, por toda a construção da identidade nacional, o debate sobre a dita democracia racial... e, que nem tu colocou, os projetos políticos que desmobilizam, na verdade, o povo negro; mas a gente vê aí uma dificuldade grande, não necessariamente enquanto uma culpa, mas da FREJUNA reunir mais gente ao seu redor, pras suas atividades, e conseguir agregar também mais gente à construção dessa luta, assim. O que que tu vê em relação a... é um limite, tá colocado enquanto um limite. Mas o que que tu vê em relação às perspectivas, possibilidades... num sentido de isso te animar ou de ainda dar pra manter um pé no chão, entendendo que é uma experiência a ser construída? Esse espaço da FREJUNA enquanto não sendo ainda uma frente ampla, de massas, que consiga congregar muita gente; ser mais reduzida a uma vanguarda, mas se pretender e fazer esse trabalho junto às massas, assim... o que tu vê de limitações e de... de questões que entram, mas de questões que precisam ser entendidas também... como tu vê essa mediação assim desses limites e vontades que tem também da militância?

AMANDA – Bem... começar com o que tu falou, assim. Nós tamo lidando com um problema histórico; política de massa, política de vanguarda, organização de massa, organização de vanguarda. Tamo lidando, inclusive na história... né, do nosso país, muitas interpretações de que as organizações deveriam ser de vanguarda, ou aquela ou aquela experiência deveria ser de vanguarda; outros, que deveria ser de massa. A gente se coloca na reorganização, a FREJUNA se insere como um elemento da reorganização da classe, do Movimento Negro, dos instrumentos de luta do povo, enfim, é entender que a gente vai lidar com esses problemas históricos também né. Entender que eles são... eles precisam avançar no sentido do que a gente,

de quais são os nossos objetivos, e lembrar desses objetivos. A gente tem pouquíssimos anos, né. A FREJUNA é muito nova, e pra nós, a gente que viveu tudo tão intensamente nesses últimos anos, altos e baixos, discordâncias, mas assim, sobretudo, vejo muita crença, né; muita esperança no que representa a FREJUNA coletivamente, assim. A gente que viveu isso intensamente, às vezes não tem a perspectiva histórica mesmo; e a gente enquanto juventude, enquanto né, geração que vive isso... é... é um projeto que a gente não tem a historicidade, é um projeto que a gente queria tudo pra agora, nossas soluções pra agora, mas a gente faz parte do processo. Tiveram pessoas, organizações, experiências que vieram antes de nós; vão ter depois de nós também. A questão é: a FREJUNA vai ter que construir seus militantes; não a frente em si, porque ela é composta de pessoas, de perspectivas, de militantes; mas vai ter participado desse processo como? Com qual intensidade? Vai ter contribuído com ele em qual direção? São perguntas que a gente precisa se fazer. A classe vai fazer as suas experiências. A gente inclusive não sabe, porque se fala muito do risco à democracia etc., mas, objetivamente, quando a gente pensa no governo Bolsonaro, a gente tá pensando num governo que ele tenta, ele faz as suas tentativas de chamar, de chamar... as pessoas, o povo no caso, né, a base dele, contra, por exemplo, o STF, entendeu?! Então a gente tá pensando sobre isso; “ah, não, isso tá aí... ditadura... etc.”, ele faz as suas tentativas, ele faz. A gente não sabe o quanto tempo a gente vai militar do jeito que a gente milita. Se a gente fosse falar que ia viver uma experiência de coisas online, por exemplo, lá em 2019, quando a gente construiu a Marcha da Consciência Negra, a gente não teria noção dos impactos disso E é uma galera que faz os seus próprios corres né, composta majoritariamente de juventude, é uma galera que trabalha, que estuda, que trabalha e estuda; uma galera que milita em outros espaços, que se dedica; uma galera que tá sendo disputada o tempo inteiro; o tempo inteiro tá sendo disputada pela droga que é o seu trabalho, pela precarização que é sua vida, pra questões individuais, “tá tudo uma merda, tenho que lidar com isso dessa forma aqui”... de se afastar da coletividade, de achar que a militância é demais, de achar que “ai, não, preciso cuidar de mim etc.” e claro, precisa cuidar, mas tudo isso também são disputas, são disputas que fazem, né. É isso, então, a todo tempo, tentam desmontar o que é a experiência da FREJUNA; e a gente pode não sentir isso ativamente, mas o que acontece no nosso país em relação à crise... pô, nós temos a cesta básica mais cara do país, cara... como que nossos militantes não vão tá sentindo isso? Como que a galera que tem que fazer seus corres, muita gente que não é daqui, inclusive, não vai sentir isso? Pô, o que foi a experiência do isolamento né... uma galera que precisava coletivizar, que precisava se encontrar.. a diferença de quando a gente voltou a se reunir presencialmente, por exemplo. Então, sim, a FREJUNA tem limites; ela pode inclusive deixar de existir (e é uma coisa que eu

tenho que me repetir o tempo inteiro, porque também tem muito afeto né, nessa experiência... tem muito carinho, tem muito amor). E é isso, né; enegrecido, totalmente. Aprendi muito a amar meus irmãos e irmãs na FREJUNA também. E apesar de, por mais carinho que a gente tenha com essa experiência, a FREJUNA tende a acabar em algum momento; mas ela pode acabar de formas que a gente não sabe. O que que a gente precisa nesse sentido? Fazer aquelas perguntas que eu disse. Como que a gente vai querer ter contribuído para o processo de transformação? E quanto a gente pode fazer, e como que a gente vai mandar ver? Como que a gente vai incomodar, como que a gente vai construir... e aí é algumas coisas que a gente precisa manter vivo, que é de vida interna. Abrindo coisas da FREJUNA aqui, mas é importante né, de vida interna, das nossas táticas, da nossa estratégia, nossa periodicidade, nossos encontros, como que faz, quais são as pautas, como é que a gente coloca a divisão de tarefas, como que a gente dá qualidade pra essa coisa, pra essa vida interna. E como que a gente se mantém, sobretudo, vinculado ao povo negro da cidade. Porque se a gente não tiver essa vinculação, o vento leva. Se a gente não tiver raiz, o vento leva. Então se a gente não for conhecido por ninguém, não fizer atividades, não colocar política na rua, não ouvir, não construir coletivamente ouvindo do nosso povo, não tiver intimidade com os problemas que passa o nosso povo... se a gente não tiver essa política como prioridade, estar junto, então primeiro a gente vai tá perdendo um pouco o sentido dessa combatividade, desse trabalho de base que é nosso princípio, e a gente vai girar pra problemas internos; a gente vai girar pra problemas que não fazem sentido; a gente vai perder de perspectiva qual é a nossa política e o nosso objetivo. Muito explicitamente foi quando Lucas e eu fomos na escola Aderbal, fazer uma mesa agora em relação ao 20 de novembro... a gente acha que tem que melhorar muita coisa, com certeza, mas o jeito como a gente voltou naquele dia... é difícil falar isso, pensar a coisa escrita talvez, mas se a galera tá lendo aí, de alguma forma: é um sentimento muito específico de quando você milita. Tu vai entender isso, Fava; é aquele vislumbre do real. Ele dura alguns momentos, que é o que te emociona totalmente. De tu falar assim: “é isso! É isso aqui, é agora, é essa transformação aqui, que é constituída desse tipo de trabalho de base”, e que quando toca nas pessoas, quando toca na gente, a gente percebe. Porque a forma política, a forma de atuação política, ela é tentar enxergar os mecanismos de destruição do nosso povo, e ela é sentir uma coisa objetiva: “cara... tem uma coisa errada com a nossa sociedade, não precisava ser assim”, e tentar viver pra mudar; “não precisava ser assim”. E quando a gente tem um trabalho real, dá um passinho, essa perspectiva nos enche de fôlego, ela nos renova e ela lembra o nosso compromisso com a transformação. A coisa da perspectiva que é possível destruir o capitalismo... cientificamente falando, mas assim, é mesmo possível

destruir o capitalismo. Mas a gente só sabe disso ao fazer, ao fazer no cotidiano. Então acho que é um pouco isso... falei bastante nessa.

ARTUR – Nossa... só agradeço! Acho que deu conta, inclusive, de abraçar todas essas inquietações que tinha, assim; essas necessidades de respostas e complementos pro trabalho, também... pra além desse lado de emocionar e de trazer isso, de falar disso e que é trazer isso ao mesmo tempo também, porque a gente vive isso né. Queria te agradecer, assim, e num geral entendo que tá bom. Não sei se tem mais alguma consideração... tá bom, não; tá ótimo! Mas no sentido que deu pra pegar muita coisa e acho que vai contribuir bastante, assim.

KOSCHNIK, Amanda. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 10/12/2021.** Florianópolis, 2021.

ENTREVISTA CONCEDIDA POR AZÂNIA MAHIN ROMÃO NOGUEIRA AO
PESQUISADOR ARTUR FAVARETTO PEREIRA, EM 15/12/2021

Pesquisa: “Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021” (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História na UFSC)

Entrevistador: Artur Favaretto Pereira

Entrevistada: Azânia Mahin Romão Nogueira (32 anos)

Florianópolis, 15 de dezembro de 2021

10h10min

ARTUR – Florianópolis, 15 de dezembro de 2021. São 10h10min, e essa é uma entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História na UFSC, desenvolvido por mim, Artur Favaretto Pereira, junto à Azânia Mahin... Oi, Azânia! Bom dia!

AZÂNIA – Oi!

ARTUR – Bom, acho que a ideia central do trabalho, assim, analisar a FREJUNA, vem também de tentar entender um pouco do que é essa contribuição e do que é a realidade do Movimento Negro, do movimento popular em Florianópolis, assim. E eu queria começar te perguntando isso, assim. Como que tu vê o Movimento Negro em Florianópolis? Especialmente nesses últimos anos, mas o legado de luta que vem sendo mudado nesses tempos recentes também.

AZÂNIA – Ah então, eu acho que o Movimento Negro em Floripa acompanha uma movimentação que muito se tem visto nacionalmente, de reorganização desses movimentos sociais, de todos, especialmente pós-experiência do governo PT. Acho que aqui o Movimento Negro de Florianópolis ele é... foi muito direcionado pro governo do PT né; se a gente pensar o NEN, que é a organização que construo... assim, da velha guarda, acho que sei lá, 80% deles foram parar no governo federal assim, sabe... desde SEPPIR, MEC, Fundação Cultural Palmares; foi uma galera mesmo que foi pra lá. Então acho que a gente tem visto mais recentemente uma reorganização após essa experiência; é um momento também de avaliação, crítica e autocrítica, e de uma nova geração que também vê os limites, né; também as conquistas, mas vê os limites dessa experiência né, que foi... foi... o... o governo petista, assim. Então eu vejo muito um contexto de continuidade histórica, assim, se a gente for ver a organização que

eu faço parte tem 36 anos, o MNU tem 24 anos em Floripa, a UNEGRO também deve ter mais de duas décadas aqui em Floripa; mas também de renovação, assim; de ver uma outra experiência de movimento aqui, especialmente, também por conta da... da lei de cotas. Então é isso né, o próprio movimento alimenta sua renovação, porque a lei de cotas é conquista do Movimento Negro. E a gente vê essas experiências como o Coletivo Magali, que acho que é o grande nome quando a gente vai pensar em coletivos negros universitários, mas muitos outros também né; eu acho que vem um tanto disso, tanto de continuidade histórica, mas também um tanto de renovação, assim.

ARTUR – E onde tu vê que se encaixa... é... a criação, a necessidade, inclusive, da FREJUNA, nesse seu caráter aí de juventude, de renovação (que tu já falou um pouco) e na realidade de Florianópolis aí? Considerando o que tiver assim em relação à conjuntura, em relação ao posicionamento político mais demarcado dessa frente... o que você acha que se ressalta nisso e mostra essa necessidade de criação da frente?

AZÂNIA – É, então, acho que a frente ela vem muito nessa necessidade de criação de um lugar de formação política né, e de protagonismo dessa juventude negra. Eu acho que a gente se percebeu... é... em diversos lugares, mas não necessariamente enquanto uma unidade, assim; acho que isso, essa ideia de construção de unidade, é bastante contundente pra gente. E acho que uma experiência de construção de unidade que fizesse sentido pra gente, né. Porque não quer dizer que não houvesse outras tentativas, em outros lugares; o próprio Fórum de Estudantes Negros da UFSC era uma experiência de unidade, mas que eu acho que não reverberava com as pessoas que estavam ali pensando o que veio a se tornar a FREJUNA, assim, né. E acho que um elemento bastante grande também de unidade assim foi essa questão da gente se posicionar nesse campo explicitamente anticapitalista, né; acho que foi aonde... o anticapitalismo foi onde a gente conseguiu encontrar um consenso assim entre aquelas pessoas que tavam construindo ali, de posicionamento à esquerda, e isso também é uma característica bastante grande frente à negritude de Florianópolis, de que discutir relações raciais não significa necessariamente ter uma postura anticapitalista né, uma postura à esquerda. A gente tem muitas experiências, até por ser uma cidade bastante conservadora né, as experiências governamentais por exemplo que a gente tem sempre levam aos espaços de poder que a militância conquista, como a COPPIR (Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial), têm sempre pessoas negras, mas pessoas negras que se posicionam no centro ou na direita do espectro político. Eu acho que a FREJUNA tem muito a ver com essa ideia de... é, disputar pela consciência negra, as pessoas negras para o campo da esquerda, assim.

ARTUR – E em relação a esses exemplos, assim; essa dificuldade de construção da luta em Floripa... tu fala de renovação, de outras experiências de unidade, mas não com essa qualidade, talvez, que a FREJUNA quis trazer; esse caráter. E acho que um dos grandes marcos, assim, de acúmulos, pelo que eu já consegui estudar dos documentos, conversar com outras pessoas também, vem ali da Marcha da Negritude; das experiências da Virada Antirracista. O que tu vê que isso influenciou no que a FREJUNA se propôs a fazer de novo em cima disso? O que tu acha que se destaca assim nessas coisas?

AZÂNIA – Ah, é que eu acho assim que a FREJUNA tem um caráter tipo, total noção que a gente não tá inventando a roda, assim; de realmente potencializar aquilo... é... que o povo negro já faz, né. E ver que a consciência negra é a luta do povo negro, né, então assim, é de potencializar... é... era muito a ideia de ter uma frente para estar aonde a luta negra está, né. Potencializar, multiplicar aquilo que a gente tava fazendo, né. Eu lembro das nossas primeiras conversas, eram muito assim tipo “pô, quando o Magali chamar um evento, assim, a FREJUNA ir e participar”; sempre a ideia de se apoiar mutuamente também. Quando uma comunidade chama um evento, a gente tá lá também. Então acho que tem muito disso, de... de entender a gente talvez como uma frente que já tinha um acúmulo político, independente da gente ter participado diretamente ou não. Eu acho que as experiências que tu citou, né, eu participei da construção das duas Viradas Antirracistas na UFSC, e já demonstravam assim a necessidade mesmo de ter um lugar de formação política mesmo, assim, nossa; da prática política assim mesmo, sabe? Tipo “tá, e aí, o que a gente faz com toda essa formação mais teórica que tamo tendo especialmente pra esse público mais universitário? Como que a gente dialoga? Como que a gente abre um diálogo?” né. E aí veio as marchas com possibilidade de diálogo, os atos mais culturais como possibilidade de abrir diálogo... e... e o nosso próprio encontro, né, de ter uma organicidade entre nós, assim, é como uma estratégia de fortalecimento assim mesmo, né. Tanto interna, ou seja, pensando nós enquanto pessoas negras; mas também de fortalecer essas pessoas negras nos outros espaços de luta que elas vão ocupar. A gente entendendo que enfim, constrói uma unidade bastante plural nesse sentido assim, então acho que é sempre essa *vibe* né, de continuidade, mas ao mesmo tempo de entender o que que o... o movimento atual tá pedindo, assim, né. Eu acho que isso até foi uma discussão que a gente fez antes da primeira marcha assim, porque houve um tensionamento né de “ah, vamos fazer mais uma marcha da negritude catarinense”... e é, a gente até teve que fazer várias comunicações com Joinville, ficaram bastante chateados com nossa postura de fazer uma marcha municipal, mas pra gente era isso; a gente entender qual que é o nosso objetivo real, de ser um espaço que vamo aglomerar, né, as

peessoas negras, e mostrar as caras pretas do estado, ou a gente quer, é... é... abrir diálogos, né, a partir da consciência negra, assim. “O que que a gente tá querendo fazer?”, acho que tem um pouco disso, de entender o momento histórico que a gente tá vivendo. Que parecia, 3 anos depois da marcha, não parecia uma distância tão grande. Mas a gente tinha vivido o golpe, a gente tinha vivido eleições... então assim, é, já tinha rolado muita coisa que transforma muito a nossa maneira de ver a luta cotidiana assim.

ARTUR – E em cima também dessas coisas que tu fala, da unidade, e analisando um pouco o que foi o próprio convite, assim, de articulação da FREJUNA, que de início veio de alguns militantes organizados e algum ou outro militante independente, depois foi se expandindo, e a FREJUNA veio a construir uma unidade bem peculiar assim enquanto uma frente, e de várias organizações políticas, alguns militantes independentes também, bem posicionados nisso que tu fala né, do caráter anticapitalista e antirracista enquanto uma luta imbricada, assim. E o que que tu vê de mais importante nessa ideia de uma nova safra de militantes revolucionários, e nessa relação mesmo entre as organizações, ou entre militantes independentes, entre coletivos de curso, núcleos de estudo e organizações político-partidárias? O que que tu vê assim, do que tu vivenciou na FREJUNA também, que se sobressai? Possibilidades de diálogo, dificuldades na construção coletiva, ou potencialidades dessa construção coletiva também, assim?

AZÂNIA – Uhum... é, então, eu acho que justamente por esses lugares distintos de formação e atuação política, é... as pessoas que constroem a FREJUNA inclusive têm ideias distintas do que a FREJUNA deve ser. A gente tentou construir uma carta pra consensuar isso, mas mesmo com essa carta, obviamente, tem um milhão de disputas, até porque né, nada é permanente; tipo que vai ser pra sempre. Então é óbvio que é um lugar político, então há uma disputa bastante grande, mas acho que assim... pensando no que... no que... é... aí falando né, a partir do meu lugar, mesmo, do coletivo que eu construo, eu... porque que a gente vê a FREJUNA como um lugar estratégico, que mesmo com as nossas mudanças internas a gente não sai dali... é... por perceber que é um lugar estratégico de organização negra, então assim, a gente tem pessoas, como você falou, que fazem parte de organizações que são exclusivamente negras, então elas já têm esse espaço de diálogo entre si... mas também tem pessoas que fazem parte de organizações, é, vamos chamar aqui de multirraciais. Então elas vão ter... vai ter esse espaço onde a gente vai ter um diálogo entre nós negros, e alinhar nossa estratégia, sobre o que que a gente pensa pra luta antirracista... é... pra onde ela caminha. Eu acho que é isso. A partir dessas mentes, desses corpos, dessas vivências, que a luta antirracista vai ser direcionada no município. A FREJUNA dá a política do que vai acontecer na luta antirracista aqui em Florianópolis, por

exemplo. Acho que aí tá uma importância muito grande, da gente ter esse espaço onde tão pessoas negras, corpos negros, suas experiências, e vão dialogar, e aí voltariam pras suas organizações fortalecidos, né; sabendo que “olha, essa aqui é a política que a gente... é... comunicou enquanto FREJUNA”; e obviamente que a pessoa não esquece de onde ela vem, então ela também tá levando a política do coletivo dela pra frente, e a gente constrói o consenso, e aí tem um retorno, assim... e a ideia também de que esse militante negro, essa militante negra, vai tá fortalecido nesses lugares e dizer “ó, eu vou bancar essa pauta aqui, que talvez esse lugar que eu to ocupando, esse partido, esse coletivo, essa organização, ainda não tenha... é... internalizado. Mas eu, enquanto uma pessoa negra dentro esse coletivo, dessa frente negra, percebi que é uma estratégia de luta importante pra gente dentro do município, e vou bancar porque a FREJUNA tá bancando”, né... então assim, ela tem esses dois lados, assim: ao mesmo tempo que ela é disputada, ela também disputa [risos]. Então assim, essas dinâmicas, pelo menos... enfim, era nessa perspectiva que eu visualizava muito a frente; de ser esse lugar de... é... questionar as políticas, inclusive botar... e é isso, coloca os militantes, especialmente em lugares onde tem uma centralidade assim um pouco mais rígida, num lugar de bastante desconforto que se sente, porque tipo, é isso, aquilo que talvez tu tenha sido direcionado politicamente pra fazer vai tá sendo disputado constantemente, assim, né; então... é... gera algumas... é... eu não diria... é, gera algumas dificuldades; assim, eu sinto que a gente caminha num ritmo diferente, talvez; tanto que a gente, quando vai pensar em coisas, tem que pensar em prazos muito maiores do que talvez um partido faria, tipo “ah, em uma semana a gente faz um ato” - pra gente, da FREJUNA, a gente sabe que pra fazer um ato de qualidade, com uma direção política boa, a gente vai precisar de meses. Porque é muito debatido. Eu gosto muito que a gente tem uma estratégia que... eu não lembro de votações na FREJUNA. A única que eu lembro foi pra escolher o nome, inclusive, da frente. Porque fora isso, a gente sempre vai no debate de consenso, e de entender que tem coisas que a gente não vai resolver. É isso, assim; o debate das eleições pra mim foi bastante claro, assim. A gente não tinha condições materiais de... e né, políticas, na realidade, de construir um consenso, de “ah, vou apoiar um candidato ou não”, não tinha condições, mas a gente fez o que tinha condições, um debate interno de tá, o que a gente podia fazer. E acho que é isso, com o tempo a gente vai construindo... até porque a frente é super jovem, né; 2 anos, assim, pra conseguir ter uma unidade e um alinhamento político assim diário... isso aqui é um projeto que a gente vai desenvolvendo ainda. Já tô divagando aqui, mas acho que tem muito a ver com isso né... a gente tem... tem... é um lugar disputado e que disputa, né; então assim tem essas dinâmicas que em alguns momentos a gente tá mais consensuados, e consegue dialogar mais, e tem alguns limites que a gente chega e realmente

não tem pra onde ir, assim, “tá, é aqui que para, porque é isso”... a construção da unidade, a partir do consenso né - e não do “ah, você vai ser voto vencido” e vai ser no racha que não dá conta do que a FREJUNA se propõe a ser -, que é esse lugar que também disputa. Acho que é isso, assim.

ARTUR – Bem legal [risos]. E nessa construção; nessa disputa, inclusive, da FREJUNA, acho que algo que sempre se ressaltou, também, foi a participação de militantes mulheres, assim, encabeçando e bancando posições, construindo aquela política, direcionando e executando também aquela política, junto. E queria ver contigo o que que tu vê, assim, sobre as mulheres no Movimento Negro aqui de Floripa, à frente das lutas aqui em Floripa, até de modo mais geral, e como tu vê isso assim em relação à FREJUNA. Nas pesquisas que eu fui fazendo, vejo muito dos estudos da Lélia de como as mulheres negras sempre se organizaram através do Movimento Negro, não do movimento de mulheres, não necessariamente do movimento estudantil, apesar de disputarem também esses espaços. Daí o que que tu vê em relação a isso em Florianópolis? E no caso mais específico da FREJUNA, também?

AZÂNIA – Ah, então... eu acho que... é isso, né. A gente tem realmente um legado; nossos passos vêm de muito longe assim, né. É muito isso que eu sinto, que a gente tá dando continuidade a um legado histórico, e é isso, se reconhecer nas páginas da história é um negócio muito doido, é... fala muito sobre a gente... e a FREJUNA é... é... é reflexo, né; é de fato uma experiência do Movimento Negro da cidade, e eu acho que a experiência das mulheres ali na frente mostra muito disso, assim. É... um outro elemento que eu acho que é muito importante a gente perceber, especialmente no desenrolar da FREJUNA, acho que talvez quando ela foi inicialmente pensada isso não era tão visto assim, mas hoje, quando eu olho pra FREJUNA, ela também é uma organização extremamente LGBTQIA+, que é outro... outra característica muito grande... é... de quando as mulheres negras estão na linha de frente, até porque aí torna uma organização que é mais acolhedora pra todos, né; sai daquele padrão mais masculino, mais heterossexual, que algumas organizações também têm, assim. E eu acho que é muito a cara do Movimento Negro de Florianópolis. Se a gente for ver o MNU, a maioria é essencialmente feminina; o NEN também, a UNEGRO também, o Magali também, o Minervino também tem mais mulheres do que homens. Então a gente vê... é... essa presença feminina assim, negra, em muitos espaços, e acho que tem... é isso, assim... é reflexo mesmo da nossa... da constituição da luta negra no Brasil, assim; aliás, no mundo. E eu fico muito feliz que hoje em dia a gente consiga reconhecer isso no processo... você aponta assim, muitas coisas nesse debate do Movimento Negro, acontecem no futuro; “ah, olha lá como tinham mulheres, elas

foram apagadas, mas olha como elas tavam lá”, e acho que hoje a gente vive num contexto que, justamente pela luta dessas mulheres que a gente conhece enquanto tá acontecendo; é um *front* feminino bastante forte assim, e isso se reflete em todas as peças, né. Se a gente for olhar inclusive pra questão político-partidária, né... a gente teve agora uma eleição aqui, municipal, e a gente teve historicamente vereadores negros, homens, e nunca tínhamos tido vereadoras mulheres, em Florianópolis, nunca na história, e agora a gente tem na Coletiva Bem Viver, tem mulheres negras, a primeira suplente do PSOL é uma mulher negra, a primeira suplente do PT é uma mulher negra, então assim, a gente tem visto que isso tem gerado muitos outros espaços também. As lideranças comunitárias, né... enfim, eu penso que, primeiramente, no Monte Cristo, porque é um dos espaços que eu mais frequento assim, tem lá na Revolução dos Baldinhos, tem mulheres negras; a gente de fato é um reflexo desse processo histórico mesmo.

ARTUR – Show [risos]. Dando um salto, agora, pra pensar um pouco mais assim a produção política, os trabalhos da FREJUNA. Tu comentou um pouco antes da experiência... tu comentou do Magali, que é uma experiência de coletivo universitário; falou que já tinha a experiência do Fórum lá na UFSC... Queria ver contigo o que tu vê dessa trajetória aí da FREJUNA na intervenção na UFSC, assim; o que tu conseguiu acompanhar enquanto esse acúmulo que vem já de um Movimento Estudantil Negro, que construiu a Virada Antirracista, algumas outras lutas, mas que veio atuando ali nesse processo de disputa da greve, ou teve pensando algumas outras questões ainda nesse ano de 2019 enquanto a FREJUNA ia se constituindo também. O que tu acha que pode ter sido mais emblemático, ou que ficou mais como desafio, ou que a FREJUNA podia ter dado mais atenção mas não deu... ou se esse realmente não era pra ser o foco da FREJUNA?

AZÂNIA – Então, é, em 2019 eu já tinha saído da universidade, e tava acompanhando via FREJUNA mesmo o que tava acontecendo assim. E eu lembro que quando a gente iniciou, assim, especialmente... nos primeiros debates, tinha uma preocupação muito grande de que a gente não fosse um substitutivo do FOMOVEN, o Fórum de Movimento Negro da UFSC, e que a gente não acabasse criando uma frente universitária, e eu acho que toda essa preocupação latente de “ó, a gente é uma frente da luta negra da cidade, e não das lutas negras da UFSC”, eu sinto que... é... a gente tentou não se jogar de cabeça nessas questões, que foi bem quando a greve estourou assim, meio que pra não caracterizar logo de cara que a gente era uma frente universitária assim, sabe. Eu acho que teve um esforço bastante grande de pensar “não, vamos focar na marcha, vamo focar em espaços que a gente quer ocupar, que vão além da UFSC”, e talvez a gente não tenha feito uma... uma disputa tão grande assim como poderia ter feito nessa

situação da greve. Mas, ao mesmo tempo, é inegável que... é... os militantes negros, enfim, de determinados lugares, aí nem todos tavam participando da FREJUNA né (a Rita não era da FREJUNA, a Dani... foi muito engraçado porque nesse momento a JR do PT se aproxima da FREJUNA, tanto que tava lá pra decidir o nome, mas nunca participou organicamente do processo assim, então foi algo “vou não vou”), mas... é... é inegável que, eu sinto que nos momentos mais críticos da greve, que chegaram em momentos tipo “vai ter vestibular ou não vai ter?”, por exemplo assim, a discussão que os militantes negros levaram foi muito decisiva, assim, né. Foi muito emblemática assim. Tanto que foi a greve que mobilizou a maior reunião que eu já tive notícias do Fórum dos Estudantes Negros; foi um momento mobilizador bastante grande. E eu acho que a FREJUNA... é isso, não tinha condições estruturais né, não era nem FREJUNA na época. Poderia ter capitalizado melhor esse momento, de ter se aproximado desse momento, porque ficou claro que os estudantes negros tavam procurando uma referência política que o fórum não tava dando conta de dar.... tanto que a reunião, essa grande reunião, não foi sobre a greve. É... eu acho que ficou mais assim, isso suscitou ainda mais a necessidade da FREJUNA, do que viria a ser, de um espaço de formação política mesmo, assim; então eu acho que dentro do que a gente podia fazer aquele momento, foi feito; agora, olhando pra trás, é fácil dizer que “pô, poderia ter feito mais”, mas é essa sensação que fica pra mim, é essa de que isso mostrou ainda mais a importância da FREJUNA existir.

ARTUR – Certo. E pensando esse foco não tão centrado, assim, na universidade; mas sempre dialogando muito também com a própria questão da educação, pela própria composição de estudantes, de ter militantes já do campo da educação de maneira mais consistente dentro da frente também, acho que a gente viu algumas movimentações, desde iniciativas de fazer apresentações que se relacionavam à construção da marcha, em escolas; mas também a mobilização, ali no final de 2019, em apoio, em solidariedade, à luta dos estudantes da escola Lauro Muller, assim... daí eu queria ver contigo o que que foi essa experiência; como tu acha que a FREJUNA conseguiu ou faltou se inserir ali. O que essa luta representa, o que esse espaço representa aí também pra essa juventude; por que que teve essa atenção na FREJUNA em tentar construir isso também...?

AZÂNIA – É, então... é... eu fico até... é que foi uma experiência... ímpar, pra mim, sabe... foi... sem palavras mesmo. Eu... eu vou sempre lembrar com muito carinho de ter feito parte da FREJUNA, especialmente de ter feito parte da comissão de formação [emoção] [riso]. Foi algo assim... é... que mudou a minha vida. Mudou a minha maneira de olhar a educação, mudou a minha maneira de olhar a luta política; mudou... é... que... sei lá, trouxe uma

referência pra mim... minha, assim, sabe? Construída, forjada ali, com os meus, assim... tipo, que enfim, não tem universidade nenhuma que faça isso pela gente, sabe... E eu tô bastante emocionada, na verdade, porque depois de todo esse processo, de ir pras escolas, da Lauro Muller, e lembrar o que foi aquela criançada, cara... o que foi aquilo, assim... foi uma experiência muito doida, muito intensa, que eu já vou voltar nela... mas é que, depois de tudo isso, assim, é... na pandemia, a gente teve... é... o assassinato do Naninho, né, na Costeira; e aí quando a gente tava lá no ato, logo próximo do enterro dele, assim, o DaEni falou que ele era estudante da Lauro Muller, sabe... que ele tava lá. E óbvio, na época, enfim, a gente ficou mais próximo dos estudantes mais velhos, né; que era de quem tava de fato meio que dando a linha pro negócio, até porque os menores não tinha autorização dos pais pra estarem no ato, apesar de terem construído os protestos também. E a gente não fazia ideia, assim; não fazia ideia. E aí quando ele falou isso, pra mim foi tipo assim: “tá, é isso...”, 2019 pra mim foi tirar essa ideia do projeto genocida do acadêmico, do intelectual, e dar nome pra ele, dar rosto: Naninho. É ele. Tá aqui. A criança que teve a escola fechada, e que a polícia foi até o território dele pra matar ele, sabe... Isso é algo muito... foi isso, assim... “é isso, tudo ou nada, por cada um de nós, por todas nossas crianças” assim... e... a experiência, pra mim, foi muito de viabilizar, no Lauro Muller né, de viabilizar... é... que esse sentimento daquelas crianças fosse ouvido, sabe? Que elas... a gente sabia, né, até a própria postura foi algo que me incomodou bastante assim, foi bem derrotista... a galera tava com representações pros atos, ninguém tava pensando em massificar... mas aquelas crianças tavam pensando em massificar o ato! Cada ato que chegava elas falavam “pô, cadê a universidade? Tem muito mais gente lá que poderia tá aqui e não tá aqui com a gente”... e a gente tentou, dentro das nossas condições, mobilizar as pessoas pra participarem. Mas pra mim foi muito... foi muito de ver que é isso, assim; que mesmo que a gente.. e acho que foi uma discussão que a gente acabou não aprofundando na FREJUNA. Mas o que que é a juventude negra, né?! Porque a gente não pode esperar a população negra chegar na universidade pra daí ir conhecer a FREJUNA, aí ir se organizar, porque a luta pelos direitos tá começando com 8 anos de idade, 9 anos de idade... é... o protagonismo dessas... dessas... dessas crianças, foi algo que assim... em nenhum momento elas vieram pra gente pra pedir “o que a gente faz?”, elas só queriam que a gente viabilizasse o que elas queriam fazer. Então assim, era tipo “ah, a gente vai fazer um protesto, dia tal a gente vai fazer um protesto... vocês vão tá aqui? Dia tal a gente vai fazer cartazes... vocês vão tá aqui?”, e a gente enquanto FREJUNA esteve, né. Isso foi algo que me orgulho bastante, que a gente foi em todos os atos, a gente tava em todos os espaços. Chamavam reuniões dentro da escola, eu nunca tinha entrado no Lauro Muller antes... e, depois dessa experiência, toda vez que eu passo na frente do colégio

me bate uma saudade intensa, como se eu tivesse estudado lá; eu sinto que... é... também teve isso, né; algo que eu falei pros estudantes é que a escola que eu fui alfabetizada fechou, né. Ainda que outra realidade, de escola particular e blábláblá, foi fechada pela mesma... pela mesma ganância de... né, especulação imobiliária, e tentativa de reorganização do centro de Florianópolis. Então eu tinha uma solidariedade com aquelas crianças de tipo “pô, eu sei o que é esse sentimento”, sentimento bem estranho assim que o lugar onde a minha referência, assim, de me sentir pessoa de direitos, foi fechado. Então é... enfim... são muitos sentimentos mesmo, assim, sabe? Pensar, ocupar a escola enquanto militante da educação, negra; uma militante do Movimento Negro, e ver como a educação, enquanto estratégia de luta, que a minha organização é sobre isso né; ela tem como principal objetivo... é... educar a classe sobre as questões de raça. Então, pra mim, foi muito impactante assim... impactante ver como a nossa presença lá enquanto FREJUNA mobilizou os estudantes negros. Quando a gente chegou ali, de frente da escola, na organização, eram estudantes brancos. Tinha uma estudante negra desde o início, mas a grande maioria eram estudantes brancos. E a partir da nossa luta, mobilização, presença, a gente vê que mais estudantes negros estavam nos atos. Eles tavam na calçada, não ocupavam a rua junto com a gente. No segundo ato já tavam ocupando a rua, no terceiro ato tavam batucando, no quarto ato tavam puxando palavra de ordem. A gente viu que a nossa presença ali mostra que “olha só, né, essa narrativa de que se a gente ficar quietinho as coisas vão dar certo, é uma falácia né”, a gente tem sim que estar ali, gritando pelo que a gente quer. E aí... é... uma das palavras de ordem que eles cantavam junto era “pela minha escola eu vou lutar!”, e eles ficavam tipo dez minutos, pessoal na rua, gritando, a criançada na Lauro Muller não podia sair sem autorização dos pais, então iam pro pátio da escola, enfiavam a cabeça na grade e ficavam gritando “pela minha escola eu vou lutar!”, com um monte, um monte de cartazes. E aí a polícia vinha e tals, e a gente ficava ali enquanto adultos do rolê tipo “sério... são crianças... a escola vai fechar...”. E eles entenderam, eles politizaram o negócio, tanto que depois do “pela minha escola vou lutar” eles quiseram montar uma palavra de ordem – e é isso, todas palavras de ordem vieram deles! –. E veio uma “Estudante na rua! Moisés, a culpa é sua!”, porque eles queriam saber quem tava fechando a escola deles, e a gente falou “ó, é o governador”, e aí eles “ah, é o Moisés?!”, e pá, aí veio essa palavra de ordem, “Estudante na rua! Moisés, a culpa é sua!”, e eles viram a hostilidade das pessoas, né, de pô, a gente tava ali fechando uma rua central ali no centro... quando, no primeiro ato, eles ficaram sabendo que a gente ali, 10 pessoas, tinha causado um engarrafamento lá na Beira Mar, por causa né, do que é Florianópolis, que tu fecha uma rua e fecha tudo, eles ficaram assim “caaara! Semana que vem vamo fazer de novo, vamo fazer de novo, vamo parar a Beira Mar!”, e aí foi isso. Eles ficavam tipo “tá, mas vamo

responsabilizar quem tá causando esse trânsito, porque a gente que tá ouvindo buzinaço, a gente que tá ouvindo a galera xingando... cara, tão xingando a gente, criança! E tão fechando a nossa escola, e tão xingando a gente... não! Vamo xingar quem tem que ser xingado!”. E isso foi muito massa de ver acontecer, sabe, porque foi muito rápido, mas foi muito... muito intenso, também, assim. O que eu acho que a gente poderia ter lidado melhor, pensando mais ao finalizar mesmo, é que a gente, os adultos, né, do rolê, a gente já sabia que a escola ia ser fechada; as crianças, durante todo o processo, tavam ali na esperança de que não, não ia ser fechada assim. E eu sinto que a gente, especialmente porque a FREJUNA lida muito com o afeto na construção da luta, pudesse ter lidado um pouco melhor com essa questão... como... porque eles levaram a derrota de um jeito muito ruim, muito ruim assim... foi bem desarticulador. Eles tavam pensando em se organizar, né, entre eles; sabiam que iam pra outras escolas. Depois, em contato com eles, fiquei sabendo que nem contato mais tinham; se mudaram, saíram da cidade e tals; pediram pra voltar pras casas dos pais, dos avós e tals. Aí assim, esse acompanhamento pós, ter lidado com esse sentimento de derrota, é algo que a gente poderia ter lidado, especialmente com a estudantada preta que... é... porque a FREJUNA se coloca como esse lugar pra juventude, aí que juventude é essa, né?! É pra juventude universitária, maior de idade, ou a gente também vai acolher essa juventude nos seus anos iniciais assim? É isso.

ARTUR – Bah, eu não tinha dimensão, assim, desse tanto de coisas do processo da Lauro Muller; não consegui acompanhar direito àquela época, era sempre repasse e tal, mas emociona mesmo, é uma coisa que dá esse ânimo assim né. E pensando nisso, assim; vi toda tua emoção, também, pensando o que foi essa construção, o que que tu diria que é essa principal diferença da FREJUNA assim pro que a gente tá acostumado no próprio movimento popular de Florianópolis, ou no próprio Movimento Negro mesmo, em relação a esse processo e a essa execução assim dos atos, das marchas, desse trabalho político nas ruas assim, de base, em alguma medida, que a FREJUNA faz pra construção desses eventos maiores? Que que te chama atenção, que tu vê como um diferencial assim do que a gente tem visto nos últimos tempos, talvez no meio da pandemia, os atos que foram feitos... o que tu achar que vale mais comentar, assim.

AZÂNIA – Ah, eu acho que a gente tem o afeto, sabe. É o que a gente; acho que é o que mais emociona, que a gente se coloca mesmo de coração no rolê. Não tô dizendo que os outros lugares não façam isso, mas é que eu sinto que... é... às vezes numa ideia de massificar as coisas, e entendo que sei lá, num partido, tu não vai ser amigo de todo mundo. E antes isso era um ponto muito forte na construção da carta, que “ó, isso aqui não é lugar de coleguismo, isso

aqui não é uma união de camaradas fraternos e não sei o que, não sei o que”, e eu pensava tipo “gente, tudo bem, nem todo mundo vai ser meu melhor amigo... mas assim, eu não consigo”; a ideia de eu construir um lugar onde eu não me importe com as pessoas, sabe... pra mim não faz sentido algum, assim; não faz sentido algum. Especialmente por isso, porque a gente tá numa luta pra viver com dignidade, e eu acho que viver com dignidade é muito mais do que eu ter os direitos garantidos na Constituição, sabe? É viver com amor, com alegria, com prazer... então assim... é construir uma luta nesses princípios, sabe? De que muito mais que direito à escola, é direito de você estar num espaço que você é amado, que você é cuidado, sabe? Que você tá em comunidade. E... e... e que você também aprende. Então, assim, pra mim escola é isso. Não é só um espaço formal de aprendizado. Então é isso que eu acho que é o salto da FREJUNA, é algo que a gente conversa frequentemente entre nós; e obviamente rolam as tretas, rolam as brigas, rolam sei lá o quê, mas no final do dia eu sinto que a FREJUNA, se tem essa experiência; se ela ainda existe até hoje, é porque é um lugar onde a gente tinha muito afeto uns pelos outros, assim... Eu já participei de outras experiências de unidade, mas eu nunca fiz parte do FOMOVEN muito por isso, por entender que não era um espaço de afeto; muito pelo contrário, era um espaço extremamente hierarquizador, quase que um reinado. Participei da experiência de construir o 8M de 2020, tanto que é isso assim; mostra como a FREJUNA é uma ferramenta poderosa, porque a gente chegou lá, primeira vez construindo, a gente que deu tema, deu a cara pro ano de 2020, decidiu sabe... é isso, a gente foi considerado tipo “ai, vem pra mediar, FREJUNA é a voz da razão”... mas é um lugar que, verbalmente as mulheres tarem falando “ah, mulheres, eu amo vocês, eu amo estar aqui, não sei o quê”, é um lugar extremamente hostil, nunca mais vou voltar lá [risos]... é uma experiência que não conta comigo pra absolutamente nada, é sério, muito hostil. Porque é isso, eu sinto que esse é o diferencial da FREJUNA, assim; de fazer não perder a unidade. Porque a gente consegue ter um rigor político, anticapitalista, uma, um posicionamento à esquerda incontestável... a gente sabe muito bem o que tá fazendo, com que propósitos estamos fazendo; ninguém tá aqui pensando nas próximas eleições, em criar pessoas públicas, em ter nomezinho na cidade... não é sobre isso. A gente tem um projeto muito longo em mente, e obviamente, né, com objetivos a curto prazo também, mas a gente sabe o que a gente quer, a gente quer construir... é o sistema que tem que mudar, né; é o que diz a nossa faixa, e a gente tá construindo as ferramentas pra isso, os processos pra que isso ocorra. Mas a partir do afeto, sabendo que é isso, assim; uma luta que vai provavelmente superar a minha existência na Terra? É, mas enquanto eu estiver aqui, vivendo e amando, eu quero tá lutando, assim, a partir desse espaço. A FREJUNA é um lugar que... é... que reenergiza, reorienta, que teve momentos nessa pandemia que pensei “ah, na real, dane-se”

pra tudo, assim; e era a FREJUNA que me reestruturava, assim, né. Eu tô passando por um processo bem meu, de me despedir de Florianópolis, e precisei me afastar da FREJUNA porque sabia que seria a despedida mais... é... dolorosa, assim, né. Então eu já comecei bem cedo [risos] a dar tchau, a sair dos espaços e tudo mais... é... porque é isso, é um... é uma experiência única; eu nunca vi nada igual, eu lembro de 2019, da experiência da marcha, não é à toa que tá aqui comigo o tempo todo [aponta para um cartaz da Marcha da Consciência Negra de 2019, atrás de si], de maneira muito única... foi... foi mostrar que a gente... e acho que, desculpa tá fazendo essa fala meio confusa assim, mas é porque é bastante. bastante sentimento mesmo assim... é... e a experiência de 2019, especialmente depois dessa chama de fora Bolsonaro que aconteceu nesses atos – e é importante dizer que essa onda de atos começou lá em 7 de junho, com a FREJUNA... FREJUNA que puxou o primeiro ato na rua, com boa parte da esquerda organizada de Florianópolis puxando pra trás, dizendo que não era o momento; o maior rapper do Brasil falando que não ia; organizações históricas falando que não iam... e a gente falou “cara, não tem jeito”, e hoje tamo aqui... é... vai dar... 2020 né... um ano e pouco de atos, de gente dizendo que não aguenta mais o Bolsonaro, mas a gente tá dizendo isso há muito tempo, com ato desde junho, e inclusive com discurso ainda mais qualificado não era simplesmente Fora Bolsonaro, era qualificando o porquê que a gente dizia que da maneira que o sistema tá ele não pode continuar. Então acho que esse que é o diferencial da FREJUNA; a gente tem coragem de pautar algumas coisas que eu acho que às vezes, inclusive, a militância de esquerda de Florianópolis espera a FREJUNA pra fazer assim. Eu acho que a gente tem afeto... é... tem cuidado. A gente entende que por mais que sejamos, que um dia seremos milhares, a gente só é milhar porque a gente é um. Então a gente não acha que qualquer um é qualquer; mas que cada um é uma pessoa, assim, que a gente sente falta quando não tão perto, que a gente valoriza quando faz o trampo... a gente, enfim, individualiza também, num sentido de... de... humanizar cada um de nós; de não massificar nossas existências... é... a gente... valoriza o que a gente tem de melhor: somos nós, o que a gente constrói assim. Eu acho que a FREJUNA tem muito pra ensinar pra militância aqui de Florianópolis, especialmente o que é construir unidade de fato, sabe? Não é tipo “ai, vou me juntar com você porque é benéfico pra mim”, mas sim construir algo que às vezes, pra gente, é desprender tempo, energia, é mais uma tarefa, é mais não sei o quê; mas entender que, coletivamente, faz sentido. Então... é... pra mim a FREJUNA é a melhor coisa que aconteceu pra militância de Florianópolis nos últimos tempos, assim.

ARTUR – Acabou! É isso! [risos] Não tem mais! [risos] Nossa, não, tô sem palavras, assim... É isso. Podia te perguntar qual a relação da FREJUNA com as entidades; qual a importância

dos atos do ano passado... mas acredito que isso que tu sintetizou dá conta de explicar tudo, o próprio sentido desse trabalho assim também, sabe? De tentar ver essa contribuição, e ver essa contribuição não só num sentido topicado, de fez ou não fez tantas coisas especificamente; esteve ou não esteve em tantos espaços. Mas o salto qualitativo que é, e político, dessas construções. E aí não sei, não sei se tu quer compartilhar mais questões, se tu tem mais contribuições a trazer, à vontade... tô aqui pra ouvir, acho que sempre tem a contribuir Mas te digo que já to muito satisfeito também com tudo que tu já conseguiu compartilhar, acho que foi muito bom.

AZÂNIA – Cara, não, eu só queria falar uma coisa; prometo ser breve. É porque lembro das perguntas que tu mandou, e quando penso no que a gente fez, é porque é isso né... acho que exatamente isso que você falou, é mais do que pontuar o que foi feito e o que não foi feito. Mas se for pontuar, fizemos coisa *pra carai*. Do tamanho que a FREJUNA tem, assim; acho que nunca chegou a ter mais de 20 pessoas botando a mão na massa, sabe. E acho que fica bem claro, até pra gente, mas também externamente, as coisas que a gente fez com a nossa cara, e as coisas que meio que foram... as lutas políticas, o contexto, as disputas políticas de Florianópolis demandaram da FREJUNA e a gente ainda assim fez sabe, porque a gente não é de fugir das paradas. Então assim, quando for ver por exemplo a... o último, ah, acho que até a segunda marcha de 2020 foi muito mais demandada do que tem que ter, a gente vai fazer; o próprio primeiro ato que a gente, com coragem, puxou a pauta, foi chamado de uma maneira bem solta, tavam rolando cards por aí, ia acontecer o “Vidas Negras Importam!”, e a gente conseguiu dar um direcionamento político, foi uma atuação muito grande, muito importante nossa. E eu acho que isso culmina bastante no que rolou esse ano, no 20 de novembro, mostra bastante a distinção, que é o que a FREJUNA se propõe a fazer, que acabou sendo o dia 27, e o que é... sei lá, como inclusive a luta racial consegue ser, é, rebaixada; vou usar esse termo assim, porque acho que foi uma simplificação do que a gente faz. A FREJUNA ainda vai continuar essa disputa na cidade de entender o que é a linha política que a FREJUNA tá tentando dar pra luta antirracista na cidade, sabe. Não é simplesmente ir pra rua e falar que vidas negras importam, ou ir no 20 de novembro; é um passo além, e eu sinto que é uma disputa gostosinha que a gente tá bancando, e eu to muito empolgada de ver os próximos passos. Eu agora vou me distanciar geograficamente, inclusive, nos próximos três anos, e o que mais me deixa assim com um friozinho na barriga é ver o que vai ser a FREJUNA daqui a três anos, quando eu voltar e ver o que vai tá acontecendo na cidade assim. Eu acho que... é... as coisas tão se movendo, e é isso, a gente tá dentro delas, então talvez não esteja percebendo; e eu to muito empolgada

nesse olhar de fora, de ver o que que vai ser essa disputa assim... que com certeza, imagina, em dois anos... é uma ferramenta política, um sujeito político dentro dos muitos que existem na cidade, reconhecidíssimo a ponto de fazer com que outras organizações que não constroem a FREJUNA também venham pensar em construção de unidade. O dia 20 foi em construção de unidade que setoriais sindicais, algo que eu nunca tinha visto na vida, as setoriais negras de sindicatos falando que iam bancar o ato junto. A FREJUNA tá fazendo coisa inclusive quando não está na coisa, e é sobre isso. E eu fico muito feliz que tu esteja fazendo esse trabalho assim. A Ana Flávia, a professora Ana Flávia, lá da UnB, fala que a Nilma Lino Gomes fala que o Movimento Negro é educador, mas o Movimento Negro também é historiador, e a gente sabe que se a gente não contar a nossa história, ninguém vai; a gente não tem guardiões da nossa história que não o próprio Movimento Negro. E tu mostra como a FREJUNA é de fato uma ferramenta orgânica do Movimento Negro porque inclusive isso tá fazendo. A gente tem as nossas designers que fazem as nossas identidades visuais, tem o nosso historiador contando a nossa história. Fico muito feliz e honrada de estar participando desse processo, mas especialmente orgulhosa de ver tu puxando esse trampo. É isso.

ARTUR – Emocionei [risos]. Agradeço muito, assim; acho que é isso, aquilo que eu falei antes: isso que dá sentido pro trabalho, que vai dar peso pro trabalho também, porque muitas coisas que tu trouxe, muitos olhares que tu trouxe, são coisas que ainda não consegui explorar da melhor forma, ou que pensei por cima mas tava tentando achar a melhor chave, e tu deu essa girada pra explorar um pouco melhor. E acho que é isso meu, só agradecer também, e aí em breve, assim que ficar pronto, vou tá disponibilizando; se quiser passo a transcrição da entrevista. E quando tu puder tu assina e me devolve o termo. E é isso, acho. Agradecer de novo! Beijos, até mais!

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 15/12/2021**. Florianópolis, 2021.

ENTREVISTA CONCEDIDA POR GABRIELA BUFFON AO PESQUISADOR ARTUR
FAVARETTO PEREIRA, EM 23/12/2021

Entrevista realizada via aplicativo de mensagens

Pesquisa: “Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021” (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História na UFSC)

Entrevistador: Artur Favaretto Pereira

Entrevistada: Gabriela Buffon (20 anos)

Florianópolis, 23 de dezembro de 2021

18h06min

ARTUR – Como você vê o Movimento Negro em Florianópolis e a necessidade/importância de criação da FREJUNA?

GABRIELA – Eu fico pensando, tipo, nas necessidades que são muito latentes, assim, do povo preto. E daí, nesse contexto, ter uma frente que se debruce sobre essas questões é muito importante. A gente vê dentro da própria universidade muita... muitas pautas assim que... a gente vê que tão, é, as coisas estão erradas, né, e que pra mudar elas a gente tem que aprofundar os nossos entendimentos, as nossas discussões sobre essas questões. Por exemplo, a questão das cotas ali na UDESC, que, especificamente, é completamente esquisita, diferente de outras universidades, tá toda errada. E de que a gente tem esse entendimento de que a gente como estudante não é só estudante, né; a gente vai ser trabalhador, ou já é, ou tá sendo atravessado por várias questões estruturais... e a gente também tem que pensar os problemas pra além da universidade... essa é a nossa tarefa, e aí isso obviamente envolve o Movimento Negro, e daí vem a importância de ter a FREJUNA, de ter esse espaço pras pessoas estarem pensando política pra todas essas questões, e a gente tá junto nessas... nessas disputas.

ARTUR – A FREJUNA, desde seu início, é um espaço com forte participação de militantes mulheres. Como é ser mulher no Movimento negro e estar à frente das lutas em Florianópolis? Como você vê isso em relação à FREJUNA?

GABRIELA – Sendo da DG do DCE, obviamente acabo estando mais envolvida com o movimento estudantil, que não tá desligado das outras lutas que... que acontecem na cidade, né. Mas acho que uma coisa engraçada de se observar; engraçado/triste, assim, de que a gente vê um peso muito maior das mulheres dentro do movimento estudantil da UDESC, e nos espaços que a gente tá presente, assim, é... muito provavelmente, tá sofrendo diretamente esse tipo de opressão, que acaba gerando uma sensibilidade, uma sensibilização, é... sobre outras questões assim, é... e que diferencia então da presença masculina. Mas, apesar da gente estar em maior peso, é... a gente é muito... é extremamente comum não ser respeitada em lugar de... tipo, que não respeitem a gente nos lugares de disputa, tanto dentro quanto fora de espaços da universidade, é, com pessoas que a gente não se identifica, e até com aliados nossos. É... então, é... entender que existem essas diferenças, assim, e que a gente tem que trabalhar pra estar superando. E aí pensando o DCE da UDESC, assim, a gente não tá há muito tempo, de posse; claro, tá há um tempinho, mas a gente articulou atividades pro mês da Consciência Negra, é... mas, de qualquer forma, a gente... fez essas atividades e teve convidadas mulheres, é... mas, pra além disso, pra além dessas atividades do mês da Consciência Negra, a gente tem uma companheira do DCE que fez parte da FREJUNA, que é a Mariana; então é curioso também, porque as pessoas que a gente teve contato direto, assim, tanto dentro do DCE quanto em atividades organizadas, é... foi junto de mulheres da FREJUNA, então no DCE a gente tem um peso muito maior de mulheres, e no contato que a gente teve com a FREJUNA também foi com mulheres. E é importante se pensar, né, porque... é... as mulheres brancas, assim, têm essa diferença né, sofrem diretamente com o patriarcado, mas aí chegam as companheiras da FREJUNA que... que tão sofrendo de duas formas mais diretamente, também em relação ao racismo, então é interessante pensar nisso pra pensar os diálogos.

ARTUR – O que se destaca nas relações que a FREJUNA tem buscado com os movimentos/entidades em que você atua? Há diálogo, tentativa de trabalho coletivo, apoio etc.? Como foram os eventos/debates que você participou?

GABRIELA – Teve eventos, debates que a gente organizou em conjunto... a gente convidou pessoas da FREJUNA pra estarem fazendo uma fala em relação à conjuntura, tipo, é, dando um enfoque assim na relação da conjuntura e como vem afetando muito mais o povo preto, e existe sim tentativa de trabalho coletivo e de apoio, até porque uma das nossas companheiras do DCE acompanha de perto a FREJUNA, então mostra assim uma força de ser algo muito valioso, ainda mais no sentido de a UDESC ter problemas muito específicos que a gente vem tentando pensar e trabalhar, e que seria bastante importante assim, é, ter esse apoio da FREJUNA,

principalmente no problema em relação à permanência e o sistema de ingresso da UDESC, em que as cotas, assim, tipo, tem aquele problema de que acabam excluindo muitas pessoas pretas de entrarem na universidade, então... não deveria funcionar dessa maneira. E claro, acho que a FREJUNA tá aí pra estar apoiando em diversas outras pautas, não somente nas que tão relacionadas mais significativamente às pessoas pretas, até por ser uma frente anticapitalista né, e... até porque o... o que compôs assim nosso programa de chapa, as coisas por que a gente vem lutando assim, também tão muito relacionadas a problemas estruturais assim, que vão pra além dos problemas que a gente tem na universidade. Tipo, é, a gente... pra além das coisas que a gente faz dentro da universidade, a gente tenta se envolver, e tenta envolver tanto o DCE quanto entidades de base, nas lutas que não são apenas da universidade, justamente por essa perspectiva que a gente tem. Então acho que tem mais isso assim, né, muita coisa a ser feita a partir daí.

ARTUR – Pensando nas mobilizações, no conteúdo político, na proposta de unidade e no que mais você achar importante sobre o movimento local, como você sintetizaria a contribuição da FREJUNA para o Movimento Negro e o movimento popular de Florianópolis?

GABRIELA – Acho que é bom ressaltar, assim, que em todas as mobilizações em que a gente teve presente, atos, enfim, todas as mobilizações que a gente viu acontecendo durante a pandemia (antes eu não sei, né, mas o pessoal que compõe hoje pelo menos o DCE tá no movimento estudantil desde antes da nossa eleição, então a gente tem visto as coisas acontecerem), e em todas as manifestações a gente viu sempre a presença da FREJUNA né, o envolvimento dela com... com tudo que vem acontecendo, né. Os chamados, é... toda a discussão que vem trabalhando pra que aconteça sempre com muita qualidade, contribuições que são muito importantes. É... e... eu acho que fico pensando nessa coisa do caráter anticapitalista da frente, porque isso mostra muito claramente, assim, porque claro, tá envolvida com o movimento popular de Florianópolis, e a gente tem que considerar que boa parte da população é preta também, e claro que tem muitos problemas que se estendem pra além do povo preto, mas que com certeza são mais sentidos por esses... então as coisas não tão descoladas, né; a luta do Movimento Negro e do movimento popular vão caminhando juntas, e a FREJUNA sempre esteve presente colocando contribuições que são bem importantes, assim.

BUFFON, Gabriela. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 23/12/2021.** Florianópolis, 2021.

ENTREVISTA CONCEDIDA POR GEOVANA IZABELA MOTA AO PESQUISADOR
ARTUR FAVARETTO PEREIRA, EM 17/12/2021

Pesquisa: “Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021” (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História na UFSC)

Entrevistador: Artur Favaretto Pereira

Entrevistada: Geovana Izabela Mota (20 anos)

Florianópolis, 17 de dezembro de 2021

19h03min

ARTUR – Boa noite, Geo! Tudo bem? Queria ver contigo o que tu vê sobre o Movimento Negro em Florianópolis e a importância da FREJUNA nisso.

GEOVANA – Eu vi, percebi naquela reunião que a gente fez pra organização do “Agita”, que nem se chamava assim na época, foi bastante gente, vários representantes de várias coisas assim, e todos eles muito empolgados com o grupo, muito mobilizados em fazer realmente esse contato. Acho que o que a gente tem como Movimento Negro em Florianópolis assim é principalmente o contato entre as pessoas, porque querendo ou não a gente tá numa cidade que é racista, cada um tem suas panelinhas, vive o seu corre do dia a dia, e aí acho que o Movimento Negro de Floripa tem esse principal papel de tá... eu acho até por isso que o “Agita” teve “encontro” no nome, porque é um ato de colocar essas pessoas em encontro. São pessoas que fazem trabalhos legais, mas muitas vezes sozinhas, assim, e aí acho que o Movimento Negro veio pra fortalecer, igual fez no evento, né. Quando ele colocou Batalha C.R.I.A., o projeto C.R.I.A., que são eventos que já acontecem, mas que muitas pessoas não conhecem, porque tá lá no nicho dele; igual acontece várias em vários lugares da cidade, e aí a gente teve a possibilidade desse encontro, né; desse evento que foi liiindo! [risos] Arrasamos, nossa... só gente bonita! Eu tava conversando com a Ágatha ontem; a gente fez um aniversáriozinho pra batalha C.R.I.A. de um ano, e a gente tava falando de como Floripa não tem muito rolê com gente bonita, e gente bonita, o que a gente quis dizer, é gente negra; gente racializada. E aquele evento do “Agita” só tinha gente bonita! Nunca vi tanta gente bonita por metro quadrado... elas falaram “ah, a gente tá cansada de rolê em Floripa, porque é rolê legal, tem hip hop, como lá no De Raiz, mas só cola gente... a galera da Lagoa e tal”, e não a galera que elas tão procurando.

E naquele evento colou muita gente bonita, a gente arrasou demais. E aí... é... eu acho que... você quer que eu vá respondendo uma por uma, assim? Como que fica melhor?

ARTUR – Acho que posso ir colocando assim, tipo, dentro dessas coisas que tu fala; da importância de pensar o Movimento Negro aqui de Floripa como essa possibilidade de encontro, assim... o que que tu vê de coisas que tão boas, coisas que tão ruins? Que que tu acha que talvez a FREJUNA, qual a importância da juventude estar à frente desse Movimento Negro em Floripa? O que que tu vê que consegue ou não consegue ter de construção coletiva e tal?

GEOVANA – Eu acho que essa questão de tá fragmentado é o que mais pesa às vezes, porque a gente tem projetos muito legais, como a Escola Livre Ubuntu, e as pessoas não conhecem; acho que às vezes participar ali junto, estar presente, muda muito o movimento... muda muito como ele tá representado, como ele vai se identificar na comunidade. E aí, muitas vezes, a galera que eu conheço da FREJUNA está no corre acadêmico, numa outra vertente, que também é importante; burocracias são exigidas, a gente tem que ter essa base teórica... mas a gente tem muitos lugares legais em Floripa, e tem essa lacuna, porque muitos projetos não se conhecem. A gente foi conhecer a Escola Ubuntu no evento que a gente fez a batalha C.R.I.A., porque colaram com o acarajé da Eli, pra fazer arrecadação pra escola, que é uma escola que já tá bem consolidada no Saco dos Limões há bastante tempo né. Então a gente não tá dentro desses espaços acaba também afastando um pouco também essas outras pessoas, e aí acho que talvez também essa questão de “ah, a gente não tem tempo”... porque também não é uma coisa muito fácil, mas a gente tem que pensar que participar desses outros espaços, estar como FREJUNA também nesse outros espaços, é a construção do Movimento Negro; fazer esse trabalho de dia a dia, e pensar que isso vai pra além de... de... ser uma coisa a mais; não seria tipo uma coisa a mais, seria a FREJUNA atuando ali como Movimento Negro em Florianópolis, né. Acho que às vezes eu sinto isso, porque a gente tem um movimento muito lindo, um movimento de juventude super auto organizado, que consegue fazer as coisas, mas não é reconhecido em vários espaços. Se a gente for pra Costeira, numa batalha de rap, prum espaço de skate ou até mesmo na Escola Ubuntu, acho que muitas pessoas não vão reconhecer, ou vão conhecer mas só de ouvir falar, porque não tem ali presente essa participação; ou também talvez não tenha tido essa possibilidade de um encontro como a gente teve no evento; acho que até por isso a gente tem essas outras preocupações assim, de entender que é pra ser; era pra ser, pelo menos, até onde eu sei, ou onde eu entendo... eu acredito num movimento que fosse bem expandido em toda a comunidade, que eu colasse aqui com a galera da Serrinha lá na praça e eles falassem “ah, sim, a gente tá organizado como Movimento Negro”... porque a gente sabe que esses

projetos também são uma organização, mas não se reconhecem como Movimento Negro; isso é muito difícil em Florianópolis, você ter... a gente tá no hip hop, que é uma cena feita por pessoas negras, e a gente não consegue se reconhecer enquanto Movimento Negro porque a gente sabe que a maioria que tá aí, também, apoiando, são pessoas brancas; a cena toda de skate, a cena toda de Florianópolis, é de pessoas brancas... e aí muitas vezes essas pautas nem são tocadas, ou são invisibilizadas mesmo sendo um espaço cultural onde era pra ter toda essa discussão, né. E aí que tá a importância do Movimento Negro nesses espaços, porque apesar de serem espaços de pessoas negras, construídos por pessoas negras, não são politizados; não têm ali essas pautas todos os dias, que deveriam tá ali todos os dias sendo debatidas. E aí eu acho que essa talvez não união, mas talvez pensar o Movimento Negro de outra forma; tipo, não a união da FREJUNA com vários projetos, mas a FREJUNA pensar o Movimento Negro de uma outra forma, noutra atuação, pensar que tá atuando... é... politizando esses outros nichos que a gente tem na ilha seria também uma atuação como Movimento Negro, não como outra vertente, mas como parte do trabalho. Porque é aos poucos que a gente vai levar, mas é difícil...

ARTUR – Acho muito importante, assim. Nas conversas que fui tendo com as outras pessoas, ou mesmo em atas da FREJUNA, deu pra sentir muito isso, assim; essas características centrais de uma fragmentação muito grande do Movimento Negro aqui, e essa dificuldade, que daí acho que pega principalmente pela pandemia, mas por isso de ter vindo da universidade, também, a maioria da militância da FREJUNA, de ainda não tá acessando, conseguindo construir direito nos diferentes espaços, diferentes territórios, que poderia, né... fazer um trabalho um pouco mais de base, um pouco maior; que acho que, do que eu sinto, é uma perspectiva muito grande pra todo mundo que tá ali, mas que ainda não conseguimos colocar em prática, por diversas questões de prioridades, de pandemia, de já ter ou não ter essa inserção (e aí não saber às vezes fazer esse contato direito...). E uma coisa que foi muito ressaltada, assim, que eu vejo, reconheço também, e que a gente sempre discutiu muito na FREJUNA, foi que, dentro dessa dificuldade maior do Movimento Negro, do contexto todo do governo Bolsonaro etc., a importância de alguns momentos de expressão um pouco maior assim, e aí acho que se destaca agora o “Agita”, teve as marchas né em 2020, 2019... mas acho que também o ato “Vidas Negras Importam” de 2020. Queria saber, é... se tu conseguiu participar; se tu não conseguiu participar, o que tu ficou sabendo? Como que tu vê essas construções, também? De tipo, tentar ir prum ato Fora Bolsonaro e reunir a juventude negra, ou os blocos das organizações ali de esquerda, que se posicionam de uma forma mais contundente... que que tu vê nessas mobilizações de rua que tu acha importante em relação à juventude negra?

GEOVANA – Eu acho... eu acho que essas mobilizações organizadas pela FREJUNA elas têm características muito específicas; a gente sabe quais foram os atos organizados, e foram muito bem organizados. Tiveram ali as pautas sempre muito bem debatidas, muito bem pautadas nos atos, e muito simbólico, né. Acho que o “Agita”, pelo menos, a princípio, é muito simbólico; a gente colocar a galera negra celebrando a vida num momento tão difícil, né; a gente ter atos também que tão sempre ali... é... mobilizando muita gente, e mobilizando de uma forma bem... bem... a marcha, né, por exemplo, foi bem animada. E eu acho isso bem simbólico, bem importante, pra marcar mesmo a presença da população negra em Florianópolis; pra colocar essa visibilidade nesses atos, assim. Eu acho que principalmente o “Agita”, pra mim, ficou bem marcante, por conta desse encontro todo, e dessa questão de ter sido no centro, no meio de uma cidade que... né... no meio de um local que a gente tá sempre sendo empurrado, um espaço que a gente é marginalizado. Acho que ali mostra pra gente o quanto... eu acho que a FREJUNA é um movimento essencial, em Florianópolis. Não é cabível uma capital com uma construção tão grande da população negra, com uma cultura tão forte, tão presente, não ter um Movimento Negro organizado a partir desses... da própria auto organização assim, politicamente. E aí também a gente consegue perceber não só a importância desse movimento tá organizado, mas também dele tá organizado em prol da população. Então ali era um evento que a gente tava fazendo pra população negra, então ali a gente viu que a gente tinha uma preocupação com os participantes, assim como era nos atos, né. A gente tava fazendo aquilo tudo pra população negra, e isso mostra bastante o quanto o movimento ele tá organizado, e em prol dessa população que a gente tá tentando... tá tentando mobilizar. E aí a gente... eu percebi bastante, nos atos, assim, a participação de várias pessoas, mas principalmente pessoas que a gente muitas vezes não vê, né, nas discussões políticas; mas que tavam ali nos atos, que foram, que fizeram falas, que tavam presentes. E aí muitas vezes também pessoas que a gente não costuma ver nesses espaços políticos né, porque a gente sabe que todo ato sempre, pelo menos ali, aqueles mesmos nomes que tão sempre presentes... e como a gente faz esses outros atos pra essa população, pensando e se preocupando com quem tá ali realmente vivendo isso tudo no dia a dia de Florianópolis, parece que a gente consegue ter uma participação maior né; essas pessoas que muitas vezes não tão nesse cenário político, né; ou pelo menos não têm a possibilidade de estar. E aí eu acho que tá a principal importância desses movimentos todos, tanto marcar presença da população negra em Florianópolis, como movimento organizado, que já deveria ser grande, deveria ser bem estabelecido, tendo em vista todo o histórico dessa cidade; mas que a gente tá vendo que vai... que tá conseguindo, aos poucos, né, mobilizar uma galera. E também conseguir colocar pra participar, colocar em... em destaque, pessoas que muitas vezes não têm

esse espaço; que muitas vezes têm um bloqueio, que muitas vezes não têm acesso, que são impedidas, né, de ter esse espaço político. E ali, tendo essa vivência, a gente sabendo que o evento ali é pra eles, que a gente tá fazendo por isso, por conta da nossa população, eu acho que muda bastante a perspectiva que as pessoas podem ter do que é um movimento político, assim.

[INTERRUPÇÃO]

ARTUR – É muito bom, assim, isso que tu foi trazendo. Acho que, dentro dessa... tenho até uma pergunta que quero fazer pensando nesses novos sujeitos políticos, essa mobilização de diferentes pessoas. Porque uma coisa que tem sido recorrente nas análises que a gente faz na FREJUNA, na discussão sobre a intervenção da juventude no Movimento Negro aqui em especial, é a gente pensar o espaço das mulheres negras na construção dessa luta. E daí eu queria ver, pra ti, o que tem sido assim... o que tu vê em relação à FREJUNA também das possibilidades que vocês, mulheres negras, encontram pra construir a luta aqui em Floripa; estar à frente da cena, muitas vezes não necessariamente porque conseguiu como se fosse algo dado, mas batalhando pra chegar naquele espaço. Como é construir isso em Floripa, estar mobilizando a frente do movimento em Floripa?

GEOVANA – Eu acho que é essencial. Às vezes a gente até esquece que a maioria das mulheres que tão ali atuando politicamente elas são líderes comunitárias, muitas vezes, e elas tão ali frente a frente com a comunidade, tão fazendo trabalho muitas vezes diretamente aonde elas tão. E por isso muitas vezes elas não conseguem estar em vários lugares, se expandir, ser um nome que é conhecido em vários lugares, assim... ser uma pessoa que tem um alcance maior, porque muitas vezes ela tá ali naquele trabalho regional, que é essencial, que é muito importante, que é o principal, que tá diretamente ajudando as pessoas, mas que é, bem... muitas vezes mal reconhecido, né. E aí... eu acho muito importante realmente a gente ter essa... esse olhar pras mulheres no Movimento Negro, principalmente entendendo o quanto é difícil, né, mas também entendendo o quanto elas têm várias iniciativas próprias né, de conseguir, por já não ter um espaço, já ser negado esse espaço a elas nos movimentos políticos, nos projetos sociais; muitas vezes elas se auto organizam, como foi a batalha C.R.I.A, se auto organizam entre elas, as próprias mulheres fazendo eventos que muitas vezes são pra comunidade. Então esse alcance é muito difícil, às vezes, porque são eventos pras mulheres, muitas vezes; são eventos pras crianças, pras famílias, mas que vão, de certa forma, influenciar em toda a comunidade, com jovens, a comunidade LGBT... e eu acho que a gente tem, né, na participação da FREJUNA, muitas mulheres importantes, que tão fazendo atuação até em comunidades. Inclusive naquela

reunião que a gente teve, a primeira, a gente viu mulheres que tavam atuando em outros projetos, nas comunidades; tinha uma mulher ali da Palhoça, professora, que dava aula na Palhoça, e a gente tem já várias mulheres que tão fazendo essa frente né, do movimento. É muito difícil ser mulher, ser negra, ser periférica, e ainda ter que lutar pela sua sobrevivência, pela sobrevivência de toda sua comunidade... mas aí a gente entende que essa é a essência da nossa existência, assim. Se a gente não tá aqui pra também tá ali fortalecendo aqueles que tão com a gente, não faz sentido pra gente tá vivendo, assim. Às vezes a gente não tem... é uma outra visão, é uma outra construção. A mulher já tem essa construção, principalmente como mulher negra, do cuidado, né. E aí quando a gente tá falando da comunidade, das coisas que ela vê no dia a dia, gente sofrendo, as crianças que ela percebe ali no dia a dia e que não consegue, muitas vezes, não conseguem ter perspectiva de vida... quando a gente tem essa outra realidade, então é um cuidado muito maior, pra além da própria casa, mas pra população realmente. E isso é um movimento político, é um movimento muito grande... eu acho que é... é um... uma ressignificação do que é esse olhar... esse... essa indicação de que a mulher tem que sempre ter esse papel do cuidado. É uma ressignificação, porque a gente tem ali também uma liderança. A gente tá ali pra além do cuidado, tá pra uma organização, pra uma mobilização, pra uma outra... uma outra forma de enxergar e ser vista também. E aí eu acho que a gente tem mais alcance, pra base, né, quando a gente fala de levar o movimento pra base, pra comunidade... quando a gente chega a partir dessas mulheres; acho que talvez a gente consiga ter mais alcance, mais acesso, e realmente pode também se fortalecer como movimento.

ARTUR – Pô, muito legal, assim. Isso foi... foi algo que foi muito ressaltado; eu tive uma conversa com a prof. Jeruse esses dias também, em entrevista, e foi o que ela mais ressaltou. E como é bom pra ela, enquanto mulher negra que constrói a luta há muitos anos aqui em Floripa, ver esse cuidado, esse saber, esse conhecimento, sendo passado e construído junto, e é gente recorrendo a ela, mas ela vendo novas mulheres negras tomando a frente da cena e construindo essas redes, esses laços também... acho que é algo que se destaca muito, assim, nessas intervenções, não só das gurias da FREJUNA, mas tua, das várias lideranças comunitárias, dos mais diversos bairros e territórios que a gente sabe que, mesmo até, às vezes, as que não aparecem, ou quando tu vai falar um primeiro nome daquele bairro pode não ser daquela pessoa, mas todo mundo sabe que vai ter sempre junto uma mulher, fazendo um trabalho até mais pesado, inclusive... e que é isso, assim, de organização, mobilização.

GEOVANA – É... pra cada morro de Florianópolis, pra cada comunidade, eu conheço uma mulher que faz um projeto social, ou arrecadação de alimento, ou pras crianças com as mães...

se mapear bonitinho, assim, a gente consegue uma rede enorme de pessoas que tão ali atuando sozinhas, localmente, que não têm esse alcance que deveriam ter, ou a valorização que deveriam ter. E aí é difícil a gente ter essa conexão; muitas vezes a gente tá no dia a dia tentando só conseguir o nosso, mas se a gente conseguisse fazer essa conexão muitas vezes poderia ser mais fácil né, mais tranquilo. A gente esquece... e acho que o Movimento Negro ele é exatamente pra isso: a gente lembrar que é um movimento, que tá junto, que tem também ali fortalecimento, porque a gente tá num ambiente hostil que é Florianópolis; a gente já tem também outra ideia do que é ser negro por estar no sul... muitas vezes a gente tem que, às vezes a gente... é uma... um pensamento que a gente vai tendo, pra viver melhor muitas vezes, de simplesmente deixar pra lá, ou tentar não levar em consideração todo o racismo que a gente vive e tudo isso.. e aí o Movimento Negro é exatamente pra isso, fortalecer, mostrar pra gente que a gente tá junto, que a gente tem também outras formas de conseguir as coisas, que muitas vezes as mulheres, por exemplo, nos projetos regionais, vão tentando o auxílio, o suporte... mas o que elas têm é a partir de pessoas, brancas, de partidos políticos, que muitas vezes vão se alimentando também da imagem do projeto. E quando a gente faz esse fortalecimento, a gente mostra pra essa mulher que ela consegue fazer esse projeto todo afrocentrado, com pessoas, com suporte de movimentos de grupos que também são de pessoas negras, dá uma outra perspectiva pro projeto também, né, e pra essa mulher, pra esse trabalho todo.

ARTUR – Muito massa, muito massa! E se fosse pra ti tentar sintetizar, assim, entre essa coisa de pensar a atuação das mulheres, esse exercício e essa procura pelo menos por construir uma unidade do Movimento Negro; essas dificuldades ainda de alcançar comunidades, de um trabalho um pouco maior... o que tu veria assim que é, ou que se destaca, quando tu pensa a FREJUNA hoje no Movimento Negro de Floripa? A FREJUNA ali na UFSC, ou com os atos, ou com o “Agita”... o que te chamaria atenção, ao pensar a FREJUNA hoje e a contribuição dela pra Florianópolis, pro movimento aqui?

GEOVANA – Acho que pensando tudo isso do Movimento Negro, principalmente nesse momento que a gente tem vivido né, de tantos ataques, de uma perspectiva tão ruim de futuro... principalmente pra população negra, que vem sendo a mais atingida, a mais espoliada nesse momento, eu acho que o movimento, a FREJUNA, esses eventos... tudo isso eles trazem pra gente principalmente uma perspectiva de futuro, né; uma sociedade que a gente consegue construir, que a gente percebe que tem poder, que a gente consegue organizar a partir do que a gente deseja, né, então esses projetos, as pessoas, esses grupos sociais, muitas vezes fazem, sem o apoio do governo, fazem muito mais que o governo. E conseguem construir ali seus

próprios... suas próprias formas de viver da melhor forma possível, mesmo sem ter nada. A gente constrói, a gente consegue construir muita coisa sem ter nada. Jamais imaginávamos se a gente tivesse apoio então, como é que seria... a gente construiria uma outra sociedade, né; fazendo tudo que a gente prega, se sem apoio a gente já consegue mover muitos grupos, muitos movimentos locais... com apoio a gente mudaria muita coisa. E aí acho que a FREJUNA e todos esses eventos que a gente faz, principalmente como encontro das pessoas, é o que traz pra população negra, que tá participando, que vê esse movimento todo, que vê esse esforço todo também dos militantes, que vê essa organização, uma... eu acho que talvez uma sensação ou uma perspectiva que a gente tem um futuro possível, que é construído hoje, e que a gente consegue tá aqui hoje colocando as nossas pautas, dar nó em pingo d'água, pra fazer o que a gente acredita ser possível, né. E aí, principalmente dentro... porque vai pra além dessa coisa de... realmente, a FREJUNA pra mim dentro da UFSC, ou até como um movimento político, é também um apoio muito importante; é um local de fortalecimento, de entender que eu tenho um... um... tenho um respaldo, posso ter ali também outras pessoas que acreditam no que eu acredito, mas vai muito além disso. Toda essa construção que tem feito, toda essa luta, todo esse trabalho que a gente vem vendo, é uma grande esperança assim, né; mostra muito uma imagem de um futuro muito bonito, assim... então acho que traz isso de uma outra possibilidade, “a gente tem outra possibilidade de organização política, uma outra possibilidade de tá interagindo com a população, com a comunidade”... essas outras possibilidades que a gente não tem visto, né, hegemonicamente, ou que a gente não tem visto noutras formas e noutras organizações. Então acho que a FREJUNA mostra realmente isso, essa preocupação sempre de tá ali, em contato com a comunidade; essa preocupação de entender as demandas... isso tudo mostra pra gente que, sim, o movimento político pode ter outra forma, pode ter uma... um outro jeito de tá inserido, né. Acho que mostra principalmente isso, essa outra possibilidade, porque é uma outra visão também; uma outra forma de entender o mundo e todos esses problemas que a gente tá vivendo, e que pra mim deveria ser basilar em qualquer outro movimento político né, mas a gente... não é isso que a gente vê na realidade.

ARTUR – Katchau! [risos] Não, nossa, muito legal, Geo! Muito legal ver que é isso, que, aos trancos e barrancos, tem se tentado e tem se conseguido alcançar, pouco a pouco assim, essas movimentações. Acho que é muito isso o sentido do meu trabalho, assim, também; fazer um pouco desse registro do que tá rolando, e dessas limitações, mas dessas vontades, dessa esperança.

GEOVANA – É, que são limitações que a gente, às vezes, assim... a gente esquece também das nossas conquistas, né. Acho que pra um movimento numa cidade como Florianópolis; acho que todas essas realizações são conquistas muito grandes, já. Cada passo dado já foi uma modificação muito grande em várias coisas, já atingiu muitas pessoas, e acho que são poucas coisas que já foram muitas, também, né. A gente vai... a gente também vai desvalorizando muitas vezes nosso trabalho né, é uma coisa normal de se acontecer, mas a gente tem sempre que lembrar que são coisas muito grandes... se não tem nenhum movimento organizado há não sei quantos anos numa capital, que tem um histórico tão grande da cultura negra, da população negra, e a gente tá aqui hoje construindo isso... já é uma mudança muito significativa na história, já é um movimento muito grande. A gente sabe que teve outras organizações, de outras formas, mas a gente tá aqui hoje visibilizando várias pautas e mudando essa forma de organização política, e isso já é grande demais, uma coisa muito boa, uma mudança muito boa.

ARTUR – Que bom! [risos] Que bom que tá existindo isso, e que a gente tá conseguindo...

GEOVANA – [Interrupção] É, né, o mundo tá tão difícil, tudo tão difícil, que a gente não percebe né as mudanças, a gente não consegue.. parece que nada funciona, mas é uma conquista muito grande.

ARTUR – Meu, acho que é isso, assim; tu cobriu as coisas que eu queria saber, e trouxe mais; conseguiu qualificar bastante coisa. Queria te agradecer, primeiro, né; obviamente porque é isso... cada passinho que a gente vai dando vai contribuindo, vai contribuindo e abrilhantando meu trabalho, que ainda vai ser longo, mas espero conseguir escrever bonitinho.

GEOVANA – Obrigada também, pelo trabalho! Acho que vai ser lindo, vai dar super certo, e tamo aqui também!

MOTA, Geovana Izabela. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 17/12/2021.** Florianópolis, 2021.

ENTREVISTA CONCEDIDA POR JERUSE MARIA ROMÃO AO PESQUISADOR
ARTUR FAVARETTO PEREIRA, EM 15/12/2021

Pesquisa: “Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021” (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História na UFSC)

Entrevistador: Artur Favaretto Pereira

Entrevistada: Jeruse Maria Romão (60 anos)

Florianópolis, 15 de dezembro de 2021

13h44min

ARTUR – Florianópolis, 15 de dezembro de 2021. São 13h44min, e essa é uma entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História na UFSC, desenvolvido por mim, Artur Favaretto Pereira, junto à professora Jeruse Romão... Então boa tarde, professora! Espero que esteja bem!

JERUSE – Boa tarde, querido! Tudo bem. Tu tá bem?

ARTUR – Tudo certo também aqui, tudo tranquilo. Eu gostaria de começar a entrevista te perguntando um pouco sobre como você vê o Movimento Negro aqui em Florianópolis, assim; a trajetória, né. Ao longo dos meus estudos, eu já tive contato com algumas reportagens com depoimentos seus, que falavam também da luta desde lá os clubes negros, no começo do século XX, isso pra além ainda da luta desde que as pessoas escravizadas foram trazidas pra cá. Mas como você vê esse Movimento Negro, especialmente nessas últimas décadas, nesses últimos anos, no governo Bolsonaro? Qual a situação aqui em Florianópolis que mais caracterizaria o Movimento Negro?

JERUSE – Bom, eu não sei quais são as fontes que você acessou, mas... a minha militância começa em 1986, assim, organicamente falando; a orgânica. A... porque essa questão da consciência racial ela vem de casa, mesmo. Ahn... e assim, partindo pra hoje, exatamente hoje, a gente atravessa... atravessa algumas conjunturas, assim, né; as macro, que é o governo Bolsonaro e toda a desconstrução das políticas, né, o aniquilamento das políticas que nós... humm... que nós estávamos avançando; eu não digo conquistando, porque todas elas ainda precisavam de muita lapidação; ingressaram na pauta das políticas públicas, mas ingressar não

quer dizer que elas estavam dadas... elas estavam nesses processos de encaminhar essas políticas. Então a gente teve retrocessos muito importantes, impactantes; somado a isso os indicadores de violência, é... contra a população negra, e aí eu boto violência em todos os aspectos, desde a física, a religiosa, ambiental, a identitária, de gênero, enfim... geracional, tudo aquilo que tá envolvendo a nossa população, aumento de encarceramento, aumento de desemprego... violência contra os corpos negros na política... quer dizer, ao mesmo tempo que nós lutamos bastante pra ter mais pessoas negras e negros e negres na política, também cresceu absurdamente os movimentos de ódio, né. Então assim, nós estamos atuando a partir de muitas camadas... muitas camadas. Eu tenho como lugar de militância a educação, e dali eu vou irradiando pra outras pautas, e meu núcleo duro sempre são as políticas institucionais assim; garantia de direitos, e o Estado em movimento, porque o Estado em movimento é a política pública. É... e aí eu percebo que ele avançou em algumas pautas e retrocedeu em outras, não é?! Retrocedeu muito, por exemplo, na atuação nas comunidades; muitíssimo, assim. Não é que nós não tenhamos; nós temos atuação nas comunidades... mas retrocedeu muito, retrocedeu bastante na articulação estadual, assim, que é uma das coisas que eu mais acredito, que eu mais atuei, pelo menos nos últimos 20 anos, 30 anos eu diria, que é na articulação estadual, ou seja, é compreender que temos no estado muitas regiões diferentes, né, assim como o Brasil tem muitas regiões diferentes, o estado de Santa Catarina também apresenta, todo estado apresenta, mas tô dizendo aqui do nosso... características muito singulares em cada região, e eu sempre achei estratégico... é... uma atuação em rede, né, que potencializasse o que tem de uma expertise e levar pra outra e assim vai. Eu sinto muito que há um... um... um abandono dessa ideia, né, dessa... desse movimento político, desse movimento político e ideológico. Então eu vejo hoje, e vejo assim, as organizações do Movimento Negro elas ainda não evoluíram para a sua autonomia, né; então esse é um aspecto assim que eu... ahn... hoje, quando faço uma análise; estava conversando sobre isso ontem, inclusive, numa reunião, é que se passa que nós ainda não alcançamos alguma autonomia. Eu não digo todas as organizações ao mesmo tempo; não, não falo disso, mas falo de algumas. Nós já poderíamos ter uma ou duas ou três com mais autonomia, buscando ser algum tipo de guarda-chuva, algum tipo de fundo... hummm... pra poder apoiar projetos e ações das entidades do Movimento Negro. Então essa seria minha avaliação inicial. Obviamente que o que nós vemos na conjuntura nacional com o governo Bolsonaro nós também vemos aqui com o governo Moisés, né; nada avançou, direito nenhum avançou, e muito pelo contrário, não é?... Há uma ideia de que não se tem negros em Santa Catarina, e há uma extrema direita raivosa, racista, né, brancocêntrica, que não suporta a ideia de ter políticas públicas para alguns segmentos da sociedade catarinense - pra eles, os negros.

Pauta étnica, então, só se for etnia europeia; que aí nós temos pautas dos açorianos, dos italianos, dos alemães... mas pauta para os negros e para os indígenas, não. Então nós temos também essa... esse enfrentamento a partir do governo do estado, e que reflete na maioria dos municípios no estado de Santa Catarina. Seria isso... não sei se te respondi.

ARTUR – Não, acredito que sim. Porque essa visão mais geral, mais totalizante, é algo que vem, como tu mesma colocou, da tua própria militância, mas de outras lideranças também do movimento, e entidades, pautando isso há algum tempo né; não é de hoje que a gente vê essa desarticulação, mas essa tentativa, ou esse clamor, pelo menos, por superar essa questão né; trabalhar de uma forma mais avançada assim. E uma das coisas que eu consegui mapear, assim, nas... nos documentos sobre as discussões iniciais da própria FREJUNA, é também a partir de uma ideia de reivindicar mas querer aprimorar alguns legados de luta do nosso povo negro catarinense, e um desses exemplos é a Marcha da Negritude de 2016, e daí eu gostaria de saber da professora o que que a professora tem a relatar, assim, sobre essa experiência; é algo de que eu não cheguei a participar, não conheci muito. E como que a professora vê que essa experiência tem sido continuada, ou que a FREJUNA talvez tenha conseguido continuar até então, com as novas propostas de marcha, que pegam alguns elementos, transformam outros... o que que a professora viu nisso assim nesses últimos anos?

JERUSE – Bom, em 2016 nós organizamos... a ideia foi do Felipe Cardoso, e do coletivo Maria Laura, de Joinville. E... nós assumimos... Felipe Cardoso dos Santos. E nós assumimos essa a proposta; nós achamos naquele momento que se fazia de fato importante, necessária, e fiz parte da coordenação, com a Claudia Prado, a Pati, o Felipe; uma coordenação em que no final também ingressou o MNU, na... na idealização da marcha em si; nós éramos a concepção política da marcha. E aí o que eu acho interessante pensar é que nós reunimos tanta gente em Santa Catarina exatamente com esse desejo de unidade, né; embora a gente se saiba diverso. Nós somos diversos, mas a gente queria buscar alguma unidade, queríamos também pressionar o que nós chamamos ali na Marcha que era “por democracia e nenhum direito a menos”, e trouxemos então a centralidade do Movimento Negro. Foi uma marcha que não aceitou outros atores, né, a não ser o Movimento Negro. E trouxe uma pauta, uma carta de intenção, que se pretendia que se chegasse até o governo do estado de Santa Catarina... desejo nunca alcançado, muito embora nós tivéssemos buscado todos os recursos institucionais possíveis pra que nós fôssemos recebidas, recebidos, recebides, e entregasse essa carta pro governo do estado. Então o governo do estado de Santa Catarina há mais de 20 anos não recebe nenhuma organização ou representante do Movimento Negro, né, coletivo assim; talvez seja recebido individualmente,

mas nós queríamos inclusive romper com esses quase 30 anos de total impossibilidade de diálogo com o governo do estado, e apresentar uma pauta que nós considerávamos essencial, né. E aí nos juntamos, somamos com todas as organizações do Movimento Negro do estado de Santa Catarina. Organizações culturais negras, organizações religiosas... e, na franja, também participaram coletivos do movimento sindical e de partidos políticos... Eu tenho acompanhado, é... eu acompanhei o nascimento da FREJUNA, e participei de algumas das atividades... participei da primeira Marcha da Consciência Negra, da comissão... eu tava representando naquele momento o gabinete do vereador Lino Peres, como assessora parlamentar... E... humm... eu acho interessante assim né, porque um tempo antes da FREJUNA surgir, eu ficava publicamente questionando a juventude, né. Porque... nossa geração, eu sou de 1960, então a gente já tá considerando aí pelo menos mais duas gerações depois da nossa, ou pelo menos mais uma né, que pudesse trazer os aspectos mais contemporâneos sem abandonar as pautas estruturantes né do Movimento Negro. Outras linguagens, outros formatos de organizar as coisas, né... outras estruturas, outros pensadores, outro pensamento. Eu sempre apoiei muito nesse sentido. É... eu vi um entrave inicial... e ainda vejo esse entrave inicial... que é... uma boa parte da FREJUNA, dos que compõem a FREJUNA, são jovens vindos de outros territórios, né. Então assim, observando de perto os dados de todas as políticas afirmativas da UFSC, nós sabemos que os cotistas negros de Santa Catarina, ou aqueles que estão inseridos nas políticas públicas dirigidas à população negra, ou até mesmo aqueles que não estão, que ingressam sem as cotas... a população jovem de Santa Catarina está em minoria. E uma das coisas que eu sempre provoço na FREJUNA, nesses jovens, é que é importante pensar política pública para o local, né, mas com a história local... com a realidade local, assim. Eu fiz esses questionamentos, pra tentar alguma profundidade, né... porque na minha juventude eu aprendi a ser militante do Movimento Negro nas comunidades, embora tivesse já reconhecido letramento, já reconhecidas características, inclusive algumas acadêmicas. Mas o meu lugar de buscar as políticas sempre foi as comunidades. É... e eu instiguei isso, né... como é que você pensa uma marcha catarinense sem conhecer o estado? Como é que você pensa uma marcha pra juventude de Santa Catarina sem conhecer as... pelo menos os municípios de maior população negra, digamos assim; conhecer essa população. Então esse sempre foi um questionamento. A FREJUNA ela revitaliza, ela traz as características dos jovens, né; do protagonismo juvenil pras ruas; ela tá atravessando outras pautas, que não só a racial... ela tá atravessando pautas. E eu acredito muito nessa potencialidade, nesse apoio, também pelo campo político que ela se movimenta, né. Mas, às vezes, eu também vejo que o campo político-partidário embaça um pouco algumas questões, assim; eu não acho isso de todo mal, não... eu não acho, porque eu

também tô colocada num lugar do campo político-partidário, e eu sei muito em como é que isso funciona, como é que isso... como é que isso reflete, né, quando a gente quer fazer alguma coisa mais unificada, quando a gente pretende um projeto político mais unificado. Então, no ponto de vista da positividade, eu acho incrível que essa juventude se organize, que mobilize, que traga ares mais frescos, eu diria assim, arejados [risos] pra luta antirracista. Que traga novo olhar, nova forma de fazer. Mas, eu vejo ainda velhos problemas, né. E nos velhos problemas, não ainda conseguir protagonizar um movimento mais capilarizado, né; é... assim como também a questão da autonomia também se repete; há uma dependência de outros segmentos, assim, acho que isso ainda é uma questão que a gente vai ter que resolver, e muito rápido. E... ahn... acho que às vezes há um embaçamento de lugares partidários nessas organizações de jovens que se organizam nessa frente... é... se propõem a atuar. Seria mais ou menos isso.

ARTUR – Obrigado! É... uma outra questão que eu tenho tentado abordar, assim, no meu trabalho, considerando daí principalmente os escritos da Lélia Gonzalez, né, e os apontamentos dela sobre como a luta das mulheres negras sempre se deu a partir e principalmente do Movimento Negro, e não necessariamente do movimento de mulheres ou do movimento estudantil, ou dos vários outros em que também estavam inseridas e disputando. É... eu queria ver contigo o que é, como é, assim, ser uma mulher no Movimento Negro, estar à frente das lutas em Florianópolis, e como você vê também isso em relação à FREJUNA, que desde seu início tem um grande corpo de mulheres encabeçando essas ações. Enfim, gostaria de saber um pouco tanto da sua experiência, pensar o Movimento Negro e o lugar das mulheres à frente dessas lutas em Floripa, tanto o que teria de comentário talvez sobre as companheiras da FREJUNA e como se constrói essa luta entre a juventude também.

JERUSE – Bom, eu me sinto... eu me sinto muito confortável, assim; eu percebo que nesse aspecto... é... ser mulher negra, talvez seja um dos lugares que eu mais... é... transite bem com a FREJUNA. Mas obviamente também as ênfases quanto às violências que eu enfatizo, que eu trago, especialmente quanto à juventude negra, a questão do mercado de trabalho... pensar a... uma centralidade no nosso universo negro-centrado, eu acho que é um dos lugares que eu mais gosto de atuar com a juventude. Santa Catarina é, ainda é um estado muito invisibilizado no aspecto das políticas de combate ao racismo. E eu quero dizer que isso é uma coisa assim que é... que não é de sempre, nem sempre foi assim não. Quando o NEN surge, em 1986, o Núcleo de Estudos Negros, nós passamos a ter visibilidade nacional, e muita, por sinal... não foi pouca não! Primeiro porque Santa Catarina está no polo, é um dos primeiros estados que tem lei pra tratar sobre história e cultura afro-brasileira nas escolas; a primeira lei

de Santa Catarina é de 1992, então é importante né você ter essa... porque a 10.639 é de 2003, é a primeira política nacional, e a gente já tinha esse debate, essa compreensão política, e já tinha uma articulação e uma certa força política no sentido de se fazer aprovar, né. Porque não basta ter a intenção da lei, precisa aprovar nas câmaras de vereadores de Santa Catarina, e nós aprovamos! Itajaí, Florianópolis, Criciúma. Em algumas transitou e não tiveram tempo de serem aprovadas, porque acabavam não sendo bem pautadas. Mas acho importante destacar assim. Sempre, como eu sou da educação... a educação é um lugar de mulheres, assim, né; minha mãe era da educação, minha tia que é feminista e atua ainda no Movimento Negro, tem 84 anos, é da educação; então eu trago a educação como esse lugar, e é um lugar de muitas mulheres, e muitas mulheres negras. Eu sempre... é... penso que há uma adesão mais rápida dessa pauta porque é... as professoras já estavam nos seus lugares de atuação, e estavam fazendo as suas reflexões sobre as relações raciais. Algumas estavam nos clubes negros, em Criciúma, em Lages, em Joinville, em Itajaí, Laguna, Tubarão também... esses territórios também foram importantes. E nós temos alguns ícones assim, que são referência né, dentre eles Antonieta de Barros, mas também a professora Maria Laura, é... que é nome de um coletivo. Professora Clotildes Lalau, enfim... a gente tem um conjunto de histórias de negros na educação em Santa Catarina, né, capitaneada por Antonieta de Barros, que vai nos constituir como um lugar de mulheres negras que pensam a educação, e que a partir da educação, assumem pensamento em torno de outras políticas públicas. Então nós que vamos dialogar com os sindicatos, os partidos, com as secretarias de educação; nós que vamos dialogar com os movimentos políticos da cidade. E aí nós ainda não tínhamos médicos negros como temos hoje; advogados como temos hoje. Então esse povo da educação, por ser um povo que atravessou esse universo acadêmico mais cedo, também era quem... nós éramos quem estávamos à frente dessas pautas todas, né, como política pública. Então, assim, é, a pauta das mulheres estava colocada sim. Sim, estava. Eu, por exemplo, fui coordenadora do Fórum de Mulheres Negras do estado de Santa Catarina, e foi esse fórum, foi na presidência desse fórum, que nós implementamos o programa Antonieta de Barros na Assembleia Legislativa, né; política pública única no Brasil, não tem em lugar nenhum, né. E tá aí ainda, há mais de 15 anos, funcionando. Eram as professoras, as mulheres negras, olhando pra uma juventude nas comunidades negras, que naquela época era quando as facções começaram a se instalar com força em Santa Catarina né, e havia então um número de homicídios gigantes, né, e os territórios começaram a ficar interditados. Se um morava num lugar, outro morava noutra, tu não andava no outro; e se um ia no outro corria risco de vida. Então nós decidimos um programa, num território entre aspas neutro, institucional, e que pudesse garantir a convivência de meninos e meninas jovens, de

todas as comunidades, para re... re... revolucionar, refazer, restabelecer, reanimar as nossas relações ancestrais de convivência entre nós mesmos. Essa era a primeira estratégia. Claro, primeiro emprego, os que tivessem a menor renda, os que tivessem condições de vulnerabilidades também atravessadas... e essa experiência juntou mais outras mulheres, aí juntas as presidentes das associações e comunidades; lideranças, mulheres negras como a Dona Uda, mulheres negras que estão nos movimentos sociais. Porque quando eu escrevi a lei, eu estrategicamente defini que quem indicaria os jovens para o processo seletivo eram as organizações comunitárias atuando no lugar onde eles moravam, que era uma forma estratégica também de eles reconhecerem o valor daquela organização da própria comunidade e apoiar, porque se fosse um político, se fosse não sei quem, eles não olhariam pra comunidade. E também para essas organizações passarem a valorizar esses jovens, que também elas não viam: “ó, tem um menino ali que tá querendo ser médico, tem um ali que tá querendo ser jornalista, tem um ali que quer ser maquinista”, sei lá o que queira, mas pra dizer pras organizações que olhem melhor pra isso, porque é um processo seletivo de dois em dois anos, então vocês vão trabalhando com esses meninos que vão aparecendo. E a gente queria que os meninos selecionados servissem; as meninas também chamadas, servissem de inspiração pros outros. Isso só sai... isso, eu acho, posso estar sendo positivista, mas acho que essas coisas só saem de cabeça de mulher, e de mulher preta, né... porque a gente não pensa só no sujeito, individualizado; a gente pensou numa política em que tinha muitas estratégias articuladas, sabe... e felizmente ainda tem, porque a gente sabe que hoje o programa sofre muito assédio político, mas ainda continua com a mesma legislação assim né, e isso dá um conforto pras entidades, porque elas veem que por enquanto ainda não tiraram da gente esse poder que a gente tem, que é um poder, né, de dizer que é autor do processo dessa política pública. Então eu acho assim, eu vejo que a minha formação como uma mulher negra, eu vou dizer pra ti que eu... eu antes rejeitava um pouco a expressão feminista, depois até eu aceitei, hoje eu volto a dizer que eu não sou essa feminista nessa categoria branca; eu não sou aquela feminista. Eu... eu luto em defesa dos direitos das mulheres sempre, entendeu? Mas não necessariamente dentro dessa categoria, porque eu aprendi muito com as africanas sobre isso, sabe... de que é... as mulheres do mundo ocidental elas trazem pautas que necessariamente as mulheres africanas e negras brasileiras trazem, e que tá muito relacionada à sua relação com o homem diretamente; eu acho que o feminismo também pode ser uma mulher não ter homem nenhum e ter outra mulher, e ainda a gente vai lutar no feminismo. Essa minha identidade de não ser uma mulher hétero também me ensinou um pouco sobre isso; não dá pra dizer que é só na relação com o homem. E como uma mulher umbandista, eu sei que tem algumas dinâmicas nas religiões de matriz

africana que as mulheres brancas feministas não aceitam, né; elas consideram machista, e nós consideramos outras coisas. Então é... eu... eu me relaciono com o movimento feminista branco? Sim, eu me relaciono. Mas faço parte dele? Não. Eu faço parte do movimento das mulheres negras, e é... eu não sei que nome que a gente vai dar, porque nem todas as mulheres negras, que fazem parte do movimento das mulheres negras, chamam-se de feministas; mas nem por isso nunca vi nenhuma delas dizerem que não defendem os direitos das mulheres. Então assim, às vezes a gente tá numa pegada mais mulherista do que feminista, ou às vezes nem uma coisa nem outra. A gente sabe o que a gente precisa fazer, mas esse ideário do movimento feminista não... não nos abraça, até porque a maioria das mulheres do movimento feminista branco, como todo o respeito que tenho à causa que elas defendem, são mulheres de outra classe social, diferente da gente. São mulheres que vivem outro status econômico, diferente do nosso; elas não moram nas comunidades onde nós moramos; os filhos delas não correm o risco de serem mortos como os nossos correm, independente da condição social que nós tenhamos. Elas são reconhecidas rapidamente, porque são mulheres e brancas; ou seja, o privilégio de ser branca, a branquitude, confere a elas uma estrada que avança muito mais que a nossa, das mulheres negras, que precisamos estar sempre demarcando o discurso de exclusão e de violência inclusive no campo de gênero. Então eu me sinto muito bem como uma mulher do movimento de mulheres negras de Santa Catarina, embora, nos últimos tempos, o movimento não tenha alcançado a visibilidade que ele merecia alcançar, pra fora do estado. Mas acho também que isso implica num outro contexto, que é o seguinte: eu não sou... geógrafa, nem sou historiadora, nem sou da área do urbanismo, mas eu namoro com todas elas, eu adoro todas elas [risos]. Eu digo que sou uma geógrafa popular, uma antropóloga popular, uma... [risos]. E uma demógrafa... eu gosto muito da demografia, do debate sobre demografia, porque eu fico olhando que gente, no próximo censo, Florianópolis vai ser considerada uma metrópole, né; nós pulamos de uma capital de 400 mil pessoas, sabe, uma coisa pequena, e vamos pular para metrópole. E nós olhamos muito pouco pros sujeitos que chegaram dos 400 mil pra cá, sabe. E isso inclui a população negra. Então assim, é... há um preconceito muito grande dos que vêm de fora, e há um preconceito muito grande dos que são de dentro. Eu vejo essas duas coisas, assim, no meu olhar crítico, sabe. Os que vêm de fora, de metrópoles maiores, acham que aqui não tem nada e que tem que ser refundado muita coisa, e isso atua muito mal na preservação da história e da cultura local, isso é muito ruim né. E os que são de dentro não têm... não têm um movimento de dizer “olha, tudo bem, mas vamos então conhecer esses espaços”; os territórios de diálogo estão numa faixa muito estreita ainda... eu brinco que não saiu da faixa de Gaza, com todo o respeito; ou o Tratado de Tordesilhas, pra ser melhor. Porque

poderia também o movimento local se desconstruir; não precisa sempre fazer dentro de um sindicato, ou Cruz e Sousa; pode fazer num terreiro, numa comunidade. Então eu vejo muito pouco sobre esses movimentos, assim, e das mulheres é a mesma coisa; não muda, não é porque é jovem; as mulheres ainda fazem muito isso. Algumas mulheres ainda atuam mais fortemente na atuação comunitária; eu vejo mais as mulheres que os homens negros, né. Então elas fazem isso mais, assim, pra dentro de um Quilombo, de um terreiro, de uma ocupação... pra dentro de algumas... pra atender populações imigrantes, população em situação de rua... eu vejo um protagonismo maior das mulheres negras nesse sentido. Mas ainda não é suficiente, e assim como também nós passamos uma eleição como a última, a de 2020, com um apelo fortíssimo, mas muito forte, para eleger mulheres negras, e Florianópolis não elegeu nenhuma, né. Você vê, Joinville elegeu a Ana, da qual eu fui da equipe de coordenação; Brusque elegeu a Marlina. E Florianópolis, que tinha mulheres potentes, inclusive do Movimento Negro e algumas atravessadas pelo movimento feminista, não elegemos nenhuma... e ah, tem uma bancada, uma coletiva, uma primeira experiência coletiva que tem. Mas a cara da Coletiva é de uma mulher branca, então precisa ter muito didatismo pra poder explicar pras pessoas que ali tem uma indígena, que ali tem uma branca... que a cara do parlamento, quem senta na cadeira, quem assina as coisas é uma mulher branca. Então eu vejo assim que... é... nós ainda não somos, as mulheres negras ainda não são prioridade, inclusive no âmbito do... do... movimento feminista, pra virar essa pirâmide e dizer “não, vocês vão ser a cabeça de chapa, vocês vão ser isso, vão ser aquilo”. Então é nesse sentido assim, mas eu acredito muito, eu sou uma mulher umbandista que, quando eu olho os terreiros, as comunidades mais pobres, quando eu olho o que que a capoeira é capaz de fazer nas comunidades assim né, que é um trabalho tão silencioso o trabalho das capoeiras em Florianópolis, e tem tanto mestre bacana fazendo assim trabalho lindo, em área de extrema vulnerabilidade... eu vejo mulheres negras com uma política ambiental, de saneamento básico, como é o caso da Cíntia à frente da Revolução dos Baldinhos... pra gente entender a importância daquilo ali, quando a gente fala em racismo ambiental, quando a gente fala em educação e saúde, quando a gente fala em saneamento básico. Aquilo ali é tudo, é educação, é ambiental, é tudo isso junto, e a gente só não entendeu direito o significado disso... de mulheres que fazem um trabalho pesado, um trabalho pesado fisicamente falando e mentalmente falando; que exige um compromisso com cronograma danado... e daí quando chega no final do mês elas tiram 100 reais do trabalho do mês inteiro pra sobreviver. Então a gente não entendeu ainda o protagonismo de um trabalho que inclusive já foi reconhecido internacionalmente. E eu digo que se foi, se a Cíntia fosse uma mulher branca? E se a Jeruse fosse uma mulher branca? E aí fico olhando... e se a Vanda fosse uma mulher branca? E se

fulana fosse uma mulher branca? Nós estaríamos em outros lugares... porque nós fazemos coisas que ninguém faz... e por que que nós fazendo coisas que ninguém faz, nós não estamos no lugar que nós deveríamos estar? E eu sempre, às vezes, arrumando alguma confusão no sentido [risos] prático mesmo [risos]... ah, porque eu brigo, às vezes; eu brigo contra a apropriação. Eu gosto das bandas de mulheres, e fortalecem a identidade das mulheres brancas. Eu olho pra elas batendo tambor, na percussão, eu vejo, né, o quão emancipador aquilo tem sido pra elas... mas eu não vejo a gente ali, sabe? Eu não vejo as mulheres ali. Eu vejo uma estrutura organizativa que não nos inclui, então às vezes eu brigo, de vez em quando eu dou uma cutucada. Eu andei fazendo as pazes com esse bloco no carnaval de 2019... 2020, porque eles levantaram uma bandeirinha branca e eu resolvi me aproximar com essa bandeirinha branca que levantaram, é... porque eu também entendi que eu tinha que fazer alguma discussão por dentro. Eu fiz, assim, fizemos eventos pré-carnavalescos, que eu pude falar, também pude dizer sobre isso. Assim como também tenho tentado conversar com as mulheres brancas do santo, assim, que é uma... eu vejo muitas hierarquias nesse lugar que é uma religião de matriz africana, em território branco que é Santa Catarina, e que tá sendo muito apropriada por corpos que não são corpos negros, né. Então assim, eu sou uma Ialorixá do não-consumo, por exemplo; então assim, eu vou usar a mesma roupa por 30 anos enquanto ela me servir, sabe... a minha pombagira vai usar a mesma roupa até ela acabar... então assim, eu vejo... meu preto-velho também vai fazer a mesma coisa... então o que que eu vejo, hoje, é uma relação de muito consumo, sabe... muito consumo, e não é nosso, isso não vem com a gente, isso vem com a população branca. E isso já vai hierarquizando assim com o tempo. Então eu não sei pra onde...

[INTERRUPÇÃO]

JERUSE – Voltando, eu acho que é um pouco sobre isso... o que eu gostaria mais é que as mulheres elas, obviamente que por conta das redes sociais... eu sou numa época que não tinha absolutamente nada disso, e poucos de nós tínhamos telefone em casa, era uma comunicação física, né; tinha que ter reunião pra gente se encontrar, tinha que ter conversa. E era na casa da gente, então nós fazíamos reuniões e a mãe de alguém fazia café, fazia um bolo. Ora a minha mãe, ora a mãe do Márcio de Souza, ora a mãe de não sei quem [risos]. Com a minha mãe, as pessoas chegavam, os jovens, nós jovens, chegavam numa reunião, ela olhava um e dizia assim “ai, meu filho, mas essa tua roupa tá muito sujinha, tira aí que eu vou lavar” [risos]; “ai, meu filho, tas muito magrinho, vou botar alguma coisinha pra ti” sabe, assim... é dessa relação que eu sinto falta hoje, porque as mães não são mais as mesmas, também, e a gente não tá fazendo mais esse contato presencial assim, sabe. De se ver, nesse momento. E as pessoas têm sido

formadas muito por rede social, então eu sinto falta assim de mais reflexão sobre Santa Catarina porque a gente virou uma bolha, sabe; todo mundo cita muita gente de outros lugares pra falar sobre relações raciais, gênero nanana, mas não cita quem tá produzindo aqui... acho que isso é uma das questões, porque eu gosto de escrever memória, agora eu tô escrevendo um livro sobre Clubes Negros em Santa Catarina (que tá atrasado, porque Antonieta pulou na frente... então eu lancei o Antonieta, ela apareceu, se exibiu, e o texto foi [risos] e eu lancei a exibida, e agora eu voltei pros Clubes Negros), é... então assim, eu tô, eu já revisei dois lugares, que tô há muito tempo parada, quis visitar dois lugares. E aí quando você chega num Clube Negro, é, você percebe assim né que é uma história protagonizada na maioria por homens, não mulheres. Criciúma tá tendo a primeira mulher negra presidente de um Clube Negro de Santa Catarina, sabe... tem quase 50 anos de distância. Então a gente tá vendo que, bom, vamos escrever essa história, contar um pouco mais dessa história, e contando a tua história vamos escrever mais sobre as outras, invisibilizadas. Porque eram negros, homens negros, mas não eram só eles... a gente sabe que as mulheres faziam dentro dos clubes... imagina, um homem ia varrer, cozinhar, ia fazer as festas, decorar os clubes e ia na rua vender rifa pra conseguir dinheiro? Nunca que os homens iam fazer isso, entendeu? Então a gente tá querendo... e elas pensavam, influenciavam eles em casa, e mulher faz isso. Quando não vai direto aqui... nessas gerações é muito interessante né. Quando elas não conseguiam participar da mesa das reuniões, elas escutavam as reuniões em volta, e depois na casa papapapapa [risos], e aí no outro dia ele já voltava “ooopa”, entendeu? Essa estratégia dessas mulheres, de nós mulheres negras, eu acho importante. Assim como também acho importante falar sobre o uso das cidades, assim, né; nós crescemos, Florianópolis cresceu, sim cresceu. Mas por que que nós somos tão invisíveis ainda na cidade? Eu saí com esse olho semana passada... eu não tô saindo ainda de casa, mas semana passada eu saí com um olho de atravessar o calçadão, passar pelo mercado, passar pela Praça XV, e registrar quantas pessoas negras eu tava vendo, é, e fiquei muito chocada, sabe. Fiquei muito chocada com o cadinho de quase nada de preto que eu vi. E... e seguramente uma população que já não é nativa, eu gostaria muito de saber o que ela pensa, sabe... porque a população negra florianopolitana hoje, ela, uma parte, está nas comunidades; está. Mas as comunidades também tiveram um êxodo quando o tráfico chegou em algumas delas. Então uma das coisas que o tráfico fez foi expulsar as lideranças das comunidades, porque essas lideranças ofereciam resistência ao tráfico, então muitas do Monte Serrat, muitas do Mocotó, muitas do morro do 25... a gente sabe que pessoas tiveram que sair do dia pra noite, abandonar a casa e ir embora, porque foram ameaçadas. Então a gente começa a partir daí a ver uma reorganização dessas comunidades, inclusive cultural. Aquelas que mantiveram algumas bases, né, mais

históricas, como por exemplo a Copa Lord... a Copa Lord tem uma escola de samba, então isso unifica em algum momento. Eu vou dizer, o Mocotó tem uma escola de samba, isso unifica em algum momento. Agora tem outras que ainda não têm esse elemento unificador. Então a gente percebe assim, é o caso do Monte Cristo. O Monte Cristo, segundo a pesquisa da Azânia, é o segundo território em toda Florianópolis onde as pessoas mais se declararam pretas; o primeiro é o Maciço, conjunto de comunidades. Mas se você olhar pro Monte Cristo, talvez as pessoas não reconheçam isso, mas foi autodeclaração pelo IBGE, e aí claro, você não vê tantas expressões diárias e cotidianas, mas você vê o indicador pelos dados de violência, que é um dos lugares onde a polícia mais mata jovens negros. Então ele não vai entrando por um lado, vai entrando por outro. Isso é um... agora em janeiro, eu estou afirmada em oferecer... é... um estudo sobre negros em Santa Catarina, com alguns elementos, né, porque a gente vai tá num ano eleitoral, e porque eu acho interessantíssimo que a gente consiga fazer chegar a quem se pretende candidato na nossa comunidade um pouco mais de compreensão, porque eu tenho visto candidatos que saem em cima da hora por partidos e tem que colocar algum preto ou alguma preta pra sair naquela chapa, mas não necessariamente estão comprometidos com a nossa pauta. Em outros momentos, quando nós éramos mais jovens, em todas as eleições nós fazíamos debates com candidatos negros; chamava-se os candidatos e se fazia debate aberto, pra que as pessoas pudessem ver, assistir. E nos últimos anos, assim, nas últimas décadas, a gente não tem experimentado isso, parece que tá tudo dado, conhecido, quando na verdade não é isso né. É... então eu pretendo muito, e pretendo também estimular que as pessoas conheçam mais as pesquisas que foram apresentadas, aprovadas e defendidas nas instituições de ensino de Santa Catarina; tem muita coisa interessante na UFSC, na UDESC, sabe. Um grupo da assistência social, a Kaionara ali, fez trabalho sobre assistência social e negros em Florianópolis; nós temos trabalhos sobre educação, sobre juventude, sobre a EJA... nós temos trabalhos sobre mulheres negras em Santa Catarina. Então assim, eu tô pensando em organizar um catálogo online pra que as pessoas tenham mais informações e consigam fazer mais atravessamentos, não que citar uma pesquisa do Rio de Janeiro; não que ela não seja importante. Mas nós temos pesquisas sobre a nossa realidade que sequer tão sendo vistas, observadas, e isso por si só despende uma energia política do pesquisador; porque ninguém pesquisa aquilo que não tá politicamente no seu campo né. Ninguém vai pra academia pra pesquisar sobre coisas que não são incomodativas ou pra pessoa, ou pra sociedade; tem uma função social na pesquisa, tem uma função crítica. Então eu penso que fazer esse atravessamento seria uma coisa importante. Eu gostaria muito que a FREJUNA, quero provocar que a FREJUNA e as outras

juventudes que não estão na FREJUNA elas também comecem a se mobilizar nesse sentido. Eu acho que é isso.

ARTUR – Nossa... várias, várias contribuições, assim; conseguiu girar uma chave na minha cabeça também pra pensar o que tá sendo também a própria condução do trabalho, esse pontapé de estudo assim. Acho que vai ajudar bastante. E professora, acho que pra gente ir amarrando também, se fosse pra ti comentar assim o que tu vê de características principais, como que daria pra sintetizar talvez a contribuição da FREJUNA pro Movimento Negro; essa experiência que ainda é tão nova, mas que daí fez a marcha, puxou o ato antirracista lá em 2020, é uma coisa ainda, que tá ainda um tanto bem dinâmica, se consolidando ainda, eu diria... o que que tu vê assim de uma contribuição ou de uma potência que a FREJUNA tem pro próximo período e que fez até então?

JERUSE – Mas eu acho que é muito mais do que isso. Discutir a FREJUNA a partir das marchas é uma estratégia, mas eu acho que tem que olhar pro programa de atuação dela assim né, o cronograma das atividades. Eu vejo a FREJUNA em outros lugares. Quando eu vejo uma situação de violência contra um jovem negro, a FREJUNA se apresenta. Quando eu dou um alerta “olha, uma criança foi tirada da mãe”, sabe... pelo Estado... e a FREJUNA se apresenta. Então assim, eu acho que não... a marcha simboliza uma ação, uma das ações da FREJUNA. Mas ela é uma organização que inclusive ela atua pra dentro da universidade também, que é muito importante; ela nasce, inclusive, dessas articulações ali; ela não é uma organização por exemplo que nasce das organizações do Movimento Negro; nasce de uma articulação de jovens que estão na universidade, sobretudo na UFSC, né. E aí cria essa frente da universidade e ela vem buscar aproximação com um movimento que é quem ela considera que são os sujeitos, os territórios mais importantes pra ela poder afirmar isso. Então acho importante essa... esse movimento que ela faz, em direção ao Movimento Negro. Eu gosto muito da FREJUNA, também, noutro aspecto que acho muito importante também da FREJUNA, é que ela traz o conceito de ancestralidade na prática, né. Ela não é só discursiva, ela respeita de fato os militantes mais velhos. Isso não quer dizer que o fato de nós sermos mais velhos que a gente em razão, tem certeza pra tudo; mas eu acho que eles nos oferecem escuta, sabe? Diante de alguma situação que dá, usando uma expressão deles, que “dá treta”, às vezes nos chamam pra ser mediadores, então acho isso importante. Ou escuta, pra escutar mais, escutar o outro; gosto muito disso, de uma juventude que tenha vindo, que esteja atuando, com uma preservação de valores civilizatórios africanos, e dentro deles a ancestralidade. Porque contra isso é aquela juventude que já abandonou esses valores civilizatórios; é aí é aquela que não se aglutina para

não morrer, porque ela acha que a questão econômica que é a mais importante, manter status, manter o carro, estar naqueles lugares onde os brancos vão... é essa juventude. E que também, é... não... não... não considera a sua ancestralidade como importante, né; transmuta muito rápido, se casa com outro que tem condição socioeconômica mais situada, então vai ser os ancestrais de quem tem poder que ele vai valorizar, e não os dele. Isso é muito forte. Daí eu acho que esse movimento que a FREJUNA faz, junto de outras organizações, de entender que tudo que a gente tem com aspecto de direitos, e como campo de resistência, como conquistas, elas não nascem a partir de agora; são lutas ancestrais, e acho que esse é um dos aspectos que eu mais... que eu sou mais seduzida, assim. Eu já tô cansada, às vezes eu digo “ah, não, não vou não, é com vocês agora” e vem “ah, mas professora, a senhora...”, e acabo indo por conta dessa admiração que acaba sendo recíproca sabe, deles comigo e eu também me sinto bastante feliz com isso, porque o mercado, o capitalismo, a opressão... ela nos desumaniza, também; ela nos afasta nessas nossas relações, e uma das marcas da minha trajetória política sempre foi o cuidado com o outro, independente de quem fosse, e sobretudo porque Florianópolis sempre foi uma cidade que recebeu muitos de fora, africanos e brasileiros assim. Eu aprendi isso com a minha mãe e o meu pai também. Então é uma característica da minha família assim, sempre o acolhimento; então eu sempre quis, quando não eu mesma, mas criando uma rede pra acolher, então eu fico muito feliz que a FREJUNA... às vezes eu jogo assim uma coisa “olha, tem uma moça que passou no mestrado e tá procurando kitnet, aí eu mando lá pra Rita, pra Azânia, pra não sei quem, e digo pra se virarem aí, tentarem ajudar”... então assim, já não é mais uma coisa que eu faça; eu faço a mediação, e quem faz são eles, elas. Acho isso importante. Eu fico, é, preocupada... só... com o fato de que eles não se percam naquilo que vieram fazer aqui, sobretudo aqueles que vêm de fora, não se percam assim; às vezes também eu preciso chamar atenção de alguns e dizer o seguinte “ah, você tá militando no partido, beleza... mas você não veio pra cá pra militar no partido; sua família não investiu em você pra isso; sua família investiu em você pra você fazer a sua graduação... se você quiser permanecer num mestrado, doutorado, mas ainda faz parte do processo... e esse semestre você não frequentou a aula”... então de vez em quando eu vou lá e puxo um, puxo outra... “cadê você?”; tem uns que tentam me enrolar, daí eu vou lá e vamo lá, “como é? Tu tava mais em reunião, como assim?” [risos]. Então eu também faço... nessa relação da ancestralidade eu também faço esse papel assim de querer saber; “ah, fulana não tá passando bem, tá triste”, “tá, manda tomar um banho disso, um banho daquilo, ou diz pra procurar um terreiro”... isso é questão de macumba, tem que ir já pro médico... “ah, tô com dor assim, tô com dor assado...” e a última que tava assim tava com apendicite; aí eu liguei pro Lino arrumar uma consulta com o Baratieri porque a fulana tava

com dor há não sei quanto tempo, aí o Lino conseguiu, o Baratieri atendeu, e quando foi ver era apendicite, sabe. Então é assim, é bem próprio da juventude; você sai de casa pela primeira vez, vai estudar numa outra cidade longe da sua casa... então eu também vejo ao mesmo tempo, nesse processo, a construção deles como outras pessoas, morando sozinho, tendo relações independentes, mantendo casa, passando perrengue, liberando pras coisas que não podiam liberar perto de pai e de mãe, sabe? Eu já fui jovem, uai! Eu fico [risos] olhando né, quando excede algumas coisas eu digo “ei, gente, parem!”... acho que, vejo assim... nós ganhamos muito com essa articulação. Nós... eu fico olhando eles em movimento, elas e eles em movimento, e fico muito feliz, mesmo, e eu vejo muitas esperanças com a FREJUNA, embora o ano de 2022 seja um ano... é... em que o genocídio ele estará francamente autorizado, por conta de um projeto, né, de Estado, que vai tá em disputa. É hora que eu fico perguntando qual será o papel dos aliados e das aliadas em relação à defesa, né, dos nossos corpos negros, já tão ameaçados de morte cotidiana, ameaçados pelo epistemicídio, pelo racismo religioso, pelo... pela gentrificação, tantas questões... pelo apagamento histórico, né; então espero que essa juventude tenha muita energia, muita resistência, e também muito acolhimento. É isso.

ARTUR – Bom, professora, acho que tenho nem o que falar, assim... é muito afeto também na construção dessas discussões todas, né; hoje de manhã eu entrevistei a Azânia, assim, e foi a coisa que ela mais ressaltou assim, também: essa questão do afeto, e como essas trocas, esse acolhimento, são o que dão uma outra qualidade pra luta assim, né; própria do Movimento Negro, mas a gente enquanto juventude levar isso inclusive pros espaços de universidade, de movimento estudantil, de outros espaços que a gente vai ocupando... porque senão não tem como se manter, né.

JERUSE – Agora, nesse afeto, só mais uma coisinha: o que eu acho interessante é aquilo que eu falei antes. Como nós éramos, antes, a maioria daqui, a relação de afeto tinha uma capilaridade, assim... passava pela família e tal. Como é uma relação de pessoas em vários lugares agora, é mais entre as pessoas mesmo; obviamente que a gente destaca um ou outro, “a mãe da Azânia, a mãe de fulana”, mas é pouco, eu não conheço a mãe da maioria; às vezes eu falo com a mãe de alguma ou de outra, em algumas ocasiões... “ah, a minha mãe tá fazendo aniversário”, aí vou lá, entro, mando um textinho pra mãe da fulana, do Artur... “ah, a mãe do Artur tá fazendo aniversário”, aí vou lá e falo, falo do filho dela, tipo assim “ah, que legal”... tento fazer assim alguns links, sabe; mas eu acho que é essa relação da FREJUNA, é uma rede de cuidado assim que eu vejo, interessante pros jovens, com eles mesmos. De vez em quando a Azânia aciona “ah, mãe, fulano não tá conseguindo pagar aluguel; ah, ciclano...”, aí a gente

bota a boca no mundo, potencializa mais. É isso. Eu acho que o amor nos dias atuais... na minha época já era, quando eu era jovem. Agora... eu fico muito feliz que a juventude política negra é... continue mantendo o amor como um princípio revolucionário. Porque é, não adianta... ele é! Ele só não pode nos enfraquecer, amolecer demais, mas ele tem que tá ali, pra poder balizar as nossas relações com os outros iguais a nós, porque senão a gente não faz.

[INTERRUPÇÃO]

[Professora informa seus dados e procede em pronunciamento oral com a cessão de depoimento ao pesquisador]

ARTUR – E é isso, professora... queria agradecer de novo, foi muito bom, muito bom! Primeiro contato que tenho mais direto contigo, mas sempre vendo, sempre ouvindo tanto, e dá pra ver como é bom, assim.

JERUSE – E você fique à vontade! Sucesso!

ARTUR – Obrigadão!

ROMÃO, Jeruse Maria. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 15/12/2021.** Florianópolis, 2021.

ENTREVISTA CONCEDIDA POR LUCAS DE ANHAIA AO PESQUISADOR ARTUR
FAVARETTO PEREIRA, EM 17/12/2021

Entrevista realizada via aplicativo de mensagens

Pesquisa: “Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021” (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História na UFSC)

Entrevistador: Artur Favaretto Pereira

Entrevistado: Lucas de Anhaia (26 anos)

Florianópolis, 17 de dezembro de 2021

19h41min

ARTUR – Como você vê o Movimento Negro em Florianópolis e a necessidade/importância de criação da FREJUNA?

LUCAS – Ô, então, eu vejo o Movimento Negro de Florianópolis enquanto movimento ainda da década de 80 ali, né; militantes que militam desde essa época, militantes mais velhos, com uma experiência grande do movimento nacional ainda, né... é... experientes no movimento partidário também; militantes que já ingressaram em carreiras em cargos públicos, em carreiras públicas, e que podem passar muita... muita experiência pra gente, muita... muitos ensinamentos assim, né. E a importância da FREJUNA, nesse sentido, vem de renovar essa militância, acredito eu; no sentido de trazer novos debates. Trazer, né, talvez uma radicalidade que a juventude possibilita... então a FREJUNA ela também se torna importante porque essa nova geração, que não faz parte aí da... dessa vanguarda da década de 80, década de 90, mas sim, né, aí militantes que ingressaram na universidade junto com as cotas, depois de 2008, ela se faz importante pra juntar todas essas pessoas, juntar todos esses estudantes, humm... toda essa geração, nova geração aí, que é ponta de lança também em diversos movimentos sociais... humm... estudantil, sindical também, né. Ela é importante pra reunir esse pessoal e criar uma experiência coletiva dessa nova geração que tá chegando pós-cotas raciais na universidade e noutros lugares também... acho que nesse sentido.

ARTUR – Como você caracterizaria a unidade construída na FREJUNA? Que traços da relação entre as pessoas, as organizações, entre organizações/independentes se destacam?

LUCAS – Olha, eu acho que a unidade construída na FREJUNA foi uma unidade ainda de... de tateamento assim, né. Se eu fosse dizer algo, seria essa unidade em que essa nova geração tá se conhecendo, aí, então... foi onde a gente pôde perceber quais são as divergências mais gritantes entre práxis, teoria, e também as convergências... então... foi uma unidade construída nesse sentido, de se conhecer; é uma unidade que tá sendo ainda construída, né... Então, acredito que seja um pouco isso, assim; as relações são afetivas, também, porque é uma juventude que se ama muito, se... se... se vê nessa necessidade de construir isso, essa afetividade, pra além da militância, pra além da correlação de forças políticas. Que vê essa necessidade de se apoiar nas inúmeras iniciativas que os coletivos, as organizações, né, ali, têm. Então é importante no sentido dos militantes estarem ali se conhecendo e trocando afetos pra voltarem pras suas organizações também... é... munidos dessa afetividade, desse carinho, e dessa troca também; desse compartilhamento de experiências dentro da militância e dentro do cotidiano também, né. Acho que as relações seriam nesse sentido assim.

ARTUR – O que a FREJUNA e a militância ligada a esta apresentam de novo para o movimento estudantil da UFSC, pensando a disputa do FOMOVEN, o trabalho junto às entidades estudantis, as ações na greve estudantil de 2019, os debates da Sala Quilombo etc.? O que você avalia como importante nesses trabalhos? A frente deveria/poderia fazer mais?

LUCAS – Deixa eu ver... cara, eu acho que... a FREJUNA ela apresenta pro movimento estudantil que existe Movimento Estudantil Negro organizado, né; e pra muito mais, pra além da universidade, que a gente quer atuar pra fora dela, romper essa barreira. Por mais que a gente escute isso no movimento estudantil, que nós temos que sair ou... tornar a universidade mais aberta pra população, pro povo... acho que a FREJUNA demonstra, em partes, como começar a fazer isso. A construção da marcha de 2019 acho que fica um exemplo bem legal disso, porque a gente vai em sala de aula; a gente vai pras turmas da EJA falar sobre marcha, sobre consciência negra, e é recebido também de forma hostil, mas também de forma emergente, no sentido que enfim... era um debate a ser... que necessitava ser colocado ali. Então... acho que nesse sentido mostra como pode ser feita a coisa, pro movimento estudantil. Em relação ao FOMOVEN, que aí é uma outra instância de organização do Movimento Estudantil Negro, acho que a FREJUNA vem se consolidando em outros campos pra então atuar nesse também, né; que ali também tem diversas forças constituindo uma certa... humm... uma certa tutelação dessa instância por alguns militantes mais velhos. Então também tem que ser analisado esse contexto no sentido de como tá atuando, e como isso... não foi prioridade pra FREJUNA, e acho que não tinha como ser, como ter feito algo a mais até então, até porque a prioridade era atuar fora da universidade

quando a gente começou a construir a FREJUNA. Mas eu acho que... não quer dizer que foi nula a existência da FREJUNA pra esses espaços, assim, tanto do FOMOVEN quanto espaços e debates sobre a Sala Quilombo, assim, né; porque eles são, esses espaços, principalmente o debate sobre a Sala Quilombo, é algo mais orgânico assim, eu diria, do Movimento Estudantil Negro; é algo tão orgânico que todo mundo sabe. A grande maioria da estudantada negra que entrou em 2016, 16, 17, até o 18... diria até o 19, até, sabe sobre a existência da Sala Quilombo e sobre o que poderia ser enquanto um espaço de encontro, um espaço de referência da estudantada negra pra tá se organizando, se encontrando. É... a FREJUNA pode ajudar nisso, né; pode inclusive alicerçar esse debate, tornar... ser um alicerce aí pra andar com esses trabalhos, tanto do FOMOVEN quanto da Sala Quilombo, né. Mas, como essa ainda não era a prioridade; acho que ainda não é, né... acho que tá de bom tamanho, assim, a forma como a gente vem atuando no movimento estudantil.

ARTUR – Ao final de 2019, a FREJUNA participou de mobilizações contra o fechamento da escola Lauro Muller, no centro da cidade, junto a estudantes secundaristas. O que você sabe ou vê de importância nessas ações? Caso tenha participado, o que você avalia como mais importante nessa construção?

LUCAS – Ah... a construção da Lauro Muller foi muito importante, assim... foi algo que chegou até nós e... e... como a gente, também, lá em 2019, a gente já tinha feito alguns trabalhos nas escolas, nas turmas do EJA, a gente achou totalmente importante tá conversando com os professores, com os estudantes, sobre uma escola que é um patrimônio histórico né... aquela escola ali é antiga, e pra além disso é uma escola no centro, onde as crianças iam pra escola enquanto os pais trabalhavam ali no centro. Então era uma escola principalmente de crianças periféricas né... humm... então foi muito importante tá participando ali né. Conhecer também estudantes secundaristas, apresentar a FREJUNA pra esses estudantes secundaristas, é o que vai munir a FREJUNA no futuro né... a juventude é um pulmão e, mesmo sendo uma frente de juventude, a gente tem que renovar o oxigênio desse pulmão, né. Então é extremamente necessário a gente estar nas escolas, nas lutas das escolas, se apresentando pros estudantes secundaristas, né... tá conversando e dialogando com eles. As ações, no meio do centro lá, foram importantíssimas também porque ali onde é a escola Lauro Muller, ela fica pertinho da Escadaria do Rosário, que é um ponto de referência do Movimento Negro de Florianópolis né... se não me engano as duas marchas foram iniciadas ali, as duas marchas que a FREJUNA organizou então é um local que fica pertinho ali, tu sobe a escadaria e já encontra a escola ali, é um local muito significativo né, que foi violentado, assim... e as crianças sabiam

disso... os estudantes lá sabiam da importância daquela escola não só pra cidade, mas principalmente pra elas, né. Elas sabiam que enfim, iam ter que se deslocar pra outros lugares, de uma maneira muito mais dificultosa; iam perder as suas relações ali da escola, né... e tá debatendo isso com elas e com os professores também, né, que falaram suas visões sobre a escola, foi muito importante. Foi onde a gente começou a traçar a nossa caminhada pra fora, pra além da universidade. Então todo aquele debate sobre educação que a gente vinha fazendo no movimento estudantil a gente levou pros estudantes secundaristas e pros professores do SINTRASEM ali, que foi... uma troca... extraordinária, assim, né... hummm... a gente consegue daí fazer esse diálogo entre estudante e trabalhador, estudante universitário, estudante secundarista assim... é essencial isso pro movimento.

ARTUR – O que se destacou nas reuniões de construção da marcha de 2019? Qual o diferencial que a FREJUNA apresenta pra construção e pra execução dos atos de rua e das marchas?

LUCAS – Olha, eu acho que o que se destacou, principalmente, foi a comissão de formação, né. A comissão de formação ela ficou responsável por... é... pensar... como a gente ia... divulgar, mas não divulgar num simples termo midiático né, num sentido de postagens, mas divulgar informando e formando as pessoas sobre o que a gente queria falar enquanto marcha. Então... é... o que a gente queria ali era uma formação política pra aquelas pessoas que a gente tava convidando. “Vamos marchar?!”, era o nosso convite... “mas por quê?”, “o que significa isso?”, “o que significou também no passado?”... a comissão de formação ficou responsável por fazer isso nas escolas né, e acho que... esse... foi o ponto alto dessa construção. Humm... e um diferencial, um diferencial muito grande, porque além da gente tá chamando a população a gente tava tentando explicar o que queria com esse chamado né. Então... é... é essencial porque abre... abre espaço pra diálogo, e claro que muitas vezes não fomos recebidos da forma que a gente queria, nos... nas escolas, mas é pra isso mesmo que a gente faz esse tipo de trabalho né, pra ter as divergências, ter as incomodações, né. Humm... outro ponto que eu acho muito importante salientar é que a gente pensou na alimentação da galera que ia pra marcha; no final da marcha todo mundo se alimentou, assim... foi uma... uma tarefa bem difícil assim, né... é... bem difícil mesmo, porque pensa, mais de 600 pessoas numa marcha que, se for ver não é tão grande, mas alimentar 600 pessoas, né... Essa era a nossa expectativa, e... a gente deu conta, assim. Pra além de ser uma marcha, né, teve alimentação, teve fator cultural também, que sempre foi importante pra nossa militância. Então nesse sentido acho que são esses dois pontos, assim.

ARTUR – Afinal, como você sintetizaria a contribuição da FREJUNA para o Movimento Negro e o movimento popular de Florianópolis?

LUCAS – A FREJUNA é um movimento de oxigenação pro Movimento Negro de Florianópolis. A FREJUNA... ela pega o que tem de melhor nessa juventude que tá querendo se colocar nessa ponta de lança e se coloca à disposição das gerações de vanguarda aí; se coloca também num... numa posição... é... de aprendizado, com essas gerações de vanguarda; se coloca enquanto um gás, uma energia, uma possibilidade também pra que os militantes que estão aí... é... espalhados na sua diversidade, na diversidade que sempre existiu entre os militantes do Movimento Negro, possam se reunir e debater as suas divergências, as suas convergências também. Então... essa é a contribuição, é... é oxigenação, é o futuro do Movimento Negro de Florianópolis se encontrando em uma ferramenta, e construindo uma ferramenta de luta pra população de Florianópolis. Então se coloca enquanto renovação do Movimento Negro, mas também enquanto uma ferramenta potente de organização da revolta da população da cidade, assim... né... esse sentido acho que é o ponto alto, assim, da contribuição.

ANHAIA, Lucas de. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 17/12/2021.** Florianópolis, 2021.

ENTREVISTA CONCEDIDA POR LUCAS RIBEIRO GUARI AO PESQUISADOR
ARTUR FAVARETTO PEREIRA, EM 13/12/2021

Pesquisa: “Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021” (Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História da UFSC)

Entrevistador: Artur Favaretto Pereira

Entrevistado: Lucas Ribeiro Guari (26 anos)

Florianópolis, 13 de dezembro de 2021

08h58min

ARTUR – Florianópolis, 13 de dezembro de 2021. São 08h58min, e essa é uma entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História na UFSC, desenvolvido por mim, Artur Favaretto Pereira, junto ao depoente Lucas Ribeiro Guari... Bom, oi, Lucas! Bom dia!

LUCAS – Oi, Fava! Tudo bem?

ARTUR – Tudo certinho também... Assim, acho que pra gente pensar um pouco do trabalho da FREJUNA dá pra gente dividir em algumas, alguns eixos assim de discussão, né. Acho que uma primeira coisa que eu queria saber de ti é como que tu vê o Movimento Negro em Floripa, né; essas questões de dificuldades, pontos positivos; como tu acha que é a união do MN em Florianópolis, se tem conseguido construir ou não a luta na cidade... o que mais te chama atenção, assim, em relação a isso.

LUCAS – Primeiro, acho que é bom considerar assim, eu como uma pessoa que sou de São Paulo, e não de Santa Catarina, eu vejo que é tipo um movimento que ajuda nessa questão duma resistência a um estereótipo assim, né; de que no Sul do país não existem pessoas negras, pretas e pardas, e que essa questão ela é importante de ser colocada; esse movimento de resistência tanto pela FREJUNA quanto outros movimentos raciais que acontecem dentro da cidade e do estado e tal. E mais especificamente com a FREJUNA, assim, o que eu gosto bastante é a questão de ter uma certa diversidade, assim; uma pluralidade. Talvez por tá trabalhando com uma juventude, que tá se permitindo tá mais ampla assim dentro das discussões; acho que isso é importante. Mas é bom que ao mesmo tempo que a gente se encontra enquanto juventude, a gente tem uma conexão bem grande com quem já foi da FREJUNA e hoje em dia talvez não

seja mais uma juventude assim né, então me ajuda a perceber um movimento histórico também dessa resistência, do que eu tava falando sobre o estereótipo. Então tem esses fatores, né. Eu vejo que a FREJUNA me mostra o Movimento Negro da cidade como um movimento histórico, que já não acontece de hoje, e esse movimento ele... uma das coisas que eu percebo nele é conseguir fazer o enfrentamento desse estereótipo de que é um lugar só de pessoas brancas, né, que daí nem chega a permitir qualquer tipo de discussão sobre outros povos. E fora isso, acho que a última coisa que eu acho importante; que eu sinto, assim; que eu lembro, é sobre os dilemas, né. Só que eu acho que isso vai atravessar sempre, né, tipo formas de abordagem, conteúdos a serem discutidos, momentos a serem discutidos. Acho que é sempre um dilema que o movimento tá sofrendo, né, talvez pela pouca infraestrutura que possa receber socialmente, né, e politicamente. Mas é um dilema que tá sempre se passando assim. E ah, a gente se decide; tem que ficar elencando prioridades entre temas que não necessariamente poderiam ser priorizados ou despriorizados assim, né; tipo, elencar algo como menos importante às vezes é meio violento assim, quando você tá lidando com um tema que é muito crucial. Então é um dilema que eu vejo que o movimento sofre aqui, mas daí eu acho já que não é mais uma coisa local e tudo mais.

ARTUR – É, eu acho que esses últimos anos em especial, assim, têm feito o movimento se reorganizar de uma forma muito rápida; acho que a escalada, o que a conjuntura vem legando aí sob o governo Bolsonaro, foi trazendo várias mudanças assim né. E aí, tipo, pensando nisso, no que tu já teve de contato com a FREJUNA ou nos espaços mais amplos do Movimento Negro; na discussão de quais pautas são mais caras pra gente, por que é importante a gente construir ou não construir um ato... assim, o que que tu vê como o mais difícil ainda da gente abordar, aqui na conjuntura em Floripa? No sentido das questões, dos problemas sociais que nosso povo vem vivendo, assim, e o que tu acha que a gente tem conseguido abordar enquanto FREJUNA ali também que mais chama atenção? Olhando pra conjuntura, pelas discussões da FREJUNA, são muitas coisas que preocupam já... mas o que tu vê que tem sido mais latente, que tem necessidade de atenção, ou que o Movimento Negro tem conseguido bancar nessa discussão, um pouco mais assim?

LUCAS – É, é uma boa pergunta. Primeiro, acho que a gente consegue ir trazendo um aprofundamento que vai começando a identificar mais demandas assim, né; essa questão do “priorizar” vai ficando mais complexa. Imagino que em outros momentos era tão mais emblemática e tão mais agressiva a situação, que, tipo, a gente conseguia estabelecer pontos principais assim, e tipo, “realmente tem que ser isso a ser discutido”. Hoje a gente vai tornando

o debate ainda mais complexo, e vai dificultando assim a gente elencar isso. Mas eu sinto que uma questão assim desse momento, Bolsonaro, ano que vem eleição... uma discussão que eu sinto que era importante tá acontecendo era de como que a gente se envolve e está dentro dessa questão partidária, né, mesmo pensando a FREJUNA como anticapitalista, tipo... é... na materialidade do presente assim a gente tem que também entender tipo como que a gente vai construir nossas forças pra esse sentido assim, né. E, fora isso, tinha mais uma coisa que eu tinha pensado... que é... Ah, uma conversa que eu acho que acontece; não é o tema assim das nossas discussões, mas sempre acaba virando: sobrecarga, né. Tipo, a gente acaba elencando... porque você vai perguntar pra mim “ah, qual é o principal?”, você mesmo já respondeu porque tipo, a gente fala sobre tanta coisa né, eu acho que o tema sempre acaba virando isso... é tanta coisa né pra gente tá discutindo, e daí esse movimento de sobrecarga. Então eu sinto que os dois principais... é... temas, que têm sido abordados; não necessariamente têm sido levados à prática, mas é o que acaba a discussão internamente acontecendo, é essa. O movimento tá sobrecarregado, e cheio de demandas, e daí depois tem uma outra que eu acho que ela meio que conversaria com isso, que eu acho que é tipo sempre uma preocupação de tá em contato com a base, e trazendo pessoas pra essa discussão, né. Que eu entendo que seria uma das maneiras de tentar dar uma mitigada nessa primeira questão que é tipo essa sobrecarga, assim. Mas são as discussões que eu vejo mais acontecendo, tipo, de maneira talvez indireta, mas sempre presente. Fora isso eu acho que uma coisa que eu vejo acontecer bastante, que eu fico muito feliz, de certa maneira, com isso, é que a gente tá sempre tentando discutir numa perspectiva bem... é... generosa de gênero também. Eu acho que tem uma boa parcela de motivação nisso pelo fato da FREJUNA hoje em dia, as pessoas que mais participam e tão no movimento são pessoas que são mulheres, então essa discussão acaba voltando um pouco pra ali, mas ao mesmo tempo eu acho que é muito assertivo isso. Ao acaso ou não, muito mais fácil, muito mais importante a gente se movimentar em estruturas mais de base assim né, e daí tem aquela máxima né: quando uma mulher negra se move, a sociedade inteira se move. Então, tipo, acho que é bem importante a gente fazer essa discussão. E a gente às vezes ainda aprofunda mais; a gente não vai só colocar uma mulher negra cis pra discutir; a gente vai tá falando, vai tá representando, vai tá chamando, e eu acho que é muito importante isso que acontece na FREJUNA assim, né. E eu acho que isso é uma discussão que ela entra como pauta nas nossas reuniões, assim. Mas de não-pauta acho que são aquelas duas primeiras que eu vejo. A gente vai falar do caso da... da... ai, qual o nome dela?

ARTUR – Andrielli.

LUCAS – Isso, da Andrielli. E a gente vai falar das jovens dentro das escolas, da universidade; a gente vai falar, é, dentro da universidade, então eu sinto que a gente toma esse caminho que é bem assertivo da gente discutir. Mas também não é só uma questão que “ah, a FREJUNA tem isso”; acho que é uma luta que as meninas puxam e a gente consegue ouvir, respeitar minimamente assim, e é muito bom.

ARTUR – É, eu acho que tem traços desde esse processo de criação da FREJUNA que vêm se destacando assim como uma nova forma, assim, de pensar também o trabalho, essa experiência de movimento. E o que é pra ti; o que te levou, como que tu conheceu, o que te levou a ter esse interesse em construir a FREJUNA, fazer esses primeiros contatos, e esse ano entrar de fato pra vida orgânica pra frente? Como que foi essa experiência pra ti de ser um militante independente, que já tinha algum ou outro trabalho, mas de tá aí num espaço coletivo, pensando política e tocando política coletivamente, de modo mais organizado?

LUCAS – Sim... pra mim, participar da FREJUNA é uma coisa muito minha, assim, mas a minha motivação ela entra num dos espaços de representatividade, assim, e de acolhimento e inclusão. Que daí eu vou falar, ah, eu atuando de forma independente eu vim de uma trajetória em que eu não tinha muito debate e a presença de pessoas negras no entorno assim. E eu sentia que era uma luta às vezes meio difusa, ou até meio... é... mal interpretada também, não acolhida. E daí quando eu me deparo com o pessoal da FREJUNA, né; acho que foi a Rita a primeira pessoa com quem eu conversei, é, eu comecei a ver que, tipo, na verdade, às vezes as minhas ideias não tavam sendo absurdas igual tava tendo como resposta quando eu falava. Ou então era muito mais fácil alguém me compreender; não precisava ter que explicar três vezes, e mudar o jeito de falar e tudo mais. Então foi um espaço onde eu procurei isso, assim, pra primeiro ter um acolhimento, depois pra conseguir trazer mais qualidade e mais solidez pras minhas ideias assim, pros meus debates. Porque daí, tipo, poderia muitas vezes as pessoas não tarem concordando com o que eu tava falando, mas daí era um debate muito mais de qualidade, de construção, que eu sentia. Então o que mais me movimentou num primeiro momento foi esse acolhimento, mas depois também um movimento de encontrar com essas lutas, de maneira coletiva né, não só individualmente. E daí eu acho que existem esses dois campos que a gente tem que preencher, e que eles têm suas potências. Quando luta como indivíduo, ao longo de toda tua trajetória; e coletivo, enquanto você convive com pessoas nos lugares que você frequenta e tudo mais. E ter tido a FREJUNA já como referência de antes, e as pessoas que tavam dentro da FREJUNA como referências mesmo sem saber se elas eram da FREJUNA ou

não, né, foi bem importante pra mim pra eu me sentir confortável e com segurança de ser um lugar onde ia ser proveitoso assim pra mim.

ARTUR – Bem legal... e nessa experiência, assim, né, de encontrar esse espaço de acolhimento; encontrar espaço pra potencializar também a tua luta e, com a tua contribuição também, a luta das demais pessoas ali, o que tu vê como principal, assim, nessa vida orgânica da FREJUNA? O que que é essa experiência ali de unidade? Porque a FREJUNA vem lá de 2019 com essa ideia de reunir organizações, coletivos, militantes independentes, com um caráter explícito: antirracista e anticapitalista; e que conseguisse trocar ideia, elaborar política, construir a coisa coletivamente, sempre numa base de apoio, assim. Tu avalia que isso é algo que se concretiza hoje? Como que é esse espaço pra ti enquanto militante independente, construir junto com pessoas que às vezes são organizadas em organizações político-partidárias, ou em coletivos de curso... diferentes espaços que nem a gente tem hoje na FREJUNA?

LUCAS – Eu sinto que tipo, um pouco dessa minha movimentação individual ela é um pouco da minha trajetória, algumas escolhas, mas também um pouco do condicionamento do meio que eu tava né, tipo, talvez se eu tivesse tido um maior acolhimento, eu não ia ter mais esse lugar de fala de quem parte enquanto indivíduo né. Porque eu tentei criar esses movimentos dentro dos espaços que eu tava, e não teve uma certa representatividade, até por conta do contexto que eu falei na última resposta assim. Mas... é... com isso, eu acho que é um espaço de respeito, assim. Eu sinto que a primeira coisa é tipo... na verdade não a primeira coisa, mas o que me vem é respeito. Vem divergência e vem respeito logo em seguida. Eu vejo que talvez tenha um pilar central onde todo mundo tá pensando de uma maneira mais sincronizada, assim, alinhada, só que depois disso são outros posicionamentos, e esses posicionamentos são bem marcados por cada um; cada um tem bastante convicção de por que tá optando por essas escolhas, e daí é aí onde tem essas diferenças. E dentro dessas diferenças bem marcadas a gente consegue construir um respeito bem marcado, bem forte também, pra conseguir lidar com isso né, porque, tipo, “eu sei que acho que tem que ser assim, e agora a gente vai ter que ter uma conversa bem ‘adulta’ assim pra poder tomar alguma decisão aqui, coletivamente”. Então é isso que eu acho de começo; é ter essa divergência, mas esse alinhamento meio que caminhando junto, e um respeito que é o que protege isso, pra se movimentar. Só que daí, tá, pensando dessa maneira, acho que fica muito engessado assim, muito racional, e eu sinto que daí tem uma outra parte que seria até injusto não incluir, que é tipo afeto assim. Que daí no meio disso, tipo, eu acho que essas igualdades e diferenças de pensamento são protegidas por um respeito, mas esse respeito se move a partir do afeto, sabe?! A gente tem afeto um pelo outro, então isso possibilita

que tenha um respeito, e daí sim a gente consegue perceber que tem coisas em igual, em consonância e em divergência, assim, na hora de pensar qualquer tipo de movimento, ação, discussão. Então acho que tem tudo isso, assim, fora a convicção que cada um tem dos embasamentos que já traz assim, né. Sinto que individualmente ou não, tendo participado de movimentos, sendo uma pessoa que nunca participou dessa discussão, a gente vem com... talvez por uma característica de ser um movimento jovem também, mas a gente vem com muitas convicções assim, o que em certa medida acho que é bom, porque é importante pra luta algumas convicções estarem bem firmes dentro da gente assim, pra gente se movimentar.

ARTUR – Bem interessante... vou dar um salto aí, que acho que com esse entendimento, essa visão sobre o trabalho da FREJUNA a nível interno, dá pra gente pensar muito do que é o que a FREJUNA consegue colocar na rua, assim; e daí queria a tua visão, assim, enquanto uma pessoa que acompanhou um pouco das últimas movimentações, ou ficou sabendo pelo menos das movimentações de rua que a FREJUNA fez, e aí esse ano agora começou a construir, pôde acompanhar e tocar junto, construir o “Agita, Negritude!”, que foi o evento agora de novembro... E daí queria ver contigo, assim, o que tu vê de diferente, de importante; o que mais chama atenção nessa construção, nesses processos de discussão e construção, e na execução, na concretização de fato dos atos, das marchas, do “Agita”... esses eventos todos que a FREJUNA tenta colocar na rua, assim, esse trabalho externo mesmo.

LUCAS – Sim... eu acho que tenho duas perspectivas pra isso. Uma primeira é de quem tava de fora, vendo, e depois uma de quem tava de dentro, participando, principalmente nesse último ano e com o “Agita”. Mas é, eu sinto sempre que é um aprofundamento assim, sabe?! Tipo, a FREJUNA vem pra agregar na questão de tentar fazer um aprofundamento dos debates; tipo, eu acho que no movimento muitas vezes eles trazem uma resistência, numa busca pelo debate, e a FREJUNA ela vem pra, além de fazer isso, também provocar um certo aprofundamento assim dessas discussões; e daí esse aprofundamento é sempre numa perspectiva, numa ideia de tipo, mudanças concretas. Tipo, tá, “a gente vai fazer alguma coisa no dia 20? Mas pra quê? Pra que mudança? Ou não, vai ser no dia 27...”. Então tem a discussão se faz sentido a gente se prender no dia 20 se a gente vai deixar de ter alguma mudança ou não, e é esse tipo de discussão que eu acho que é importante assim; tipo, aprofundar o porquê, e não só se basear nessas ideias de porque sempre foi assim, ou porque sei lá, alguém falou e agora eu vou seguir dessa maneira. Então é tipo... é... respeitar o movimento histórico e ao mesmo tempo respeitar o movimento em si, de tipo, o que ele tá querendo se propor assim né, não só ser uma continuidade das coisas e ações, mas uma continuidade de motivações. Eu acho que é isso, na real. A FREJUNA não se

preocupa em ter uma continuidade nas ações, mas nas motivações. Eu vejo que é um diferencial de alguns outros movimentos que às vezes ficam mais preocupados com as ações, que são muito importantes também, só que se as ações têm uma continuidade e as motivações vão mudando ao longo do tempo, eu sinto que a gente perde um pouco de potência nessa questão... E fora isso é o fato de ser uma frente de juventude, de tá sempre trazendo novas perspectivas de novos ângulos. É um tipo de coletivo que tá ali pra trazer pontos e atualizar as demandas. Sempre que a gente consegue se unir com outros coletivos a gente percebe que tem uma certa oxigenação de todos os movimentos, tanto da FREJUNA de reencontrar com quem já não é mais juventude, e continuar entendendo ela, e esses movimentos, essas pessoas, de entenderem essa juventude, de “tá, talvez não faz mais sentido um carro de som, a gente tem que pegar e ter uma bateria, e trabalhar de maneira horizontal”. Porque essas pessoas de outros movimentos, em outros momentos, elas tinham outras prioridades, e agora elas tão entendendo; e acho que é importante a FREJUNA nesse sentido, nesses novos olhares, com a discussão de gênero de maneira mais aprofundada e firme... acho que a FREJUNA vem nessa importância de ser algo pra trazer novos olhares e uma diversidade de pensar.

ARTUR – Legal... dentro desse processo assim de trazer novas visões, e de tu ter essa experiência de um contato prévio com a FREJUNA por fora, depois entrar e ver os pontos fortes e pontos fracos nas construções dessas mobilizações e tal, como que tu avalia que tem sido o trabalho da FREJUNA, o debate da FREJUNA e o trabalho concretizado em si na rua também, em relação à juventude negra, assim, da cidade; esse contexto de pandemia, esse cenário meio incerto das possibilidades do que fazer, mas como que a FREJUNA tem se desafiado a pensar essa realidade e concretizar isso? O que tu acha que foi bom ou que foi ruim nessa experiência que tu teve desde a construção dos atos Fora Bolsonaro e os blocos da FREJUNA que tu teve algum contato até essa vivência mais forte, e daí orgânica mesmo, com o “Agita”?

LUCAS – No sentido de agregar pessoas pro debate, assim, então, o que eu vejo é que a FREJUNA em si, e os movimentos que ela ajuda a mover, eles de fato tendem a trazer pessoas pra esse debate; até porque senão quem sou eu senão uma exemplificação disso. Mas eu sinto que é tendenciosa de certa maneira, porque acaba trabalhando ainda próximo das bolhas, não sei se de cada indivíduo ali, mas do que nos une, porque tipo, eu vejo que a maioria ali é universitária de uma mesma universidade, e daí existe essa tendência, e eu sinto que a gente não... talvez não seja considerando ela de uma maneira tão séria assim, sabe. Tipo, quais são os impactos disso, da gente continuar caindo dentro disso, cada vez ser mais isso, e quando ver a gente não vai conseguir ter um nome mais tão amplo porque na materialidade a gente não é

tão amplo. Acho que a gente ainda preserva um pouco isso, mas eu sinto que tem isso; e talvez tenha uma parcela de mea culpa que eu posso dar não pra gente, mas que é o fato que quem conseguiu se manter faz parte de movimentos que são mais estruturados, mais sólidos, então durante a pandemia são essas pessoas que vão conseguir se preservar de alguma maneira e continuar existindo dentro da FREJUNA. E outros espaços e pessoas talvez não vão, por não terem essa estrutura dentro de uma pandemia. E a gente naturaliza tratar isso às vezes, mas talvez tenha que dar esse tom mesmo: é uma pandemia. Pandemia eu só via às vezes, nos filmes lá dos Estados Unidos, e tava tudo acabado assim... então a gente tá vivo aqui, tamo conseguindo se aglutinar de alguma maneira, mas é isso né. Tem esse movimento que acontece fora da gente e que acaba incidindo na gente, só que junto com isso tem essa nossa tendência também de tá pensando dentro das nossas realidades, dos nossos espaços comuns, e daí... é... eu sinto que, tipo, poderia tá acontecendo de uma maneira talvez um pouco mais aberta, assim; só que é muito difícil, pra quando a gente... aí talvez eu teja falando mais de mim... mas eu ficar convidando sujeitos em espaços que eu não frequento; é meio difícil de construir. É meio que uma crítica sem muita sugestão, porque tá, se a gente só tá entre nós, e tende a chamar outros de nós, como que a gente vai chamar outros se a gente não faz parte desses outros? E aí acho que cabe ser um movimento mais intencionado, porque o que não tem intenção já vai acontecer naturalmente, é o que acontece hoje em dia. Um exemplo: pensar a panfletagem que a gente fez pro “Agita”... a gente pegou e fez uma panfletagem na frente do terminal e na Hercílio Luz; no terminal do centro. E ali a gente encontrou e conheceu várias pessoas, e aí eu penso: mas essas pessoas, de alguma maneira, talvez não saibam de maneira mais completa, mas elas conhecem de uma certa maneira e eventualmente se dão o contato com isso. Eu pensei que, cara, talvez seria muito melhor se talvez invés de ter vindo pra cá, pra esses dois espaços, a gente tivesse escolhido duas escolas e ido lá num horário de saída, e conversado com essa outra juventude negra que é secundarista, não é universitária, por exemplo; já é uma diferença. Ou então a gente ir pra frente das universidades particulares, conversar com o negro que tá lá, entender deles o porquê de estarem ali ou não. Então, tipo, às vezes é ter abertura com o grupo que existe, de poder tornar ele ainda mais amplo, e as discussões ainda serem mais diversas. Tipo, a gente passou pela Hercílio Luz e atravessou uma juventude bem juventude assim, secundarista, que a gente nunca tinha visto, e que se reúne no centro, semanalmente; e eles foram muito acolhedores em discutir sobre isso. E aí fiquei pensando “olha só né o tanto de gente que a gente tá perdendo, e a gente tá insistindo em falar com uma pessoa que já reconhece, que já sabe desses movimentos”, e em algum momento ela vai tomar aquela consciência, então será que faz sentido continuar insistindo nessa ala assim? Eu sinto que falta um pouco disso. E

isso é tudo uma análise de quem entrou esse ano, na metade do ano né, então tem todos os contextos assim, minha participação mais ativa foi dentro do mês da consciência assim. Teve muitas questões que eu não sei como acontecem nos outros dias dos 365 do ano, mas é uma ideia que eu penso assim... a gente recusou alguns convites de espaços de base pra tá conseguindo construir esse espaço coletivo, assim, que era muito importante, mas pelo menos eu não tinha consolidado muito bem a razão de a gente tá optando por um e não pelo outro assim. Eu entendo, eu entendo que quando aconteceu o “Agita” várias pessoas entraram em contato, participaram de alguma maneira, mas eu me senti um pouco desapontado de estar fazendo essa recusa assim, sabe?! De estar perdendo esses espaços. Tanto é que o que a gente conseguiu construir, onde eu e a Amandinha a gente foi, eu senti que tipo, duas ou três pessoas... teve uma menina lá que tava muito empolgada, tipo, ela estudava de manhã, e ela foi pra aula de manhã e depois ela foi pra lá de noite porque ela sabia que era a FREJUNA que ia tá lá... e cara, por que que eu vou ficar conversando com uma outra pessoa negra da universidade, que conhece a FREJUNA, já leu sobre a FREJUNA, tem esse acesso, essa proximidade, e não quer tá ali agora, e eu não vou dar esse acolhimento pra uma outra juventude que talvez tá muito mais vulnerabilizada nesse sentido, de não ter um espaço de acolhimento pro debate? Então eu sinto que tipo, é uma coisa que me preocupa assim. E uma outra coisa que me preocupa é como a gente tem lidado com a FREJUNA dentro da pandemia assim, eu sinto que a gente às vezes tem caminhado um pouco na perspectiva muito de solucionar demandas, e não se estruturar assim, tipo, pensar maneiras de se estruturar, movimentos, pra onde ir, como fazer tudo isso. A gente tem lidado com várias demandas, que é algo que a gente conversou nas primeiras perguntas assim né... o que não falta é uma lista de coisas sobre o que a gente vai conversar, só que muito pouco desses tópicos são de estrutura do Movimento Negro na cidade; é muito mais sobre demandas assim... “tal movimento, tal pessoa, tal questão tá precisando ser discutida”, e tipo, tá, e vai precisar, só que eu sinto que pro Movimento Negro e todos os outros movimentos sociais nesse momento, tava pensando numa questão mais de tipo, colocar as demandas como um plano de fundo e agir muito mais na questão de estruturar e acolher as pessoas. Eu sinto que a gente tem essa questão que é assim: a nossa consciência presente, ela não caminha mais com a nossa condição presente. Porque tipo, se a gente for colocar a FREJUNA, ou o próprio Artur, ou o próprio Lucas em 2015, até 2019, tem toda uma construção do entendimento social assim, e individual, muito marcado em ser anticapitalista e antirracista. Só que... é... vai chegar 2020, a gente vai perder essa estrutura de uma maneira muito drástica, só que a gente vai continuar com a mesma consciência, então a gente vai querer continuar caminhando como se a gente tivesse a mesma condição, e a gente não vai se respeitar. E aí eu

fiquei um bom tempo chateado e pensando sobre isso, e aí eu entendi o porquê da gente não fazer isso: porque machuca; machuca a gente ter a consciência das coisas acontecendo e não poder fazer. Porque o que acontece é tipo, 2020 a gente passa a ser coletivos e estruturas de condição muito precária, que não condiz com o que era 2019, 2018... vai parecer que a gente veio lá de 1900 e ditadura assim, e aí a gente tá com uma outra consciência, quer fazer no nível da nossa consciência, e não da nossa condição. E eu vejo que é muito... violento esse movimento da gente aceitar a condição, mesmo tendo alguma consciência. E acho que isso é uma coisa que motiva isso a acontecer; imagino que não seja só isso, mas é uma coisa que me incomoda, e leio como cenário isso; a gente optar por continuar a lidar com as demandas, porque elas continuarão chegando, e a gente estruturou isso. Só que a gente não estruturou que corpo vai fazer isso, que ferramenta vai estar ali disposta pra fazer isso. E aí a gente ficar vendo uma companheira como a Andrielli sofrendo o que ela vem sofrendo, e ter a consciência, o acesso a essa informação, e ter que optar por construir uma estrutura coletiva, é uma coisa incabível, mas ao mesmo tempo vejo que é um ponto que tem sido também prejudicial pra FREJUNA assim, que é essa nossa sobrecarga assim de como pensar em existir e se reconstruir, e não deixar perder a consciência que a gente acumulou nos últimos anos.

ARTUR – Acho que foi bastante coisa agora, hein... várias...

LUCAS – [interrupção] Não sei se deu pra entender... é que tinham duas coisas principais assim, mas muito pensamento solto.

ARTUR – Não, acho que deu sim, acho que inclusive supriu as várias outras perguntas que eu tinha em relação a expectativas, a desafios que tão colocados, essa dificuldade de expandir as fileiras e conseguir se organizar; ser um espaço que, pelo que entendi da tua fala, tá ainda um tanto restrito como de vanguarda, que não conseguiu ser de massas... E olhando assim pra esse geral; o que tu viu antes e o que tu viu hoje; o que te inquietava antes sozinho, e o que te levou a entrar na FREJUNA e o que te inquieta hoje com as limitações da FREJUNA, que ao mesmo tempo são limitações pandêmicas também, e próprias de uma juventude, o que tu sintetizaria... o que te chama atenção? E pô, não precisa ser em duas ou três palavras, mas algumas frases sobre a contribuição da FREJUNA pra luta em Florianópolis, o Movimento Negro em Floripa, o que que a FREJUNA te mostrou nesse último tempo? Articulando e desarticulando, fazendo ou deixando de fazer com o Movimento Negro e o movimento popular mais em geral em Floripa assim também...

LUCAS – Ah, o que ela vem fazendo e o que ela...?

ARTUR – O que tu acha que se destaca em relação a isso. Seja o que fez ou deixou de fazer; qual o peso da FREJUNA, a importância da FREJUNA, a contribuição dela dentro da cidade de Floripa. Se tem feito muito pouco, se o que fez foi bom ou não foi bom... o que te inquieta em relação a isso.

LUCAS – Sim... então, eu sinto que são duas avaliações distintas assim. É... o quanto eu estou satisfeito ou não, e o quanto fez ou não fez. Por exemplo, eu acho que tô muito satisfeito, mas ao mesmo tempo acho que fez muito pouco... mas é porque é isso, assim, não tinha como a gente fazer muito; mas não dá pra negar que a gente fez muito pouco. Mas por isso eu fico satisfeito; é esse entendimento que eu tenho assim. Se for preciso falar o que eu acho que foi muito pouco, ou o que seria muito também, eu posso falar, mas é a leitura que eu faço assim mais resumida. Fez muito pouco, mas tô extremamente satisfeito com isso.

ARTUR – E olhando daí hoje a FREJUNA, tu acha que faz diferença ter essa frente dentro do Movimento Negro? Que ela tem esse potencial aí pra juventude? Tu acha que, nos espaços que ela conseguiu alcançar até agora, ela tem surtido algum efeito ou tem chance de construir esse trabalho? Ou é um movimento que até serviu em uma ou outra coisa, mas que também não parece ter muito um horizonte, assim?

LUCAS – Não, eu acho que ela cumpre o papel dela enquanto frente, assim, muito bem. De, quando se faz necessário, aglutinar os movimentos; ela vai em busca disso, né. Eu só não sei como ela poderia fazer ou como ela faz pra ajudar a estruturar esses movimentos e tá em contato com eles constantemente assim, né, pra poder permitir essa... essa... esse aquilombamento, esse agrupamento quando for necessário, sabe? Eu sinto que talvez a gente tá a todo momento promovendo esse tipo de... de... de encontro, de coletivos assim né, tendo um certo acolhimento de questões sei lá, do norte da ilha, do sul da ilha, depois do centro da ilha, do continente... e fazer eles dialogarem assim, a gente ter esse papel de ser esse estimulante nessa questão. E ao mesmo tempo ser um estimulante não só dos coletivos de juventude que existem na ilha se dialogarem, mas incentivar eles a existirem. Eu sinto que assim: dentro da minha trajetória, eu vejo a FREJUNA fazendo isso. Porque ela vai lá e me... eu tenho alguma referência, ela vai lá e me dá um retorno, e estimula isso a acontecer, e também ela faz com que de alguma maneira isso crie um diálogo né, e eu enquanto estudante negro do CCA ali na UFSC começo a fazer um diálogo com outros movimentos que tem dentro da universidade, e também me coloco noutros grupos né. Tipo, eu já conhecia a FREJUNA e eu já conhecia o NEN. Só que daí eu consegui ter um contato maior com a FREJUNA, uma abertura de participação; e aí

depois disso comecei a participar do NEN também. Eu sinto que é esse papel que a FREJUNA coloca enquanto frente: ser alguém pra juntar os coletivos, e não necessariamente ser um coletivo em si; eu acho que pode ser também isso, mas o papel o qual se colocou lá atrás, em que vários coletivos vão se encontrar e vão caminhando juntos, e ela cumpre esse papel. Só que dentro da pandemia ela tem que elencar prioridades assim; prioridades e capacidades de fazer, porque nem sempre o prioritário vai ser o que é possível de ser feito, e vice-versa assim. Então é aquele dilema lá do começo que eu vejo... tipo, como a gente vai ser assertivo assim dentro do momento onde a gente não tá nas nossas melhores; não tá mais descansado, ou não tá mais relaxado, pra poder fazer uma boa escolha. Mas eu sinto que a gente tem feito, de alguma maneira assim.

ARTUR – Legal, Lucas. Não sei se tu tem mais alguma questão, assim, central, que tu queria comentar em relação à FREJUNA, aos trabalhos... mas acho que assim, no geral, do objetivo da pesquisa de entender as diferentes visões e inquietações que vêm também sobre o que é a vivência da FREJUNA, a contribuição da FREJUNA na luta aqui em Floripa, eu consegui já alcançar bastante coisa que vai ser importante aí pro trabalho. Aí se tu tiver mais alguma consideração e tal, tá livre aí pra fazer; sempre é bom. Se não, acho que a gente pode ir encerrando também.

LUCAS – Acho que a única consideração que eu deixo é que, tipo... que foi bom eu ter participado desse questionário, falar algumas coisas com você, porque algumas perguntas tinham muito a ver com algumas questões que eu tava tendo internamente, enquanto alguém que tá participando da FREJUNA. E tendo conversado com algumas outras pessoas que compõem, é... eu parei pra perceber se eram incômodos meus que eram só meus, por ser alguém que entrou há muito pouco tempo, ou se eram incômodos que eram compartilhados e não eram colocados dentro dos encontros da FREJUNA necessariamente porque não tinham tempo. E fez daí entender quem eu sou dentro da FREJUNA, não no sentido de me diminuir ou de... de me vangloriar de alguma coisa. Mas tipo, de ser alguém que vem de um movimento individual, alguém que entra no último trimestre praticamente do ano, onde tem algumas temáticas que precisam ser trabalhadas e preservadas, independente de outras análises e prioridades que possam vir a acontecer assim. Que daí talvez faria sentido essas reflexões serem trabalhadas com esse contexto, e também esperarem um, um ciclo assim se fechar, tá participando de um ano todo, pra entender como que a dinâmica se dá no grupo, dentro dessa cronologia assim, né. Porque às vezes a variação que você tá tendo é de alguém que fala sobre outubro, novembro e dezembro da FREJUNA... que faça sentido pra esse trimestre, mas nos outros nove meses a

FREJUNA passa a ter outra postura, algumas marcações. Por exemplo, imagino que provavelmente o Lucas que iria discutir janeiro, fevereiro e março ia tá muito mais dentro das temáticas culturais assim, pensando o calendário universitário e nacional de festividades e tudo mais né. E daí vai totalmente na contramão do que acontece entre outubro, novembro e dezembro né, que são outras questões outras necessidades. Então, tipo, eu acho que tem essa... esse asterisco em todas as minhas falas assim. Que foi, é muito bom ter o contato com as pessoas pra discutir isso, e que a gente tente discutir isso nas reuniões assim né; elas já começam discutindo a pauta e a gente nunca termina a pauta e precisa ir embora, né.

ARTUR – Sempre muita coisa, né... Bom, queria já também te agradecer pela contribuição. Com certeza vai apoiar bastante na execução do trabalho.

GUARI, Lucas Ribeiro. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 13/12/2021.** Florianópolis, 2021.

ENTREVISTA CONCEDIDA POR RITA DE CÁSSIA DE ALMEIDA SOUZA AO
PESQUISADOR ARTUR FAVARETTO PEREIRA, EM 19/12/2021

Entrevista realizada via aplicativo de mensagens

Pesquisa: “Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021” (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História na UFSC)

Entrevistador: Artur Favaretto Pereira

Entrevistada: Rita de Cássia de Almeida Souza (35 anos)

Florianópolis, 19 de dezembro de 2021

14h52min

ARTUR – Como você vê o Movimento Negro em Florianópolis e a necessidade/importância de criação da FREJUNA?

RITA – Então, como eu vejo o Movimento Negro em Florianópolis, pra mim é uma difícil... uma pergunta bem difícil de responder, considerando que eu não sou daqui, e acho que, é... não estou há tanto tempo assim envolvida no movimento. E a minha inserção ela se dá através da universidade, que eu acho que, é... tá muito longe de representar a totalidade do que é esse movimento, né. Então de forma mais ampla, eu... eu tenho dificuldade de... de... de responder como eu vejo, porque eu acho que eu conheço tudo a partir da minha bolha, assim, sabe?! É... Mas enfim... eu vejo que existem... existem grupos e grupos, existem pessoas num espectro um pouco mais à esquerda, mais progressistas; existe também o movimento de direita, né, enfim. E acho que mesmo dentro da própria esquerda, do campo progressista, muitas vezes os diálogos são... são... são difíceis, assim. Essa questão da construção em unidade acaba sendo muito difícil por conta de divergências políticas, programáticas, enfim... eu acho que a FREJUNA ela... ela vem muito nesse sentido, tem muita essa importância da questão desse desejo desse projeto de unidade, né; de unidade de ação, assim, mas eu também... também acredito que, em virtude de ser um movimento que, querendo ou não, apesar de não ser um movimento universitário, que se intitule universitário, muito da gênese da frente vem daí né; é... ela surgiu a partir de pessoas que se encontram nesse contexto, então... e isso traz também algumas limitâncias, assim, no sentido da... de alcance, de uma capilaridade maior enquanto

frente. Eu acho que a gente ainda tem alguns entraves nesse sentido, e talvez seja por essa gênese ter se constituído mais nesse âmbito universitário, assim, mas de qualquer forma eu acho que é... acho não, é uma iniciativa inédita de unidade, é... que vem com esse fôlego de juventude, e é reconhecida por muitas... muitas pessoas do Movimento Negro né, mais velhas, enfim.

ARTUR – Como você caracterizaria a unidade construída na FREJUNA? Que traços da relação entre as pessoas, as organizações, entre organizações/independentes se destacam?

RITA – Eu vejo que o que... o que nos une, ou o que nos uniu em algum momento, é esse desejo de aumentar essa capilaridade da discussão política, da formação política, é... entre as pessoas negras... e aí a partir da juventude, né. Esse desejo de... de ampliar os debates e a formação política, e o entendimento que a gente tem de sociedade, de maneira a... colocar mais pessoas na construção dessa sociedade que a gente acredita, né; nesse caminho. Mas eu também acho que alguns entraves existem, né; as nossas diferenças políticas acabam... acabam sendo entraves, e... prejudicam, né, essa construção de unidade.

ARTUR – O que a FREJUNA e a militância ligada a esta apresentam de novo para o movimento estudantil da UFSC, pensando a disputa do FOMOVEN, o trabalho junto às entidades estudantis, as ações na greve estudantil de 2019, os debates da Sala Quilombo etc.? O que você avalia como importante nesses trabalhos? A frente deveria/poderia fazer mais?

RITA – Eu tenho dificuldades pra responder essa também, porque, como em 2019, antes da... da construção, e até a construção da marcha de 2019, eu, nem eu nem o Coletivo Magali, participávamos como militantes da FREJUNA, né... a gente sabia que essa construção estava acontecendo, mas a gente passou a... a participar mais ativamente na construção da marcha, e só após a construção da marcha o Coletivo Magali, do qual eu fazia parte na época, passou a integrar a FREJUNA. Então eu não tenho propriedade pra responder como foram essas ações e essas disputas nesse período pré-marcha, né, mas aí, é... eu acredito que em relação ao movimento estudantil em outros momentos, após a entrada do Coletivo Magali, né, na construção, pra mim é... é uma coisa que eu não tenho opinião formada, assim, e eu acho que é contraditório assim, em algumas vezes, porque eu acho que sim, a gente poderia, poderia e deveria ter feito mais, em algumas situações... é... mas também acho que, se a gente tivesse feito mais, talvez a gente tivesse alguma dificuldade ainda maior de se mostrar é... fora dos muros da universidade, como um movimento que era pra além da universidade. Eu acho que atuar, ainda mais dentro do âmbito universitário, considerando que as pessoas que constroem a

FREJUNA, majoritariamente, estão naquele espaço, seria mais difícil né, de... de... eu não gosto muito da expressão “provar”, mas não consigo pensar em nada diferente agora... é... de que nós não estávamos apenas com esse intuito de construir mais um grupo de Movimento Negro, não que tenha vários, mas enfim, dentro do âmbito universitário. Hummm... que os nossos projetos vão além; são projetos de cidade, assim. Então não sei, pra mim ainda é contraditório.

ARTUR – A FREJUNA, desde seu início, é um espaço com forte participação de militantes mulheres. Como é ser mulher no Movimento negro e estar à frente das lutas em Florianópolis? Como você vê isso em relação à FREJUNA?

RITA – Quanto a ser mulher no Movimento Negro, eu compactuo muito do que a Lélia Gonzalez disse em um dos textos dela (enfim, não vou me lembrar qual agora)... é... sobre... seria até uma questão interseccional, né, o quão é complexo pras mulheres negras militarem no movimento de mulheres, por conta do racismo; assim como é complexo pras mulheres negras militarem no Movimento Negro, por conta do sexismo. Mas ainda assim, é... a gente opta, acaba optando, né, sua maioria, por militar no Movimento Negro, por... é... por ter vivências em comum; muito mais vivências em comum com os homens negros, por conta da questão racial, do que com as mulheres brancas que são a maioria no movimento de mulheres. É... eu compactuo com essa ideia, com essa formação da Lélia, é... isso infelizmente... é... se a gente pudesse... as mulheres negras têm agregado a ambos os movimentos e é péssimo que isso não possa acontecer de fato; que isso seja violento. Mas eu, enquanto mulher negra, faço essa escolha, porque eu acredito, e eu acredito baseada na minha vivência, que militar no Movimento Negro tem sido um tanto quanto menos violento pra mim do que militar no movimento de mulheres; já tive experiências muito mais traumáticas no movimento de mulheres. O que não quer dizer que seja absolutamente tranquilo, que seja um território absolutamente acolhedor; não é. Mas ao menos na FREJUNA eu não consigo pensar em nenhuma experiência que eu tenha tido negativamente em relação ao sexismo, assim; até porque eu acho, pelo que eu me lembre, eu posso estar enganada, mas a FREJUNA, é... no tempo que eu tô compondo, é quase que majoritariamente construída por mulheres né, e anteriormente eu construía como parte do Magali, que também é um coletivo majoritariamente composto por mulheres, então esse acaba sendo... acaba sendo uma questão que, enfim, a gente consegue colocar nossa presença e as nossas opiniões, e a nossa ação, é... de maneira a não nos sentirmos violentadas, assim.

ARTUR – O que se destacou nas reuniões de construção da marcha de 2019? Qual o diferencial que a FREJUNA apresenta pra construção e pra execução dos atos de rua e das marchas?

RITA – Pra mim o que mais se destacou, é... no processo de construção da Marcha de 2019, é... foi a perspectiva de uma... construção de luta atrelada à educação assim, sabe. O trampo que a gente fez nos mais variados espaços educacionais que a gente visitou, fossem escolas de ensino fundamental, fossem escolas de jovens e adultos, é... fossem projetos sociais, enfim, é, eu acho que esse trampo... é, foi muito significativo, foi muito significativo, porque foi, é, acho que foi o que de fato deu o tom de construção pra marcha, sabe. A gente foi é... em direção às nossas bases, e a gente foi muito mais pra ouvir o porquê de a gente estar na rua, o que a gente tinha que colocar na rua como demanda, como projeto, do que pra levar qualquer coisa sabe... foi um processo grandioso de aprendizado e de construção de fato, assim, e acho que esse é um grande diferencial, é, dos atos da FREJUNA assim, sabe. Que é essa preocupação com os nossos, com o que de fato o nosso povo precisa que seja colocado nesses momentos políticos de marcha, de ato de rua, assim sabe... essa coisa, essa condição de escuta das bases. Eu acho que isso é muito importante, isso é um diferencial muito importante da FREJUNA em relação a outros atos executados, enfim, por outros movimentos, outros grupos sociais assim.

ARTUR – Como você vê a relação da FREJUNA com as entidades estudantis, sindicais, movimentos sociais e comunidades, como o Quilombo Vidal Martins, os movimentos de luta por moradia, SINTRASEM, DCE UDESC, DCE UFSC, SINDPREVS? O que se destaca nessas relações, ou quais se destacam? Estes são alguns exemplos; não é necessário abordar cada um.

RITA – Tá... é... eu vejo essa relação até como positivo, algumas delas, mas eu sinto que talvez a gente tenha mais... é... a gente acaba, acabe tendo um vínculo maior, e sustentando um vínculo maior, com entidades como sindicatos, é... os DCEs, por exemplo, do que com os movimentos sociais como o Quilombo, como os movimentos de luta por moradia... e eu acho que isso é um ponto a ser pensado, assim; não diria exatamente como negativo, mas talvez um tanto quanto viciado. É... eu acho que isso talvez venha do... do... do... dos vícios que a gente tenha por ter, enfim, essas raízes no movimento estudantil, de alguma maneira; nos movimentos, é... partidários. Isso faz com que a gente consiga manter esse vínculo com mais facilidade com os sindicatos, o que é positivo porque é isso, são... são organizações que confiam no nosso trabalho, então a gente consegue com frequência esses apoios pra colocar os atos na rua, pra colocar os nossos projetos na rua, mas a gente não consegue ter um vínculo... é... tão consolidado com os movimentos sociais, e eu acho que isso diz muito sobre a gente,

sobre o que a gente tá construindo, sobre de onde a gente vem... e eu acho que isso é algo que a gente deveria se questionar, assim.

ARTUR – Como você avalia a intervenção da FREJUNA diante da conjuntura em 2020, com os atos Vidas Negras Importam, as eleições municipais e a segunda marcha?

RITA – Eu... Olha, a minha memória é muito ruim, eu lembro que eu não... 2020 pra mim foi um ano muito confuso, eu não consigo lembrar dos atos; eu lembro que teve um que eu não participei, logo no começo da pandemia... quer dizer, “participei mas não participei”, e... a minha cabeça se embaralha demais em relação a 2020 e eu não consigo falar sobre o que aconteceu, o que foi em determinado momento e o que não foi... foi um processo tipo muito embaralhado na minha cabeça.

ARTUR – Afinal, como você sintetizaria a contribuição da FREJUNA para o Movimento Negro e o movimento popular de Florianópolis?

RITA – Eu sinto a FREJUNA muito como... como... prenúncio de futuro do Movimento Negro progressista de Floripa, sabe? É... a gente tem muita, o Movimento Negro de Floripa tem muita gente foda na história, é... de uma geração mais antiga, sabe, que segue na luta, mas que é isso, tá aí na luta desde muito antes de vários de nós nascerem, assim. Então... é... eu sinto que a FREJUNA vem muito... é, eu não consigo pensar num... num movimento, numa manifestação do Movimento Negro, assim (e é claro, é... eu não sou daqui, né, eu tô aqui há pouquíssimo tempo, talvez eu esteja falando besteira), mas, é... num, num grupo, de uma geração intermediária, assim, progressista, né... (e por geração intermediária eu diria até uma galera da minha idade, né, porque não esqueçamos que eu sou mais velha do que a maioria da galera da FREJUNA né, que é bem mais nova)... eu não consigo pensar numa galera que esteja ali na faixa dos 30, dos 40, no movimento progressista, é... atuando de forma tão politizada assim quanto a FREJUNA. Pra mim, então, talvez tenha existido uma lacuna geracional aí, nesse, no Movimento Negro progressista. Eu consigo até pensar em algumas pessoas, mas não são do campo progressista - muito pelo contrário. É... e talvez isso diga muito a respeito da minha geração, também. É... então eu sinto que talvez a gente traga esse... esse ar de renovação, que é muito importante pra galera mais velha, tanto que muitos apoiam, e colam junto, e depositam muita esperança [riso] e confiança no que a gente faz, porque acho que a gente apresenta esse ar de renovação, é... e de continuidade, de que é isso, a gente ainda não chegou onde a gente tem que chegar, e há muito que ser feito, então... pra mim, a FREJUNA simboliza muito disso, sabe, de continuidade.

SOUZA, Rita de Cássia de Almeida. **Entrevista concedida a Artur Favaretto Pereira em 19/12/2021.** Florianópolis, 2021.

ANEXO A – CARTA DA MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DE 2019: CONTRA O GENOCÍDIO DO POVO NEGRO, EM DEFESA DOS DIREITOS

Carta da Marcha da Consciência Negra de 2019: contra o genocídio do povo negro, em defesa dos direitos.

Por que devemos marchar?

Marchamos por entendermos que é preciso ampliar e reforçar o que foi reclamado na Marcha da Negritude Catarinense, pelos companheiros e companheiras que idealizaram essa atividade estadual em 2016. Trazendo o acúmulo que estava presente naquela marcha e o que já era reivindicado pela população negra desde antes e também depois deste ato, exigimos ser escutadas/os, já que nossos problemas não são exclusivos à nós, sendo problemas da sociedade como um todo. Assim, aqui amplificamos a voz de nossas companheiras e companheiros, nos somando na luta por uma valorização das nossas vidas.

Santa Catarina assim como o Brasil inteiro, ainda apresenta muitos casos de RACISMO. As políticas públicas, que tinham o objetivo de diminuir a desigualdade social entre negros e brancos em todo o Brasil, direcionadas principalmente ao âmbito do trabalho e da educação, hoje se encontram em risco frente ao atual governo federal, que não cria empatia alguma às VIOLÊNCIAS que atingem crianças, a juventude, estudantes, as mulheres, aos trabalhadores, aos nossos mais velhos, as comunidades quilombolas, a comunidade religiosa, a comunidade LGBT e os/as imigrantes negros/as da África e da América.

Tal falta de empatia do atual governo federal com as demandas do seu povo negro, contribuem para a formação de um cenário controlado por segmentos racistas, conservadores e fundamentalistas que têm marchado na direção da VIOLÊNCIA física, cultural e intelectual do/a negro/a brasileiro/a, um GENOCÍDIO completo da população negra do país e do estado. Em um momento de crise do Brasil, em que a luta por trabalho se acirra cada dia mais no mesmo ritmo em que as condições de trabalho pioram devido aos altos índices de desemprego e informalidade, vemos os desmontes das políticas públicas de direitos humanos com recortes étnicos que desrespeitam as organizações internas e os tratados internacionais assinados pelo estado brasileiro que garantem o desenvolvimento a proteção da população negra brasileira e catarinense; e geram uma desigualdade de oportunidades ainda maior da que já existia entre pessoas negras e brancas.

Estamos mais do que nunca às margens do desenvolvimento de uma vida digna neste país e no estado. Assistimos mesmo em momentos de crise financeira, lugares que possuem e recebem toda uma infraestrutura adequada para o desenvolvimento de uma vida humana digna, de qualidade, enquanto as comunidades negras e territórios negros recebem quando muito, apenas políticas de assistência social que não reverterem a situação. Observando as cidades catarinenses, percebemos que todas ainda possuem um tipo de organização espacial para reservar o "lugar" do negro e negra, que não condizem com a mesma qualidade dos outros "lugares". As comunidades negras e os territórios negros são inviabilizados, estigmatizados e ATACADOS pelo Estado, ao invés de receberem políticas adequadas para a resolução dos seus problemas, são reprimidas e silenciadas. Os territórios negros se formam as comunidades crescem, incham e as políticas públicas se mantêm insuficientes, os problemas de violência e criminalidade aparecem e o estado atua apenas com repressão policial sem nenhuma outra ação.

Dados como os levantados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no Atlas da Violência de 2019, mostram como tais VIOLÊNCIAS ainda ocorrem na sua grande maioria com a nossa JUVENTUDE negra. No que se refere à evolução das taxas de homicídios de homens jovens no país, observou-se um aumento de 38,3% entre 2007 e 2017. No ano de 2017 mais de 35 mil jovens foram assassinados. Esse número representa uma taxa de 69,9 homicídios para cada 100 mil jovens no país, taxa recorde nos últimos dez anos. Santa Catarina é um dos estados com o menor índice de homicídio, porém isso não coloca a população negra catarinense em uma posição de segurança uma vez que em 2017, de todos os registros, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros, ou seja, mesmo com uma taxa de homicídio menor no estado, sabemos de forma inegável que são os corpos negros os mais atingidos. Na cidade de Florianópolis tivemos ainda neste ano o caso do jovem negro Vitor que foi assassinado no quintal da sua casa pela polícia militar, por portar uma arma de pressão. Precisamos por um fim ao GENOCÍDIO da juventude negra e por isso marchamos.

Se não bastasse ainda observamos nos últimos anos, casos extremos de racismo nas Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina, destacando as manifestações de nazismo, sexismo, homofobia, assédio moral e mental. No Brasil, as diferenças de tratamento institucional são determinadas não só pela condição social. Raça também define as formas de tratamento e, jovens negros, independente da classe social e formação acadêmica são aqueles preferencialmente abordados pelas polícias, são aqueles entre os casos de vítimas de morte e são aqueles que mais passam por momentos de constrangimento como o caso de Criciúma onde, na “Festa das Etnias”, após 2 horas de atraso, crianças e adultos que compõem o Grupo Et Op

(Etnia Negra) subiram ao palco como forma de protesto ao atraso da sua apresentação. E ao organizar a aparelhagem para dar início ao espetáculo, os microfones foram desligados com má fé, não tendo as condições de realizar a sua apresentação.

É necessário entender também que para o aperfeiçoamento das VIOLÊNCIAS direcionadas a nossa juventude, precisamos fazer a transversalidade do debate de gênero e de orientação sexual, junto da raça. Dados nos mostram que o país bateu um novo recorde no ano de 2017, com aumento de 24% no número de assassinatos TRANSFÓBICOS. A maioria desta população é levada a entrar no mundo da prostituição e mesmo que haja uma pequena parcela que consiga escapar desta realidade, devemos observar a subalternização automática dos corpos negros que ocorre na divisão de trabalho, que torna esse fato muito mais previsível e cruel para as pessoas negras, incrementando ainda mais a possibilidade de morte destas.

As MULHERES NEGRAS ainda se localizam na base da pirâmide que hierarquiza nossa sociedade. Elas são responsabilizadas pela gerência das famílias, mas ainda as menos visualizadas na nossa sociedade, sendo as mais atingidas no que se refere ao genocídio dos seus filhos e filhas e pelo machismo nas relações cotidianas, no mercado de trabalho e na condição de lideranças políticas e religiosas. No nosso Estado, a taxa de morte de mulheres negras é quatro vezes superior ao de mulheres não-negras. As mulheres negras não possuem sua representação garantida nas casas legislativas, na gestão de prefeituras e dos governo municipais e são minorias nas executivas de sindicatos e partidos. Nas políticas de saúde, carecem de maior atenção, sobretudo nas políticas de combate ao câncer, nos cuidados de pré-natal e na atenção ao parto. As mulheres negras são mais afetadas por terem o acesso ao pré-natal fragilizado, além da crença de que a mulher negra é mais forte e resiste à dor. Tal imaginário estereotipado dos corpos negros ainda reina na nossa sociedade e o Brasil não possui lei federal que especifique esse tipo de violência, tornando o problema de desvalorização do Estado com a vida das mulheres negras, ainda mais grave e acentuado.

A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA em Santa Catarina transversaliza comportamentos e políticas. É institucional, quando vemos, que o executivo, o judiciário e os órgãos de segurança não respeitam a diversidade religiosa, rejeitam dinâmicas, conteúdos culturais e conceituais das religiões de matriz africana. É física quando as violências atingem às pessoas, como os casos das agressões sofridas por religiosos e religiosas em diversas regiões catarinenses. É patrimonial quando os territórios religiosos (terreiros, barracões) não são tratados como patrimônio cultural e são covardemente atacados, a mando de forças espúrias que pregam o

ódio e o extermínio da religião e de seus praticantes, como vimos em diversos municípios catarinenses. Atualmente temos o recente caso de destruição da estátua de Iemanjá em Florianópolis que materializa tanto o descaso do estado que culmina na ação de pessoas preconceituosas.

Na EDUCAÇÃO, lutamos pela implementação total das leis municipais, estaduais e federal que tornam obrigatório o ensino de conteúdos de matriz africana e afro-brasileira nas escolas catarinenses e pelas mudanças necessárias nas grades universitárias possibilitando o preparo dos futuros educadores. O investimento público na maioria dos 297 municípios é inadequado, insuficiente e irregular, na maioria das vezes não havendo ações que implementem a lei como a preparação do docentes que já atuam na rede de educação. Segundo alguns estudos, o estado de Santa Catarina está entre aqueles que menos implementam as políticas educacionais voltadas para a população negra. Contra os cortes e congestionamentos orçamentários impostos às Universidades Federais pelo MEC.

A garantia das POLÍTICAS AFIRMATIVAS, sobretudo as cotas no ensino superior e nos concursos públicos, revelaram o discurso do movimento racista e dos segmentos conservadores da sociedade que demonstram não tolerar a mobilidade dos negros e negras e o acesso aos espaços públicos que fazem parte dos seus direitos. O atual cenário, de crise política após um golpe à democracia é apoiado por esses setores que pretendem a negação dos nossos direitos e conquistas construídas ao longo de nossa história de luta e resistência. Exigimos que toda e qualquer manifestação de racismo nas instituições educativas seja combatida e punida. Além disso reclamamos por novas políticas que garantem não só a entrada no ensino superior como uma permanência digna nestes espaços de ensino.

FREJUNA. Carta da Marcha da Consciência Negra de 2019: contra o genocídio do povo negro, em defesa dos direitos. Florianópolis, 2019.

**ANEXO B – CARTA DA MARCHA DA NEGRITUDE CATARINENSE: POR
DEMOCRACIA, NENHUM DIREITO A MENOS**



Marcha da Negritude Catarinense: Por democracia, nenhum direito a menos.

Companheiras e companheiros: Por que marchamos?

O RACISMO no Brasil e em Santa Catarina, embora tenha sido combatido na última década com um volume maior de políticas públicas, não cessa em manifestar suas odiosas ações vitimando a população negra brasileira e catarinense de uma série de ATAQUES que atingem estudantes, a juventude, as mulheres, aos trabalhadores, as comunidades quilombolas, a comunidade religiosa, a comunidade LGBT e os/as imigrantes negros/as da África e da América.

No cenário em curso, segmentos racistas, conservadores, de extrema direita e fundamentalistas, tem liderado o genocídio físico, intelectual e cultural da população negra no país e no estado, além dos desmontes das políticas públicas de direitos humanos com recortes étnicos que desrespeitam as organizações internas e os tratados internacionais assinados pelo estado brasileiro que garantem o desenvolvimento a proteção da população negra brasileira e catarinense.

Ainda estamos às margens do desenvolvimento. Enquanto alguns lugares tem toda a infraestrutura adequada ao desenvolvimento humano com qualidade, as comunidades negras ficam relegadas às políticas de assistência social. As cidades catarinenses, sem exceção, conservam no seu ordenamento espacial os “lugares” para negros e negras e estes não condizem com a qualidade dos outros espaços. São comunidades invisibilizadas e estigmatizadas e, que anos após anos, sua conformação se altera de acordo com os fluxos migratórios e imigratórios que pouco ou nada são considerados nas formulações das políticas públicas dos municípios. Ou seja, as comunidades crescem, incham e as políticas públicas se mantêm insuficientes.

Nossos **JOVENS**, um dos segmentos mais vulneráveis, são cotidianamente afrontados na sua dignidade. Se estudantes são atacados por movimentos racistas, sobretudo, no ensino superior. As políticas afirmativas, e em especial as cotas, trouxeram à tona os conteúdos do estatuto colonial, cujo racismo que corroem a concepção de que o espaço público é para todos e todas. Nos últimos anos, acompanhamos casos extremos de racismo nas Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina, destacando as manifestações de nazismo, sexismo, homofobia, assédio moral e mental. Refutamos também a “adolescentização” da Educação de Jovens e Adultos quando verificamos a entrada precoce de adolescentes nessa modalidade da educação, inúmeros desses acessos justificados pela incapacidade da escola compreender as desigualdades étnicas e sociais. Repudiamos ainda, o **GENOCÍDIO** da juventude negra. Os jovens negros (aqueles entre 15 a 29 anos) são os maiores vítimas de homicídios, é um número deles é morto pelos aparelhos de segurança do estado e dos governos. No Brasil, as diferenças de tratamento institucional são determinadas não só pela condição social. Raça também define as formas de tratamento e, jovens negros, independente da classe social e formação acadêmica são aqueles preferencialmente abordados pelas polícias e aqueles entre os casos de vítimas de morte.

As **MULHERES NEGRAS** ainda permanecem na base da pirâmide, pouco visibilizadas e sendo responsáveis pelas chefias de família. Por esse motivo são, por um lado, aquelas que mais incidem nas políticas sociais, tais como o Bolsa Família, o Bolsa Gás e as políticas de moradia popular. E, por outro, são as mais atingidas no que se refere o genocídio dos seus filhos e filhas e pelo machismo nas relações cotidianas, no mercado de trabalho e na condição de lideranças políticas e religiosas. As mulheres negras não são representadas nas casas legislativas, na gestão de prefeituras e dos governo municipais e são minorias nas executivas de sindicatos e partidos. Poucas são dirigentes escolares, embora seja crescente o número de

negras no exercício do magistério da educação básica e superior. Nas políticas de saúde, carecem de maior atenção, sobretudo nas políticas de combate ao câncer, nos cuidados de pré-natal e na atenção ao parto.

A **INTOLERÂNCIA RELIGIOSA** em Santa Catarina transversaliza comportamentos e políticas. É institucional, quando vemos, que o executivo, o judiciário e os órgãos de segurança não respeitam a diversidade religiosa, rejeitam dinâmicas, conteúdos culturais e conceituais das religiões de matriz africana. É física quando as violências atingem às pessoas, como os casos das agressões sofridas por religiosos e religiosas em diversas regiões catarinenses. É patrimonial quando os territórios religiosos (terreiros, barracões) não são tratados como patrimônio cultural e são covardemente atacados, a mando de forças espúrias que pregam o ódio e o extermínio da religião e de seus praticantes, como vimos em diversos municípios catarinenses.

Na **EDUCAÇÃO**, lutamos contra a resistência para implementação das leis municipais, estaduais e federal que tornam obrigatório o ensino de conteúdos de matriz africana e afro-brasileira nas escolas catarinenses. O investimento público na maioria dos 297 municípios é inadequado, insuficiente e irregular, na maior das vezes não havendo ações que implementem a lei. Segundo alguns estudos, o estado de Santa Catarina está entre aqueles que menos implementam as políticas educacionais voltadas para a população negra.

A garantia das **POLÍTICAS AFIRMATIVAS**, sobretudo as cotas no ensino superior e nos concursos públicos, revelaram o discurso do movimento racista e dos segmentos conservadores da sociedade que demonstram não tolerar a mobilidade dos negros e negras e o acesso aos espaços públicos que fazem parte dos seus direitos. O atual cenário, de golpe à democracia é apoiado por esses setores que pretendem a negação dos nossos direitos e conquistas construídas ao longo de nossa história de luta e resistência. Exigimos que toda e qualquer manifestação de racismo nas instituições educativas seja combatida e punida.

Marcharemos juntos. O momento político – nacional e local – impõe UNIDADE contra o racismo, contra a perda de nossos direitos e pela defesa da democracia. Manteremos nossa autonomia e independência e, sendo os/as protagonistas da luta antirracista, não nos omitiremos ou delegaremos a outros e outras a defesa de nossos direitos. Vamos ocupar as ruas, em defesa de nosso povo, nossa cultura, nossa ancestralidade, nossas políticas e princípios de luta!

Por que e por quem marcharemos, no dia 16 de julho de 2016, em Florianópolis.

Marcharemos:

- Pela democracia, pelo respeito à ordem democrática e contra os ataques as nossas instâncias no âmbito federal e estadual;
- Pela permanência da SEPPIR, Secadi , Fundação Palmares e outras diretorias e setores responsáveis pelas políticas de transversalidade das políticas para a população negra;
- Pela ampliação de todos os nossos direitos, sem nenhum retrocesso, e pela garantia das políticas para a promoção do desenvolvimento e dignidade da população negra;
- Pela autonomia e independência do movimento negro;
- Pelo acolhimento e encaminhamento de nossas pautas históricas e pelo fim da invisibilidade de nossa presença no estado;
- Contra o genocídio dos/as jovens negros/as e pela implementação das políticas para a juventude negra;
- Contra a criminalização dos movimentos sociais, sindicais e dos/as sindicalistas negros/as;
- Pela aplicação das leis municipais e da lei federal 10.639/03 que tornam obrigatório o ensino de conteúdos de história da África, dos africanos, afro-brasileira e afro-catarinense na educação;
- Pela garantia de escolas públicas e de qualidade nas comunidades negras urbanas e rurais e pela reativação da Escola Estadual Antonieta de Barros;
- Pelo fortalecimento do CEPA; da Coordenadoria Estadual de Promoção da Igualdade Racial, dos Conselhos Municipais de Promoção da Igualdade Racial como órgãos efetivos para coordenar as políticas para a população negra do Estado de Santa Catarina e seus municípios;
- Pelo fim da violência contra a mulher negra, contra a sua invisibilidade, contra o sexismo, o femicídio e a hipersexualização;

- Pela implementação do programa estadual de Saúde da população negra;
- Pela manutenção da política de ações afirmativas de ingresso e permanência nas universidades, dentre elas, as Cotas ,o PROUNI e o FIES;
- Pelo apoio e incentivo às manifestações culturais de matriz africana, aos clubes negros e as instituições voltadas para a preservação do patrimônio cultural da negritude catarinense;
- Pela manutenção das políticas de titulação e desenvolvimento sustentável das comunidades quilombolas e tradicionais de matriz africana;
- Pela manutenção dos termos de cooperação e intercâmbios estabelecidos com os países africanos e das Américas para o acolhimento de estudantes , imigrantes e refugiados.

SANTOS, Felipe Cardoso dos. *Marcha da Negritude Catarinense: Por democracia, nenhum direito a menos*. **Geledés**, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/marcha-da-negritude-catarinense-por-democracia-nenhum-direito-menos/>. Último acesso em: 12 nov. 2021.

ANEXO C – CARTA DE APRESENTAÇÃO DO COLETIVO NEGRO DO CURSO DE DIREITO DA UFSC LÉLIA GONZALEZ

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Coletivo Negro do Curso de Direito da UFSC Lélia Gonzalez

Quem somos e como surgimos?

Antes do surgimento do LeGon, alunos do curso de Direito se reuniram por conta de uma demanda dentro da UFSC: as fraudes nas cotas raciais. Observando que as políticas de ações afirmativas não estavam se efetivando dentro do CCJ, buscaram mecanismos para tentar entender o porquê, mesmo após 6 anos da implementação da Lei 12.711/2012, alunos negros ainda serem exceção dentro do curso de Direito da UFSC.

Contudo, a questão das fraudes não era a única pauta. Havia também casos de racismo em sala de aula, falta do sistema de cotas na pós-graduação, a não efetivação da Lei 12.990/2014 (reserva de vagas oferecidas em concursos públicos), bem como a falta de bibliografias de autores negros nas ementas das disciplinas, problemas estes que persistem no CCJ. Se somos segregados coletivamente, o que pode ser mais lógico e justo do que reagirmos em grupo? Foi assim que O Coletivo Negro do Curso de Direito da UFSC Lélia Gonzalez – LeGon, nasceu. Para tentar suprir as demandas de pautas negras dentro do Centro de Ciências Jurídicas.

Quem foi Lélia Gonzalez?

Lélia Gonzalez nasceu em 1º de fevereiro de 1935, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Gradou-se em história e filosofia, e, posteriormente, concluiu o mestrado em comunicação social e o doutorado em antropologia política/social. Durante toda sua trajetória acadêmica dedicou-se às pesquisas sobre a temática de gênero e etnia. Quando professora universitária, lecionava Cultura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio). Seu último cargo na instituição foi de chefe do departamento de Sociologia e Política.

Lélia se destacou pela importante participação que teve no Movimento Negro Unificado (MNU), do qual foi uma das fundadoras. No dia 07 de julho de 1978, em ato público, oficializou a entidade em nível nacional. Para ela, o advento do MNU “consistiu no mais importante salto qualitativo nas lutas da comunidade brasileira na década de 70.”

Ativista incansável, militou também em diversas organizações, como o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e o Coletivo de Mulheres Negras N’Zinga, do qual foi

uma das fundadoras. Em Salvador, fez-se presente na fundação do Olodum. Sua importante atuação em defesa da mulher negra rendeu a Lélia a indicação para membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM). Nos últimos anos, estudava o que ela chamava “negros da diáspora”, dando origem ao conceito de amefricanidade.

Entre suas obras está “Festas populares no Brasil”, premiado na Feira de Frankfurt e “Lugar de negro”, em co-autoria com Carlos Hasenbalg, duas teses de pós-graduação, além de diversos artigos para revistas científicas e obras coletivas. Faleceu vítima de problemas cardíacos no Rio de Janeiro no dia 10 julho de 1994.

Lélia exerceu um papel fundamental na criação e ampliação do movimento negro contemporâneo. Em termos pessoais, seu grande orgulho foi servir como “catalisadora” dos anseios de uma parcela da juventude negra de Salvador, Bahia, no final dos anos 70. A partir de um ciclo de palestras que ela realizou na cidade, em maio de 1978. Este fato revela o que, para mim, foi o traço mais característico de Lélia: a capacidade ímpar de nos instigar com a exuberância de sua fala, nos inspirar com a luminosidade de sua personalidade”. (Luiza Barros. Extraído do artigo “Lembrando Lélia Gonzalez”. In.: Livro da saúde das Mulheres Negras).

O que pautamos?

A construção de diálogos entre os estudantes e a comunidade diante da perspectiva da Universidade, para assim, abordar assuntos que promovem uma análise socioeducativa e crítica dos papéis que cada indivíduo ocupa dentro da sociedade, já que a discriminação racial e social são problemas emergentes na academia que afetam, diretamente, grupos marginalizados.

A partir disso, o intuito do coletivo Lélia Gonzalez é promover palestras junto com o projeto de Extensão, com o objetivo de buscar formações teóricas, a prática e, principalmente, o acolhimento desses indivíduos, ou seja, o foco principal é a busca pelo protagonismo, que muitas vezes tem pautas incompreendidas e com pouca visibilidade.

Então, o coletivo surgiu para empoderar e organizar politicamente esses estudantes. Pautamos a defesa, manutenção, aperfeiçoamento e fiscalização das políticas públicas de ações afirmativas em todo âmbito universitário e a abordagem interdisciplinar antidiscriminatória, especialmente jurídico-racial.

Conquistas?

O Coletivo LeGon em seu curto tempo já obteve conquistas que estão modificando o status quo acadêmico, especialmente no âmbito do Centro de Ciências Jurídicas. De início é preciso ressaltar que nossas pautas estão finalmente sendo ouvidas institucionalmente.

Conquistamos um diálogo junto à Universidade e ao CCJ para estabelecer a defesa e manutenção dos direitos dos sujeitos negros e combater ativamente a discriminação e o racismo.

O Curso de Direito ainda é um ambiente que possui diversas manifestações racistas, seja em falas ou textos de professores ou alunos, seja de forma estrutural/institucional, pela não aplicação do ordenamento jurídico que garante direitos à população negra ou ainda pelo silenciamento ante aos fatos ocorridos no curso. Neste contexto, iremos realizar uma intervenção juntamente com a diretoria do curso neste semestre para enfrentar de forma enfática o racismo no ambiente acadêmico.

Outro importante avanço obtido pelo LeGon foi a aplicação da política de ações afirmativas no Programa de Pós-Graduação de Direito, já posto em prática nos atuais editais (Edital 7 e 8 PPGD/2018) e a efetivação da Lei 12.990/14 sobre a destinação de reserva de vagas para concurso públicos.

Levando em consideração que entre 2014 e 2017 centenas de alunos e alunas ingressaram na Universidade Federal de Santa Catarina utilizando as vagas destinadas aos pretos, pardos e indígenas (PPI) mesmo não possuindo os fenótipos negróides exigidos pela norma jurídica posta, a fiscalização é ponto crucial defendido pelo LeGon e por isso reivindicamos e conquistamos a validação de todos ingressantes entre os anos de 2014 e 2017, cumprindo, desta forma, determinação normativa (Portaria Normativa nº 04/2018) e jurisprudencial do Supremo Tribunal Federal (ADPF 186 e ADC 41).

LEGON. Carta de apresentação do Coletivo Negro do Curso de Direito da UFSC Lélia Gonzalez. Florianópolis, [S.d.].

ANEXO D – CARTA-MANIFESTO DA FRENTE DA JUVENTUDE NEGRA ANTICAPITALISTA

CARTA MANIFESTO

O QUE FOMOS?

O Movimento Negro possui uma história repleta de experiências que, para a maioria da atual geração, infelizmente, são desconhecidas. Justamente por essa realidade, impõe-se a necessidade de realizar o exercício de pesquisar, conhecer, socializar os passos que negras e negros em movimento trilharam durante esses mais de 130 anos de abolição. Fazemos esse movimento com o intuito - não meramente acadêmico - de aprender com nossos antepassados os equívocos, limites, acertos e avanços que as experiências de luta política da população negra deixaram como herança.

Nos referimos também à revolta organizada, individual ou coletiva, que os negros encabeçaram desde o momento em que foram trazidos à força para este continente. Nos colocamos ao lado daqueles homens e mulheres escravizadas que desde o início até o fim do escravismo brasileiro lutaram para romper com o sistema de exploração, com os senhores de escravos e a coroa e ousaram até construir uma nova sociabilidade, como foi o caso dos Quilombos, como o dos Palmares, assim como aqueles que pelos meios jurídicos e institucionais conseguiram obter a libertação de pessoas negras escravizadas, como foi o caso de Luiz Gama. Porém, reivindicamos não só os legados mais conhecidos como também toda e qualquer manifestação anti-colonial. Basta olharmos para a atuação de negros e negras no interior do capitalismo, através dos clubes, associações e agremiações negras que surgiram nas primeiras décadas do século XX - respondendo a uma realidade marcada pela abolição formal e incompleta - e que atravessam a história de inúmeras cidades brasileiras ainda hoje. Nos referimos aqui também aos negros e negras que se lançaram à pesadíssima tarefa histórica de atuação política nos partidos, onde sempre foram minorias, para garantir ao nosso povo um mínimo de dignidade humana num país onde a cidadania é e sempre foi exclusividade de alguns. Estamos resgatando as experiências ambiciosas de organização do nosso povo negro através de instrumentos de nível nacional como a Frente Negra Brasileira e, posteriormente, a União dos Homens de Cor.

Somos herdeiros do legado daquelas e daqueles que ousaram entrar em conflito com uma classe dominante racista de um país dependente como o Brasil, que ousaram através da luta em todas

as frentes possíveis sonhar e caminhar rumo a uma sociedade sem desigualdade social, sem discriminação racial.

QUEM SOMOS?

Somos negros e negras que tiveram sua identidade racial positivada a partir da luta travada pelo movimento negro para denunciar a condição de nosso povo, não apenas no Brasil, mas no planeta inteiro, destacando o caráter global de nossa luta. O racismo está em todo o mundo de maneiras diferentes e continuou em constante modificação para hierarquizar nossa sociedade. No Brasil, ele afeta a maioria da população: as pessoas pretas, pardas, afrodescendentes diaspóricas, ou seja, todas as pessoas negras e indígenas que carregam traços fenotípicos que levem à discriminação racial, impedindo-nos de termos uma vida digna.

Enquanto parte da juventude da classe trabalhadora, possuímos identidades múltiplas. Além de sermos diversos em termos de orientação sexual, identidade de gênero e outros aspectos que nos atravessam, nossa atuação demanda uma análise da realidade em que nos inserimos, considerando de que forma as violências que vivemos se articulam. Nossa luta pressupõe a necessidade da superação de todas as formas de exploração, e por isso somos antirracistas e anti-capitalistas. Assim, quem somos vai além de quem representamos com nossos corpos, se manifestando também no caráter popular de como atuamos.

Somos a FREJUNA - Frente da Juventude Negra Anticapitalista e nos colocamos enquanto uma frente por buscarmos construir uma unidade solidária entre organizações e militantes negros e negras independentes na luta antirracista e anticapitalista em Florianópolis. Nosso esforço vai além de aglutinar a juventude negra, pois pretendemos possibilitar a aproximação de sujeitos negros a uma alternativa na luta organizada. Também somos uma frente por compreendermos que nossa pluralidade dentro do campo progressista possibilita que nossas divergências sejam colocadas como oportunidades de crítica e autocrítica de nossas ações. O que nos une é o objetivo estratégico que ultrapassa nosso tempo de vida: a superação do capitalismo, do racismo. Estamos construindo esse instrumento de luta, com a premissa da unidade entre coletivos e militantes negros de Florianópolis. Na verdade, entendemos a unidade como princípio político e de ação central à concepção política acumulada por esta Frente. É pela unidade que criamos este grupo, pela unidade que atuaremos no movimento e pela unidade que queremos aproximar ainda mais pessoas negras a esta Frente.

O QUE QUEREMOS E COMO CONSEGUIREMOS?

Apresentamos até aqui de onde viemos e o que somos, síntese daquilo que estamos debatendo coletivamente até agora e, disso, declaramos sem medo: somos e orientamos nossa luta a partir de uma perspectiva antirracista e anti-capitalista! Objetivamente, ainda é preciso que se faça entender o que pensamos a partir desta identificação. De tudo que podemos dizer sobre o espectro dos lutadores identificados com a luta antirracista e anticapitalista, apontamos o fim da exploração e da opressão como premissa destes dois conceitos. Em outras palavras, se lutamos pelo fim desta forma de organização da vida - o capitalismo e esta forma de hierarquia social, o racismo -, entendemos como determinante orientar nossa atuação e nossos horizontes na destruição daquilo que estrutura o sistema em que vivemos: a exploração. Da exploração e suas consequências é que entendemos mais a funcionalidade das opressões como peça chave no mecanismo de dominação. Apenas em torno desses valores entendemos ser possível atuar de forma realmente antirracista e anticapitalista. Assim podemos trazer, daqui em diante, aquilo que queremos com esta Frente.

Queremos construir um instrumento de organização e luta da população negra que opere sobre as tarefas revolucionárias atuais, construindo também resistência aos ataques que viemos recebendo historicamente enquanto povo negro e que são sentidos de maneira ainda mais violenta em períodos de crise econômica e política como o que passamos hoje.

Pensando em nossa atuação, aliás, é preciso dizer que a Frente pretende colocar sua política na rua, viver a experiência da prática política cotidiana, formando politicamente sujeitos, militantes revolucionários, de forma a compreender e intervir na própria realidade. Ou seja, formação (estudo, debate e experiência) e autonomia como formas de atuação. Queremos criar uma prática política baseada em uma forma de ver e entender a realidade brasileira, compreendendo a formação sócio-histórica de nosso país e os movimentos de resistência da nossa classe como elementos centrais em nossas análises, debates e exposições. Entendemos que o compreender e intervir na realidade politicamente, de forma revolucionária, é necessariamente um processo ligado à consciência. Consciência daquilo que somos, daquilo que podemos ser e daquilo que nos é indicado pela ideologia dominante. Enquanto nos queremos submissos, contidos, conformados e alienados, entendemos a consciência negra, aquela relacionada à negritude, à positividade da identidade política do Ser Negro como fundamental para a tomada de consciência revolucionária. A consciência negra a ser enfrentamento e disputa contra a ideologia da classe dominante, então, também como forma de atuação.

Criaremos espaços, atividades, encontros políticos relacionados às questões do povo negro, e faremos isso com independência política e financeira. Questões do povo negro, aliás, que entendemos estarem atreladas a outras e diversas formas de exploração humana. A consciência negra que defendemos, portanto, é também uma consciência de classe. Dentro da nossa atuação estamos propondo, aqui colocado abertamente, a experiência de “marchas”, referenciadas em manifestações históricas do movimento negro, como exercício de unidade e de apresentação e aproximação de novos militantes a se somarem na luta.

Assumimos como responsabilidade o envolvimento com os diversos movimentos da classe trabalhadora enquanto traço determinante da atuação de nosso grupo; estaremos de acordo com nossos princípios e pautas políticas, apoiando e construindo coletivamente as iniciativas dos diversos movimentos da nossa classe. Exemplo disso são as várias lutas por direitos, especialmente àquelas protagonizadas pelas mulheres, pessoas LGBTQ+, povos originários e quilombolas. Falar de nossa atuação é afirmar e reafirmar o compromisso com algumas das pautas históricas do movimento negro em diversos âmbitos como a defesa das tradições de matriz africana e a luta por terra, moradia, educação, saúde, trabalho, cultura e participação política. Defendemos tudo aquilo que confere dignidade ao povo preto e que entendemos como direitos inegociáveis e indispensáveis em qualquer momento histórico; enfim, defendemos o direito à vida da população negra.

Voltamos a dizer, por fim, que esta Frente é, antes de tudo, um instrumento de luta aberto a sujeitos negros que sentem em si a vontade de se levantarem contra o racismo e o capitalismo.

ONDE ATUAREMOS?

Esta frente entende como legítima a atuação em todos os espaços possíveis, principalmente naqueles em que predominam os setores populares, pretendendo desta maneira estimular o debate entre nós, trazendo nossas experiências e conhecimentos. Ademais, entendemos como fundamental uma atuação que ocorra de forma autônoma em relação às organizações que compõem esta frente por meio de seus membros, almejando a formação de um instrumento de luta verdadeiramente coletivo.

Nossas ações devem partir de discussões prévias, feitas de forma democrática; para tanto, é indispensável a criação de espaços de formação de consciência e de criação política, para que juntos consigamos conformar a nossa unidade dentro das divergências existentes. Não esperamos com isso propor uma solução imediata para os problemas da nossa sociedade; nossa

intenção é promover, por meio de atividades políticas e culturais, ações práticas que provoquem mudanças na realidade, reiterando que o objetivo principal desta frente é servir como ferramenta para despertar os nossos potenciais emancipatórios.

FREJUNA. Carta-Manifesto da Frente da Juventude Negra Anticapitalista – FREJUNA.
Florianópolis, 2019.

ANEXO E – CHAMADOS PARA A CONSTRUÇÃO DA MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DE 2019

SEGUNDO CHAMADO PARA A CONSTRUÇÃO DA MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DE 2019

Convidamos a toda a comunidade, entidades, coletivos, frentes de atuação do povo negro para construir a Marcha da Consciência Negra: Contra o genocídio do povo negro em defesa dos direitos.

Em debate, discutimos o largo histórico de ataques que o povo negro sofre. No Rio de Janeiro, os casos de morte alarmante, apontam a necessidade de movimentação por direito a vida do povo negro. No morro do Mocotó, em Florianópolis, a ação policial vem causando medo e constrangimento aos moradores. Casos que se espalham por todo o Brasil, que nunca deram descanso ao nosso povo e só vem ficando mais evidente nesse governo que não esconde sua política de genocídio. A partir dos apontamentos, entendemos a necessidade de nos unir para construir uma marcha que se coloque na rua contra a violência, contra o genocídio, contra o desemprego e o aumento de informalidade, por direito a vida e para exigir que dia 20 de novembro seja feriado nacional em prol da consciência negra, refletindo todo o histórico de resistência do nosso povo.

Vamos construir uma marcha que nos fortaleça, que nos faça entender a importância de estarmos juntos nos organizando para lutar e avançar.

FREJUNA. Segundo chamado para a construção da Marcha da Consciência Negra de 2019. Florianópolis, 2019.

TERCEIRO CHAMADO PARA A CONSTRUÇÃO DA MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DE 2019

O racismo é um fator determinante para a contínua produção e reprodução da estrutura exploratória e opressiva presente na nossa formação social brasileira. Como afirma Lélia Gonzalez, é ele que se caracteriza enquanto um dos principais critérios de articulação dos mecanismos de recrutamento para as posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social, ou seja, para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro, de cunho periférico, foi-se e é necessário manter e ter uma parcela da classe trabalhadora brasileira sujeita não apenas à dominação e exploração de classe, mas também sujeito principal de uma lógica que naturaliza as desigualdades, dando espaço para a raça ser um dos principais elementos de organização social presentes em nosso país.

Ou seja, vivemos em uma nação onde a “coisificação” e à racialização dos corpos são elementos estruturais para a manutenção do estado normalizado da sociedade brasileira. Dito isso, fica-se evidente que as políticas públicas, que tinham o objetivo de diminuir essa desigualdade social presente entre negros e brancos em todo o Brasil, direcionadas principalmente ao âmbito do trabalho e da educação, não foram e nunca serão suficientes para à verdadeira emancipação da população negra brasileira. Apesar disso, hoje, os mínimos avanços institucionais que houveram encontram-se em risco frente ao atual governo federal. Um governo que anda lado a lado do que há de mais reacionário na sociedade brasileira, aliado aos banqueiros e grandes empresários e donos de terra, ou seja, um governo inimigo da nossa classe - que tem cor e gênero - e que jamais, em hipótese alguma, faria leis ou políticas públicas que compreendessem o local que a tempos é determinado e determinante para nós, à parcela da classe trabalhadora negra: o da precarização da vida.

Tal configuração histórica, política e social do nosso país, só dialogam com demandas vindas do governo federal que contribuem cada vez mais para o lugar determinado para nós. Citamos aqui o pacote de leis antirracismo, feito e pensado justamente como mais uma forma de contenção e manutenção das condições de vida já precarizadas para o povo preto e periférico, além da reforma da previdência, que por alto, atingirá com maior vigor à população que se situa nas piores condições trabalhistas, contribuindo ainda mais para a formação de um cenário controlado por segmentos racistas, conservadores e fundamentalistas que têm marchado na

direção da VIOLÊNCIA física, cultural e intelectual do/a negro/a brasileiro/a, um GENOCÍDIO completo da população negra do país e do estado.

Por isso não fiquemos parados! A história do povo negro neste país nos mostra a árdua luta enfrentada por nós para termos as mínimas condições de uma vida digna, de qualidade, com direito a liberdade sobre os grilhões da escravidão, ao emprego, a aposentadoria, educação e saúde. Essa luta não terminou e é nossa responsabilidade darmos continuidade e consequência à ela, exteriorizando que há alternativas de superação desta forma de organizar as nossas vidas, que existe uma luta antirracista para ser construída em nossa cidade, em nosso estado, em nosso país!

A Frente da Juventude Negra Anticapitalista, que é formada por diversos militantes negros independentes e organizados, junto dos mandatos populares da cidade de Florianópolis e demais organizações negras faz o chamado para nos organizar e colocar na rua nossas principais demandas!!

Vem construir com a gente essa data histórica que marcou o Brasil!! [...]

FREJUNA. Terceiro chamado para a construção da Marcha da Consciência Negra de 2019. Florianópolis, 2019.

ANEXO F – DOCUMENTO “SALVE NEGRITUDE – ITAJAÍ – JOINVILLE”

Salve, salve, negritude catarinense!

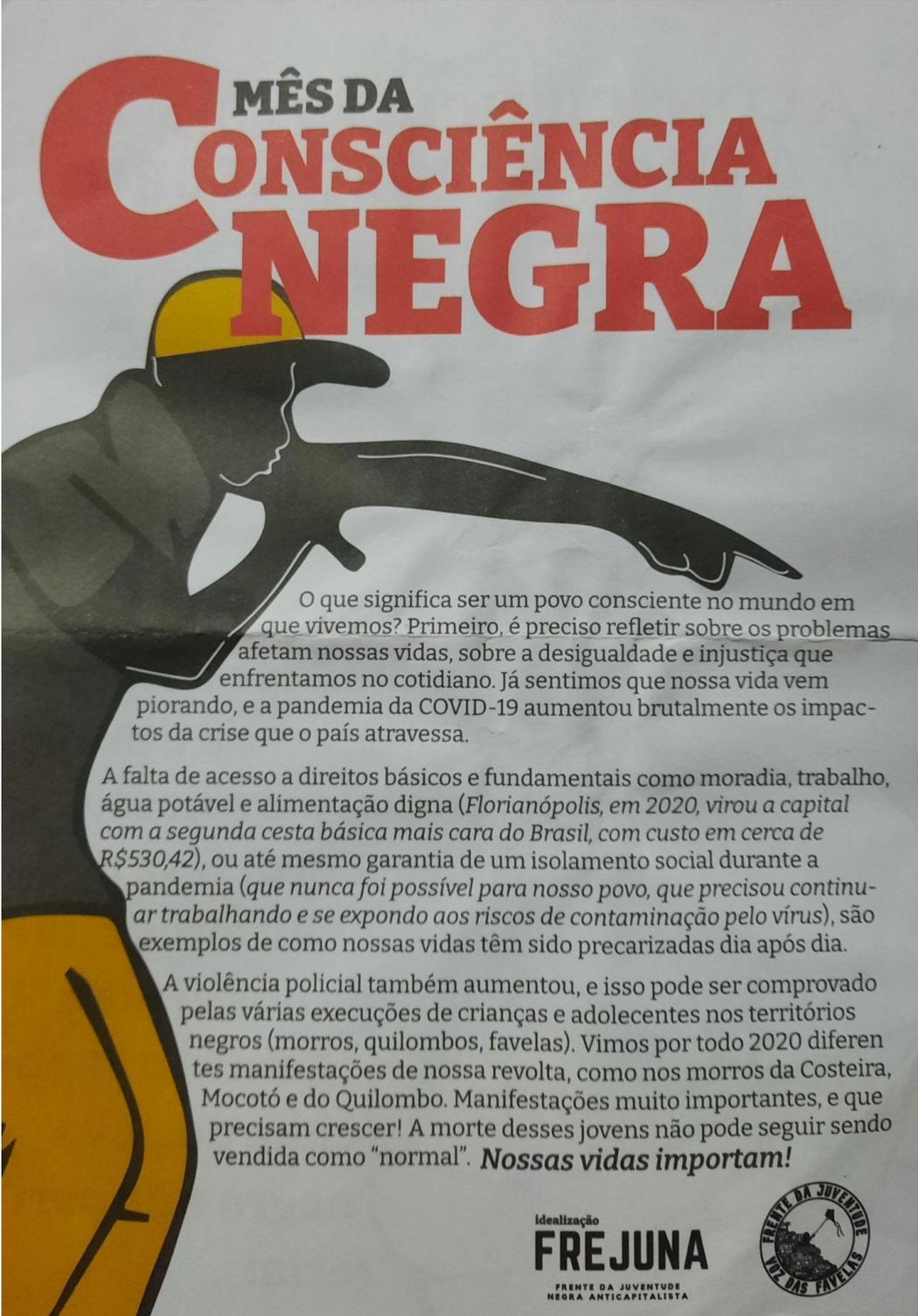
Queremos atualizar o andar das nossas reuniões enquanto grupo da juventude negra de Florianópolis que se formou a partir do resgate histórico da construção da 1º Marcha da Negritude Catarinense em 2016, bem como das implicações políticas que surgiram por conta da forma que foi construída a marcha, não tão ampla. Uma recuperação deste processo de construção da 1º Marcha da Negritude, feita por alguns integrantes desse evento, foi feita no sentido de aprender com os seus erros e não repeti-los, mas principalmente resgatar os elementos que deram certo e aproveitá-los. Por isso este mesmo grupo que formou tendeu a acreditar que seria mais efetivo consolidar uma unidade na cidade de Florianópolis e a partir disso direcionar nossa energia para as outras localidades do estado. Por isso hoje nos denominando enquanto uma frente da juventude e estamos a longos passos na construção de uma carta manifesto que aponta para nossos pontos de unidade entre diversas organizações a cidade. Pelo acúmulo das nossas últimas reuniões, nós acordamos que não temos capacidade de realizar atividades a nível estadual, organizando e debatendo a construção nas cidades, porém não estamos aqui nos retirando da luta coletiva. É de nossa responsabilidade deixar nossos companheiros a par de nossa organização sobre os rumos e acúmulos que este grupo está construindo. Por isso queremos salientar que não queremos de forma alguma excluir quem está disposto a somar conosco na luta e estamos nos preparando para a construção de um instrumento mais sólido para isso. Portanto compreendemos que o momento da nossa mobilização está na fase de construção para comportar esses militantes e organizações que estão em outros locais no Estado, no entanto, ainda não estamos possibilidades nem capilaridade de base no estado para chamarmos atividades deste nível. Ainda assim não queremos nos afastar desses companheiros e companheiras que estão construindo a luta fora de Florianópolis, compreendemos que esses laços são muito importantes para ampliarmos nossa luta e trabalhamos para nos fortalecermos cada vez mais, chegando assim ao ponto de conseguirmos avançar na construção de atividades em âmbito estadual e porque não regional. Por isso escrevemos que ainda temos como objetivo a atividade de uma marcha que, antes de tentar representar a negritude estadual, represente a unidade e os laços que estamos formando agora no município e região. É de nosso anseio que tal movimento aconteça de forma organizada e que aglutine companheiros de outras cidades, ou então que ajude para que a marcha aconteça de forma conjunta no maior número de cidade possíveis dentro do estado de Santa Catarina.

Para isso propomos uma reunião on-line e por isso solicitamos qual seria a melhor data para ela acontecer no início de setembro. Aguardamos ansiosamente a resposta de vocês pedimos desculpa caso tenhamos deixado nossos companheiros ansiosos por mais notícias. Nos colocamos sempre a disposição de fortalecer cada vez mais esses laços de luta. Seguimos juntos e assim fortes!

FREJUNA. Documento “Salve Negritude – Itajaí – Joinville”. Florianópolis, 2019.

ANEXO G – PANFLETOS DE MARCHAS E ATOS ORGANIZADOS PELA FREJUNA

PANFLETO DA 2ª MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA (2020)



MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA

O que significa ser um povo consciente no mundo em que vivemos? Primeiro, é preciso refletir sobre os problemas afetam nossas vidas, sobre a desigualdade e injustiça que enfrentamos no cotidiano. Já sentimos que nossa vida vem piorando, e a pandemia da COVID-19 aumentou brutalmente os impactos da crise que o país atravessa.

A falta de acesso a direitos básicos e fundamentais como moradia, trabalho, água potável e alimentação digna (*Florianópolis, em 2020, virou a capital com a segunda cesta básica mais cara do Brasil, com custo em cerca de R\$530,42*), ou até mesmo garantia de um isolamento social durante a pandemia (*que nunca foi possível para nosso povo, que precisou continuar trabalhando e se expondo aos riscos de contaminação pelo vírus*), são exemplos de como nossas vidas têm sido precarizadas dia após dia.

A violência policial também aumentou, e isso pode ser comprovado pelas várias execuções de crianças e adolescentes nos territórios negros (morros, quilombos, favelas). Vimos por todo 2020 diferentes manifestações de nossa revolta, como nos morros da Costeira, Mocotó e do Quilombo. Manifestações muito importantes, e que precisam crescer! A morte desses jovens não pode seguir sendo vendida como “normal”. **Nossas vidas importam!**

idealização
FREJUNA
FRENTE DA JUVENTUDE
NEGRA ANTICAPITALISTA



A CONSCIÊNCIA NEGRA É A LUTA DO POVO NEGRO!

Só a luta coletiva é capaz de transformar esse cenário! Ao estarmos conscientes de nossa realidade, sabemos que nós fazemos parte do povo que constrói esse país e que temos direito a uma vida digna! Consciência é também sabermos que é preciso ter solidariedade entre nós. Os ataques à profa. Ana Lúcia, logo após ser eleita a primeira vereadora negra de Joinville, em 2020, mostram que por todos os lados tentam silenciar nossa luta. Mas não nos calaremos! Toda a injustiça feita contra nós, às comunidades e territórios negros, e a privação de direitos que nosso povo sofre, deve ser encarada como problema de toda a sociedade e combatida com toda força! Não estamos sozinhos, nem fomos derrotados. A consciência negra é a luta do povo negro!



Justiça para as comunidades! Isolamento, renda e proteção social para nosso povo! Em defesa dos nossos direitos e da luta de nosso povo!

Contra o genocídio do povo negro e de periferia!

FREJUNA; FRENTE DA JUVENTUDE VOZ DAS FAVELAS. **Panfleto da 2ª Marcha da Consciência Negra.** Florianópolis, 2020.

PANFLETO DO ATO 13M

13 DE MAIO DE LUTA!

A história oficial é uma farsa: a verdadeira abolição nunca foi realidade para o povo negro. O Estado brasileiro, fundado sob uma herança escravista e forte dependência das elites estrangeiras, carrega o autoritarismo, a repressão e a superexploração da força de trabalho até hoje, como marca do projeto que as classes dominantes têm para a população negra.

Mesmo representando mais da metade de nossa população, o povo negro é sistematicamente apagado da história de construção desse país, e também forçado às maiores taxas de desemprego, informalidade, desescolarização, fome, miséria e morte. **Isso não é por acaso**, mas sim uma marca da “democracia” que só cabe às elites.

Vivemos uma crise em todas as dimensões do sistema que organiza as nossas vidas. Nossa reflexão é para além do 13 de maio: é também sobre como a pandemia tem afetado de forma exponencial a população negra e periférica deste país, e como o projeto genocida do governo Bolsonaro pretende acabar de vez com nossa gente.

Nesse contexto pandêmico, o número de mortos, a falta de vacinas, o descobrimento de novas cepas, o aumento de mortes na juventude e a lentidão do processo de vacinação mostram a constante atualização da estratégia de genocídio do povo negro. Mais que isso: diante das mais de 14 milhões de pessoas desempregadas no Brasil, as classes dominantes precisam eliminar o “excedente” que não as serve.

Em nome dos lucros, o Estado e seu braço policial avançam com violência sobre nossas crianças, jovens e adultos, promovendo perseguições, encarceramento em massa e verdadeiras chacinas. Foi assim que sofremos com os pelo menos 13 jovens mortos pela PM em Florianópolis no último ano, com o massacre de Jacarezinho na última semana, e com tantos casos que escancaram que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”. **Basta!**

O projeto de desmonte dos direitos sociais, da saúde, de nossas escolas, universidades e IFES em geral; as políticas de armamento e desculpabilização das polícias; o apagamento de dados

sobre o povo negro, sem o censo do IBGE em 2021: nada disso nos serve. Precisamos de políticas públicas construídas com a gente; de renda, isolamento e moradia. De vacina no braço e comida no prato. **Exigimos dignidade!**

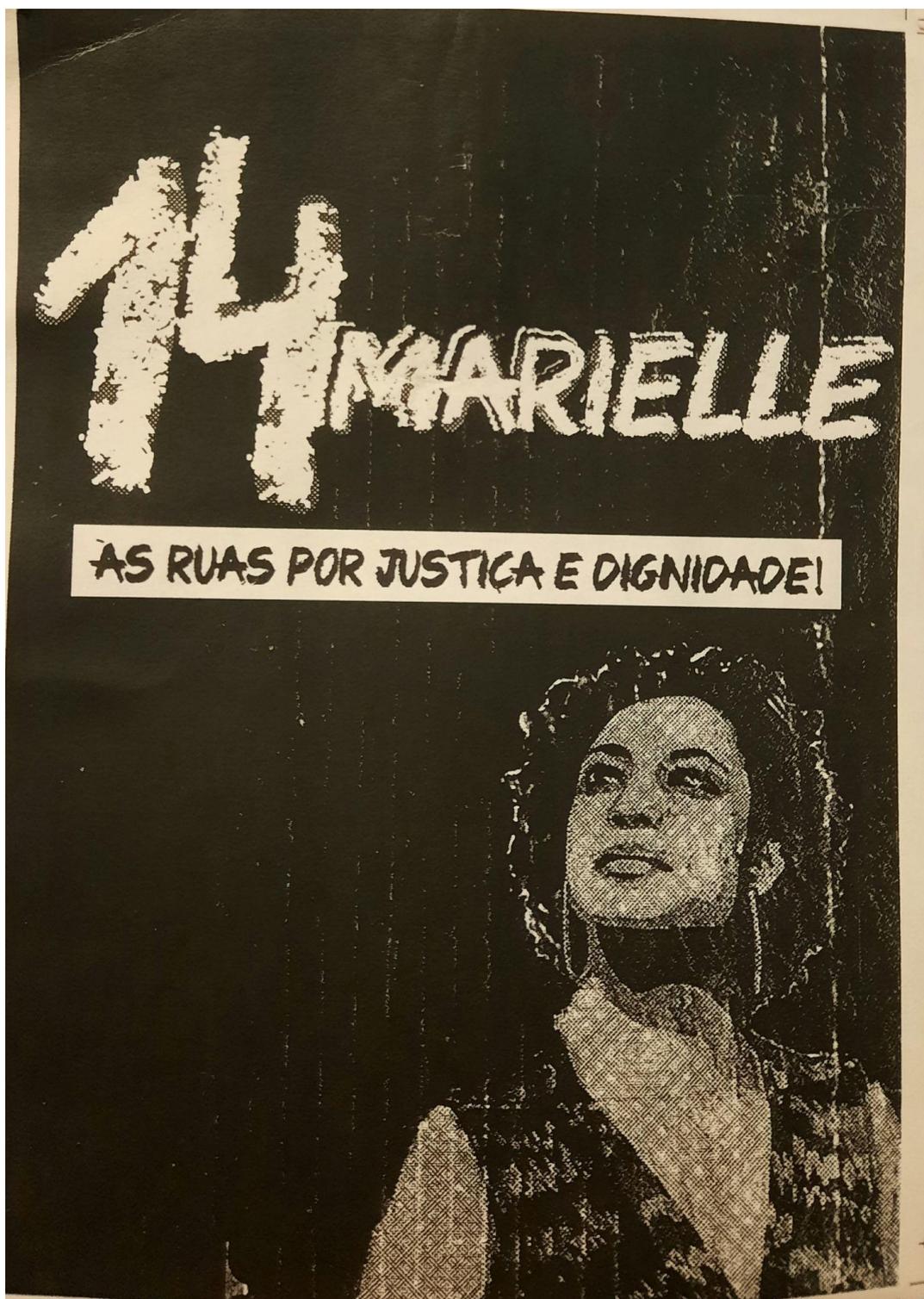
O povo negro, a classe trabalhadora, traz em seu sangue uma história de luta. Nós nunca saímos das ruas, e agora não será diferente: é preciso organizar grandes atos de rua para derrubarmos Bolsonaro com nossas próprias mãos e abrirmos caminho para a superação desse sistema de barbárie! Só a luta muda a vida, e é hora de lutar!

Essa crise não é de hoje. Nossos problemas são históricos e não serão resolvidos se não for por nós. Hoje, 13 de maio, e também no dia 29 deste mês, é hora de provarmos isso. Todo mundo às ruas contra o governo genocida de Bolsonaro, por justiça e dignidade ao povo brasileiro!

**NEM BALA, NEM FOME E NEM COVID. O POVO NEGRO QUER VIVER!
FORA BOLSONARO! RUMO AO ATO DO DIA 29 DE MAIO!**

FREJUNA; 8M SC; FFB – GRANDE FLORIANÓPOLIS. **Panfleto do ato 13M.**
Florianópolis, 2021.

PANFLETO DO ATO 14MARIELLE



Neste sábado, 14 de março de 2020, completam-se dois anos do assassinato da vereadora Marielle Franco e seu motorista, Anderson Gomes. Representante do povo na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Marielle era uma mulher negra, LGBT, socialista, moradora da periferia; mãe, filha, irmã e companheira de mulheres e homens que ainda não viram justiça para o caso. Mas não é apenas por Marielle ser quem era que ela e Anderson foram assassinados. Figura firme na defesa dos interesses da população negra, pobre e periférica, na busca por uma vida com mais dignidade, **Marielle trazia medo àqueles que exploram nosso povo!**

As mulheres, LGBTs, pobres e negros da classe trabalhadora sentem a política da precarização da vida, da falta de condições de trabalho, do extermínio. Sentem porque essa dificuldade de sobrevivência não acontece de modo isolado. A crise econômica e política que roda o mundo se acentua de maneira específica em nosso país nos dias de hoje: no Brasil, em que encaramos um governo cujo projeto é abertamente reacionário, fascista e autoritário, a lógica militarista de violência policial parece virar regra, aumentando os casos de truculência desnecessária sobre o povo que deveria proteger. Nos negam o acesso a direitos básicos como saúde e educação e ainda retiram nossa condição de futuro, de aposentadoria, com a contrarreforma da previdência. Na Florianópolis das ações irresponsáveis da PM, como no caso da morte de Vitor Xavier, nos Ingleses; do fechamento de escolas centrais, como a Lauro Muller, que atendia moradores das periferias; ou da repressão sobre os espaços de cultura, como os ocorridos com as Batalhas de Rap, o recado é o mesmo: para o povo negro, pobre, periférico, nenhuma migalha a mais.

Mas nós não ficamos tristes, calados ou parados. Neste dia **não choramos, reclamamos!** É por justiça para Marielle e Anderson; por direitos básicos como moradia, educação e saúde; para reafirmar que merecemos viver em nossos territórios com dignidade, sem violência policial, discriminação ou qualquer forma de opressão, que vamos às ruas! Este mês de março vem como uma grande mostra da garra de nosso povo na defesa e garantia de nossos direitos, rumo à construção de uma transformação radical da nossa sociedade.

Estamos nas ruas no 9M, no 14Marielle e no 18M, e quando preciso for, para responder àqueles que tentam nos derrubar que aqui tem luta!

14 de Março - Sábado!

8h30min

9h

10h30min

Concentração na Ocupação Marielle Franco
Saída em marcha rumo ao Largo da Catedral
Concentração geral no Largo da Catedral
para o ato pelo centro da cidade

ANEXO H – TEXTO PÚBLICO DA FREJUNA SOBRE O ATO DE 07 DE JUNHO DE 2020

Ninguém gostaria de ir às ruas em um momento de pandemia e caos sanitário. Em um momento igual a este, gostaríamos que o Estado fornecesse uma renda básica que fosse capaz de subsidiar o exercício coletivo do isolamento social, que tivéssemos garantia de acesso à saúde pública universal e forte, capaz de atender toda a nossa população e fornecer desde testes de COVID-19 até leitos aos doentes, tudo gratuitamente. Ou seja, gostaríamos que o Estado conseguisse fornecer condições econômicas e políticas que viabilizassem o melhor combate possível à COVID-19 para nossa população.

Dito isso, o que afinal os Governos Federal, Estadual e Municipal vêm nos fornecendo nesse momento? Mesmo durante a pandemia, cotidianamente nos deparamos com notícias de que nossas crianças negras estão sendo assassinadas pela mão armada do Estado, seja dentro da própria casa ou entregando cestas básicas na sua comunidade. Mesmo na pandemia, nos deparamos com o avanço da extrema direita e de manifestações inspiradas na Ku Klux Klan em Brasília. Mesmo na pandemia, vemos a ascensão do Fascismo - que anda de mãos dadas com esta - construindo um contínuo genocídio da população mais vulnerável, que em suma é negra.

Nós, da Frente da Juventude Negra Anticapitalista, entendemos e respeitamos as diferentes análises da realidade que está dada. Porém, por mais contraditória que ela se apresente, avaliamos este ato enquanto um passo necessário para o avanço de uma organização e resistência popular, colocando na centralidade da ação as condições precárias e genocidas que o nosso povo negro enfrenta neste país - e que com a pandemia só pioraram -, e, na centralidade de sua organização, a presença de uma Juventude Negra disposta a disputar a direção política das movimentações que dizem respeito a nós.

A história está provando que a questão racial não é meramente uma questão, ela perpassa por toda a espinha dorsal política e econômica da nossa sociedade! E é nosso dever apontar e direcionar o caminho para a destruição do racismo, que alimenta toda essa engrenagem de moer gente. Somos sujeitos políticos, fazemos a história, e somos capazes de tomá-la em nossas mãos.

Diante disso, estamos indo às ruas em defesa das vidas negras, da dignidade para nosso povo, e para isso nos organizamos para garantir os cuidados quanto à segurança física e sanitária de

nosso ato. Reforçamos nossas orientações para que pessoas do grupo de risco, que tiveram COVID-19 ou que vivem com pessoas destes grupos que fiquem em casa e participem de nosso ato virtualmente.

Aos demais que estarão conosco amanhã, estaremos com centenas máscaras para distribuição, alguns litros de álcool em gel, além de borrifadores e responsáveis por higienização constante. Também teremos kits de primeiros socorros, bem como cuidados com amplas ruas para garantir o distanciamento durante o trajeto do ato. Teremos advogadas populares presentes que irão chegar e já se apresentar à PM, além da presença da OAB/SC, que publicamente já sinalizou o apoio e estará no ato.

A organização não cai do céu e nem se constrói sozinha! Sabemos da revolta que atinge nossos irmãos e irmãs, e justamente por isso nos colocamos no papel de articular e organizar o máximo de segurança possível para aqueles e aquelas que decidirem se fazer presentes, entendendo que é nesse apoio mútuo e coordenado que construímos a organização que precisamos, e que é em movimento que vamos direcioná-la pra luta por nossos direitos.

Por fim, compreendemos e achamos legítimas as preocupações sanitárias que levam a posicionamentos contrários a este ato, mas gostaríamos de realçar aqui que neste momento não se trata de quem é irresponsável ou não. É o capitalismo quem não atribui dignidade e valor aos nossos corpos. Nem de quem está em casa, nem de quem está indo às ruas.

Vamos às ruas hoje lutar pela garantia do nosso amanhã, e chamamos todos que puderem a virem com a gente!

CONTRA O GENOCÍDIO DO POVO NEGRO!

VIDAS NEGRAS IMPORTAM!

FORA BOLSONARO E MOURÃO!

FREJUNA. Texto público da FREJUNA sobre o ato de 07 de junho de 2020.
Florianópolis, 2020.